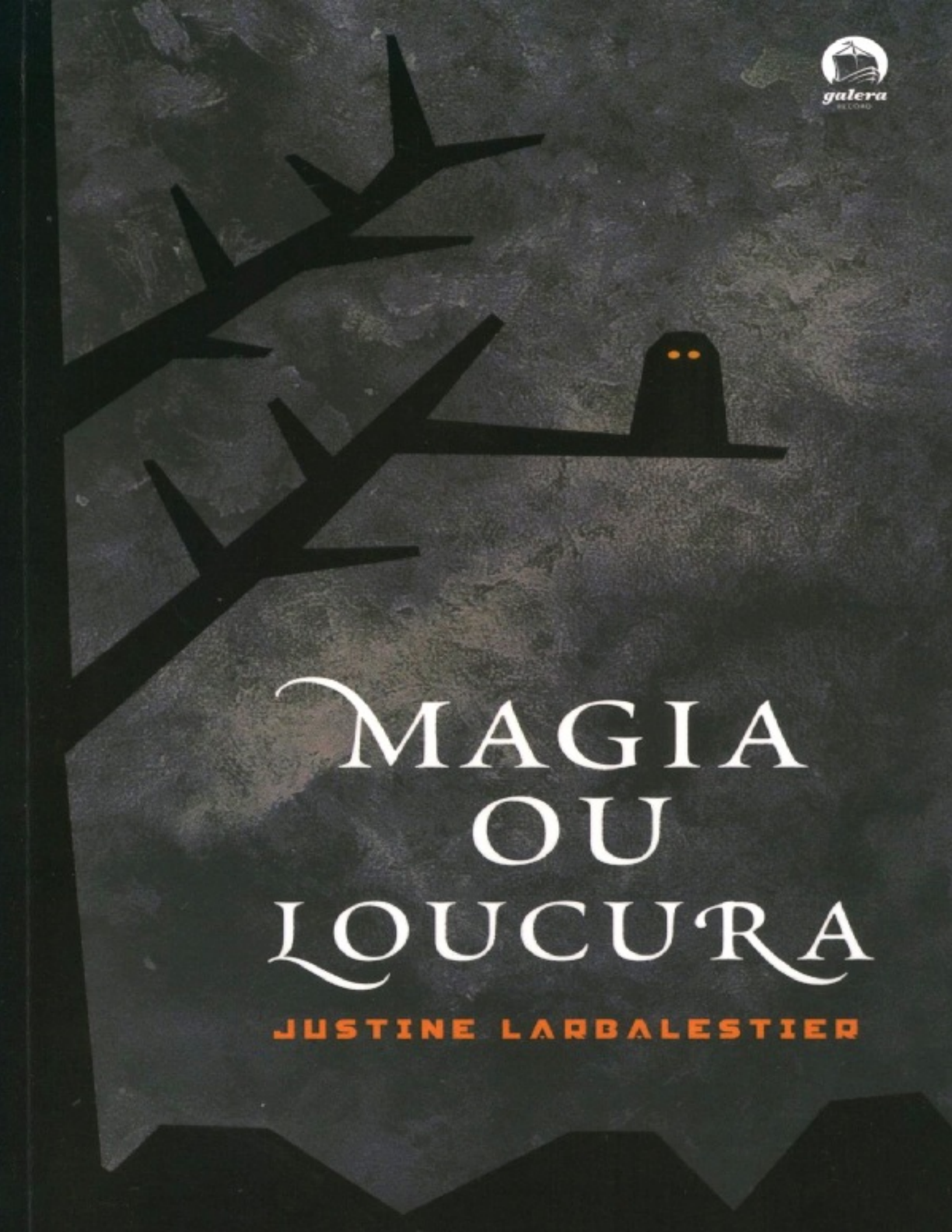




The background is a dark, textured grey. On the left, there are black, jagged, branch-like shapes. In the center-right, there is a black silhouette of a hooded figure with two small, glowing orange eyes. At the bottom, there are black, jagged shapes resembling mountains or a city skyline.

MAGIA OU LOUCURA

JUSTINE LARBALESTIER



JUSTINE LARBALESTIER

MAGIA OU LOUCURA

Criação ePub: Reliquia

Tradução: Ricardo Silveira



Rio de Janeiro | 2007

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.
Larbalestier, Justine, 1967-L332f
Magia ou Loucura / Justine Larbalestier;
tradução de Ricardo Silveira. - Rio de Janeiro: Galera Record, 2009.
(Trilogia Magia ou loucura; 1)

Tradução de: Magic or Madness / Magia ou Loucura
ISBN 978-8501076991

1. Magia - Literatura infanto-juvenil. 2. Literatura infanto-juvenil australiana. I. Silveira,
Ricardo. II. Título. III. Série.
08-4650 CDD - 028.5
CDU - 087.5

Título original em inglês: MAGIC LESSONS
Copyright 2007 © Justine Larbalestier

Todos os direitos reservados.

Criação ePub: Relíquia
Tradução: Ricardo Silveira
Design de capa: Carolina Vaz

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa
somente para o Brasil adquiridos pela EDITORA RECORD LTDA.
Rua Argentina 171 - Rio de Janeiro, RJ - 20921-380 - Tel.: 2585-2000
que se reserva a propriedade literária desta tradução

Impresso no Brasil

PEDIDOS PELO REEMBOLSO POSTAL
Caixa Postal 23.052 Rio de Janeiro, RJ - 20922-970

Para Scott Westerfeld e nossas duas cidades favoritas

Sumário

<u>1</u>	<u>Razão Cansino</u>
<u>2</u>	<u>Com a Bruxa</u>
<u>3</u>	<u>Na casa da Bruxa</u>
<u>4</u>	<u>No quarto da Bruxa</u>
<u>5</u>	<u>No porão</u>
<u>6</u>	<u>Pela janela</u>
<u>7</u>	<u>Em cima da árvore</u>
<u>8</u>	<u>Na cozinha da bruxa</u>
<u>9</u>	<u>Cemitério</u>
<u>10</u>	<u>Na clínica</u>
<u>11</u>	<u>Embaixo da terra</u>
<u>12</u>	<u>Pela porta da bruxa</u>
<u>13</u>	<u>Resgate</u>
<u>14</u>	<u>Na Bizarrolândia</u>
<u>15</u>	<u>Topo do mundo</u>
<u>16</u>	<u>Penas</u>
<u>17</u>	<u>Busca</u>
<u>18</u>	<u>Pesadelo</u>
<u>19</u>	

Por dentro da magia

20

Com bolhas

21

Conhecimento

22

Turbilhão

23

Mais perto

24

Na Inferno

25

Amigas

26

Meleca

27

Pela porta

28

Eau de Razão

29

Para longe da Bruxa

30

Coisas piores

31

No ar

32

De volta a casa

Agradecimentos

Razão Cansino

Seria bem mais fácil sair andando pela porta da frente. Mas eu já vivia fugindo, mesmo antes de nascer — de fugir eu entendia. Às vezes, o plano mais simples não é o melhor caminho a seguir. Se esperam que você fuja, então espere um pouco, vá durante a noite, pela janela ou pela porta dos fundos, por cima do telhado. Saia de um jeito que ninguém ache que você vá sair. (As pessoas raramente olham para cima.) Faça um plano. Junte suprimentos e memorize sua rota de fuga. Evite infringir a lei ou incomodar alguém. É melhor manter o mínimo de gente no seu encalço.

Meu nome é Razão Cansino. Deram-me esse nome porque minha mãe, Sarafina, achou mais bonito que Lógica, Racionalidade ou Intelecto, e também porque tinha apelidos melhores. Não que Sarafina tenha me chamado alguma vez por outro nome que não Razão.

Minha mãe leva a sério estas coisas: lógica, razão e o resto todo, e matemática, que felizmente não estava na lista de nomes possíveis. Fico grata por ter a cabeça cheia de números, mas não gostaria de responder pelo nome de Álgebra, Trigonometria ou Cálculo.

Não são muitos os que sabem o meu nome de verdade: os médicos e as enfermeiras no hospital onde nasci, a polícia, detetives particulares. E *ela*, é claro, a bruxa má, minha avó, Esmeralda Cansino.

Minha vida inteira nós passamos fugindo dela, eu e Sarafina. Ela nos pegou uma vez quando eu estava com dez anos, mas escapamos. Foi uma burrice, a meu ver, mas acho que foi assim: ela nos encontrou, nós fugimos, fim da história. Nunca vai nos encontrar de novo.

Errado.

Sarafina sempre dizia: “Espere o melhor, mas prepare-se para o pior.”

Eu sou boa na primeira parte, uma droga na segunda. Apesar de ter passado a vida inteira sendo preparada para o caso de a bruxa má nos encontrar! Sarafina me ensinou o que dizer, o que não dizer, me encheu a cabeça com detalhes da planta da casa de Esmeralda (“E se ela se mudar para outro lugar?”, perguntei. “Ela não

pode”, disse Sarafina), como entrar em contato uma com a outra se nos separássemos, esse tipo de coisa.

Mesmo assim, eu nunca acreditei de verdade que pudesse acontecer. *Duas vezes*, não. Era um jogo que a gente jogava, eu e Sarafina, só isso.

Eu adorava a nossa vida. Já tinha visto brolgas alçando vôo com o branco de suas penas se tingindo de tons róseos, roxos e alaranjados pela luz do pôr-do-sol, encrespando a superfície do brejo com marolas que se espalhavam concêntricas e iam sacolejar os lírios, espantando as rãs que saltavam de uma folha para outra e os crocodilos preguiçosos que fugiam ligeiro para o fundo d’água. Já tinha visto um ornitorrinco, com absoluta nitidez, depois que as chuvas haviam finalmente lavado o ar poeirento da seca, nadando tranquilo e calmo pela madrugada em águas tão paradas que pareciam um espelho onde dava para ver refletida até a penugem do rosto da gente.

Nessa vida, eu nunca fui a um cinema ou a um shopping, nem usei um controle remoto. Nunca morei em lugar algum durante mais de cinco meses ou numa cidade com mais de mil habitantes, nem tive amigos. Nunca precisei decorar nenhum número de telefone, porque não tínhamos um nem conhecíamos ninguém para quem ligar.

Sarafina fazia do movimento constante um jogo, uma lição, um mundo totalmente diferente. Eu aprendia mais passando uma hora com ela do que aprendi nos dois meses que passei frequentando uma escola comum. Ela transformava qualquer coisa em diversão, e tudo em fascínio. Na hora de seguir adiante (quando não estávamos com uma pressa do tipo “abandonar tudo e sair correndo”), jogávamos uma moeda em cima de um mapa e íamos para o lugar onde ela caísse, ou procurávamos o nome de uma cidade que nos agradasse (Wanneroo? Borrooloola? Que tal Jilkminggan?). Íríamos para uma cidade de nove letras tipo Fassifern (eu adoro noves) ou para uma de número primo como Warhope? Ou para outra que ficasse a um ângulo de exatamente 45 graus (mais noves) a partir de onde nos encontrávamos?

Uma vez saímos simplesmente andando em linha reta — usando uma bússola e as estrelas para conferir o percurso retilíneo — pelos campos afora, mesmo tendo que atravessar a mata densa, um rio em época de cheia e algumas encostas íngremes, até que acabamos chegando a um povoado. Ficamos tão satisfeitas de ver gente vivendo bem na nossa reta (o povoado era tão pequeno que nem estava no mapa) que nos demoramos por ali quase quatro meses. Uma vida!

Sarafina me ensinou a ler, a correr e cavalgar, a perceber a musicalidade dos números e das estrelas no céu, os padrões, as espirais nas flores e cupinzeiros, as frutas e o cerrado, o capinzal e as árvores.

Juntas, nós aprendemos a acender o fogo batendo com uma pedra na outra ou, melhor ainda, projetando a luz do sol através de uma lente de aumento; a quantidade de água que é necessária para uma caminhada de um dia inteiro (tanta quanto podíamos carregar e mais um pouco); quando era hora de pegar um carro; quando o assunto era grave o suficiente para procurar um médico (osso quebrado, febre alta, vômito que não pára); quando ir embora do pub antes que a baderna se generalize; quando pegar carona e quando ir a pé; quando colher raiz de lírio-d'água, larvas comestíveis e mel da colméia.

Essa era a nossa vida, juntas. Assim que eu completasse 18 anos e me livrasse da ação de tutela de Esmeralda, nós iríamos viajar para ainda mais longe — o mundo inteiro —, a começar pelo norte (Indonésia, Malásia, Tailândia, Camboja) e simplesmente continuar andando. Iríamos explorar o mundo tanto quanto havíamos explorado a Austrália.

Como eu pude ir parar na casa da bruxa? Na cidade, separada da minha mãe?

Mas lá estava eu, sentada num avião pela primeira vez, indo ficar com ela.

Com a Bruxa

Esmeralda estava usando sapatos pretos de salto alto, com ponta fina e comprida. Brilhavam tanto que dava para vê-los, apesar de o chão do táxi ser preto. Era como se fossem feitos de vidro.

Ela perguntou outra vez:

— Como foi o vôo? Você foi bem-tratada?

Eu me espremi um pouco mais ainda contra a porta e virei o rosto para o clarão da janela, determinada a não olhar nos olhos da minha avó.

— Você está com fome? Não devem ter servido comida num vôo tão curto.

Estava morrendo de fome, mas não iria lhe dizer isso de jeito algum. Eu *já* diria uma palavra sequer para Esmeralda, mesmo que ela me chutasse com aqueles sapatos de bruxa. Enfiei a mão no bolso para pegar a minha amonite da sorte e fiquei percorrendo as espirais com o polegar. Foi Sarafina quem me deu. Ele sempre me deixava mais corajosa.

— Você gosta de bolo? Sorvete? Tem muito em casa. Nós podemos tomar um chá à tardinha. Acho que você vai gostar.

Eu não iria comer comida alguma em que ela tivesse encostado a mão, nem que fosse chocolate. Tinha trazido a minha própria comida na mochila, que estava no chão entre os meus pés. Comería assim que conseguisse me livrar dela.

Era horrível ela estar tão perto assim. No aeroporto, abraçou-me antes que eu conseguisse impedir. Esmeralda tinha cheiro de maquiagem e um perfume tão forte que deu coceira no meu nariz. Que fedor! Felizmente, no táxi eu só consegui sentir cheiro de suor e gasolina e, acima de tudo, de cigarro impregnado no estofamento. (O motorista perguntou se podia fumar e Esmeralda disse que não.)

Senti que ela estava olhando para mim, como se quisesse me fazer ter vontade de olhar para ela. Mas não funcionaria. Eu conhecia muito bem a minha avó. Esmeralda não iria me enganar fazendo um monte de perguntas no que ela achava ser uma voz com tom de preocupação.

— Se você quiser outra coisa, nós podemos fazer uma parada no caminho. Pode pedir o que quiser, Razão.

Quero que minha mãe volte a ser como era antes, pensei. Quero não estar neste táxi com você. Quero que você cale a boca. Senti a raiva aumentar dentro de

mim, mas sabia que era melhor eu não perder a paciência, *nunca*.

Fazia sol, e o céu (a nesga que não estava oculta pelos prédios) resplandecia em azul-claro; mesmo assim, a vista da janela era triste. Não vi uma árvore sequer desde que saímos do aeroporto. No lugar de vegetação havia calçadas sem grama, imensos cartazes de propaganda anunciando coisas que eu nunca tinha visto antes e horrorosos prédios de apartamentos cinza ou marrom sujo sem varanda nem sinal de que havia gente morando. Eu já tinha me esquecido de como Sidney era feia.

A quantidade de carros e caminhões era tão grande que o trânsito parava a toda hora. De repente, passou por nós um ciclista com uma bermuda verde e amarela brilhante tão apertada que parecia pintada no corpo. Deixáramos o aeroporto fazia uns dez minutos, mas eu tinha a impressão de que não havíamos ido muito longe. Quanto carro! Eu já estive aqui uma vez, quando tinha dez anos (a última vez que ela nos pegou), mas não me lembrava de tanto tráfego assim. E era domingo. Como seria num dia de semana quando todos estariam apressados para chegar ao trabalho?

Esmeralda começou novamente:

— Se você precisar de alguma coisa, podemos ir comprar. As lojas daqui são muito melhores que as de Dubbo. Eu posso levá-la...

Nem escutei o resto. Estava enjoada de ouvir a voz dela, afetando preocupação, repetindo as mesmas perguntas o tempo todo. Mesmo que ela falasse parecido com a minha mãe, ouvi-la falar me dava vontade de gritar.

Fechei os olhos e comecei a repassar em silêncio a sequência de Fibonacci, destacando os primos e os fatores pelo caminho. Fiquei sentindo na mão a minha amonite, minha conchinha fossilizada com milhões de anos de idade.

Os Fibonacci são os meus favoritos. Dá para chegar muito longe com eles. No infinito, para falar a verdade. Os Fibonacci são números especiais que ficam cada vez maiores à medida que você vai fazendo as contas. Os Fibs são como as mentiras: vão criando mais Fibs sem parar, ou param quando você se cansa da brincadeira.

Quando se esgotam os Fibs que você já conhece, sempre dá para criar outros novos somando os dois imediatamente anteriores. Começa com 0 e 1, que você soma para chegar... a 1 de novo. Agora você soma os dois últimos (ambos os 1s) e chega a 2. E segue adiante desse jeito; cada número é igual à soma dos dois anteriores:

0, 1, 1, 2, 3, 5, 8, 13, 21, 34, 55, 89, 144...

Fiquei imaginando a que distância Sarafina estaria. Ontem à noite, ela foi transferida para um hospital “especial” em Sidney. Hospício, seria o caso. Kalder Park era o nome. O médico disse que lá eles poderiam cuidar dela muito melhor. O que isso significava? Que iriam parar de drogá-la e de amarrá-la a toda hora? Ou que iriam passar a fazer mais esse tipo de coisa?

O trânsito começou a andar mais rápido. Finalmente vi um pouco de verde: uma praça com mais grama do que árvores e umas imensas chaminés de tijolo cobertas de pombos. Ratos voadores, conforme Sarafina os chamava. Segundo ela, quanto mais pombos numa cidade, menos saudável seria. Até agora foram os únicos pássaros que vi por aqui. Só podia ser.

Esmeralda falou:

— Não estamos longe de casa agora.

Ela descruzou as pernas, se ajeitou no banco e tornou a cruzá-las no sentido contrário.

— Já estamos em Newtown.

Estremeci. Minha mãe tinha me falado tanta coisa da casa da Esmeralda. De tudo que tinha acontecido ali. Algumas semanas antes de passar mal, Sarafina vinha insistindo ainda mais em que eu conhecesse a disposição da casa, querendo me fazer lembrar do que minha avó tinha sido — virei-me para ela, mantendo o olhar no nível dos pés — e do que ainda era.

Eu deveria ter percebido que Sarafina estava saindo do ar. Deveria ter arranjado socorro médico antes que ela piorasse. Mas tive medo de que Esmeralda nos encontrasse. Olhei para os sapatos de bico fino. Tarde demais!

Fiquei torcendo para que o hospital onde Sarafina estava agora, Kalder Park, fizesse jus ao nome de parque. Ela detestaria ficar presa num lugar de concreto, sem árvores, sem mato, sem avistar um cantinho de céu. Já detestava hospitais. E esse era ainda pior: um asilo para malucos.

Não me deixaram vê-la ontem à noite em Dubbo e, hoje de manhã, a transfeririam para cá, para Sidney. Eu só queria me despedir, dizer a ela que a viagem de avião não seria tão ruim assim. Nenhuma de nós duas tinha andado de avião antes. Eu estava preocupada, pois Sarafina poderia não gostar. Uma das enfermeiras me disse que, em termos estatísticos, é muito mais provável uma pessoa morrer num acidente de carro do que num acidente de avião. Respondi que talvez fosse desse jeito porque as pessoas andam muito mais de carro do que de avião, e ela disse:

— Mesmo assim, os aviões são mais seguros. Passam por uma revisão depois de cada viagem. Muito mais do que qualquer carro!

Fiquei com vontade de contar aquilo a Sarafina.

Esmeralda começou a falar, ainda olhando para mim. Dava para sentir.

— O hospital onde sua mãe está fica pertinho de casa. Você vai poder visitá-la o quanto quiser.

Conversa! A menos que me deixassem morar no hospital, eu não veria Sarafina o quanto queria.

Estávamos numa rua estreita mas movimentada, com a calçada cinzenta e suja tão cheia de gente quanto a rua de carros. Não havia casas, só lojas encostadas umas nas outras sem espaço algum entre uma e outra, vendendo camisetas, antiguidades, livros, botões, azulejos, roupas, computadores, chapéus e bolsas.

Havia um monte de sinais de trânsito, e nós pegamos todos os vermelhos. Não eram tantos assim em Dubbo, quando viemos de Nevertire com Sarafina inconsciente na traseira da ambulância. Eu quis ir lá atrás com ela, mas não me deixaram. O motorista avançou todos os sinais, verdes ou não.

Isso foi na sexta-feira, dois dias atrás. Não dei nossos nomes verdadeiros a ninguém, mesmo assim Esmeralda nos encontrou e mandou me buscar.

Pisquei para conter as lágrimas. Comecei com os Fibs novamente, cuidando para não deixá-los escapar dessa vez.

Na casa da Bruxa

A casa era imensa, do tamanho de um pub, destacando-se por trás de um minúsculo quintal que dava para a rua estreita, apequenando as casas vizinhas que pareciam insignificantes ao seu lado. Fiquei ali parada, olhando para a varanda de ferro batido, abraçada à minha mochila, sem vontade de entrar. Era ainda maior do que Sarafina tinha me contado. Tentei nem pensar no porão.

Fibs, falei para mim mesma. Qual era o próximo? Fib (47): 2.971.215.073 (fator primo). Somar com o Fib (46) para chegar ao Fib (48): 4.807.526.976.

Segui os sapatos brilhantes de Esmeralda que reluziam à luz do sol, atravessei o portão baixo de ferro batido, passei por uma pequena galeria revestida de lajota, entre tufos de roseiras e um emaranhado de minúsculas violetas nativas. O piso do pórtico era marrom, preto e bege, em lajotas dispostas numa padronagem de hexágonos e estrelas de sete pontas. No capacho estava escrito “Bem-vindo”.

Quando Esmeralda abriu a pesada porta de madeira, ouvi um rangido tão alto que quase dei um pulo.

— Nunca me lembro de mandar lubrificar esta porta — disse ela.

Franzi o cenho. O interior da casa era quase tão claro quanto lá fora. Eu sempre imaginava um lugar escuro e mofado, cheirando a sangue e ossos. Mas o que senti foi o aroma de flores frescas, livros e madeira.

Dei por mim parada no meio de um corredor comprido e largo, com piso de tábuas corridas encerado numa cor avermelhada que brilhava quase tanto quanto os sapatos de Esmeralda. Olhei para baixo e vi minha imagem um pouco distorcida refletida no chão.

O pé-direito era ridiculamente alto. Fiquei pensando em como ela conseguia mudar as lâmpadas. Na extremidade do corredor, vi as superfícies reluzentes do que seria obviamente a cozinha. Tudo era tão brilhante, bem polido, limpo.

Esmeralda se virou. Baixei o rosto bem na hora.

— Você quer comer alguma coisa agora? Ou prefere que eu lhe mostre o seu quarto? É uma suíte.

O Fib (49) é 7.778.742.049.

Esmeralda emitiu um ruído que poderia ter sido um suspiro.

— Vamos para o seu quarto.

Assim que Esmeralda saiu do quarto, enfiei uma cadeira embaixo da maçaneta da porta. Fiquei tremendo, mas feliz comigo mesma. Conseguira passar pela provação toda sem olhar para ela nem dizer uma palavra.

Sentei na cama. Era difícil acreditar. Eu estava na casa de Esmeralda, e Sarafina, no hospício. Estava na casa da qual minha mãe fugira aos 12 anos de idade. Ouvi falar deste lugar minha vida inteira. Não era o que esperava. Uma casa de bruxa limpa e arejada?

E um quarto limpo e arejado! Dei uma olhada mais cuidadosa nele todo. Afinal, iria ser o meu quarto. Era despojado, sem enfeites nem quadros na parede, sem tapete no chão, só cortinas brancas e lisas nas janelas. As tábuas do soalho brilhavam como as lá de baixo. Havia uma mesinha-de-cabeceira e uma escrivaninha, prateleiras cheias de livros, um sofá e uma estante com uma televisão em cima.

Fiquei meio tentada a ligá-la. Tinha assistido televisão tão pouco na minha vida — só corrida de cavalos, críquete e rúgbi em pubs, e só cinco minutos de cada vez! Sarafina sempre disse que eu não estava perdendo grande coisa, embora ela não tivesse assistido muito mais do que eu.

O quarto era grande, tinha duas portas de vidro que davam para uma varanda, imensa, na frente da casa. Fui me debruçar no parapeito de ferro desenhado e fiquei olhando a rua, para um lado e para o outro. Nenhuma das demais casas era tão grande quanto esta, mas todas tinham uma varanda, mesmo que pequena.

Seria bem fácil descer por ali e ir para a rua. Passou um casal andando pela calçada em frente, empurrando um carrinho com um bebê. Um deles olhou para cima e acenou para mim. *Hummm*, pensei enquanto acenava de volta, *e também é muito fácil ser vista enquanto desço*. Precisava de uma outra rota de fuga.

Percorri a varanda inteira e cheguei a outro par de portas de vidro. O quarto que vislumbrei ali era uma versão rebatida do meu, embora menos equipado. A cama tinha colchão, mas não estava forrada. Outro quarto de hóspedes. Cheguei a pensar, por um instante, se aquele ali não estaria aguardando outro prisioneiro como eu. Mais alguém preso nas teias de Esmeralda.

Voltei para o meu quarto e continuei fazendo o reconhecimento. Havia duas portas ainda por abrir. A primeira dava num closet imenso. Entrei, estiquei os braços para os lados e girei. Não cheguei nem perto de encostar nas prateleiras. Era maior do que todos os *quartos* onde eu já ficara na minha vida. Como é que uma pessoa pode precisar de tanto espaço assim?

Quando abri a segunda porta, fiquei tonta com os azulejos, de tão brilhantes.

— Não acredito!

Era o maior banheiro do mundo. Tinha uma banheira, tão grande que dava para nadar de um lado para o outro, e um chuveiro separado. No teto havia uma clarabóia que iluminava os azulejos todos com a luz direta do sol. Eu nunca tinha visto algo semelhante. Mas não havia janelas. Era um cômodo fechado.

Eu nunca tinha morado numa casa antes. Nunca tive um quarto só meu, muito menos com varanda e banheiro. E aqui, na casa da minha avó malvada, tinha todas essas coisas. Trocaria tudo num milésimo de segundo para estar com Sarafina.

Havia lavanda fresca na penteadeira e no banheiro. O cheiro era calmante. Calmante demais. Sarafina me ensinara bastante química, inclusive as propriedades das ervas e das flores. A lavanda era capaz de confundir e induzir o esquecimento. Despedacei tudo, caule, flores, folhas, e joguei no vaso sanitário, dei descarga e depois lavei as mãos.

Em cima da cama havia um pijama de algodão azul e branco bem dobradinho com um conjunto de penhoar e chinelos combinando. Tinham jeito de gente grande, nada daquelas fitinhas, flores ou laços para meninas. Gostei.

Cheirei o pijama e o penhoar com delicadeza. Não consegui identificar o aroma direito. Era uma delícia e não me encheu os olhos de lágrimas. Mas seguro morreu de velho. Joguei tudo na banheira e liguei a água quente. Fumegante. Bom. O calor dissolveria quaisquer óleos e perfumes. Era verão; estaria tudo seco rapidinho.

Em seguida tirei os lençóis da cama e bati o colchão contra a parede. Estava banhada de suor quando terminei. Mas não encontrei nenhum objeto ritualístico: ossos, dentes, amuletos ou bonecos.

Nenhuma dessas coisas funcionaria na verdade, é claro, mas minha avó acreditava que sim e ficaria incomodada se descobrisse que haviam desaparecido. Sarafina me ensinara a guardar vantagem. Além disso, essas coisas são esquisitas.

Coloquei o colchão de novo no estrado e tornei a fazer a cama.

Havia muitos livros. Mais do que em algumas das bibliotecas que eu já tinha visitado pelo país afora. Fiquei cansada só de pensar em folhear cada um deles para ver se encontrava ervas ou flores secas. Já fazia um tempão que não dormia uma boa noite de sono.

Sentei-me na cama, de olho na estante de livros. Os títulos que reconheci eram de livros que sempre quis ler: *O pudim mágico*, *O Mágico de Oz*, *O mago de Earthsea*, *Os Nargun e as estrelas*, *O Hobbit*, livros de contos de fadas ricamente coloridos, todos sobre magia. Sarafina teria detestado todos eles.

Eu sabia que minha mãe era diferente das outras, não só porque ela havia enlouquecido e tentado se matar. Mas valia a pena passar sem alguns livros idiotas: as outras mães não eram tão legais quanto Sarafina. Não ensinavam segredos dos números nem viviam passeando com a gente. Eu estava com saudade.

Recostei-me na cama e olhei para o teto branco. Estava sendo difícil fixar na cabeça que eu me encontrava aqui de verdade. Meu cérebro não parava de repassar tudo o que Sarafina sempre me dissera sobre este lugar, da mãe dela.

Esmeralda acreditava em mágica, achava-se mesmo uma bruxa e fazia coisas *terríveis* no porão da casa por acreditar nisso. O fato de Sarafina ter sido criada por ela a fizera odiar a simples idéia de magia. Minha mãe detestava contos de fadas, *bunyips* — espíritos ou criaturas das lendas dos aborígenes —, hobbits, os livros do Harry Potter (que eu também andava com vontade de ler) e todas essas coisas.

Acima de tudo, ela detestava Esmeralda.

Esmeralda a mantivera trancada no quarto anos a fio. Ela não pôde sair até admitir que a magia existia de verdade. Mas, em vez de entregar os pontos, Sarafina fugiu.

Na casa de Esmeralda, era preciso andar no sentido anti-horário. Com isso, a energia mágica continuava andando direito: no sentido horário.

Não havia eletricidade na casa, porque interferia na magia. Não havia refrigeração no verão nem aquecimento no inverno. Não havia telefone nem televisão ou rádio. Não havia nada.

Esmeralda fazia sexo com todo homem que conhecia só para roubar suas energias vitais. Alguns deles morriam.

Ela sacrificava ratos, porquinhos-da-índia, gatos, cachorros e cabras. Comia bebês humanos, que comprava de mães pobres.

Fiquei com nojo só de pensar. Fechei os olhos para não chorar. Senti tanta falta de Sarafina que me deu uma dor pelo corpo inteiro. Só de olhar e ficar com vontade de ler os livros, tive a sensação de que a estava traindo. Não quis nem tocar neles. Até o fato de a casa ter eletricidade (provavelmente instalada depois que Sarafina fugiu) e que eu havia acendido e apagado alguns interruptores de luz me fez sentir culpada.

Os livros, o quarto bonito, a varanda, o banheiro, a televisão, o penhoar e os chinelos em tons azul e branco, a eletricidade — eu sabia que eram propinas, truques. Esmeralda queria me jogar contra a minha mãe, queria me fazer acreditar em magia.

Alguém bateu à porta.

— Razão?

Por um instante achei que fosse Sarafina. Toda vez que ouvia a voz de Esmeralda, voltava a ficar chocada pelo tanto que se parecia com a da minha mãe.

— Vou sair para fazer compras. Você quer alguma coisa? Seria bom comer um pouco, não acha?

Não respondi. Sabia que era melhor não tocar na comida da minha avó. Primeiro, porque era nojenta: Esmeralda gostava de comer lesmas, sapos, fígados,

miolos. Segundo, porque, antigamente, ela colocava drogas na comida de Sarafina para deixá-la submissa.

Já tinha feito o meu estoque. No hospital comprei três barras de chocolate com flocos, duas de chocolate com leite e quatro salsichas empanadas. Mesmo frios, aqueles rolinhos de salsicha eram os meus preferidos. A intenção era conseguir fazer a comida durar pelo menos dois ou três dias. Eu não iria mesmo ficar mais do que isso.

Fiquei escutando os passos de Esmeralda descendo a escada, fazendo ranger os degraus, e fui para a varanda até ouvir o barulho dela indo embora. A pesada porta de madeira soltou o seu rangido quase humano. Estiquei a cabeça por cima do gradil da varanda até ver minha avó descendo a rua.

Olhei para o relógio: 16h35. Resolvi passar os vinte minutos seguintes explorando a casa, o mais cuidadosa e silenciosamente que pudesse. Tudo que fizesse de agora em diante seria um treinamento para a minha fuga.

No quarto da Bruxa

Fui até o topo da escada na ponta dos pés. Disse a mim mesma que estava buscando rotas de fuga, mas a planta da casa estava impressa no meu cérebro. Havia duas saídas pelos fundos: pela varanda do quarto de Esmeralda e pela cozinha. Bastava que eu as fosse inspecionar para ver se seria possível descer da varanda do quarto pela figueira e dali fugir, conforme Sarafina fizera 18 anos atrás.

Encontrar a melhor maneira de escapar dali era a minha prioridade, mas eu também queria vasculhar a casa, descobrir todos os seus segredos. Minha mãe me ensinou a ser curiosa, a fazer perguntas, a explorar. Eu precisava comparar a realidade da casa de Esmeralda com a planta, comparar as histórias que Sarafina havia me contado com os lugares onde elas aconteceram.

Precisava ver o quarto de Esmeralda, ver o que ela usava, o que deixava na mesinha-de-cabeceira, que segredos ocultos haveria na penteadeira.

E também queria chatear Esmeralda. Ela acreditava mesmo nos seus ossos e amuletos. Esse é o problema de se acreditar em magia: às vezes o tiro sai pela culatra. Muito embora soubesse que aquilo era besteira e que a bruxaria dela não funcionava, eu ainda tinha como embromá-la, porque *ela* acreditava piamente naquilo. Sarafina havia me ensinado tudo direitinho. Eu sabia exatamente o que fazer.

Acima de tudo, ainda que a idéia em si me aterrorizasse, eu *precisava* ver o porão do qual ouvira tantas histórias horríveis. Magia não conseguia matar ninguém nem coisa alguma, mas facas, sim.

Sarafina também deixara claro que há momentos em que a curiosidade precisa ser deixada em compasso de espera, momentos em que a curiosidade só arranja encrenca. O porão, muito provavelmente, se encaixava nessa categoria, mas como eu poderia resistir? Como ficaria sem explorar todos os cômodos da casa sobre a qual fora advertida a minha vida inteira?

Mas eu não *conhecia* esta casa. Plantas baixas, por mais minuciosas que sejam — e as de Sarafina eram bastante esclarecedoras —, não davam a noção verdadeira do que é uma casa. Os corredores, os quartos, a escada, tudo estava onde deveria estar, o que dava uma boa tranquilidade. Mas era tudo tão grande!

De alguma forma, Sarafina deixou passar esse aspecto. Ou talvez eu não conseguisse imaginar uma casa grande desse jeito. A menos que fosse um pub dividido em vários quatinhos de hóspedes no andar de cima — que nunca estavam lá muito limpos — e um enorme salão de bar enfumaçado cheirando a cerveja no andar de baixo. Eu sempre preferia acampar ou ficar nos parques de trailers. Embora fosse possível conhecer gente impressionante nos pubs.

Comecei a percorrer o corredor, cuidando para não fazer as tábuas do soalho rangerem, e abri a porta do quarto de Esmeralda. Tinha o dobro do tamanho do que ela reservara para mim, mas era muito, muito mais abarrotado de coisas. Era uma bagunça. Cheguei até a sentir claustrofobia só de ficar ali um instante, como se alguma coisa fosse cair de repente em cima de mim. Havia quadros e fotografias em cada centímetro de espaço nas paredes, tudo tão apinhado que dava a impressão de que qualquer uma daquelas coisas todas poderia cair se eu simplesmente pisasse com mais força no chão.

Trezentos e sessenta e cinco coisas pregadas na parede. O número ecoou na minha cabeça, como os números costumam fazer comigo. Contar para mim é como respirar. Embora não seja contar na verdade: eu vejo os números primeiro, depois a coisa. Doze me vem à cabeça, depois eu vejo que existem doze bananas num cesto, caracóis numa parede ou formigas no meu pé.

O chão estava tão lotado quanto as paredes, cheio de sapatos espalhados para todo lado, pilhas de jornais, revistas, livros, copinhos de café descartáveis e outras coisas que eu não consegui identificar muito bem. Era impossível pisar com o pé inteiro sem mexer em alguma coisa; entrei na ponta dos pés. Havia camadas demais para que eu conseguisse fazer uma contagem apurada. Sarafina teria conseguido fazer uma estimativa, mas, a menos que as coisas tenham todas as mesmas dimensões, como balas dentro de um pote, eu preciso ver o que estou contando.

Fiquei olhando para as fotos e os quadros até que meus olhos pararam no que parecia ser uma foto da minha mãe quando bebê. De cabelo preto enroladinho, grandes olhos castanhos e pele clara, ela estava segurando um chocalho e chupando o polegar. Virei o porta-retrato e abri a moldura.

Ali atrás encontrei uma flor seca amarelo pálido que não reconheci. Menor do que a unha do meu polegar, com cinco pétalas.

Tentei pegá-la usando o polegar e o indicador, mas a coisinha minúscula se desfez em pó entre os meus dedos. Durante poucos instantes, o ar se inundou de um cheiro suavemente adocicado onde a folhinha se desintegrara, quase como um jasmim. O que quer que Esmeralda *achasse* que a sua florzinha estava fazendo tinha acabado de ser interrompido por mim. Esfreguei os dedos no meu short, não ficou resíduo algum de poeira.

Na única outra foto onde pude ter a certeza de que era Sarafina, ela estava com uns seis ou sete anos, usando macacão de veludo azul, montada num trepa-trepa. Havia outras oito crianças empoleiradas à sua volta. Fiquei curiosa para saber se eram amigas dela. Até onde sabia, Sarafina nunca teve amigos. Eu nunca tinha visto nenhuma foto sua quando criança.

Quando abri o verso do porta-retrato, havia mais uma flor, igual à primeira. Nem toquei na parte amarelo-clara; só arranquei a ponta e fiquei olhando a florzinha se desintegrar em contato com o ar. Uma fragrância suave atingiu as minhas narinas e logo se esvaiu.

De certa maneira, o caos de Esmeralda foi um alívio, pois me mostrou que ela e Sarafina eram completamente diferentes. A assombrosa semelhança entre as vozes das duas me abalou um pouco, mas, ao olhar para o seu quarto, tive a certeza de que os aspectos em comum paravam por ali. Minha mãe era a pessoa mais arrumada e organizada do mundo, e Esmeralda, a julgar por este quarto, só poderia ser a mais bagunceira.

A cama estava coberta por 27 livros, 34 jornais e 18 revistas. Não consegui entender como Esmeralda podia ler tudo aquilo ao mesmo tempo. E, se mal era possível deitar na cama, como dormir ali?

A mesinha-de-cabeceira tinha três gavetas: as duas primeiras estavam entulhadas com 51 recortes de jornais e revistas, 18 canetas, 332 cliques de papel, nove borrachas, cinco apontadores (embora não houvesse nenhum lápis), um abridor de cartas e uma caixa com 12 cartuchos de tinta. Não havia ordem que eu pudesse perturbar. Tampouco flor alguma.

A terceira estava trancada. Puxei, mas ela não abriu. E se eu arrombasse? Era fácil abrir essas trancas antigas. Tirei o meu prendedor de cabelo e o destorci para que ficasse reto. Inseri-o na fechadura e empurrei a tranca — ela estalou.

A gaveta guardava uma chave daquelas antigas, do tamanho da minha mão. Mais nada. Que coisa sinistra, ela sozinha ali dentro! *Eis a chave para as portas do inferno*. Sorri comigo mesma, imaginando o que Sarafina diria disso. Os dentes da chave eram grandes e simples, mas a outra extremidade era uma bagunça de curvas de metal que se embrenhavam umas pelas outras. Quando as percorri com o dedo, senti um formigamento. Não havia começo nem fim. Infinito.

Dava para apostar que era a chave do porão ou de algo que eu não deveria ver. Tirei-a dali de dentro e a coloquei no bolso, onde ela me espetou a coxa, e fechei a gaveta, usando o prendedor de cabelo para tornar a trancá-la.

As cadeiras, a cabeceira da cama, as portas entreabertas do closet e da varanda, todas tinham roupas penduradas. O próprio closet estava atulhado. Eu não conseguia entender como alguém podia precisar, querer ou, no mínimo, *usar* tanta roupa. A maioria parecia igual. Examinei 38 — 38 — blazers pretos sem encontrar diferença

alguma a não ser a quantidade de botões. Senti os forros com cuidado. Um deles tinha uma única pena preta no bolso. Coloquei a pena de cabeça para baixo de volta dentro do bolso, conforme Sarafina havia me ensinado, imaginando que Esmeralda ficaria possesa quando descobrisse. Fiquei querendo saber o que ela achava que a pena seria capaz de fazer.

Havia padrões aqui, o que não era o caso no resto do quarto. O closet estava atulhado de roupas mas arrumado. As blusas brancas juntas, os blazers pretos, as saias marrons. Não parecia o armário de uma pessoa que deixaria xícaras de café vazias largadas pelo chão. Também me dei conta de que o quarto de Esmeralda era um desastre, mas não estava sujo. Havia um pouco de poeira, sim. Mas a roupa de cama parecia limpa. A casa toda estava limpa.

O banheiro era cheio de removedor, maquiagem e sei lá mais o quê. Estranho foi ver que a maioria dos frascos parecia da marca sem nome que minha mãe comprava sempre. Tirei a tampa de alguns deles e cheirei. Mas estes tinham cheiro muito melhor.

Havia sete toalhas penduradas para secar nos vários ganchos e penduradores e duas balanças. A grande, de metal com pesos que você desliza ao longo de uma régua, só podia ser para a pessoa se pesar, mas para que serviria a pequena, eletrônica, em cima do balcão? Liguei-a e joguei uma folha de papel higiênico em cima: 1,1882 grama. Que precisão! Para pesar minúsculas flores secas, talvez? Nunca tinha me ocorrido antes que a magia requeresse precisão científica, já que era tudo mesmo uma questão de faz-de-conta.

Em frente ao espelho estavam cinco escovas de cabelo minuciosamente enfileiradas. Como é que alguém podia precisar de mais de uma? Peguei a maior. O cabo e as costas eram de um material branco amarelento. Liso, sim, mas plástico não era. Marfim? Havia uma pequena reentrância no meio. Apertei-a e as costas da escova se abriram.

Estava cheia de dentes. Trinta e três dentes.

— Porcaria! Cinco deles tinham obturações. De gente, sem dúvida.

Oito se espalharam sobre o balcão, tamborilando como unhas nervosas sobre uma superfície dura. Recolhi todos eles, com um pouco de nojo, e os coloquei de volta na escova. Pressionei o compartimento, que deu um estalido ao se fechar. Os dentes tinham exatamente a mesma textura da escova. Será que ainda é marfim uma coisa feita de dentes *humanos*?

Pois essa era a casa da minha avó do mal.

De repente, achei que ia vomitar. Retrocedendo cuidadosamente sobre os meus próprios passos, saí do banheiro para o quarto e fui para a varanda, onde enchi os pulmões de ar fresco e me firmei segurando no ferro frio e sólido do gradil. Depois de alguns instantes, a sensação de enjôo no estômago começou a passar.

No jardim dos fundos havia o maior exemplar de figueira australiana que eu já tinha visto na vida. Sarafina a descrevera como uma árvore grande, mas *grande* não dava conta. Era mais alta que a casa. Muito mais alta. A copa imensa se abria, cobrindo o quintal inteiro e mais um pouco. Alguns galhos foram podados para evitar que atravessassem a varanda e chegassem ao quarto. Ainda assim, a árvore parecia ameaçar a casa.

Eu já tinha visto o que acontecia quando deixavam as árvores crescerem sem controle. No interior, existe um monte de casas dilapidadas com árvores que vão crescendo bem pelo meio delas, sem parar, até sobrar apenas um esqueleto de vergalhões enferrujados sobrepujado pela árvore que comeu tudo à sua volta.

Os galhos podados estavam muito perto. Haviam sido cortados fazia pouco tempo e exalavam aquele cheirinho de madeira recém-cortada. No alto, acima de mim, alguns dos galhos ainda encostavam na casa, como se estivessem planejando sua derrubada.

Instintivamente, gostei da árvore. Uma coisa era certa, Sarafina havia escapado justamente por esta varanda nos galhos dela. Mesmo se você não soubesse subir em árvores (o que não era o meu caso nem o de Sarafina), dava para passar da varanda para a figueira e dali para a ruazinha dos fundos, e depois... ir embora.

Tive vontade de ir embora naquele mesmo instante. Eu queria, queria muito. Mas não estava pronta. Não tinha suprimento algum, nem comida ou dinheiro suficiente. Já pegara todo o dinheiro que Sarafina tinha escondido no forro da nossa mala, sim: 250 dólares. Na hora, me deu a impressão de ser muito, mas hoje, depois de ver quanto custou a corrida de táxi do aeroporto para a casa de Esmeralda, parecia quase nada. Tinha trazido comigo o seu cartão do banco, em nome de Suzanne Alexander, mas era novo e eu não sabia a senha. Experimentei as que ela costumava usar, mas não deu certo. Precisaria perguntar, quando a visse.

Eu sabia onde estava e como chegar até a Central, onde havia ônibus e trens que poderia pegar para sair de Sidney. Sabia também o nome do hospital onde Sarafina estava — Kalder Park —, mas não onde ele ficava. Não poderia simplesmente fugir sem vê-la antes, sem dizer-lhe o que estava fazendo — *Vou fugir da mesma forma que você fugiu, Sarafina, encontrar meu próprio caminho no mundo* — e prometer que voltaria para ficar com ela quando completasse 18 anos e ninguém mais pudesse me impedir.

Mas ainda não. Qualquer idiota consegue sair por uma porta, descer por uma janela. Fugir não é só uma questão de sair de um lugar. É conseguir não ser pego dois dias depois.

Olhei para o relógio. Esmeralda saíra havia doze minutos. Será que eu tinha tempo para vasculhar mais gavetas? Ou ir até o porão?

Não era realmente uma pergunta. Depois de encontrar aqueles dentes, eu *tinha* de ver o porão. Mas o que encontraria por lá?

No porão

A fechadura da porta do porão era pequena e moderna, com cavilha morta. Não havia como a chave do infinito caber ali. Em parte, fiquei aliviada. Não sabia a que distância ficavam as lojas; Esmeralda poderia voltar a qualquer segundo. Eu não queria ser pega aqui embaixo.

Fiquei me perguntando por que precisava ver o porão. O que esperava encontrar? Prova de que as histórias da minha mãe eram verdadeiras? *Sarafina esteve aqui* escrito a sangue na parede do porão?

Já vira o suficiente no quarto de Esmeralda para saber que ela era exatamente o que minha mãe alegava. Dentes de gente. E ainda...

Será que esta casa era a *mesma* da qual Sarafina escapara tantos anos antes? Tinha eletricidade, água corrente aquecida e era linda — até o quarto caótico de Esmeralda! Só que a planta era exatamente como Sarafina havia me ensinado. A porta do porão estava exatamente onde deveria estar, bem aqui, atrás da escada.

Coloquei a mão na maçaneta. Ela girou fácil. Soltei rápido, assustada. Meu coração acelerou. Não estava trancada. *Droga!*

Quanto tempo até minha avó voltar? Olhei para o relógio novamente: haviam se passado 18 minutos.

Por que não ir ao quintal dos fundos dar uma olhadinha? Minha rota de fuga. Se Esmeralda voltasse cedo demais, eu poderia subir pela árvore, chegar de volta ao meu quarto passando pelo dela.

Tornei a pegar a maçaneta, com a mão trêmula. Pare. O que poderia acontecer se eu fosse pega aqui embaixo? Tudo bem, um montão de coisas. Coisas *ruins*.

Mas seriam mesmo tão ruins assim? As autoridades sabiam que eu estava aqui. Uma assistente social estava recrutada para vir me ver a cada quinzena, para verificar como eu estava “me ajustando”. Era perfeitamente seguro — disse a mim mesma, acreditando só pela metade — explorar a casa... mesmo que eu fosse pega.

Estremeci da cabeça aos pés. Tentei não pensar nos 33 dentes, nas flores que haviam se dissolvido em nada. E se Esmeralda me forçasse a fazer as coisas que forçara minha mãe a fazer? Ela não poderia, disse a mim mesma. Sarafina era uma menina pequena. Quando fugiu, tinha só 12 anos. Eu já tinha 15.

Esmeralda não poderia fazer uma coisa tão vil comigo *logo de saída*, e não demoraria nada para que eu fosse embora.

Esses pensamentos não foram os mais reconfortantes, mas foram o suficiente para que eu abrisse a porta. Tateei para encontrar o interruptor da luz. Só senti uma parede de pedra fria. A luz do corredor não iluminava muito além do começo da escada. Só dava para enxergar os primeiros dez degraus, e nada do porão lá embaixo. Estava escuro e frio: senti o primeiro degrau de pedra como se fosse gelo embaixo do meu pé descalço. Era assim que eu tinha imaginado a casa inteira. Escura e gélida, de doer até os ossos, mesmo no verão.

Desci até que acabou a luminosidade à minha frente. A escuridão tinha uma margem nítida, como uma cortina. *Pois sejam os dragões*. Levei à frente o meu pé esquerdo, deixando que os dedos se enroscassem na borda da pedra. E se eu desse mais um passo e não houvesse nada ali? Será que cairia até o piso do porão? Ou continuaria caindo, caindo para sempre?

Pare com isso. Era esse tipo de medo para o qual Sarafina vivia me chamando a atenção. Já havia coisas *reais* em quantidade suficiente para a gente se preocupar.

Tomei bastante fôlego, mantive a mão esquerda firme na parede de pedra e andei um pouquinho para a frente. Meu pé encontrou outro degrau frio. Procurei a pedra no meu bolso, minha amonite da sorte. Sarafina me deu a concha quando me falou da sequência de Fibonacci pela primeira vez. Cada segmento saindo do centro em espiral, igual à área dos dois anteriores, infinito numa concha fossilizada, uma espiral áurea. Que lindo! Levava-a comigo para todo lugar aonde ia. Em geral, ela me consolava, mas dessa vez não me senti menos nervosa.

Desci o resto bem devagar, um degrau de cada vez. Havia tantos que comecei a achar que a escada não tinha fim. Quando as solas dos meus pés finalmente encostaram na superfície irregular da pedra no piso do porão, soltei um “Merda!”.

Não consegui me mexer durante um certo tempo. Eu estava *no* porão.

As histórias da minha mãe me inundaram de repente. Todas as coisas que Sarafina vivenciara... tinham acontecido *aqui*.

Ela fora amarrada a uma cadeira aqui, forçada a ver Esmeralda cortando a garganta de Le Roi, seu gato gorducho de pêlo avermelhado. Agora eu estava no mesmíssimo porão. E meio que esperava sentir o esguicho do sangue e das entranhas do gato embaixo dos dedos dos meus pés.

Tateei mais uma vez para ver se encontrava um interruptor de luz, de certa forma esperando não encontrar mesmo. Será que eu queria mesmo ver este lugar? Claro que queria. Eu *precisava*. Qualquer coisa era melhor do que estar aqui parada no escuro, imaginando o que havia à minha frente. Sobretudo agora que os meus olhos — finalmente — começavam a se adaptar à escuridão. O porão estava atulhado de vultos tenebrosos.

Um rangido alto soou no andar de cima e depois um *baque*. A porta da frente se abrindo e fechando.

Congelei. Esmeralda. *Droga*, pensei. Eu tinha deixado a porta do porão entreaberta. E se ela viesse aqui para baixo? Eu precisaria me esconder. Mas todos aqueles vultos tenebrosos. E se eles ainda tivessem seus dentes?

Mas o que seriam, afinal de contas? Nada com vida. (O que me fez pensar imediatamente em algo *morto*.) Fossem o que fossem, não se mexiam. Não havia nenhum outro barulho de respiração além da minha. *Coisas mortas*, lembrei, *não podem machucar ninguém*.

As tábuas do soalho no andar de cima rangeram forte. Esgueirei-me rapidamente pela escuridão, tropeçando nas pedras irregulares do piso, com medo de esbarrar nos vultos estranhos. Arranhei o joelho no cimento, perdi o equilíbrio e me escorei em alguma coisa que me deu a sensação de ser vidro liso arredondado. Meu coração batia na ponta dos dedos.

Lá em cima, a porta rangeu, abrindo-se por inteiro. Abaixei-me, sem saber ao certo se estava de fato escondida.

Ouvi um clique e o porão instantaneamente se inundou de uma luz espantosa. Meus olhos lacrimejaram, mas esforcei-me por mantê-los abertos.

Prateleiras espalhadas por todo canto, guardando centenas e centenas de garrafas de vinho. O suficiente para me esconder, a menos que ela estivesse procurando por mim.

Passos descendo os degraus. Agachei-me ainda mais, contendo o fôlego, rezando para que Esmeralda não me visse. Ouvei o barulho de uma garrafa de vinho raspando contra o tijolo. Depois os passos subiram novamente a escada. As luzes se apagaram. A porta se fechou.

Tornei a respirar.

Minha visão noturna tinha ido embora, mas eu tinha mais certeza de onde estava pondo os pés agora que tinha visto o porão. Agora, bastava que voltasse para o meu quarto sem ser pega. Não havia por que me preocupar. Não era mais difícil do que cruzar nua a planície de Nullarbor com água que dava apenas para encher uma colher.

Na pressa, bati com a canela no degrau de baixo. Estúpida. Passado um segundo, começou a latejar.

Subi a escada do porão rapidinho. No alto, avistei um interruptor de luz reluzindo, fraquinho. Como foi que deixei de perceber quando entrei? Tive a exata consciência do que Sarafina teria dito a respeito de permitir que os meus medos me fizessem deixar de perceber o óbvio.

Fiquei parada perto da porta, escutando. Ruídos vindos da cozinha. Agora ou nunca. Peguei a maçaneta da porta, com medo de que Esmeralda tivesse me trancado

aqui embaixo, mas ela girou.

Saí dali batida, na pontinha dos pés, subi a escada para o meu quarto, fechando a porta e encaixando a cadeira por baixo da maçaneta, e me joguei na cama, sem fôlego e suada, com a canela direita latejando. Mas a bruxa não me pegou.

Uma coisa pontuda me espetou o quadril. Enfiei a mão no bolso e tirei a chave do infinito. De *onde* seria esta chave? Guardei-a na mochila. O que quer que ela abra é importante. Por que outra razão Esmeralda a guardaria numa gaveta trancada?

Em minha cabeça havia mais de uma centena de pensamentos confusos. O lendário porão acabou se revelando uma adega excepcionalmente bem-iluminada, atulhada de uma quantidade infinita de garrafas. Seria bastante difícil sacrificar animais ali. Mal havia lugar para a gente se mexer. Não tinha cheiro de sangue. Nem de anti-séptico, para se livrar do cheiro do sangue. Só tinha cheiro de poeira.

A casa tinha eletricidade. Havia telefones, rádios e televisores.

Eu não conseguia acreditar que Sarafina tivesse mentido. Eu sabia que Sarafina não mentia, embora fosse verdade que às vezes ficasse, digamos, confusa. Além disso, havia aqueles dentes, as flores secas, a chave. Talvez Esmeralda estivesse praticando sua magia em outro lugar. Mas ainda guardava algumas coisas aqui. Cuidadosamente escondidas ou trancadas em gavetas.

O pessoal da assistência social deve ter dado uma olhadinha por ali antes de me deixar ficar. Esmeralda precisara esconder o que ela era. Deve ter tirado a magia toda dali e esfregado bem a casa para deixá-la mais limpa do que sempre fora.

Dei uma vasculhada no “meu” quarto mais uma vez. Era *maravilhoso*. Pena que fosse a casa de Esmeralda! Pena eu não poder morar aqui com Sarafina! Pena eu não poder ficar!

Pela janela

Minha cama estava se mexendo, uma gigantesca mão a sacolejava. Tentei acordar. Meu corpo inteiro estava pesado, tomado pelo sono.

Um barulho chocalhado, como correntes. As correntes de um gigante?

Não. Eram as portas e janelas. *Ai, que saco*, pensei, *Esmeralda está vindo me pegar*. De repente, eu estava acordada, sentada, de olhos arregalados.

Aquilo tudo parou. Esmeralda não estava aqui. Não aparecera porta adentro brandindo um machado.

Levantei-me de um pulo e corri para a varanda. Talvez tivesse sido só um caminhão-cegonha passando! Mas não havia nenhum caminhão descendo a rua que ainda desse para ver. E eu não conseguia ver como um caminhão grande o suficiente para sacudir a casa toda pudesse caber na ruazinha estreita. Um tremor de terra, talvez?

Eram sete da manhã. Quando a adrenalina foi embora, eu sorri. Mal tinha conseguido dormir, mas isso não importava — tinha sobrevivido à primeira noite na casa da bruxa má (*e possivelmente a um terremoto*).

Viva, mas também faminta e solitária. Pelo menos eu podia fazer alguma coisa quanto ao primeiro aspecto. Tirei o último rolinho de salsicha e meia barra de chocolate em flocos da mochila, tudo o que sobrara do meu jantar de ontem à noite. Nem pensar que os meus suprimentos fossem durar. Comi tudo em segundos e ainda fiquei sentindo fome depois.

Será que Esmeralda já teria levantado? Não consegui imaginá-la dormindo com toda aquela chacoalhada. Encostei a orelha na porta. O barulho de passos subindo pela escada me fez dar um pulo para trás. Será que Esmeralda estava esperando por esse momento exato?

Ela parou em frente à porta. Eu segurei o fôlego. As tábuas do soalho rangeram. Olhei para a fresta embaixo da porta. Um envelope branco apareceu.

Ouvi-a descendo as escadas de volta. Tornei a respirar e peguei a carta. Era grossa. Meu nome estava na frente, escrito numa caligrafia grande, inclinada e constante. Coloquei-a em cima da mesa, sem abrir.

Fui lavar as mãos.

Assim que tive certeza de que ela não iria ouvir, esgueirei-me até o alto da escada, prestando atenção aos sons que vinham da cozinha. A porta dos fundos abriu e fechou, com as dobradiças rangendo alto. A casa inteira estremeceu novamente. *Mas o que é isso?*

Percorri o corredor na pontinha dos pés, atravesssei cuidadosamente a bagunça espalhada pelo chão do quarto de Esmeralda e cheguei até a varanda. Olhando através do gradil rendilhado, não consegui vê-la em lugar algum. A figueira impedia muito a visão do espaço todo, mas não o caminho que ela faria da porta dos fundos até a da garagem. Não teria chegado lá tão rapidamente assim. Além do mais, era uma porta de correr — eu teria ouvido. Quem sabe ela não tinha saído pelos fundos? Fui até o alto da escada e tentei escutar ao máximo. Nada. A casa estava em silêncio.

Verifiquei todos os quartos: biblioteca, sala de jantar e de estar, até mesmo a lavanderia e os banheiros do andar de baixo, pronta para voltar correndo para cima diante do menor barulho. Tudo vazio, inclusive o porão. Esmeralda não estava em lugar algum.

Haveria alguma passagem oculta? Será que ela estaria me vigiando neste exato instante? Sarafina me alertara para o fato de que a casa era estranha, que sua mãe tinha o hábito de aparecer do nada. *Esmeralda tem várias formas*, Sarafina dissera, *de convencê-la de que a magia é real. Você precisa se lembrar de que são apenas truques. Espelhos e luz. Nada sobrenatural.*

Tive a curiosidade, conforme em muitas outras ocasiões anteriores, de saber se era possível que Esmeralda simplesmente usasse a palavra *magia* para todas aquelas coisas que a ciência ainda não tinha conseguido explicar. Até mesmo para algumas que *já* haviam sido explicadas. Muitas das coisas que minha mãe me ensinara não faziam totalmente sentido. Ela as explicava em termos de padrões e números, mas eu imaginava que alguém com menos conhecimento de matemática achasse que eram magia. Não é magia que em tantas flores — desde os ranúnculos, passando pelas orquídeas, até as flores-da-paixão — o número de pétalas seja um Fib: é só ciência.

Para ter certeza de que a casa estava vazia, usei um dos truques de Sarafina, um daqueles que não faziam totalmente sentido para mim: fiquei parada, fechei os olhos, conforme ela havia me ensinado. Apertei a amonite no bolso e pensei nas estrelas à noite. Dezenas de milhares de estrelas até onde dava para enxergar, muitas mais do que a gente consegue contar quando olha para elas. Deixei que meu medo e minha ansiedade se esvaíssem. Quando relaxei, ou o mais próximo que consegui desde que Sarafina fora parar no hospital, minha cabeça se encheu de Fibs e uma espiral cresceu dentro de mim, irradiando-se para fora, fazendo de mim o seu centro

enquanto se deslocava pela casa. Ela não tocou nada vivo que fosse maior do que uma lagartixa.

Abri os olhos novamente. Não havia ninguém na casa além de mim.

Sarafina chamava esse processo de meditação. Quando você medita, a química do seu cérebro muda. Você fica mais sensível aos padrões das outras pessoas, dos animais. Não só ao cérebro, mas à energia que eles exalam simplesmente por estarem vivos. Num estado meditativo, você pode sentir a entropia, o processo de decadência, e saber se existe alguma coisa viva nas proximidades. Rochas, tijolos, madeira não têm cérebro; exalam energia em velocidades muito mais baixas. Seus padrões são mais estáticos. Não é mágica, é ciência.

Nunca falhou.

Uma casa sem gente dentro. Dava para sentir. O único zumbido vinha dos aparelhos elétricos, das plantas, baratas, aranhas, formigas, lagartos e lagartixas. Nada humano além de mim.

Agora que Esmeralda havia saído, eu podia verificar a rota de fuga do andar de baixo, pelo quintal dos fundos. Entrei na cozinha. Ver a realidade era muito diferente de olhar para uma planta baixa. Era maior do que uma cozinha tinha o direito de ser, e era cheia de rotas de fuga: uma porta dos fundos e várias janelas grandes abertas.

E um bilhete de Esmeralda pregado na geladeira:

Fui trabalhar (discagem rápida 1). Talvez consiga voltar para um chá da tarde. Caso contrário, só chegarei em casa tarde. Rita vai chegar por volta das onze da manhã para limpar a casa. Ela é um amor. Pode lhe dizer o que você precisar sobre a casa. Vai preparar almoço e jantar para você, mas, se você sentir fome antes, pode pegar o que quiser na cozinha.

Ela assinou *carinhosamente*. Tentei não engasgar. Imaginei se Rita não seria outra aberração que vivia machucando animais e gente e usava magia como desculpa. Em cima do balcão havia dois blocos de madeira cheios de facas.

Girei a maçaneta da porta dos fundos, mas ela não cedeu. Tentei chacoalhar, mas nem se mexeu. Girei no sentido contrário. Nada. Entretanto eu acabara de ouvir Esmeralda abrindo-a. Não parecia que estivesse emperrada — talvez trancada.

Levantei a capa de chuva pendurada no gancho atrás da porta. Não havia nenhuma chave ali. A capa estava pesada e molhada. Estranho. Não tinha chovido. Toquei no forro. Parecia pele. Mas estávamos em janeiro, no meio do verão. Ora, o que uma capa de inverno estaria fazendo pendurada ali nesta época do ano? Eram 7h30 e o calor já estava escaldante.

Vasculhei os bolsos, mas não encontrei chave alguma, só um monte de moedas. Tirei-as todas dali de dentro na esperança de encontrar várias de dois dólares. Mas estava tudo errado: não eram pesadas o suficiente, eram finas demais. Nenhuma

delas tinha a rainha estampada. Estados Unidos da América, era o que estava escrito. Inúteis.

Olhei o cestão de frutas, mas ali só tinha fruta mesmo: bananas, uma manga enorme com jeito de estar bastante suculenta e umas outras frutas estranhas que eu nunca tinha visto na vida, inclusive três que eram vermelhas e peludas.

Eu adorava manga. Olhei para ela, cheia de vontade. Esmeralda não teria como mexer numa manga? Mas Sarafina havia me alertado para não tocar em *nenhuma* comida da Esmeralda. Melhor não arriscar.

Por que alguém iria trancar a porta mas deixar as janelas abertas? Será que Esmeralda esperava ladrões burros ou baixinhos demais para conseguirem pular pela janela?

Subi no balcão, destravei a janela em cima da pia e a empurrei até o máximo que ela chegava. Fiquei sentada no parapeito, estudando o quintal.

Lembrei-me da chave do infinito; talvez destrancasse a porta dos fundos. Era do tamanho certo. Mas não fazia diferença, era mais divertido ir para o quintal desse jeito — e mais silencioso, também. Havia árvores e arbustos aglomerados ao longo da cerca; os vizinhos não tinham como me ver. Perfeito.

Em cima da árvore

Tom viu a menina cair silenciosamente na varanda e olhar ao redor. Se era uma ladra, o que quer que tenha pegado era pequeno o bastante para caber nos bolsos. Não que ela tivesse muitos bolsos. Estava vestida apenas com uma camiseta e um short. E de pés descalços.

Passeando devagar pelo quintal dos fundos, olhando para tudo, não agia como ladra. Estaria procurando falhas na cerca? Ou achando que poderia haver um tesouro escondido no quintal dos fundos da casa de Mere? Tom só podia achar que uma ladra estaria muito mais apressada.

Não dava para ver direito lá de cima da Filomena — muitos galhos e folhas. A menina entrava e saía do seu campo de visão a toda hora. Ele não queria atrair atenção para si movimentando-se muito. Se ela tivesse roubado alguma coisa de Mere, ele iria pegá-la.

De repente, ele a perdeu totalmente de vista. Tinha certeza de que ela não havia pulado a cerca — ele teria ouvido. E a porta da garagem de Mere era a mais barulhenta em Newtown. Ele fechou os olhos, tentando ouvir alguma coisa, tentando senti-la, vendo o mundo ao seu redor através das pálpebras, dividido em suas formas integrais: triângulos, losangos, círculos, retângulos e quadrados. Ela era muito silenciosa.

Ah, Tom quase falou em voz alta. Subindo na minha direção.

Ele desceu vários galhos, passando rápida e silenciosamente como um lagarto para o topo da cerca entre a casa de Mere e a de seu pai, ajeitando a cavalinha de forma que a menina não pudesse vê-lo mas que ele ainda pudesse vê-la.

O topo da cerca era muito mais precário do que os grossos e sólidos galhos da árvore. Não era possível se escorar na cavalinha. Barulhenta demais. Tom precisava ficar absolutamente parado, com ambas as mãos agarradas à cerca fina.

Embora soubesse que não deveria fazê-lo, tornou a fechar os olhos, para senti-la — acompanhando suas linhas angulares mas graciosas enquanto ela subia tranquilamente pelo tronco da árvore. Filomena não era fácil de subir. Bem, depois que se conseguia atingir os galhos, aí era fácil. Chegar lá em cima era a parte difícil. Sendo imenso o tronco, até mesmo os galhos mais baixos ficavam fora do alcance para quem estava no chão. A menina não parecia ser muito alta.

Havia sido esperta o suficiente para não tentar usar as raízes grossas que ficavam penduradas como cipó mas que se rasgavam da árvore com a maior facilidade e enchiam a gente de casca, galhos, folhas, figos, besouros mortos e, para quem estivesse com muito azar mesmo, até cocô de morcego quando a gente tentava se pendurar nelas. Tom sentiu o atrito da ponta dos dedos e dos pés dela contra a casca velha, qual um gafanhoto andando em serapilheira. Ela se ajeitava com as pontas dos dedos dos pés e das mãos, usando a força das pernas e das costas de forma a dar impulso para cima. Os olhos da menina estavam fechados, percebeu Tom, e os pêlos da nuca, eriçados.

Ela havia feito isso antes: não era uma ladra normal. Seria como ele?

Abriu os olhos. Ela estava cada vez mais perto. Ouviu a camiseta dela prendendo num dos galhos menores.

Viu as mãos dela primeiro, depois a cabeça e os ombros. *É linda*, foi o seu primeiro pensamento. *Parece com Mere*, foi o segundo. *Não é branca*, o terceiro.

Se era parecida com Mere e subia *assim*, Tom teve a certeza de que era como a Mere em outras coisas também, o que significava que *era* igual a ele. Por que Mere nunca lhe disse que tinha parentes? Ele achava que conhecia todos os segredos de Mere.

A menina se sentou com as costas apoiadas no tronco, de frente para ele, limpou as mãos no short, depois o rosto na manga da camiseta. Suava e trazia um amplo sorriso estampado no rosto, satisfeita da vida. Tom se deu conta de que estava sorrindo também.

Ela se levantou com cuidado, evitando os galhos acima da cabeça. Passou de um galho para o próximo, abaixando-se para evitar dar com o rosto no de cima, até alcançar o galho grosso que se estendia por cima do beco nos fundos. Quando estava bem sobre a cerca de trás, olhou para baixo.

— Olá! — disse Tom. Ele tentou parecer o mais simpático possível, receoso de que ela pudesse pular do galho para a rua e sair correndo.

A menina se assustou, quase perdendo o equilíbrio:

— Droga!

Ela agarrou um galho acima da cabeça para se firmar e olhou para baixo.

— Olá! — disse Tom novamente, um pouco mais alto dessa vez. — Aqui.

A menina se virou. A expressão em seu rosto era uma mistura de surpresa e perturbação, como se tivesse sido pega, mas ela não saiu correndo.

— Oi! — falou Tom e empurrou para o lado alguns dos ramos da cavalinha para que ela pudesse vê-lo.

— Oh, Olá! — disse a garota. Ela se aproximou um pouco.

— Vi você descendo da janela de Mere. Fiquei curioso em saber o que estava fazendo.

— Droga! — disse ela outra vez. — Mas como? Como foi que você me viu?

— Eu estava aqui em cima. Nesta árvore.

Tom ficou vermelho, sem ter a menor idéia da causa. Se alguém deveria enrubescer, seria ela.

— Mere me deixa subir.

A menina ficou parada.

— Você está falando de Esmeralda?

— Ah, é. Eu sempre me esqueço de que esse é o nome inteiro dela. Ninguém a chama de outra coisa que não seja Mere. Vocês são parentes? Você parece à beça com ela. E, só que você é escura.

Ele tornou a enrubescer.

— Não que isso seja ruim ou qualquer coisa do tipo. — *Cale a boca, Tom.*

— Esmeralda é minha avó.

— Não!

Tom falou sem acreditar no que ouvia. Claro que era parente de Mere; ela só podia, então, ter escondido coisas dele. Não só que tinha uma filha mas também uma neta.

— Mentira. De forma alguma. Isso é impossível.

A menina não falou nada, olhando-o como se ele viesse de um planeta distante.

— Sua *avó*.

— Ahn-ahn.

— Uau! — Tom se deu conta de que Mere jamais lhe dissera a idade que tinha. Ficou chocado. Que outras coisas ele não sabia sobre ela? Se era avó, era *muito* mais velha do que ele pensava, e como isso seria possível?

— Você não tem avó? — perguntou a menina.

— Ahn? Ah, tenho, claro. Duas. Mas elas são velhas e não usam roupas maravilhosas e não são lindas.

— Esmeralda é velha. Tem 45 anos.

Tom não conseguiu acreditar direito nela. Achava que Mere tinha uns trinta. No máximo. Se já era velha desse jeito... Tom balançou a cabeça, sem querer pensar em quanto tempo Mere ainda tinha. Talvez fosse por isso que lhe ocultara o fato.

— De qualquer jeito, isso não é idade de avó. Minha mãe tem 42.

A menina deu de ombros como se aquilo lhe fosse perfeitamente normal, e Tom acabou achando mesmo que fosse. Ficou curioso em saber por que Mere não lhe contara sobre a neta. Ou sobre o filho ou filha que seria pai ou mãe daquela garota. Será que ela teria outros filhos? Outros netos? A garota iria estudar com Mere também?

— Posso subir aí com você? — perguntou, embora não precisasse da permissão. Podia subir na Filomena sempre que quisesse.

— Claro — disse ela, e depois demonstrou ar de dúvida, como se não fosse uma boa idéia. Tarde demais. Tom já estava em pé no mesmo galho que ela.

Ele sorriu e ela sorriu de volta. Era ainda mais bonita de perto, com seu cabelo castanho-claro ondulado e curto, olhos castanhos com manchinhas douradas e avermelhadas. Os cílios eram pretos e deviam ter bem um metro de comprimento. Tom tentou pensar no que lhe dizer, mas se perdeu imaginando como ela ficaria num longo Schiaparelli. Verde-esmeralda. *Não fique olhando*, lembrou a si mesmo, embora ela estivesse olhando para ele.

— Meu nome é Tom — disse, afinal, estendendo a mão.

— Razão — disse ela enquanto as mãos se apertaram. O gesto fez sacudir o galho em que se encontravam, e os dois balançaram. Eles riram e se sentaram, chegando mais para perto do tronco da árvore.

— Seu nome é Razão? — perguntou Tom. Não estava certo de tê-la ouvido direito. — Nome esquisito.

— É. Minha mãe é maluca.

— É mesmo? A minha também.

— Não — disse Razão. — Maluca de *verdade*.

— É — disse Tom. — A minha também. Ela vivia tentando se matar. Até que uma vez, quando eu era pequeno, tentou matar a mim e Cathy também. Agora está no Kalder Park.

— Uau, minha mãe está no Kalder Park! Sarafina tentou se matar também.

A garota ficou impressionada com a coincidência, e Tom achou aquela reação estranha. Se era neta de Mere, deveria saber que não era coincidência.

— Minha mãe nunca quer tomar os remédios — disse Tom. — Fica achando que eles colocam demônios na cabeça dela.

A menina acolheu a informação com um aceno de cabeça e, em seguida, falou baixinho:

— Estou com saudade dela.

— É — disse Tom. — Eu também.

Os dois ficaram sentados em silêncio durante algum tempo. Quando o silêncio começou a incomodar, Tom perguntou:

— Por que você chama sua mãe pelo primeiro nome?

— Ahn?

— Você a chamou de “Sarafina”, não de “mãe”.

— Acho que é porque ela não gosta. — Razão deu de ombros. — Sempre a chamei de Sarafina.

— Esquisito.

A menina deu de ombros novamente. É claro que não achava esquisito.

— Você vai ficar morando com Mere agora?

Ela hesitou um pouco e depois disse:

— Ahn-ahn.

— Legal! A casa é espetacular, não é?

— É. Imensa.

— A maior de Newtown. Sabe, basta dar uma olhada no meu quintal dos fundos.

Os dois foram na direção da ponta do galho até que ele começou a arquear sob o peso. O quintal dos fundos da casa de Tom tinha menos de um quarto do tamanho do quintal de Mere. Ele imaginou se Razão sabia que Mere era a dona daquele quintal, bem como da casa do outro lado da dela.

— Você é de Sidney? — perguntou, embora achasse que não. O sotaque dela parecia ser mais do campo que da cidade.

— Não. Eu sou... bem, a gente vive se mudando. Nunca fiquei muito tempo num lugar. Ficamos num povoado perto de Coonabarabran durante cinco meses. Foi onde ficamos mais tempo.

— No campo, hein? Você tinha estado numa cidade antes?

— Estive em Dubbo. E aqui uma vez. Houve uma disputa por tutela quando eu era pequena, mas não ficamos muito tempo.

— Você gosta de Sidney? — perguntou Tom, embora não conseguisse imaginar alguém que *não* gostasse. Especialmente comparada a Dubbo.

— Bem — disse Razão —, parece grande. Cheia de gente. As casas são muito próximo umas das outras. Ruas estreitas demais.

Tom descartou as palavras dela com um aceno da mão:

— Mas o que você acha da Opera House e da Ponte do Cais e dos Tannie Gardens?

— Gardens o quê?

— É como a gente chama o parque público daqui.

— Nunca vi.

— Está brincando? Bem, é só a gente subir um pouco mais — disse ele, aproximando-se do tronco. — Dá para ver a Ponte lá de cima.

Ele se içou até o galho seguinte.

— Argh!

Tom deu um peteleco e jogou longe alguma coisa que havia grudado em seu dedo, limpando a mão no short em seguida.

— Cocô de morcego! Cuidado!

— Raposas voadoras — disse Razão, com a voz excitada. — Bem que eu achei que tinha reconhecido o cheiro!

A vista do alto da Filomena era espetacular. Eles estavam *bem* alto. Mais alto que o topo da casa de Mere. Lá em cima o vento sacudia a árvore, e eles precisavam ficar próximos e se segurar. Tom garantiu para Razão que era seguro.

Esbarrou no braço dela, várias vezes, por acidente. O cabelo da menina balançava com o vento e entrava-lhe nos olhos. Ele gostaria que o cheiro da raposa voadora não fosse tão intenso. Queria conhecer o cheiro do cabelo dela.

Apontou para o contorno da cidade delineado contra o horizonte, mostrou para ela o topo das pontes do Cais e de Anzac. O dia estava lindo. O sol brilhava no cais e nos prédios envidraçados. Que visual! Tom percebeu que ela estava impressionada.

Eles foram se virando devagar, admirando a vista que se estendia infinitamente em todas as direções. Tom mostrou a ela todos os parques, as árvores.

— Ei! — exclamou Razão. — Eu pensava que cidades eram só concreto e vidro, não parques e raposas voadoras.

— Você não viu os morcegos à noite? Nem ao menos ouviu o guincho deles?

— Não faz muito tempo que estou aqui.

— Quando você chegou?

— Ontem à noite. À tarde, quero dizer.

— É uma visita de surpresa? Mere sabia que você estava vindo? Não acredito que ela tenha deixado de me contar. Vai ser legal ter você por aqui — disse ele, quase sem tomar fôlego. — A vizinhança agora só tem criancinhas ou estudantes universitários. A maioria dos meus amigos mora lá no fim do mundo.

Razão sorriu. Tom torceu para que fosse por ela ter gostado da idéia de ser companhia para ele.

— Você vai visitá-la? — perguntou ela.

— Visitar quem?

— Sua mãe. Em Kalder Park.

— Vou — disse Tom, com a voz um pouco mais baixa. — Não tanto quanto deveria. Eu não gosto. Ela está toda... você sabe.

Razão fez que sim com a cabeça, como se soubesse exatamente o que ele queria dizer.

— É longe daqui? Dá para ir andando?

— Não é tão longe assim. Mas é mais fácil pedir para Mere levar você de carro ou pegar o ônibus.

— Você tem um mapa? Pode me mostrar?

— Claro. Podemos ir juntos, se você quiser. Talvez seja melhor ter com quem conversar depois. Papai não gosta nunca de falar nisso. Visitar a mamãe é

praticamente a única coisa que cala a boca dele. — Tom balançou a cabeça. — Ei, onde é que está o seu pai?

— Não tenho.

— Ele sumiu?

— Não. Mamãe engravidou, mas nunca encontrou o cara para contar a história. Eu não tenho pai. Ela diz que eles só dormiram juntos aquela vez. Não era uma pessoa a quem ela conhecesse nem nada; por que iria procurá-lo para contar? Não havia razão alguma para isso.

— Pode ser — disse Tom, sem conseguir imaginar uma coisa daquelas. — Ele era aborígene?

Ela riu.

— O que você acha?

Tom ficou ruborizado novamente. Tinha vezes que conseguia ser um tremendo idiota.

— Vamos procurar um mapa para você. Meu pai tem um guia da cidade.

O caminho para a casa de Tom não envolvia contato com o solo uma vez sequer. Ele destacou esse aspecto para Razão, que assentiu como se dissesse “claro, tudo bem”, e Tom instantaneamente se sentiu um perfeito idiota.

Da figueira eles pegaram o alto da cerca entre a casa de Mere e a de Tom. Tiveram de passar por arbustos e árvores. Razão riu e Tom parou de se sentir um idiota.

— Você pode percorrer vários quarteirões por aqui usando só árvores, cercas e telhados. Eu posso mostrar, se você quiser.

— Que legal! — disse ela, com o que Tom achou ser entusiasmo genuíno.

Da cerca eles subiram para a varanda de Tom. Ele se deu conta subitamente do tamanho de sua casinha em comparação com a de Mere. Seu quarto devia parecer mínimo para Razão. Ele a ficou olhando enquanto ela examinava as amostras, os tecidos e os croquis espalhados pelo chão. Devia estar achando uma bagunça. Para Tom, era o seu quarto de trabalho. Para ele, tudo o que estava aqui estava onde deveria estar. Cada pedacinho aleatório de pano havia encontrado seu lugar no caos, um lugar onde sua textura e cor equilibravam todas as demais. Ele conseguia encontrá-los todos com os olhos fechados.

— Você tem uma máquina de costura?

— Tenho — disse Tom, sorrindo. — Posso fazer qualquer tipo de roupa que você disser.

Apontou para um dos desenhos pregados em seu quadro de avisos.

— Está vendo aquilo? — Tom tinha orgulho dos seus croquis. Olhou para um deles, admirando a maneira como havia captado a fluidez do tecido. O pregueado das mangas foi mais complicado do que ele gostaria que fosse, mas era preciso agradar ao cliente. Pelo menos, conseguira convencer Jessica a desistir do laço nas costas. E sorriu para si mesmo. Disse a ela que a bunda ficaria grande demais.

Razão ficou espiando a obra de arte do outro, sem se mostrar muito impressionada.

— Olhe só isto aqui. — Tom foi até o armário e tirou o vestido. Este haveria de impressioná-la. Era o mesmo do desenho, embora as cores fossem diferentes. Jessica tinha dito escarlata e depois foi escolher uma seda que estava mais para o marrom. Uma chateação! — Desenhei e fiz — anunciou ele.

— E você usa? — riu Razão.

— Não, o que é isso! — disse Tom. — Jessica Chan me deu cem dólares para fazê-lo. Pagou pelo tecido e pelo material todo. A última prova é hoje.

— Cem dólares? — perguntou Razão com uma expressão estranha no rosto. Tom franziu o cenho. Ele deveria ter se dado conta de que cem dólares não pareceriam muito para ela.

— Quando terminar o ensino médio, vou estudar moda e ficar famoso no mundo inteiro como estilista fazendo roupas para as estrelas do cinema. Aí vou ganhar *muito* mais do que cem dólares por vestido. — *E agora parece que estou querendo me mostrar*, pensou.

— Você consegue fazer roupas normais?

— De que tipo?

— Tipo jeans, shorts ou camisetas. Roupa normal, ué!

— Claro. Mas para quê? Quer que eu faça alguma coisa para você?

— Você me faria uma calça com um monte de bolsos? De cima a baixo, dos dois lados. Bolsos grandões assim, sabe? Como as calças do exército. Não de decoração.

— Claro — disse Tom. — Eu sei fazer qualquer coisa. — Ele não se importou que aquilo pudesse parecer presunção. Era verdade.

O estômago de Razão roncou alto. Os dois riram.

— Você está com fome?

Tom a levou para a cozinha no andar de baixo, consciente a cada passo da meleca que a sua casa parecia em comparação com a de Mere. Só havia dois quartos e um banheiro no andar de cima. No andar de baixo havia uma sala de estar, uma cozinha, uma lavanderia minúscula e um lavabo. Sentiu-se uma besta preocupando-se com isso, especialmente porque Mere era dona dessa casa também.

Serviu um copo de suco de laranja para cada um e preparou sanduíches de queijo com tomate. Os dois levaram os sanduíches e os copos de suco para o quarto

dele lá em cima e Tom foi carregando o guia Gregory's embaixo do braço. Eles afastaram os tecidos para os lados e se sentaram no chão. Razão se contorceu um pouco como se estivesse pouco à vontade.

— Você está sentada em cima de alguma coisa? Deve ter um monte de alfinetes pelo chão, desculpe.

— Não, tudo bem. — Ela se ajeitou e deu uma mordida no sanduíche. — Sanduíche bom. Tem gosto de tomate mesmo.

— É. Papai planta no quintal dos fundos.

— Da melhor qualidade.

Eles atacaram os sanduíches. Razão comeu tão rápido quanto ele e os sanduíches acabaram rapidinho.

— Como foi que você arranhou isso daí? — Tom apontou para o arranhão grande na canela de Razão.

— Tropecei na escada do porão.

— É, aquela escada é perigosa. Você gosta de morar com Mere? — Tom tomou o resto do suco de laranja para acompanhar a última mordida do sanduíche.

Ela mudou de posição, tentando se ajeitar mais uma vez.

— Eu só estou lá faz uma noite.

— É, mas você a conhece desde que nasceu e...

— Nós não convivemos. Só a vi uma vez antes, e eu era pequena. Nem me lembro.

— Você nem conheceu o seu avô? — Tom ficou querendo saber que tipo de homem Esmeralda escolheria para ter um filho. Ela havia sido casada? Ele não conseguia imaginar. Tom nunca a viu saindo com homem algum.

Razão balançou a cabeça.

— Onde fica o Kalder Park?

— Ah, sim — disse Tom, pegando o guia e abrindo no mapa que mostrava a cidade de Sidney inteira. Razão arregalou os olhos.

— Grandona, hein?

Ela concordou.

— Kalder Park fica aqui — disse ele, apontando —, e nós estamos aqui.

— Não é longe.

— Bem, acho que levaria uma hora e meia a pé. Muito mais rápido se você tivesse uma bicicleta. Aposto que Mere lhe compraria uma.

Razão soltou um resmungo.

— Gosto de andar.

A campainha da porta tocou.

— Deve ser Jessica. Quer ficar? Ela adora platéia. É hilário, tipo Patsy.

— Patsy?

— Você não conhece a Patsy? Daquele programa antigo de TV? Não está mais passando. Mas era muito bom. Eu tenho os DVDs. Podemos assistir juntos qualquer hora dessas. Quer ficar?

— Não. Melhor ir embora. O quarto do seu pai tem varanda?

Tom sorriu.

— Claro.

Da varanda da frente, eles olharam para baixo e viram Jessica, que estava de salto alto e um vestido trançado de chiffon quase transparente em camadas. Tom tentou imaginar como Razão ficaria vestida daquele jeito. Não conseguiu. Faria algo muito mais classudo para ela. Um vestido verde-esmeralda, de corte enviesado, simples. Sem laços, sem pregas, nenhum enfeite.

Tom se debruçou por cima do parapeito e chamou Jessica.

— Um segundinho. — Virou-se para Razão. — Você está num dos quartos da frente?

— Ahn-ahn.

— Tudo bem, então apareça.

Jessica apertou a campainha outra vez.

— Estou indo — avisou ele. — É melhor eu ir. Ei, quer se encontrar comigo mais tarde? Ou amanhã?

Razão fez que sim com a cabeça.

— Claro. Vai ser legal.

Tom correu escada abaixo, quase sem tocar com os pés nos degraus. Sua vida acabara de ficar um milhão de vezes melhor. Não só Razão era maravilhosa, como tudo indicava que ela fosse mágica, como ele.

Na cozinha da bruxa

Passei ambas as pernas por cima do gradil de Tom e saltei em direção ao meu quarto. Um velho que passava pela rua e me viu gritou para eu tomar cuidado. Acenei para ele e ri.

Agora eu tinha um saco de amêndoas, um guia de ruas, três rotas de fuga — podia ir embora pela casa de Tom, se quisesse — e uma boa idéia de como chegar a Kalder Park. Manhã excelente.

Deitei na cama sorrindo, pensando no Tom. Nunca havia me apresentado para alguém usando o meu nome de verdade antes. Foi estranho, mas gostei.

Gostei de Tom. Ele falava a um milhão de quilômetros por hora e ficava vermelho a toda hora. Gente de pele clara é quem mais fica vermelha, e a pele de Tom era tão clara que chegava a ser transparente. Dava para ver até as veias azuis por baixo da pele, como se fosse possível enxergar através dele prestando bastante atenção. Aposto que ele não conseguiria pregar uma mentira direito — ficaria rosa-shocking. Senti confiança nele.

O sorriso dele era legal e ele tinha senso de humor, e eu já sabia havia um tempão que a aparência não dizia muito sobre a pessoa ser boa ou não.

Tom era engraçado, sem dúvida alguma. Cabelo louro-claro, mais pálido ainda que a pele, e magro. Magricela. O tipo de magricela que deixava as pessoas preocupadas em saber se ele estava comendo o suficiente. Magricela como eu era antes de começar a ganhar os montículos.

Era assim que Sarafina se referia a eles. Eu já sabia da puberdade — o que era menstruação, por que acontecia, os seios, quadris, pêlos pubianos, órgãos reprodutivos — desde que me entendia por gente. Sarafina era determinada a fazer com que minha cabeça fosse cheia de fatos. Informação. Razão. Mesmo assim, ela os chamava de montículos. Sarafina achava que a expressão descrevia melhor o poder de descontinuidade que eles tinham. Além disso, quando os chamava assim, ria, o que nem sempre era fácil.

Especialmente agora. A mãe de Tom também. Dava um certo consolo esquisito saber que estávamos ambos no mesmo barco. Mas que estranho aquilo! Tom, porém, não pareceu nem um pouco surpreso. Talvez várias mães em Sidney enlouquecessem.

A vida inteira ouvi falar dos perigos de se viver numa cidade, e não foi só Sarafina quem me falou. Havia um monte de gente morando no mato que tinha certeza de que todo mundo nas cidades era maluco, e que as pessoas tinham de ir a um médico especial para malucos se quisessem dar um jeito, só que nunca davam, porque, na maioria das vezes, a loucura não tem cura. Eram todos os ladrões, a poluição e os assassinos e estupradores nas cidades que levavam a gente à loucura antes de mais nada, e, a menos que dessem um jeito nisso, como é que as pessoas das cidades conseguiriam evitar loucura? Diante de tais teorias, Sarafina costumava fazer comentários pontuais sobre a lógica circular.

Não foram as cidades que levaram Sarafina à loucura. Ela não morava numa desde os 12 anos. Eu não fazia idéia da razão pela qual Sarafina mudara seu jeito de ser e também não fazia idéia de como consertar essa situação.

Eu me senti mal de roubar o saco de amêndoas do balcão da cozinha do Tom, especialmente quando o saco espetou a minha bunda (eu sabia que tinha feito por merecer, mesmo assim) enquanto comíamos os sanduíches no quarto dele. Mas não podia me arriscar a ficar sem comida e não sabia bem o que ele diria se eu pedisse para ficar com as amêndoas. Teria parecido estranho, ainda mais a Esmeralda sendo rica e tudo o mais.

Também me senti mal porque não curtiríamos nossa amizade por muito tempo. Dava para imaginar como seria ficar aqui, virar amiga do Tom. Eu nunca tive amigos de verdade. A gente vivia se mudando; além disso, Sarafina não torcia para que eu fizesse amizades. Amigos eram pessoas que sabiam coisas a respeito da gente, por exemplo, que a gente estava fugindo e que o seu nome verdadeiro não era Sarah ou Velma ou Jessie.

Tom sabia o meu nome verdadeiro. Eu já tinha sentido vontade de contar-lhe coisas que nunca tinha contado para ninguém, que eu só chamava Sarafina de “mãe” na frente de desconhecidos. Era como os nomes falsos que eu tinha de usar. Quis perguntar ao Tom por que ele não achava estranho as pessoas chamarem suas mães pelo mesmo nome: mãe. Talvez eu voltasse um dia e pudéssemos ser amigos de novo.

Abri o guia. Já havia planejado minha fuga até a Central. Será que era melhor pegar carona? Mas eu não tinha idéia de como fazer isso numa cidade grande. Pegar um ônibus talvez fosse muito mais sensato. Mas 250 dólares não iriam durar muito. Como é que eu conseguiria mais? Pensei novamente em Tom. Cem dólares para fazer um vestido! Eu gostaria de saber fazer alguma coisa assim.

Sarafina e eu ganhávamos dinheiro calculando os impostos que as pessoas tinham de pagar, fazendo contas, coisas de números desse tipo. Eu também cuidava de bebês para as pessoas poderem sair, colhia frutas, dava aulas particulares de

matemática e ciências para crianças, fazia faxina, ajudava Sarafina quando ela atendia no bar.

Às vezes era difícil encontrar trabalho nas cidadezinhas do interior, e nós chegamos a passar longas temporadas à base de macarrão instantâneo e o que pudéssemos encontrar no mato para comer. Muita gente do mato acabava vindo parar nas cidades em busca de trabalho. Nós, nunca. No fim, acabava sempre aparecendo alguma coisa.

Seria muito mais difícil ganhar dinheiro sem Sarafina.

Levantei o olhar e deparei com mais um envelope aparecendo por baixo da porta. Ela não deveria estar no trabalho? Coloquei-o junto com o outro: em cima da mesa, fechado.

Umas batidinhas me acordaram. Sonhei que havia corvos ciscando nas minhas mãos. Abri os olhos. Não havia corvo algum. Eu estava dentro de um cômodo fechado. Muita luz. Saí da cama grogue, sem saber direito onde estava, até que vi o Tom parado na minha varanda, tamborilando com os dedos no vidro da porta.

— Razão — chamou ele, forçando a vista para ver dentro do quarto.

Abri a porta e ele deu um passo para trás até encostar no parapeito. O dia ainda estava claro, de um azul tremeluzente. O ar estava parado, quente. Eu pisquei, afastei uma mosca.

— Oi, Tom.

— A Jéssica finalmente foi embora. — Ele girou os olhos. Havia um fio vermelho preso na frente da camiseta dele. — Ei, você estava dormindo? Acordei você? Desculpe. Mas são só três da tarde. Você costuma dormir durante o dia? — Antes que eu pudesse responder, ele continuou: — Quer bater um papo? Você já teve chance de conhecer Newtown direito?

Balancei a cabeça, tentando acordar e acompanhar a enxurrada de perguntas dele. Saí para a varanda e fechei a porta depois. Acabava de me lembrar das amêndoas e não queria que ele as visse.

— A gente pode ir dar um mergulho.

Meus olhos estavam pegajosos. Esfreguei o que restava de sono neles e as mãos no short.

— Caí no sono. Não dormi bem ontem à noite. Lugar novo, sabe?

Tom fez que sim.

— Mas você não está acostumada a isso? Viajando tanto por aí e tudo o mais?

Dei de ombros. Eu conseguia dormir em qualquer lugar mesmo, mas não na casa de bruxas más, só que isso era uma coisa que eu dificilmente diria. Olhei para

cima. Não havia uma nuvem sequer no céu; parecia que nunca iria chover. Ainda não tinha me dado conta de que a seca poderia acontecer nas cidades da mesma forma que no mato. Não que parecesse estar ocorrendo uma seca; as plantas todas estavam verdes demais para isso.

— Você vai querer dar um mergulho? Está quente à beça.

— Mergulho, não. — Eu queria explorar mais.

— A gente poderia ir ver um filme no Dendy.

Isso era mais tentador. Eu nunca tinha visto um filme na televisão, que dirá num cinema de verdade. Sempre quis saber como era. Mas não havia tempo. Balancei a cabeça.

— Mas você vai querer que eu mostre o ensolarado bairro de Newtown, não vai? — disse ele, começando a ficar ansioso, com medo de que eu não quisesse fazer nada com ele.

— Seria o máximo — disse eu, sorrindo. E seria *mesmo*; além do mais, seria mais rápido e mais fácil encontrar o caminho para a King Street tendo Tom como guia. Pelo que eu tinha visto, as ruas daqui eram estreitas, sinuosas, confusas.

Eu conseguia me lembrar de algumas coisas da vez que estivera em Sidney cinco anos atrás: o cheiro (incenso de almíscar e chá de camomila) do lar de adoção onde me puseram até que fosse julgado o caso, as perguntas intermináveis sobre Sarafina e nossa vida juntas, às quais respondi exatamente como ela havia me ensinado. Lembro-me da moça simpática que era a minha advogada. Parecia jovem, usava jeans e camiseta até quando fomos ao tribunal, quando, de repente, estava toda de terninho e maquiagem. A princípio não me dei conta de que era a mesma pessoa. Ela me dera barras de chocolate e havia prometido que eu iria ficar com Sarafina. E estava certa, eu fiquei, mas não foi por causa do tribunal.

Eu só tinha visto as ruas de Sidney a partir das janelas dos carros, pois me levavam do lar de adoção até o tribunal e me traziam de volta. Até que Sarafina conseguiu nos tirar dali, e embarcamos no ônibus interestadual. Eu tinha certeza de que poderia reconhecer o lugar de onde o ônibus partiu. Uma rua antiga com arcos de arenito, perto de onde todos os prédios ficavam altos e próximo uns dos outros. Havia um parque do outro lado da rua. E muitos, um monte de pombos.

Tom perguntou:

— Agora? Quer ir agora?

— Claro — disse eu, fixando meus pensamentos no presente, *nesta* fuga. — Dá para irmos como você disse? Sem tocar no chão?

Era uma coisa assim meio caipira, não há dúvida, mas parecia ser divertida.

Tom abriu um sorriso:

— Única maneira de ir.

Alguém bateu com força na porta do meu quarto.

— Razão!

— É a Mere — falou Tom, dando meia-volta. — Já vai — disse ele. Antes que eu pudesse detê-lo, ele já havia cruzado o quarto e estava abrindo a porta, comigo no seu encalço, articulando um protesto que não conseguiu sair direito da minha boca. — Oi, Mere — disse ele, dando-lhe um beijo no rosto, nem um pouco sem jeito por ter sido pego em flagrante no meu quarto. — Como vai?

Eu não olhei para o lado, não me virei, nem corri. Esmeralda olhava diretamente para mim e eu estava olhando para ela.

Não virei pedra. (Não que eu pensasse que viraria.) Apertei a amonite no meu bolso, depois corri o polegar pela superfície lisa. Não foi tão reconfortante quanto eu precisava que fosse.

Ela não havia mudado muito em cinco anos. Só que agora estava ainda mais parecida com Sarafina. Uma Sarafina baixinha, com cabelos ondulados. Usava um dos terninhos pretos do guarda-roupa. Torci para que fosse o casaco com a pena de cabeça para baixo.

— Vocês dois já foram apresentados, pelo que vejo. — Esmeralda sorriu para Tom; o sorriso se desfez um pouco quando chegou a mim. Procurei maldade, mas só havia tristeza na sua expressão. Ela esticou uma das mãos, como se fosse tocar em mim, mas deixou-a cair. E abriu de novo um meio sorriso, com ar de desculpas. Eu quase disse “desculpe”. Quase correspondi ao sorriso. “Ela consegue fazer com que você acredite em praticamente qualquer coisa”, Sarafina me havia dito. “Deveria ter sido atriz.”

— Nós nos conhecemos na sua figueira. — Tom sorriu para mim. — Estávamos ambos subindo nela.

— Filomena fazendo o bem novamente?

Tom fez que sim com a cabeça, olhando de lado para mim, ficando com o rosto levemente ruborizado.

— Esse é o nome que demos à árvore — explicou. — Sei que parece bobo, mas ela parece quase humana às vezes. Sabe, quando está ventando e...

Ele perdeu o fio da meada, ficando com o rosto totalmente vermelho.

— Eu ia perguntar a Razão se ela queria um chá da tarde.

Esmeralda olhou para o relógio.

— Tenho meia hora livre antes de precisar voltar ao escritório. Tenho bolinhos de chocolate, rosquinhas de canela e tortas de limão. Querem?

— Maravilha — disse Tom.

Eu concordei, embora não houvesse chance alguma de acabar comendo, um pouco que fosse. Pensei em quanto tempo conseguiria ficar sem dizer nada. Desci a escada junto com eles, tentando pegar os Fibs do ponto em que os havia deixado — Fib (55): 139.583.862.445 — e girando a amonite entre os dedos.

Esmeralda falou baixinho, perto do ouvido de Tom. Ele concordou com um aceno da cabeça e os dois se afastaram. Esmeralda perguntou alguma coisa sobre os estudos dele. Pelo visto, dava aulas particulares para ele. Curso técnico de magia negra? Torci para que não fosse isso. Não gostei da idéia de que o Tom estivesse envolvido com a “magia” dela. Tom perguntou a Esmeralda se eu iria participar junto com eles. Participar fazendo o quê? Eu gostaria de saber. Não que fizesse alguma diferença. Eu já teria ido embora antes.

Eles estavam à vontade juntos. Embora Tom parecesse ter uma quedinha por ela — o rosto dele ficava vermelho a toda hora. Mas Tom ficava vermelho o tempo todo, fosse qual fosse a razão.

Sentei-me no banquinho ao lado do Tom, sem deixar espaço para que Esmeralda se sentasse perto de mim. Ele estava laminando os diversos tipos de bolo, tentando decidir qual iria querer. As rosquinhas de canela eram quase do tamanho da minha cabeça. Dava para sentir o cheiro da manteiga, e o açúcar com canela transbordava.

Esmeralda abriu as janelas mais um pouco. Começou a entrar uma brisa fresca. A sensação quando ela chegou a nós foi maravilhosa.

— O vento sul está começando a soprar — disse ela. — Você pode ir correndo abrir a frente, Tom? Use o batente. É bom circular um arzinho.

— Claro — disse ele, levantando-se de um salto.

— Sirva-se, Razão — falou Esmeralda, sentando-se à minha frente e pegando uma rosquinha de canela. As mãos dela pareciam jovens, como se nunca tivessem pegado sol, as unhas compridas e bem-tratadas, pintadas num tom vermelho amarronzado. Igual a sangue, achei, embora a cor fosse mais parecida com a das terras ao norte.

Tom voltou e deixou-se cair sentado no banquinho.

— Muffin de chocolate, por favor.

Ele escolheu o maior, deu uma mordida e, com a boca cheia, fez “Mmmmm!”.

— Está ventando bastante lá fora. Cheio de nuvens. Deve ser uma tempestade.

O ruído do vento na árvore, na *Filomena*, estava ficando mais alto. Fez um barulho agudo quando os galhos arranharam a lateral da casa. Fiquei aliviada ao ver que o tempo mudava tão rápido na cidade quanto mudava no campo.

Esmeralda concordou:

— Está prevista uma tempestade, sim, mas só mais tarde.

— Seria bom abrir a porta dos fundos também? — perguntei, me levantando. Dirigi a pergunta a Tom, de forma que, tecnicamente falando, eu ainda não tinha falado com Esmeralda.

Tom olhou para ela. Não consegui ler a expressão no rosto dele. Então, coloquei a mão na maçaneta.

— Não precisa — disse Esmeralda.

Girei a maçaneta, mas nada se mexeu. Igual à vez anterior.

— Está trancada — falei sem dirigir a palavra a ninguém em particular. — Onde será que está a chave? — Na minha mochila, talvez?

— Não tenho certeza — disse Esmeralda. — O trinco está emperrado. Vivo me esquecendo de mandar trocar. O que eu faço é sair pela porta da frente e usar a passagem lateral.

Eu a ouvira sair pela porta dos fundos hoje de manhã. Por que estaria mentindo? Sarafina tinha me dito que ela mentia por tudo. Quanto mais Esmeralda soubesse, e quanto menos os demais soubessem, mais poderosa ela se sentia. A “magia” dela era uma questão de ter poder sobre as pessoas. Até na simplória questão de saber onde estava a chave. Dei de ombros e me sentei. Mais tarde experimentaria a chave do infinito naquela porta.

— Você deveria provar um muffin — disse Tom, pegando outro. — Estão ótimos.

— Não estou com fome — disse eu, embora, como sempre, estivesse morrendo de fome. — Ainda estou satisfeita com todos aqueles sanduíches na sua casa.

— Isso foi há muito tempo.

Esmeralda olhou para mim, franzindo o cenho.

— Você não comeu muito desde que chegou aqui, Razão. Tem certeza de que não quer um pouco?

— Talvez mais tarde. — Eu não olhei para ela quando falei, mas não havia como deixar de responder à pergunta.

— Tem salada de batata na geladeira e uma quiche. Comprei junto com os bolinhos. E queijo e chorizo e muitas outras coisas. Sirva-se do que quiser — disse ela, levantando-se e empurrando o banquinho para baixo do balcão.

Pensei nos sapos e miolos e fígado e lesmas de que Sarafina havia me falado. Mas de alguma forma eu não conseguia imaginar tudo isso dentro da imensa geladeira de aço inoxidável junto dos queijos e bolos.

Esmeralda estendeu a mão como se fosse me afagar o ombro, mas acabou tirando farelos imaginários da própria saia.

— Preciso voltar para o trabalho, talvez só chegue em casa mais tarde.

Ela parou um pouco. Estava com os olhos arregalados e esperançosos, me fitando.

— Eu sei que você tem passado por muita coisa. Venho tentando lhe dar espaço... — E deixou o assunto de lado. — Seria melhor conversarmos mais tarde?

Eu baixei os olhos e murmurei qualquer coisa.

Ela se inclinou para a frente, mas, em vez de beijar minha testa, beijou o ar. Eu cheguei a ouvir o leve estalido dos lábios dela contra o rosto de Tom.

— Vejo vocês dois mais tarde — disse Esmeralda, saindo rapidamente pela porta da frente, que bateu assim que ela passou. Durante um segundo, desejei que ela tivesse me beijado e instantaneamente senti que havia traído Sarafina. Tudo por causa de uns bolinhos tentadores. *Não se deixe enfeitiçar por ela.*

— Tchau! — falou Tom antes de se dirigir a mim. — Quer comer a quiche agora?

Eu balancei a cabeça.

— Não estou com fome. Você ainda vai me levar para dar uma volta por aí? Sem tocar no chão, nem uma vez?

— Claro — falou ele. Pegou mais uma fatia de torta de limão e a engoliu enquanto saíamos pela janela.

Cemitério

— **Como é que** a gente passa para lá? — perguntou Razão.

Eles não levaram nem dez minutos da casa de Mere até aqui. Razão não subia em árvores igual a uma menina. Tom estava bastante impressionado diante da facilidade com que ela o acompanhava, apesar do vento, enquanto os dois subiam árvore, cerca, muro, telhado, escada para esta esquina onde agora se encontravam encarapitados em cima de um muro baixinho de alvenaria que cercava o minúsculo quintal da frente da casa de Ocarub Ossan.

Toda vez que via a placa — em elaboradas letras cursivas e com a imagem de um chalé coberto de rosas que em nada lembrava esta casa — Tom caía na gargalhada. Ocarub Ossan! Achava que quem inventou de dizer Asac Assan pela primeira vez, brincando com o nome às avessas só poderia ser doido de pedra! As outras casas por aqui tinham placas com nomes tirados do fundo do baú, como Motel dos Bates ou Chalé das Palmas de Fogo com a imagem de mãos voltadas para cima em chamas. Mas nenhuma conseguia bater Ocarub Ossan.

Ele e Razão olharam para o parque do outro lado da rua; toda essa chuvarada no verão o deixara ridiculamente verde. Um grupo de mães de Newtown (com alguns pais a tiracolo, inclusive) estava encerrando um piquenique, tarefa que envolvia um corre-corre atrás de chapéus e lixo e até uns potes de plástico que o vento sul arrastava, segurando as saias e tirando cabelo dos olhos enquanto tentavam recolher as crianças que corriam de um lado para o outro, aditivadas pelo açúcar e pela pressão barométrica, fazendo bagunça e atrapalhando o já depauperado jogo de críquete de uns estudantes universitários (eles estavam usando uma bola de tênis, um taco de plástico e, no lugar das traves, um isopor deitado que ficava sendo levado pelo vento o tempo todo). Atrás deles havia o muro do cemitério, a torre da igreja e um bosque de árvores revoltas pelo vento.

A distância parecia impossível de cobrir. O passeio era ladeado por moitas de cavalinhas, nenhuma das quais forte o suficiente para aguentar o peso dele ou de Razão. Não que os galhos não alcançassem o outro lado da rua. Simplesmente não havia como chegar lá sem encostar no chão. Tom se arrependeu da ousadia da proposta que fizera. Já estava torcendo para encontrar outra escada largada oportunamente por ali. Ou um guindaste, ou *qualquer coisa*.

— Tudo bem, admito que exagerei um pouquinho.

As sobrelhas de Razão se ergueram.

— Um pouquinho? Não dá para a gente passar *de jeito nenhum*.

— A gente não *tem* de ir para o cemitério.

Tom passara todo o percurso aéreo convencendo Razão das glórias do cemitério e, ainda por cima, fazendo alusão a uma certa coisa que queria lhe mostrar, pois tinha certeza de que ela não conhecia.

Ela e Mere não pareciam se conhecer muito bem. Ele estava curioso quanto a isso. Razão parecia ser espetacular, e ele já sabia que Mere era; por que essas duas não estavam se dando às mil maravilhas? Razão se calou quando Mere apareceu, praticamente não a olhou nos olhos. Nem mesmo tocou na comida dela, embora devesse estar tão faminta quanto ele.

E ainda por cima Mere sussurrou para que ele não mencionasse as coisas para Razão, dando uma leve ênfase às “coisas” de forma a lhe deixar claro que falava da magia. Ele ergueu as sobrelhas, mas Razão estava presente e Mere não pôde explicar. Por que lhe diria que não mencionasse nada? Razão era sua neta, e era a magia em pessoa; como essa menina não iria saber das *coisas*? A menos que não tivesse a magia. Tom achava difícil acreditar nisso; havia alguma coisa nela, no jeito como subira naquela árvore.

Acontece que ele não disse nada a Razão. Uma precaução de praxe. Não era uma coisa que conversasse com qualquer um, só com Mere. Seu pai sabia, mas não tinha o dom, e morria de medo só de pensar. Especialmente por causa da situação da mãe. Eles quase nunca falavam de magia. Tom não tinha permissão de contar nem à irmã. Mere tratara o assunto com bastante firmeza. Por ela, já era ruim o bastante o pai dele ter de saber.

Mas Tom já havia planejado dar algumas dicas para Razão. Como levá-la a um cemitério, por exemplo. Achou que Mere não se importaria, contanto que Razão trouxesse o assunto à baila.

— Agora nós *temos* de ir, Tom. Você falou como se fosse maravilhoso. Eu quero ver.

— Eu poderia carregá-la — ofereceu. Ela não deveria pesar muito. Não que ela fosse dizer sim.

Ela soltou uma risadinha.

— Tudo bem. Está valendo. Você não disse que *nós dois* conseguiríamos andar vários quarteirões sem pisar no chão, você disse que eu não precisaria.

Tom gostou da reinterpretação dela. Também gostou da idéia de poder pegá-la. *O melhor dos dias*. Abriu um largo sorriso e escorregou da cerca para o chão.

— Muito bem. Meus pés indignos estão no chão. Quer ir no meu ombro ou montada na minha corcunda?

— O que é mais fácil para você?

— Na corcunda — disse Tom.

Aquele sorriso não sairia do rosto dele tão cedo.

— Pronta?

Ela se sentou na cerca e colocou os braços em torno do pescoço dele. Seus rostos ficaram bem próximo um do outro. Ele passou as mãos por baixo das coxas dela, absurdamente satisfeito consigo mesmo, e deu um passo incerto para a frente. E soltou um grunhido.

— Tudo bem?

— Tudo — disse ele, falando quase normalmente. *Paraíso*, pensou ele, caminhando devagar em direção ao meio-fio.

Olhou para os dois lados para se certificar de que dava para atravessar. A Australia Street costumava ser bastante movimentada. Passou um caminhão, depois dois carros, por fim dois ciclistas erráticos, carregando raquetes de tênis a tiracolo, conversando aos berros sobre alguém com o improvável nome de Chip. Tom tornou a olhar para os dois lados da rua, parando um pouco quando seu rosto encostou levemente no dela ao virar a cabeça para a esquerda. Quentinho, delicioso.

— Não vem carro, Tom. Vamos.

— Certo.

Pense na rua, Tom. Ele cruzou a pista a toda velocidade, sentindo o rosto de Razão ainda encostado no seu e o hálito dela se misturando ao dele. Seria fácilimo eles se beijarem. O calor e a proximidade superavam em muito o desconforto do cabelo dela entrando nos olhos dele. Tom continuou correndo pelo parque.

— Ei! — falou ela.

Tom concluiu que, com o vento, poderia fingir não tê-la ouvido. Sentiu a tensão nos músculos dela, se ajustando; estava claro que ela queria descer.

— Ei! — gritou ela, com a boca colada no ouvido dele. — Pode me deixar descer agora.

— Tudo bem — falou Tom, ainda correndo. — Você não está pesada.

— Tom, me deixe descer. Você é muito ossudo. Minhas pernas estão doendo.

Ele relutou, mas acabou deixando. Os dois cambalearam durante um segundo. Ela esfregou as pernas, olhando para ele com um sorriso no rosto.

— Conseguimos. Valeu.

— Beleza.

Tom se esquivou de um pedaço de jornal que vinha voando. Olhou para cima. O céu estava se enchendo de nuvens; o sol, desaparecendo. Ele avistou um raio entrecortado ao sul.

— Vamos embora. Vai cair um temporal já, já.

O deleite estampado no rosto de Razão deixou Tom tão satisfeito que, apesar da determinação de acabar com a presunção interna (*não ser tão entusiástico*), ele bateu palmas. Ela também.

— Caramba! — disse ela. — Mal dá para saber que a gente está numa cidade. Parece um cemitério do interior. Só que, sei lá, mais fantasmagórico.

— Não é legal? Você sai da rua, daqueles carros todos, e vupt, muda tudo. Este lugar é tão antigo que nem enterram mais gente aqui.

A maioria dos túmulos tinha mais de cem anos de idade. Para onde quer que a gente fosse, encontrava lápides e estátuas caindo aos pedaços. Onde não havia túmulos, havia árvores, muitas sem cuidado algum, com as raízes aflorando à superfície, forçando, derrubando as lápides.

— Era maior até — disse Tom. — O parque inteiro, sabe? Onde eles estavam jogando críquete e tudo mais? Aquilo ali também era parte do cemitério.

— Está brincando? — falou Razão, com os olhos arregalados. — A gente estava andando em cima de um montão de gente morta?

— Isso. Está vendo todas aquelas lápides ao longo da parede do cemitério?

Ela se virou para olhar na direção das lápides abandonadas, muito afastadas de seus túmulos, encostadas umas ao lado das outras, apoiadas na parede, como se enfrentassem um pelotão de fuzilamento. Havia centenas delas ao longo de todo o muro alto do cemitério, feitas, como a maioria das lápides, de arenito. As inscrições, tão desgastadas que mal dava para ler uma letra, atraíam Tom ao ponto de fazê-lo ficar olhando fixamente, tentando adivinhar o que estava escrito.

O arenito se desgasta rápido. Tom não sabia por que usavam arenito em toda a cidade de Sidney, já que esse material praticamente se desfazia numa questão de segundos, mas Mere lhe explicou que o arenito era praticamente a única pedra que dava por ali. O granito e o mármore e outras pedras mais duras precisavam ser importadas.

— Normalmente é mais silencioso aqui. — O muro mantinha o barulho do lado de fora, assim como impedia a visão das casas das redondezas e da maioria dos prédios altos da King Street.

— O quê! Mas não tem nem um ventinho soprando?

Tom sorriu. Estava *muito* mais do que ventando um pouco. O barulho das folhas farfalhando, os galhos das árvores se agitando, jogando uns contra os outros, era um estardalhaço constante que praticamente abafava o ruído dos trovões à distância. O calor intenso do dia já fora varrido dali pela ventania — estava quase agradável agora.

— Você precisa ver este lugar quando o sol bate pelo meio das árvores.

Ele esticou os braços, açambarcando as lápides dilapidadas, as árvores se retorcendo, a igreja.

— Tudo brilha. É como se houvesse um campo de força em volta. A luz é mais forte, não chega barulho algum lá de fora. Não dá nem para ouvir os carros passando.

Razão estremeceu.

— Perfeito para fantasmas.

Tom estendeu a mão e ela a pegou sem se inibir. Ele a conduziu por uma trilha de chão bem batido.

— Venha, vou lhe mostrar a moradora mais famosa. Se tiver algum fantasma por aqui, será o dela. A história é excelente. E depois — ele fez uma pausa teatral — a coisa misteriosa que eu tenho para mostrar. Cuidado com o cocô de cachorro! — Ele passou por cima sem pisar e a ajudou em seguida.

Eles passaram por um casal que estava aconchegado em cima de uma lápide derrubada no chão tentando acender um cigarro que apagava com o vento. Razão disse oi, e os dois retribuíram com um aceno de cabeça.

— Posso jurar como quase todas as pessoas enterradas aqui se afogaram no Porto de Sidney — disse Tom, apontando para a inscrição na lápide de uma pessoa afogada no porto que se encontrava mais perto deles. — Os primeiros colonizadores que chegaram aqui não eram muito safos dentro d'água.

Razão soltou uma risadinha.

— Ainda não são. Conheci uns mochileiros ingleses em Woolgoolga, na praia, e eles não sabiam nadar. Passavam o tempo todo deitados na toalha, depois ficavam vermelhos que nem camarão e só tinham coragem de botar o dedão do pé na água. Estranho, não é? E nem era a temporada das águas-vivas.

Tom concordou.

— Tem uma menina francesa na escola... Ei, você sabe para qual escola vai?

— Não.

— Tomara que a Esmeralda não mande você para uma particular. Se for para a rede pública, você pode ficar na mesma escola que eu. Não seria legal?

Razão fez que sim com a cabeça, sem demonstrar o entusiasmo que Tom gostaria de ver, mas ele achou que foi a idéia de escola, não de escola com ele. E ficou pensando, de novo, se Razão iria estudar com ele na casa de Mere.

— Enfim, essa francesa não sabia nadar. Tentou cair fora quando estávamos fazendo os nossos Medalhões de Bronze...

— O que é isso?

Tom olhou para ela, assustado.

— Você não sabe? Certificado de salva-vidas? Mergulha em águas profundas com roupa e tudo e vai embora nadando? Finge que salva alguém?

Ela balançou a cabeça.

— Nunca fiz esse negócio de salva-vidas.

— É mesmo? Eu achava que toda escola tinha.

— A gente vive se mudando.

— Mas você sabe nadar?

— Sei, claro.

— Tudo bem. Pois é, essa francesa estava tentando cair fora, mas forçaram a barra e ela teve de fazer aula. A gente estava no fundo, fingindo que se afogara e salvando uns aos outros, e ela estava no raso, berrando até não poder mais, dando a impressão de que estava mesmo precisando ser salva.

— Ela aprendeu?

— Aprendeu, mas é ruim à beça. Não gosta de afundar a cabeça na água. Fica preocupada quando molha o cabelo. Esse tipo de coisa.

Ele saiu da trilha onde havia três lápides juntas sem que se pudesse distinguir túmulo algum em frente a elas.

— Era isso?

Tom balançou a cabeça.

— Ainda não. Preciso contar a história primeiro.

— História?

— Você leu *Grandes esperanças*?

— Não, nem ouvi falar.

— É de um inglês da antiga. Shakespeare, talvez. Seja lá quem for. Eu não li, só vi o filme. Tem uma maluca, Srta. Havisham. Quando era nova, ia se casar, mas no dia do casamento o sujeito não apareceu. Ela era rica, de forma que a casa estava cheia de flores e tinha um bolo imenso e tudo o mais. E estava todo mundo sentado esperando que ele aparecesse, mas... nada.

“Ela entrou em choque. Ficou fora de si. Não tirou mais o vestido de noiva nem deixou ninguém desfazer nada do casamento. Nem bolo, nem flores, nem comida... nada! As coisas começaram a estragar, ficou tudo embaixo da maior poeirada, cheio de teias de aranha. E foi assim até ela ficar bem velhinha, bem velhinha mesmo.

— Arghhhh! — estremeceu Razão. — Mas isso é só um livro, certo?

Tom fez que sim.

— Mas inspirado em alguém de verdade. Aquela ali.

Ele apontou para uma cruz de mármore embaixo de uma moita.

— Ali embaixo, é ela. A pessoa em quem Shakespeare, ou sei lá quem, se baseou para fazer o livro. Morava aqui, em Sidney. Ali é o pai dela, digníssimo Sr. James Donnithorne, em cima com as letras rebuscadas.

Razão se agachou para olhar. Era preciso se aproximar para distinguir as letras pequenas. Ela tirou o cabelo de cima dos olhos e leu em voz alta: “Eliza Emily.

Última descendente direta. Falecida em 20 de maio de 1886”. Em seguida, comentou:

— Mais uma maluca. Sidney está cheia delas.

Tom se agachou ao seu lado.

— É, iguais às nossas mães. Só que, você sabe, as nossas têm mais higiene: a minha se troca uma vez por dia, não uma vez por século.

— Ela o machucou muito? Quando tentou matá-lo?

Razão mostrou-se preocupada. Tom se contorceu todo, pois não gostava de gente sentindo pena dele.

— Não. Papai chegou antes. Ela estava brandindo uma faca dizendo que ia nos matar. Chegou a dar um corte em Cathy, mas papai acha que foi acidente. Ficou só uma cicatriz no ombro; pequena, mas...

— Cathy é sua irmã?

— É.

Tom se levantou, e depois Razão.

— Ela está estudando numa escola de cinema nos Estados Unidos.

— Uau!

— Legal, não é?

Ela concordou.

— Está estudando na NYU. É a Universidade de Nova York, na cidade de Nova York.

— Longe de casa, hein!

— Quando concluir a escola secundária, vou estudar lá também. Ou talvez em Londres. Ou Milão. Eu quero estudar moda. Vou fazer roupas lindas para mulheres e ter a minha própria marca, como Chanel ou Balenciaga ou Schiaparelli.

Razão soltou um “Uau!”, parecendo estar impressionada, embora Tom tenha percebido que ela talvez nunca tivesse ouvido falar em nenhuma daquelas marcas.

— Não se preocupe. Vou continuar fazendo roupas normais para você. Já comecei a fazer a sua calça cargo.

Ela não entendeu.

— A calça cheia de bolsos, lembra, que você me pediu?

— Ah, sim — disse ela. — Obrigada. Foi rápido.

Tom deu de ombros.

— Vou lhe mostrar o croqui amanhã, provavelmente depois a gente vai comprar o tecido.

Eles ainda estavam olhando para o túmulo de Eliza Emily. Tom imaginava como teria sido seu vestido de casamento, como teria mudado ao se desintegrar. Imaginou mentalmente os triângulos pontiagudos até que se tornassem um vestido de teias prateadas penduradas da cabeça aos pés. Como um conto de fadas gótico, só que

com falas mais elegantes. Corte enviesado da década de 1930 à la Vionnet. O material seria projetado para ir se dissolvendo lentamente. As mangas se desfariam primeiro, depois quem sabe as costas. Seria preciso desenhar uma elegante combinação para ela usar por baixo. Mas onde conseguir um tecido assim? Seria capaz de aprender a fazê-lo sozinho? Que tal se as mangas fossem feitas de teias de aranha de verdade?

Razão deu-lhe um soquinho de leve no ombro.

— Ei, Tom, onde é que está a coisa misteriosa de que você me falou?

— Por aqui. — Eles passaram por mais árvores, túmulos e pela área isolada onde estavam tentando fazer crescer capins nativos novamente.

— Afogado no Porto de Sidney. Somente 16 anos de idade. — Razão apontou para um túmulo quebrado cuja lápide torta exibia duas âncoras entalhadas. — É o quinto.

— Está vendo a âncora ali? A âncora de verdade?

Razão fez que sim com a cabeça, olhando na direção do pequeno jazigo e do túmulo cercado com a âncora em cima.

— Esse navio imenso, o *Dunbar*, afundou há muito tempo, e é onde a maioria das pessoas está enterrada. *Todas* afogadas no Porto de Sidney.

— Quantas?

— Centenas.

— Caramba!

Tom fez um breve gesto de assentimento com a cabeça.

— A âncora é a do *Dunbar* mesmo. Eles a içaram do fundo do porto. Quer dar uma olhadela ou já está pronta para a coisa de que lhe falei? Fica logo ali.

— O mistério — falou ela.

Ele a levou até um monumento alto perto de uma palmeira grande. Sobre o monumento havia um anjo segurando um livro numa das mãos e uma espada na outra, com asas mais compridas que o corpo. Nos quatro lados havia nomes e datas, os mais antigos em cima.

— Oh! — falou Razão, olhando para os nomes. Quase todos tinham o mesmo sobrenome: Cansino. — São meus parentes?

Tom fez que sim.

Razão deu a volta no monumento, olhando, de queixo caído.

— Quase todas são mulheres.

Mais um aceno, impressionado diante do desconhecimento que ela tinha de sua própria família.

— Com o mesmo sobrenome.

— É. Está vendo? Olhe aqui um dos poucos homens. — Ele apontou para o primeiro nome masculino, Raúl Emilio Jesus Cansino, bem no alto. — É um

Cansino. Acho que é dele que vem o nome, mas depois são poucos os homens, e os sobrenomes não são Cansino. Mas as mulheres...

— Todas iguais a mim — concluiu Razão. — Cansino — falou, enquanto passava o dedo por cima de um nome: Sarafina Maria Luz Cansino. — Minha mãe não foi a primeira Sarafina.

Tom balançou a cabeça.

— Não. Veja, tem uma Esmeralda. Está vendo como os nomes se repetem? Muitas Milagros e Luz, sem contar os nomes do meio. Observou que nenhuma delas está descrita como “esposa dedicada” ou “filha de”?

— Só “mãe de”.

— Exato. Esta é a única lápide que fala pouquíssimo sobre o grau de parentesco entre elas. Estranho, não é?

Razão estava olhando, interessadíssima, para a inscrição de Esmeralda Milagros Luz Cansino — nascida em 1823 —, com uma expressão esquisita no rosto.

— O que foi? — perguntou Tom.

— Ela morreu tão jovem.

Tom espiou as datas e calculou.

— Dezoito. Morria-se muito mais jovem antigamente. Você não sabe muita coisa sobre a sua família, não é? — Por que estava tão surpresa? É claro que morriam jovens. Tom ficou decepcionado. Talvez estivesse errado a respeito de Razão.

Ela balançou a cabeça.

— Não sei mesmo, não. Só o que Sarafina me contou: tudo sobre o meu pai, o que não é muito, e sobre a infância e a adolescência com Esmeralda. Ela não falou sobre a história da família.

— Ahn.

Razão passou para o nome seguinte.

— Esta aqui tinha só 20, esta, 21, 14, 5... Ah! Olhe só esta: *Foi-se antes do tempo*. E as outras? Estavam todas na hora de ir? Depois 19, 20, 25. — Razão olhava para cada par de datas durante um átimo de segundo antes de anunciar a idade. Tão rápido quanto Esmeralda seria capaz. Ela *só podia* ser mágica também.

— Uau — falou Tom —, você é boa mesmo em matemática.

Razão olhou-o como se ele fosse um pouco lerdo.

— Não é matemática, é só aritmética.

— Seja lá o que for. Nunca vi ninguém fazer conta tão rápido. Não há dúvida de que você é neta de Mere.

— Na verdade, é muito mais subtração. — Ela passou para o lado seguinte. — 12, 16, 27, 20 de novo. Tom, veja só, todas elas morreram jovens.

— Nem todas. — Ele apontou para John Matthew Douglas O'Shaughnessy. — Sessenta e cinco — disse, bem depois de um átimo de segundo.

— Ele é homem — disse Razão. — Veja, todos os homens vivem um tempo razoável. Menos o primeiro, Raul. — Ela apontou: — Esse, não dá para dizer. Está vendo? Falecido em 1823.

Tom olhou. O ano de nascimento de Raul Cansino era um ponto de interrogação.

— Mas todas as mulheres. — Mere tinha dito que era um traço forte da família.

— Nem todas — disse. Ela havia chegado ao último nome, a mãe de Esmeralda. — Tem uma aqui: Milagros Luz Cansino, 48. Era praticamente uma senhora idosa. — Razão manteve o olhar fixo naquele nome tão despojadamente gravado. — Mas nenhuma das irmãs dela passou dos 20. O túmulo está tão conservado — disse, virando-se de forma a poder olhar para Tom. — Quase todos os outros túmulos têm mato crescendo em volta e estão quebrados, é difícil de ler. E eu não vi nenhum outro tão recente assim. Achei que o cemitério não estava mais sendo usado.

— Não está. Só para a sua família.

Tom olhou para as datas de Milagros Cansino.

— Esta é a minha bisavó?

Tom assentiu. Ele estava se sentindo burro por não ter descoberto a idade de Esmeralda a partir das datas da mãe dela. Embora Mere pudesse ter sido uma filha temporã.

— Ela chegou aos 48. Esmeralda está com 45. Sarafina, com 30. Já são três que chegaram aos 30. O que aconteceu com as outras? Você sabe, Tom?

Ele balançou a cabeça, tentando mostrar um ar inocente. Mas ele sabia que seria difícil depois do pedido de Mere. Tinha a ver com a magia. Ele não vinha de uma longa linhagem, como Razão. Até onde sabia, sua mãe fora a primeira e nem sequer entendia o que ela mesma era. Tinha medo. Tom fora resgatado por Esmeralda havia apenas um ano — ainda havia *muito* que não era do seu conhecimento. Mas ele sabia que a magia era perigosa, que poderia até matar uma pessoa, e em geral era o que acontecia. Os que tinham a magia não costumavam viver muito. Se Razão a tinha e *não sabia*, Mere deveria lhe contar o mais rápido possível.

Soou pelos ares o estrépito de um trovão. Os dois deram um pulo. Começaram a cair grossos pingos de chuva; numa questão de segundos, eles estavam encharcados.

Na clínica

Minha mãe, Sarafina, estava louca, e minha avó, Esmeralda, era o mal. Tive curiosidade em saber o que isso fazia de mim. O mal enlouquecido? A loucura maligna? Seria essa a razão pela qual as mulheres da minha família raramente passavam dos trinta?

Eu não me sentia o mal, nem louca; queria, sim, ter uma vida normal, viver muito.

Na manhã seguinte, assim que tive a certeza de que Esmeralda havia saído, fui ver Sarafina. Havia outra carta por baixo da porta quando acordei. Não consegui fazer mais do que dar uma espiada no meu nome escrito com a caligrafia dela. Coloquei-a junto com as duas primeiras.

A caminhada até o local onde a mantinham, Kalder Park, levou metade do que Tom me dissera que levaria. Provavelmente ele não andava com frequência nem ia muito longe. Urbanóides!

Teria sido ainda mais rápido se não houvesse tantos carros e caminhões. Algumas das ruas eram impossíveis de atravessar em qualquer lugar que não fosse a faixa de pedestres, e os sinais levavam um tempão para abrir. Quando já estava chegando, parei numa lanchonete e comprei um café-da-manhã. Ovos com bacon e batata frita. Doze dólares. Será que os ovos eram de ouro?, pensei. Não tinham gosto diferente dos ovos normais.

Do outro lado da rua havia uma placa que dizia Kalder Park em letras grandes. Eu vinha esperando prédios altos, cinzentos, com barras nas janelas e nenhum verde por perto. Mas praticamente não havia um prédio que desse para ver direito. Era um parque mesmo.

Terminei de tomar o meu café e atravessei a rua, caminhando entre as árvores e as edificações baixas tentando encontrar a entrada. O parque ficava ao lado de uma enseada; enquanto andava, fiquei olhando o reflexo da luz do sol na água e os barquinhos velejando de um lado para o outro. Se minha mãe não estivesse

trancafiada aqui dentro, eu jamais teria adivinhado que era um hospital para doentes mentais.

A bem da verdade, metade do parque era uma escola de arte. Cada edificação exibia o nome da escola em letras grandes. Em vez de um punhado de malucos cambaleantes, havia estudantes vestidos de preto desenhando compenetradamente a enseada, ou deitados pelo gramado com seus amigos, rindo e fumando cigarros. Eles não pareciam incomodados de estar passeando pelo meio de um hospital. Não era fácil distinguir onde um terminava e o outro começava.

Alguns dos prédios pareciam meio acabadinhos, mas as paredes de arenito cobertas de mármore não eram deprimentes. O lugar estava desgastado, mas não abandonado. De qualquer forma, a julgar pelo lado de fora, a escola de arte andava mais largada que o hospital.

Acabei encontrando a recepção numa casinha de tijolinhos aparentes. Lá dentro, não havia nada que lembrasse o lar que ela um dia já fora. As paredes internas haviam sido derrubadas e aquele cômodo agora era uma sala de espera, com cadeiras encostadas nas paredes, uma caixa de madeira cheia de brinquedos de criança, uma mesinha de centro abarrotada de folhetos e uma grande mesa branca em formato de meia-lua. A moça que estava sentada ali desviou o olhar da tela do computador e sorriu para mim quando eu entrei. Não havia mais ninguém na saleta.

— Posso ajudá-la em alguma coisa? — perguntou ela.

— Eu gostaria de ver a minha mãe.

— Você marcou hora?

— Ahn, não — falei, sentindo-me uma burra. Eu deveria ter pedido a Tom que me descrevesse o lugar e dissesse como funcionava.

— Você já esteve aqui antes?

Balancei a cabeça.

— Foi o que pensei. O horário de visita só começa daqui a meia hora.

— Às 11h?

Ela confirmou com um aceno da cabeça.

— Sua mãe está aqui há muito tempo?

Tornei a balançar a cabeça. Parece que eles não estavam acostumados a ver meninas de 15 anos chegarem e pedirem para ver suas mães.

— Qual é o nome dela?

— Sarafina Cansino.

— Você gostaria de se sentar enquanto vejo o que podemos fazer?

Eu me sentei. Não havia mais ninguém esperando. Peguei um dos folhetos: “Compreenda a doença mental” diziam grandes letras vermelhas escritas por cima da imagem de uma mulher segurando a cabeça e fazendo careta. Como se estar maluco

fosse como ter uma dor de cabeça. Coloquei-o na mesa e olhei pela janela, sem conseguir ver nada.

Era terça-feira. Eu havia chegado à casa de Esmeralda no domingo à tarde. Tinha visto minha mãe pela última vez no sábado. Fazia só três dias. Como era possível? Tudo aconteceu tão depressa que perdi a noção do tempo. Parecia que a minha vinda para Sidney fora há um tempão, mas também parecia que tinha sido ontem. Minha vida antes daquilo poderia ter sido um sonho. Ou eu poderia estar no meio do sonho justamente agora.

Meu estômago estava dando um nó. Por mais que quisesse ver Sarafina, eu também sentia medo. A última vez tinha sido no hospital de Dubbo. Eles bombearam o estômago de Sarafina e enfaixaram seus punhos e garganta.

Passei a noite sentada ao lado da cama dela e só saí quando a manhã já ia alta, tirando apenas uns cochilos na cadeira. Ela passou quase o tempo todo inconsciente, e nos poucos segundos em que veio à tona seus olhos estavam fora de foco e lacrimejantes. Nem me reconheceu.

Uma policial e uma assistente social vieram me perguntar se eu falaria com elas. Eu disse que sim, embora tivesse passado a noite em claro e me sentisse esquisita, e fiquei preocupada, pois poderia começar a chorar se lhes contasse o que tinha acontecido.

Elas me compraram um café-da-manhã e foram gentis, mas, ainda assim, eu chorei quando respondi às suas perguntas. Quando voltei para o quarto de Sarafina, ela estava consciente.

Começou a gritar assim que eu entrei. Estava amarrada à cama e, quando me aproximei, passou a gritar mais alto. Não foram palavras, apenas um barulho abrutalhado, violento, contundente, que me varou a cabeça de lado a lado.

— Sarafina — falei, tentando usar um tom aconchegante.

Sarafina gritou ainda mais alto, palavras desta vez.

— Saia! Saia! Saia! Saia! Saia!

Fez força para se levantar, tentando arrebentar as tiras. Como se quisesse saltar em cima de mim, me rasgar em pedaços! Seus olhos estavam esbugalhados, davam a impressão de que iam saltar das órbitas. Sarafina estava violenta, aterrorizante. Não parecia um ser humano.

— Saia! Saia! Saia! Saia! Saia!

Chegaram umas enfermeiras, apressadas, e um médico. Injetaram alguma coisa em Sarafina. Outra enfermeira me afastou dali, prometendo que eu poderia tornar a ver minha mãe mais tarde, depois que ela se acalmasse. Mas acabaram me acomodando num avião para Sidney e me mandaram para a casa da minha avó.

Sarafina já havia enlouquecido antes. Mas não assim. Nunca havia se voltado contra mim.

Falava com pessoas que não estavam ali. Insistia em que andássemos em linha reta, durante dias a fio. Às vezes ficava confusa, sem saber direito onde estava ou mesmo quem era. Nessas ocasiões, eu a levava de volta para o quarto do hotel, caravana ou acampamento, para onde quer que estivéssemos instaladas, explicava onde nos encontrávamos e por quê, e lhe dava um problema de matemática ou de lógica para resolver. Ela sempre conseguia. Resolver o problema era o que a trazia de volta.

Esses episódios nunca duravam muito e, até Dubbo, ela nunca tinha enlouquecido de dar medo. Eu não sabia direito se aguentaria minha mãe gritando comigo novamente. Não daquele jeito.

Como se ela quisesse me matar.

— Razão Cansino? — perguntou uma enfermeira.

— Sim.

— Está com fome, querida?

Fiz que sim com a cabeça, surpreendida pela pergunta. Os ovos com bacon já haviam desaparecido. Eu ainda estava morrendo de fome.

A enfermeira me deu um prato de biscoitos de framboesa e biscoitos amanteigados. Não eram os meus preferidos, mas eu estava com tanta fome que teria sido capaz de comer até sapos, miolos ou lesmas. As amêndoas que eu havia roubado do Tom ontem não duraram muito.

— Sua mãe estará pronta daqui a pouco. Ela estava dormindo.

Tentei imaginar Sarafina dormindo até essa hora.

— Você quer esperar lá fora? Pode comer os seus biscoitos ali e fica mais perto da sala de visitas. — A enfermeira apontou para um banquinho. — Não vai demorar.

Eu me sentei, de frente para a baía, comendo os biscoitos. Passou um grupo de gente correndo à beira d'água. As pessoas suavam tanto que dava para eu ver as gotas caindo. Fazia um calorão. Fiquei achando que eram completamente malucas. Para que servia ficar correndo em círculos, sem destino algum? Sobretudo num dia tão quente assim.

Eu tinha tantas perguntas a fazer para Sarafina. Por que a casa era tão diferente do que ela havia descrito? Limpa, clara e belíssima. Será que minha mãe sabia o que a chave do infinito abria? Por que ela não havia me contado sobre nossa família? E sabia por que todas aquelas mulheres haviam morrido jovens?

Tirei a amonite do bolso e fiquei olhando fixamente para ela. Será que ainda me dava sorte? Eu já a havia perdido inúmeras vezes, mas sempre consegui encontrá-la de novo, inclusive na vez em que caiu do meu bolso dentro do rio Roper. Entrei na

água e fui andando com os pés arrastando pelo lodo no fundo, e a encontrei quase de imediato, como se ela estivesse chamando por mim; depois saí. Sarafina me pegou pelos braços e me afastou da barranca do rio o mais rápido que pôde. Havia dois crocodilos enormes a poucos metros de distância.

— Ela está pronta, querida — disse a mesma enfermeira. — Fez questão de se lavar e pentear o cabelo antes de vê-la. De ficar bonita, sabe?

Fiz um breve aceno de cabeça e a acompanhei. Meu estômago parou de dar nós um pouquinho. Pentear o cabelo me pareceu um bom sinal.

A enfermeira me levou até a sala de visitas, grande e clara, com muitas janelas, o que só realçava a insipidez do lugar. A mobília era toda marrom, mas cada peça tinha o seu próprio tom, sem que nenhum combinasse. O soalho era de linóleo quadriculado em marrom, bege e branco, quase todo desgastado em alguns pontos. Havia sete pessoas sentadas, espalhadas pelos sofás e cadeiras, algumas de roupão, outras de pijama, sem dúvida pacientes.

A enfermeira me conduziu até uma mulher de roupão atalhado branco, sentada numa poltrona tão grande que praticamente a engolia. Levei um tempo para me dar conta de que era a minha mãe. Ela estava tão parada. Bem poderia ser uma escultura de madeira ou pedra feita por um daqueles estudantes de arte. Fitava a janela, simplesmente, sem piscar. Sarafina nunca foi de ficar parada.

— Sarafina — falei. Minha mãe não se virou para me ver.

O cabelo parecia ter sido penteado havia pouco, mas estava partido ao meio. Sarafina sempre partia o cabelo do lado esquerdo. E muito mais curto também, com as pontas mal cortadas, logo abaixo das orelhas, em vez de chegar aos ombros, como de hábito. Estava um pouco grisalho.

— Sarafina — tornei a dizer. Pensei em pegar-lhe a mão, que me pareceu pequena e magra. Era difícil dizer se era por causa do roupão folgado, mas Sarafina parecia toda mais magra. Menos o rosto, que estava meio inchado, intumescido.

— Razão — falou ela, com a voz insípida, sem inflexão.

Esperei que falasse mais. Mas não falou. Eu ainda não a tinha visto piscar.

— Sarafina?

— Você está bonita — disse ela.

— Obrigada — falei, embora ela não tivesse olhado para mim de forma a saber como eu estava. Ela estava horrível.

— Você está trabalhando para a sua avó agora? — disse ela na mesma voz monocórdia.

— Eu? Não. Ora, eu... eu nem falei com ela. — Bem, *quase* nem falei com ela, emendei em silêncio. — Não comi da comida dela. Já sei como fugir e tenho suprimentos. E eu...

— Que bom! — O tom de Sarafina não deixava saber se ela estava satisfeita ou insatisfeita. Não havia emoção alguma em sua voz.

Senti que os meus olhos se encheram de lágrimas. Cerrei os punhos. Não iria chorar.

— Tem uma bolsa — comecei — com três bolinhas de gude pretas, duas brancas e uma vermelha. Você tira a primeira e...

— Não é bom trabalhar para ela.

— Para Esmeralda?

— Isso mesmo, Esmeralda. Não é bom trabalhar para ela.

— Não, claro que não. Eu não quero trabalhar para ninguém.

— Não — disse Sarafina. — Você é esperta. Não trabalhe para ninguém. Só vão lhe roubar. Você precisa guardar o que é seu.

— Guardar o que é meu?

Sarafina confirmou com um movimento da cabeça apenas. Foi o primeiro movimento que fez, mas seus olhos ainda estavam grudados em algo que dava para ver da janela, o chafariz ou qualquer outra coisa. Fiquei sem saber direito se ela estava olhando para alguma coisa. Sua voz não tinha inflexão alguma.

— Mas não use. Não use o que você tem.

— Usar o quê, Sarafina?

— É melhor você desencavá-la primeiro. Comece assim.

— O quê? — disse eu, sem conseguir controlar direito a frustração na minha voz. Ela não estava dizendo coisa com coisa.

— Você vai encontrá-la no canto sudeste. O porão.

— Encontrar quem?

— Vai precisar tirar as pedras. Não é fundo. Nem difícil. Basta usar as mãos.

— Você quer que eu...

— Não é tão ruim assim.

Sarafina falou como se não tivesse me ouvido.

— Ficar louca. Não é tão ruim assim. Existem coisas piores. Este lugar é bonito.

Depois voltou a ficar quieta, com a expressão totalmente fechada. E não respondeu a nada mais do que eu falei.

Veio uma enfermeira, que a levou de volta para o quarto. Fiquei olhando enquanto ela se afastava devagarzinho, sem se arrastar, mas lentamente, como se existisse num mundo diferente, de ritmo mais lento. Sarafina jamais fora uma pessoa lenta.

A enfermeira gentil me perguntou se eu estava bem.

Consegui confirmar com um aceno da cabeça apenas. Não queria chorar. Deixara de fazer a Sarafina todas as perguntas que pretendia e me esquecera

completamente do número da senha do cartão do banco. Será que voltaria a falar direito com ela alguma vez na vida?

— É difícil ver alguém a quem se ama desse jeito — disse a enfermeira.

Confirmei com a cabeça novamente.

— Ela está se dando bem aqui. Parou de tentar se machucar e não teve nenhum acesso de gritos. Conseguiu melhorar.

— Ela parecia estar tão... — Eu me calei. Não sabia que palavra usar. — Vazia? Não parecia ser ela mesma.

— Sua mãe está tomando muitos remédios. Os médicos precisam de tempo para conseguir de novo o equilíbrio de forma que ela possa ser sua mãe novamente sem querer fazer mal a si mesma.

— Ela nunca fez uma coisa dessas. Nós éramos felizes. — Isso pareceu pouco convincente, até para mim.

A enfermeira apertou minha mão, o que só me fez querer chorar mais.

— Vai melhorar. Foi bom você ter vindo visitá-la. Assim sua mãe se lembra um pouco de como as coisas eram.

Concordei com a cabeça enquanto me levantava.

— Virei visitá-la outras vezes.

Não havia dúvida quanto a isso. Eu viria resgatar Sarafina. Nós fugiríamos juntas. O hospital não lhe faria bem enchendo-a de drogas que a deixavam lerda e estranha. Ela só precisava voltar a ser ela mesma. E isso não daria para conseguir se estivesse drogada daquele jeito.

Não cheguei a planejar uma fuga com Sarafina, pois só estava pensando na gritaria e no horror da última vez. Precisava me concentrar na Sarafina divertida, aquela que fora minha mãe, minha melhor amiga.

Tinha me imaginado fugindo, assim como minha mãe fugiu quando era ainda mais jovem do que eu agora. Sozinha. Sarafina fugira de Esmeralda, e fez seu próprio caminho pelo mundo, mesmo tendo um bebê para cuidar. Eu queria ser igualmente corajosa e saber me virar do mesmo jeito.

Era isso que iria fazer. E ainda teria alguém de quem cuidar: minha mãe.

Embaixo da terra

Assim que voltei para casa, desci ao porão na esperança de encontrar algum sentido a partir da única coisa compreensível que Sarafina falou. O frescor daquele lugar foi um alívio. Eu ainda teria um tempão sozinha na casa, mesmo que Esmeralda voltasse cedo do trabalho. Não fazia idéia da hora em que ela havia chegado ontem à noite. Tinha caído num sono profundo pensando em todas aquelas minhas parentas mortas e nas suas curtíssimas vidas.

Era muito mais fácil zanzar pelo porão com todas aquelas luzes acesas. Dessa vez consegui não esbarrar nas prateleiras de vinho nem tropeçar nas pedras irregulares do piso. No canto sudeste, as pedras eram mais brutas, nenhuma maior do que um tijolo.

As prateleiras com as garrafas de vinho paravam a mais ou menos meio metro da parede. Mesmo para alguém do meu tamanho, era apertado. Sentei-me com as costas contra a parede e tentei colocar as mãos em torno da pedra maior. Não foi fácil pegá-la. Estava bem encravada. Com ambas as mãos, consegui fazer força e a pedra se mexeu, soltando um rangido ao atritar contra as outras; depois se soltou tão rápido que acertei o meu próprio nariz. Com o susto, larguei-a em cima do dedão do pé.

— Ai, droga! Droga! — Meu nariz estava doendo à beça e começou a sangrar, muito, aos borbotões. — Droga!

Tirei a camiseta, embolei-a rapidamente e a pressionei contra o rosto. Minhas mãos tremiam e o nariz latejava de dor. E se estivesse quebrado?

Não é difícil, Sarafina tinha dito.

Usando a mão esquerda para pressionar a camiseta embolada contra o nariz, puxei várias das pedras menores com a direita. A única coisa que as mantinha presas era a pressão com que tinham sido encaixadas. Não havia cimento algum, nem qualquer tipo de argamassa. Uma vez removida a pedra-mor, que me arrebentara o nariz, bastava ir levantando as outras para tirá-las do caminho.

Por baixo delas havia uma caixa de metal, do tamanho de uma de sapato. Fiquei aliviada: havia alguma coisa no canto sudeste. Afinal, Sarafina não estivera apenas balbuciando palavras ao léu. E não era o alçapão dando numa câmara de horrores que eu imaginara, onde a tal “ela” mencionada por Sarafina acabaria se

materializando em forma de zumbi pronta para me comer viva. A caixa de metal não era grande o suficiente para uma pessoa, mesmo uma morta-viva.

Tirei as últimas pedras e tentei erguer a caixa. Era pesada, quase não se mexeu. Tateei em volta da tampa para ver se conseguia abri-la, mas não encontrei nada.

Como precisava das duas mãos para tirá-la dali, larguei a camiseta encharcada de sangue no colo e toquei no nariz com cuidado. O jorro de sangue já havia se tornado um leve gotejar e eu conseguia respirar. Com a ponta dos dedos percebi uma deformação grotesca, um inchaço que deixara o meu nariz várias vezes maior que o seu tamanho normal. Limpei o sangue mais uma vez com a camiseta, lembrando que talvez fosse uma boa idéia colocar um gelo. A caixa primeiro.

Enfiei a camiseta ensanguentada na cintura do short, depois estiquei as pernas, uma para cada lado da caixa metálica. Quando puxei, a cabeça doeu. O esforço fez com que o nariz doesse ainda mais. A caixa cedeu um pouco, fazendo um barulho arrastado. Depois tornou a cair, mais pesada que a montanha Uluru.

Puxei outra vez, dobrando-me da cintura para a frente e escorando os pés contra as estantes de tijolos que serviam para guardar o vinho. A caixa se mexeu novamente. O sangue do meu nariz e o suor do meu rosto pingaram na minha boca, mas se a fechasse eu não conseguiria respirar.

Finalmente a caixa saiu e foi parar no soalho irregular com um tremendo estardalhaço. As garrafas de vinho mais próximo tilintaram umas contra as outras. Por um instante, eu nada ouvi, e pensei que houvesse rompido os tímpanos junto com o nariz. Não havia como Esmeralda deixar de ouvir aquele barulhão todo se estivesse em casa. Talvez até Tom tivesse ouvido na casa vizinha; isso sem falar no resto da rua. Até parece que aquele treco era feito de chumbo!

Deixei a caixa ali parada um tempo enquanto esfregava mãos e ombros e limpava um pouco o sangue do rosto. Tomaria um bom banho quente de banheira depois disso tudo. Com espuma.

Olhei para a caixa. Exatamente onde Sarafina disse que estaria. O que haveria ali dentro? Fechei os olhos e vi centenas e centenas de dentes, todos cobertos com o sangue do meu nariz. Mas Sarafina tinha dito “ela”, não “eles”. Eu precisava desencavá-la. O que seria ela?

O buraco da fechadura era mínimo. Eu havia trazido a chave do infinito, por via das dúvidas, mas não caberia ali, de jeito algum. Tirei do outro bolso o prendedor de cabelo desentortado e o enfiei na fechadura. O estalido foi ínfimo, mas fiquei aliviada ao ouvi-lo. Tímpano inteiro; nariz, não.

Abri a tampa mais pesada que chumbo.

Um gato. Um gato mortinho da silva. Deitado de lado, com o amarelo dos ossos aparecendo entre alguns retalhos que sobraram do pêlo branco amarelecido. Não havia olhos, nem entranhas recheando as costelas vazias. Enquanto eu olhava, minha

visão se turvou. O gato virou a cabeça, olhou para mim com seus globos oculares vazios. *Miau.*

Soltei um grito, querendo jogar a caixa fora, querendo me levantar. Sair daqui. Mas não consegui me mexer.

De repente, voltou a ficar imóvel, deitado de lado, apenas um globo ocular visível. Mortinho da silva novamente. Esfreguei os meus olhos, mas só consegui espalhar o sangue melado e sujo das minhas mãos. O gato — Le Roi, tive certeza — continuou parado. Será que eu tinha imaginado o movimento da cabeça do bicho? E o miau?

Enfie a mão dentro da caixa, morta de medo de levar uma mordida. Dá para pegar alguma doença quando um gato morto morde a gente? Ela não se mexeu. Encostei no corpo dela. Mais seco que o solo depois de uma seca de seis anos. Nenhum vestígio de umidade. Nenhum vestígio de vida.

Por baixo do queixo, o que sobrara de pêlo estava enferrujado de sangue seco, como se a garganta dela tivesse sido cortada com uma faca afiada.

Exatamente como Sarafina havia me contado.

Senti uma onda de raiva percorrer meu corpo inteiro, de calor, de eletricidade. Fechei os olhos, tomei bastante fôlego, afastei de mim a energia vermelha para bem longe e soltei o ar com um suspiro profundo. Como Esmeralda poderia ter feito isso com o gato de uma criança pequena? Isso não era magia, era insanidade.

Eu não passaria nem mais uma noite naquela casa.

No espelho, meu nariz não se mostrou tão ruim quanto eu tinha achado pelo que estava sentindo. Inchara, sim, e já começava a perder a cor, mas não estava nem a metade do tamanho que eu pensei, e já havia parado de sangrar. Minha camiseta e meu sutiã estavam imundos de sangue e meleca, embora o short não tivesse nem um respingo vermelho. Lavei o rosto da melhor forma que pude e depois enfiei um chumaço de algodão em cada narina com o máximo de cuidado para absorver mais sangue. Que dor!

Eu estava meio tonta. Enquanto enchia a banheira, comi um dos sacos de batatas fritas e algumas barras de chocolate que havia comprado no caminho do hospital para casa. Também havia comprado umas castanhas, frutas secas enlatadas, queijo, granola e duas garrafas grandes de água. Não era muito, mas tinha que dar. Na minha mochila, tinha também o guia das ruas da cidade, minha bússola e um canivete Leatherman, filtro solar, chapéu e o resto do dinheiro de Sarafina.

Quando a banheira encheu, tirei o chumaço de algodão do nariz, joguei a camiseta imunda de sangue na cesta. Dei mais uma olhadela no espelho para ver o

nariz: eu parecia um boxeador depois da luta. No canto do meu olho direito formava-se agora uma mancha roxa. Que talento!

Abri espaço no meio da espuma e entrei na banheira, descobrindo nesse instante que o dedão do pé direito também ficara machucado. Certo. Eu tinha deixado a porcaria da pedra cair em cima dele. Meu queixo ardeu também, do arranhão de ontem. Todos esses machucados eu arranjei no porão.

Lá no alto, a clarabóia brilhava com a luz do sol inclemente. Fechei os olhos e deixei a água quente se entranhar até os ossos. Em pouco tempo eu estava suando no rosto e o sal escorrendo para dentro dos meus olhos. Nem liguei.

Tentei me lembrar da última vez que tomara banho de banheira. Muito antes de Dubbo. Foi num pub, num banheiro compartilhado. Dorrigo, talvez? A água começou a sair alaranjada da torneira e, depois que limpou, mais morna do que quente. A banheira estava suja e o esmalte quase todo desgastado na parte do fundo, o que arranhou minha bunda quando me sentei. Esta banheira estava lisinha e limpa, e a água era quente.

Ali deitada, repassei tudo mais de que iria precisar. Meu saco de dormir, claro, amarrado à mochila. Levaria duas mudas de roupa, mais a jaqueta e o moletom. Se fosse parar no sul, iria precisar deles.

Mais dinheiro também. Se esperasse até a noite para ir embora, poderia roubar algum da carteira de Esmeralda ou carregar algumas das coisas dela para vender. Não consegui pensar em nenhuma outra maneira de arranjar mais, até que conseguisse um emprego em algum lugar.

Torci para que fosse o suficiente.

Meu maior problema era Sarafina. Como conseguiria levá-la comigo? Tinha imaginado fazer-lhe mais algumas visitas, persuadindo as enfermeiras a me deixar levá-la ali para fora até que um dia eu simplesmente saísse andando com ela e entrasse no ônibus para a Central, de onde pegaríamos um trem para o interior ou um ônibus para fora de Sidney.

Se fosse hoje à noite, teria de deixar Sarafina para trás e voltar para pegá-la depois.

Será que eu poderia fazer isso? Deixá-la presa ali, cheia daquelas drogas que a deixavam naquela lerdeza toda? Afundei por inteiro na água, embora com isso o meu nariz tenha ardido. E se ela morresse enquanto eu não estivesse por perto? Como todas aquelas outras Cansino, mortas antes de terem feito alguma coisa? Tive vontade de perguntar a Esmeralda o que as teria matado. Ou a Sarafina. Será que ela saberia?

Fiquei querendo saber mais.

Quando saí da banheira, estava tão tonta e quente que precisei me sentar na borda durante alguns minutos antes que os pontinhos desaparecessem da frente dos meus olhos. Talvez fosse uma besteira tomar um banho de banheira tão escaldante assim, mas eu estava precisando.

Finalmente consegui me levantar. Enchi um copo com água fresca e bebi devagar. Um pouco melhor. Liguei o ventilador do quarto e abri as portas da varanda, fechando-as imediatamente ao me dar conta de que o ar lá fora estava ainda mais quente.

Bem, se eu fosse hoje à noite, Esmeralda seria pega de surpresa. Ninguém esperaria que alguém fosse se dar um esforço desnecessário num calor desses. Eu só queria descansar. Embora não sangrasse mais, o nariz ainda estava latejando.

Fui me deitar na cama. Já que iria fugir logo mais, uma soneca não faria mal algum. Fechei os olhos, respirei fundo algumas vezes, mas meu cérebro não me deixou dormir. Estava ocupado demais tentando resolver o que eu iria precisar e o que não iria precisar. Será que valeria a pena carregar o binóculo de Sarafina?

Eu queria *tanto* saber mais. Será que deveria fazer mais perguntas a Tom? Tive a impressão de que ele sabia mais do que revelara no cemitério. Será que Esmeralda lhe havia pedido que me levasse lá? Será que eu deveria adiar a minha ida até ter aquela conversa com ela? De repente, estremeci. Só de pensar em conversar com alguém que tinha a coragem de fazer aquilo com uma gatinha!

Levantei-me e enfiei as cartas de Esmeralda na minha mochila. Talvez houvesse respostas nelas. Provavelmente seria seguro lê-las depois que eu estivesse longe da autora.

Então eu me vesti. Coloquei o short, que não estava tão sujo, um sutiã limpo com uma camiseta também limpa, e resolvi que estava quente demais para calçar um sapato. Depois descí. Talvez houvesse algum dinheiro largado em algum canto. Quando vasculhei a casa pela primeira vez, fiquei procurando a chave da porta dos fundos, não dinheiro.

A chave.

Senti a chave do infinito no bolso, me espetando a coxa. Coisa chata. Não abrira a porta do porão nem o caixão da pobre Le Roi, mas talvez abrisse a porta dos fundos.

Antes de enfiá-la na fechadura, eu já sabia. Encaixou como luva, embora tenha rangido e agarrado um pouco quando a girei. Empurrei a porta pesada, que se abriu com um rangido. Quando botei o pé lá fora, ela bateu atrás de mim. Fiquei boquiaberta.

Pela porta da bruxa

— Caraca!

Eu não sabia para o que estava olhando. Não era o quintal dos fundos da casa de Esmeralda. A figueira não estava mais lá. Havia árvores, mas elas não tinham folhas. Estavam marrons e desfolhadas como ficam depois de um incêndio na mata. Mas não fazia calor. O verão tinha sumido.

Havia branco por toda parte — no chão, pendurado nos galhos das árvores. Olhei para os meus pés. Eu estava em pé em cima do branco, e estava frio. O ar estava frio também. Quando eu respirava, doía, e o meu nariz começou a latejar novamente.

A varanda dos fundos da casa de Esmeralda havia sumido. Eu estava no alto de uns degraus brancos, olhando para uma fileira de construções do outro lado que não deveriam estar ali.

Não era o quintal dos fundos. Não era nem dia. Havia algo de errado com a luz. O céu estava cinza-alaranjado e eu não conseguia ver o sol. Seria noite? Então por que não havia estrelas? Nem lua? Seria um eclipse? Será que tiraram o céu dali? O mundo acabou quando eu passei da cozinha para a varanda?

O mundo fora virado de cabeça para baixo, sem dúvida Nada do que eu via ou sentia fazia sentido. A luz do dia e o verão, ambos haviam sumido.

Os prédios do outro lado da rua pareciam um quadro de Escher. Havia uma raquítica escada de ferro anexada do lado de fora de cada prédio. Pensei se não haveria escadas do lado de dentro também. Ou será que estavam do lado *de fora* porque alguém as esquecera? Mas elas não foram nem feitas direito. Os degraus começavam alto demais, mesmo para um salto. Talvez fosse uma terra de gente-canguru.

Na frente dos prédios havia uns enormes bolos brancos. Que diabo seria aquilo?

Gotículas macias atingiram o meu rosto e foram parar na minha boca ainda aberta. Igual à chuva, só que mais macia. O ar estava cheio de gotas brancas, que flutuavam pelo ar qual plumas ou pétalas.

Desci os degraus, observando aquela maravilhosa poeira branca dançando à minha volta. Peguei alguns flocos na boca e senti-os dissolver. Estremeci. Tinha gosto de ar frio e úmido. Adorei.

— Neve! — falei em voz alta, orgulhosa por ter descoberto. — É neve.

Nunca tinha visto tanta neve antes. A bem da verdade, afora livros de imagens, eu *nunca* tinha visto neve. Durante a infância, cheguei a conhecer criancinhas que nunca tinham visto *chuva*. Pensei no que teriam achado daquilo agora. Iriam se molhar todas!

Soltei uma bela risada e saí girando com os braços abertos, sentindo a neve cair nos meus braços e pernas descobertos. Fazia cócegas. As casas marrons, verdes e vermelhas, os gradis, as estranhas escadas, um rosto bigodudo na pedra, tudo isso passava por mim, obscurecido pelos flocos de neve caindo Finalmente, parei, ofegante.

Os enormes bolos brancos eram *carros*, agora tive certeza Mas estavam cobertos de neve. Eu estava olhando para uma rua. Uma rua estranha, não havia dúvida; com casas altas, todas aglomeradas, mas sem dúvida uma rua.

A neve, o frio, aquilo era divertido. Não consegui evitar — precisava correr. Saí a toda pela calçada, sentindo a neve, deliciosamente fresca e macia, espatifando-se contra o meu rosto, esmigalhando-se molhada sob os meus pés. A sensação era absolutamente fabulosa. Não era por menos que as pessoas nos livros gostavam do inverno. Se o inverno era isso, eu também gostava.

Virei-me para correr de volta.

Foi quando me dei conta de que eu não sabia onde ficava o “de volta”. Estendia-se às minhas costas uma fileira de casas, iguais àquelas do outro lado da rua. Todas se pareciam, com seus gradis de ferro e degraus de pedra. Nem pensei em observar de qual casa eu havia saído.

Que besteira!

Cheguei a ouvir na cabeça a voz de Sarafina: *Esteja sempre alerta, ciente do seu entorno*. E o que eu tinha visto? Casas vermelhas e marrons. Quase todas eram assim. Um rosto bigodudo em pedra.

Naquele exato momento, percebi que estava tremendo. Já não sentia mais o nariz. Minha camiseta e meu short estavam encharcados. E eu descalça. A neve era fria. Eu estava com frio. Muito frio.

Começou a nevar mais forte.

Resgate

Era a terceira noite de espera de Jay-Tee. Cada qual mais fria que a anterior. Ela ainda nem havia resgatado Razão Cansino e já a detestava.

— Ela vai se destacar na escuridão — dissera ele, o que no inverno não ajudava muito, porque ficava escuro praticamente o tempo todo. Além do mais, os sonhos dele não eram sempre precisos a esse ponto, mas dessa vez ele não quis nem pensar na possibilidade de essa tal menina chegar depois de o sol já ter saído ou numa semana diferente ou, Deus nos livre e guarde, não chegar.

Jay-Tee ficou ali sentada no escuro, enrolada num casaco de pena de ganso, cachecol de casimira, luvas forradas com pele de animal, botas (a pele não era visível, para o caso de defensores dos animais resolverem jogar tinta em cima dela ou qualquer coisa do gênero) e gorro. Ainda assim, seu rosto estava dormente e, por estranho que pareça, seus joelhos — embora as coxas ou panturrilhas, não — estavam enregelados. Se ela pudesse se movimentar um pouco, não teria sido tão ruim assim, mas sentada tinha a impressão de que iria virar picolé.

O café na garrafa térmica já acabara há um tempão e ela já havia comido todos os biscoitos de chocolate. Olhou para o relógio — afivelado por cima da luva para que o pulso não precisasse congelar toda vez que fosse ver as horas. Meia-noite. O sol ainda demoraria um tempão para sair. Alguns flocos de neve pairavam no ar e logo caíam no chão.

Que bom, pensou Jay-Tee. Era só o que faltava, mais neve. Passou o dia inteiro nevando um pouco aqui e parando ali, uns flocos macios, numa precipitação de bem uns cinco centímetros, deixando tudo úmido e escorregadio. Com a sorte que tinha, era até possível que aquilo se transformasse numa nevasca. Ninguém previu um tempo desses, o que não significava muita coisa. Ela se levantou e foi se sentar no degrau de cima, fora da neve, puxando consigo a sacola de compras que continha seu café inútil mais o casaco e a bota para Razão.

Jay-Tee olhou para a porta do outro lado, desejando que aquela porcaria se abrisse e a menina aparecesse. Já abrira duas vezes desde que ela ficara de vigília, mas em ambas tinha sido Esmeralda Cansino. Jay-Tee estava com sorte — a bruxa não a percebera ali.

Não queria nem pensar no que Esmeralda faria se a tivesse visto. A bruxa não gostava de que as pessoas soubessem da sua porta. Segundo ele, a bruxa só queria saber de sangue e sacrifícios, em geral de animais, porém falava-se até de bebês humanos.

— E se uma menina, perdida como você, aparecesse subitamente aos trambolhões pela porta... — Ele deu de ombros. — Talvez aproveitasse a oportunidade para subir um patamar.

Pena a bruxa morar numa casa do lado de lá daquela porta! Jay-Tee adorava a idéia de fugir desse inverno miserável dando apenas um pulinho logo ali onde o sol brilhava e fazia calor. Ele dizia que tudo no outro lado era ao contrário. Quando era inverno aqui, lá era verão. Chegou mesmo a prometer que isso aconteceria logo se as coisas dessem certo. Jay-Tee soltou uma bufada de descrédito. Sua vida não tinha lá muitas coisas que dessem certo.

A porta se abriu.

Surgiu uma garota de aparência hispânica, magricela, de pés descalços. Nem de longe o que Jay-Tee esperava. A porta se fechou com violência antes que Jay-Tee tivesse a chance de dar uma espiadela no que havia do lado de lá. Ela se recolheu ainda mais para dentro da escuridão, concentrando-se em não ser vista.

Razão Cansino parecia um pouco as batatinhas fritas da Mclanche Feliz do Mcdonald's, com a boca aberta até não poder mais e os flocos de neve caindo dentro. Parecia deleitada consigo mesma, como se pegar flocos de neve fosse uma grande dificuldade.

A menina desceu a escada devagar, olhando para tudo como se nunca tivesse visto uma rua antes. Quando chegou lá embaixo, começou a girar e girar. *Será que ela não está com frio?*, pensou Jay-Tee, agasalhando-se melhor dentro do casaco; só de ver a outra dançar praticamente nua no meio da neve, ficou com mais frio ainda.

Em seguida, a idiota saiu correndo rua abaixo. Jay-Tee se levantou, pensando se deveria correr atrás dela ou não. Não que ela *pudesse* correr, toda enrolada do jeito que estava qual urna múmia, tendo ainda que arrastar um saco imenso.

Lá embaixo, através da neve toda, Jay-Tee conseguiu a muito custo distinguir que Razão tinha parado, ensaiando um tipo de dança e começando a voltar para cá. E vinha de braços cruzados contra o peito, sentindo o frio afinal. A neve estava caindo mais forte agora, já com uma certa inclinação, e o vento, aumentando. Jay-Tee logo percebeu a queda de temperatura. Talvez fosse hora de empreender um resgate.

Desceu os degraus à sua frente e chamou:

— Ei, você aí! Menina!

Parece que Razão não a ouviu. Jay-Tee se aproximou um pouco mais e gritou:

— Ei, você está bem?

Razão andou mais alguns passos. Estava tremendo. De perto, Jay-Tee percebeu que ela estava arrepiada da cabeça aos pés, tinha o rosto vermelho e os lábios roxos.

— Eu tenho um casaco aqui — disse Jay-Tee, mostrando-o para ela. Razão ficou confusa. Jay-Tee enrolou-a no agasalho, esticando-se para alcançar-lhe os ombros — a menina era meio palmo mais alta — e enfiar-lhe os braços, que não opuseram resistência alguma, para dentro das mangas. — Ponha as mãos nos bolsos. Estão bem quentinhos.

Isso Razão conseguiu fazer, embora já tivesse começado a tremer de corpo inteiro. Jay-Tee ouviu seu queixo batendo. Precisava tirá-la da rua e levá-la para dentro de algum lugar.

Ajeitou-lhe o capuz na cabeça. A neve caía com inclinação cada vez maior. Jay-Tee não quis nem saber da sensação térmica agora — menos um zilhão, pelo que parecia. Ela detestava quando o tempo virava tão bruscamente.

— Tenho botas também — informou à menina. Ela fez que sim, mas Jay-Tee não pôde ter certeza de que a outra a entendera. Falava-se inglês na Austrália, mas talvez a menina fosse lerda, ou algo assim. Jay-Tee empurrou Razão contra a parede — a menina nem tentou resistir — e levantou-lhe um pé roxo, secando-o da melhor forma possível com as luvas antes de enfiá-lo na bota forrada com pele de animal. Em seguida, repetiu o processo com o outro pé.

— Vai ficar melhor agora. Vou levá-la para casa — disse Jay-Tee bem alto perto do capuz de Razão. — Está quente lá. Acho que o tempo vai virar de vez.

A menina concordou novamente, mas não disse nada. Talvez não estivesse conseguindo falar, pelo jeito como batiam os seus dentes.

— Por aqui — gritou Jay-Tee, passando o braço pelo de Razão, verificando se a menina mantinha as mãos nos bolsos. Meio arrastando-a, meio empurrando-a, ela conseguiu que Razão se deslocasse na direção correta. Deveria ter trazido um trenó, pensou.

— Não é longe — disse, em voz alta. — Falando sério.

A lareira estava acesa, praticamente sem necessidade, a considerar-se o calor que saía da tubulação de vapor. *Deve estar fazendo pelo menos uns trinta graus aqui.* Provavelmente ele tinha acendido. Jay-Tee percebeu que ele não estava mais ali. Ficou feliz. Não queria ter de lidar com ele agora. Estava exausta. Arrastar Razão ao longo de seis quarteirões e meio a deixara morta de cansada.

Razão foi direto para a lareira, deixando-se afundar no tapete, tirando as mãos dos bolsos e aproximando-as das labaredas.

— Tão perto assim, não — advertiu-a Jay-Tee. — Desse jeito faz mal, sabe? Primeiro, frio demais; depois, calor demais. Talvez seja melhor só esfregar uma na outra.

Razão olhou para ela, piscou e começou a esfregar as mãos. Sinal de que a estava compreendendo.

— É melhor você tirar essa roupa molhada. Que tal se eu trazer uma toalha, um pijama, e for preparar uma comida para a gente? Quer tomar uma bebida quente? Está com fome?

Razão fez que sim com a cabeça.

— Tudo bem. Fique esfregando os dedos das mãos e dos pés. Não vai ser nada bom se eles congelarem.

Quando voltou, Razão ainda estava se esfregando toda como uma garotinha de jardim-de-infância. Jay-Tee mordeu o lábio para segurar a risada. Pôs toalha e o pijama ao lado dela.

— Pronto! Está aí. Vou para a cozinha preparar uma comida. Se precisar de alguma coisa, é só chamar.

— Tudo bem — disse ela.

Pelo menos duas palavrinhas, pensou Jay-Tee.

Jay-Tee entregou a Razão uma caneca de chocolate quente e dois sanduíches de manteiga de amendoim e geléia. (Além de sucrilhos, sanduíches eram a única coisa que Jay-Tee preparava.) Ajeitou-se no chão ao lado de Razão e as duas ficaram ali perto da fogueira lanchando juntas em silêncio durante algum tempo.

Jay-Tee deu uma espiada em Razão. Ela estava usando o casaco por cima do pijama e já havia parado de tremer. O nariz não parecia mais roxo, mas ainda estava inchado. E o olho parecia estar começando a ficar roxo também. *Arrá*, pensou Jay-Tee, *a bruxa má deve andar usando os punhos por aí*. Mas por que se incomodaria com isso? Afinal, era capaz de fazer coisas muito piores do que bater numa pessoa.

Jay-Tee ficou pensando um instante se de fato ela teria feito aquilo. Havia muito pouca energia ou centelha em torno de Razão. Será que Esmeralda já a teria sugado até praticamente secá-la? Ele não iria gostar nada daquilo.

Razão depositou a caneca e lançou sobre Jay-Tee um olhar fixo.

— Onde estou?

— Na rua 11.

— Rua 11? Fica em Newtown?

— Newtown? Como assim? — embora imaginasse que só podia ser algum lugar do outro lado da porta.

— Que bairro é este?

— Bairro? Isto aqui não é bairro.

Ela ficou ainda mais confusa.

— Onde estamos? Rua 11 onde?

— Em East Village — disse Jay-Tee, num esforço de paciência. Ele lhe dissera que fosse gentil e fizesse amizade com Razão. Também lhe avisara que contasse o mínimo possível à menina. Jay-Tee sabia muito bem que não deveria deixar de fazer exatamente o que ele dizia com *aquela* tom de voz. Não iria contar nada a ela. — Você está em East Village. Estava quando a encontrei. Você bateu com a cabeça ou algo assim?

Razão piscou os olhos. Suas pálpebras estavam molhadas

— East Village. Aldeia do Leste — disse devagar. — Hum! Onde é que fica isso?

Ele dissera a Jay-Tee que Razão não sabia de nada, mas era neta de Esmeralda Cansino, de forma que Jay-Tee achava difícil acreditar naquilo. E nunca lhe ocorrera a possibilidade de alguém não ter ouvido falar daquele lugar. Afinal, era a cidade mais famosa do mundo. Ela supôs que Razão ainda estivesse sob o choque do frio, pois sua confusão era genuína. A menina não estava fingindo, de jeito nenhum; Jay-Tee perceberia se estivesse.

— Ao sul de Midtown.

— Midtown. Cidade Média?

— A leste de East Village. Aldeia do Oeste, se você preferir. — De uma certa forma, aquilo estava sendo divertido.

A expressão de Razão parecia vazia. Jay-Tee teve a impressão de que a magia não era a única coisa de que ela não sabia. Ela não sabia nada de nada. Ele estava certo; ela seria *muito* fácil.

— A oeste do Rio Leste — sugeriu. — Acima do Baixo Lado Leste?

O vazio na expressão de Razão não se alterou. Jay-Tee precisou reprimir a risada. Resolveu que já era hora de dar uma folga para a menina. Afinal, também deveria estar fazendo amizade com ela. Colocou a caneca no chão e esticou-lhe a mão.

— Eu me chamo Jay-Tee.

— Razão.

A menina apertou a mão de Jay-Tee com uma força excessiva, como se estivesse aliviada por tocar em outro ser humano, como se sentisse medo de que Jay-Tee fosse um duende ou espírito ou coisa assim.

— Nome estranho — falou Jay-Tee, pois de fato era.

— Minha mãe é doida.

— Sua *mãe*? — A menina falava estranho. — Ela escolheu esse nome porque era doida por você?

— Pode ser — disse ela, num sotaque realmente incomum.

Jay-Tee arriscou um comentário:

— Você não parece ser de origem hispânica.

Razão ficou intrigada.

— Hispânica?

— De onde são os seus pais? Do sul? Eles falam espanhol?

Razão fez que não com a cabeça.

— Sarafina é de Sidney. Não fala espanhol. Eu não sei de onde é o meu pai. Mas Sarafina achava que ele era de algum lugar do norte, não do sul.

— Sidney, Austrália? — Jay-Tee sabia disso, mas achou que deveria demonstrar surpresa, para não revelar nada. Não queria que ele ficasse zangado com ela.

Razão confirmou.

— Não é hispânica, mesmo?

— Não. Minha família é australiana — disse ela com firmeza —, há mais de um século. Do lado do meu pai, muito, muito mais.

— Então como é que você saiu morena?

— Meu pai é aborígine.

— Ele é o quê?

— Aborígine — repetiu ela, como se Jay-Tee devesse saber o que isso significava.

— Eu ouvi — retrucou Jay-Tee, pensando mais uma que Razão deveria ser doida. Estaria inventando essas coisas? Não parecia. — Mas o que isso significa?

Razão franziu o cenho, como se nunca tivesse precisado explicar antes.

— Ele é do povo original daqui, de antes da chegada dos ingleses.

— Hein?

— Antigamente, quando os brancos chegaram aqui, já havia gente...

— Ah, entendi. Você está falando de índios com lanças e tangas e bebês nas costas? Quer dizer que os aborígenes não são brancos?

Razão fez que sim lentamente com a cabeça e deu a impressão de que iria dizer mais alguma coisa até que acabou falando:

— Não. Brancos, não.

Isso explicava a aparência dela. Talvez o seu jeito estranho de falar fosse o jeito como os aborígenes falavam.

— Há quanto tempo você está na cidade?

— Eu não... Acabei de...

A menina parecia confusa. Ele não tinha falado de brincadeira. A neta de Esmeralda Cansino não sabia das portas. Como era possível uma coisa dessas?

— Não me lembro — acabou falando. — Eu estava em casa, em Sidney. De repente, estava aqui.

Ela deve ter aberto a porta sem saber o que aconteceria.

— Talvez você tenha sido raptada e drogada. E iam fazer coisas indizíveis com você, mas você escapou. Isso explica o seu rosto. Eles provavelmente a espancaram quando a agarraram.

Ela balançou a cabeça.

— Isso quem fez fui eu mesma. Um acidente.

Vai nessa, Jay-Tee pensou, acidente.

— Eu estava puxando uma pedra e ela bateu no meu rosto.

Seja lá o que for.

— Aqui na cidade?

Ela acenou que sim e parou.

— Foi. Em Sidney.

Durante um segundo, ela não pareceu tão confusa quanto antes. Está fingindo, Jay-Tee se deu conta. Mas a confusão de antes fora genuína. Será que ela teria se lembrado, apenas? Acaso não teria clareza do que é real e do que não é? Mas ela sabia da porta, sabia da maneira como havia chegado aqui. Jay-Tee percebia isso.

Essa menina vai envolvê-lo em mais encrenca do que ele pensa. Em grande parte, Jay-Tee estava satisfeita.

— Ainda assim, você poderia ter sido raptada e drogada depois de ter encestado a própria cara.

— Pode ser.

— Não acha melhor eu chamar a polícia? — perguntou Jay-Tee, só para ver o que ela diria.

Razão ficou alarmada.

— Tudo bem. Talvez eu consiga descobrir o que aconteceu. Quem sabe se... — e desconversou.

Jay-Tee abriu o sorriso mais largo e convidativo que conseguiu. Apesar de exausta, não lhe foi difícil sorrir; conseguira encurralar a outra até quase fazê-la admitir que sabia como chegara aqui. Por que outra razão não iria querer polícia?

— Pode ficar aqui — disse. — Você está com uma cara de cansada! Já é tarde, quase de manhã. Quem sabe eu não faço uma cama para você e amanhã, depois de conseguirmos dormir bastante, nós vamos resolver isso?

— Quase de manhã? Que horas são?

Jay-Tee olhou para o relógio.

— Quase uma da manhã.

— Uma da manhã? — repetiu Razão, mostrando-se confusa novamente.

— É. Hora de dormirmos um pouco.

Razão concordou, pegando suas roupas molhadas. Parecia resignada a praticamente tudo que a outra tinha a dizer, mas Jay-Tee percebia sua descrença.

— Tudo bem. Deixe que eu pego suas roupas e penduro para secar — disse Jay-Tee.

E conduziu Razão para o segundo quarto, torcendo para que a outra não percebesse que a cama já estava pronta para ela.

— O banheiro fica logo ali ao lado, e eu no outro quarto. Qualquer coisa que precisar, é só bater à minha porta.

Ela virou-se para Jay-Tee, com os olhos molhados novamente.

— Obrigada... por tudo. Estava tão frio. Eu podia... Obrigada.

Ela piscou rapidamente e, em seguida, perguntou:

— Você se lembra de onde me encontrou? Poderia me levar de volta para lá?

— Com certeza. Se você acha que pode ajudar. Podemos ir depois do café-da-manhã. Durma bem, Razão.

Jay-Tee apagou a lareira, espalhando a brasa que sobrara. Vasculhou os bolsos do short e encontrou um pedaço de arame, mas chave, não. Bem, não chegava a ser um problemão. Não chegava nem perto da quantidade indizível de lugares onde Razão poderia se esconder.

Ou talvez ela fosse como a avó e não *precisasse* da chave. Aí seria uma brabeira.

Na Bizarrolândia

Quando acordei, não sabia em que lugar me encontrava. Estava completamente desperta, nem um pouquinho grogue, nem naquele intervalo entre o sono e o despertar; mesmo assim, não reconheci nada ao meu redor. Nem o pijama que usava, nem a cama com lençóis brancos, nem o edredom caído no chão. Fazia calor, o que era estranho, pois eu me lembrava de estar fazendo frio.

Saí da cama e abri as cortinas. O mundo lá fora estava branco e cinza. O dia já havia nascido. Pelo menos, não estava escuro. Já estivera, mesmo à tarde. De alguma forma, o tempo parara de funcionar direito. Abri a janela e espiei através da grade, tentando avistar o sol, mas havia prédios em demasia e nuvens pesadas. Seria manhã? A sensação não era de manhã. Por que havia grade na janela?

Lembrei-me de ter sentido o maior frio da minha vida. Um frio tão frio que seria capaz de matar a gente. Era neve mesmo aquilo lá fora, sufocando tudo, até mesmo o barulho dos carros que passavam. Que lugar era este?

Bateram na porta. Dei um pulo.

— Razão? Está acordada?

Reconheci a voz. A menina de ontem à noite que não queria me dar nenhuma resposta direta. A menina que me salvara.

— Razão?

— Oi! — gritei depois de ter me enfiado na cama de novo e puxado as cobertas até o queixo.

— Posso entrar?

— Claro. — O sotaque dela era estranho. Eu não me lembrava de ter percebido isso ontem à noite. Parecia estrangeira. Mas não como os estrangeiros que eu conhecera na vida embora eu só tivesse conhecido uns poucos, em geral mochileiros em andanças pelo interior do país.

Ela entrou carregando um monte de coisas. Mal dava para ver seu rosto por trás. Não havia onde colocar aquilo tudo que não fosse ao pé da minha cama, e foi o que ela fez. O quarto não tinha quase nada. Nem ao menos quadros pendurados nas paredes azuis. Além da cama, havia um guarda-roupa embutido e um tapete quadriculado em vermelho e marrom sobre o soalho de tábuas corridas, que não

eram tão brilhantes como as da casa de Esmeralda. Mais nada. Nem sequer uma cadeira.

Como vim parar aqui? Eu tinha aberto a porta... e depois? Balancei a cabeça. Pensar naquilo doía.

Olhei para aquela tralha toda que Jay-Tee havia trazido. Roupas para mim, supus, mas ela não falou nada. Era mais baixa do que eu pude notar na noite anterior. Mais baixa do que eu até. Quando me resgatou, achei que fosse uma adulta. Agora parecia ter a mesma idade que eu. Como era mesmo o seu nome?

— Oi! — disse eu, com cuidado, ainda embaixo das cobertas.

— Oi!

— São para eu usar? — Parecia um exagero. Por acaso estava achando que eu iria me mudar para a casa dela?

Ela confirmou. Eu gostaria de conseguir me lembrar do seu nome. Não era um nome de verdade, era como um apelido ou algo assim.

— Onde estamos? — perguntei. — Não ficou muito claro para mim ontem à noite.

Eu torcia para que ela fosse um pouco mais objetiva do que tinha sido com aquela baboseira toda de ontem à noite: ruas que têm números, aldeias denominadas segundo os pontos cardeais, um mundo de faz-de-conta inventado por alguém sem imaginação.

— Aldeia do Leste.

Senti uma onda de raiva. *Nunca perca a paciência*, Sarafina me dizia sempre. Fechei os olhos, deixei que os vinte primeiros Fibs percorressem a minha mente, e tornei a abri-los depois que a raiva passou. E perguntei:

— E onde fica isso?

— A leste da Aldeia do Oeste — disse ela, como se isso fosse óbvio e eu fosse uma boba por não saber. Soltou uma risadinha e eu fiquei bastante tentada a dar-lhe um soco. Isso ou gritar. Fiz um esforço para me lembrar que aquela menina tinha me salvado. Não devo ceder ao meu temperamento.

Ela me resgatou de uma nevasca. Senti dor na cabeça. Como poderia haver neve? Jay, lembrei-me subitamente. O nome dela era Jay alguma coisa.

— Jay — comecei a falar —, o que...

— Jay-Tee. Ninguém me chama de Jay. Não é o meu nome. Eu sou Jay-Tee.

— Desculpe.

— Tudo bem. Você estava bastante confusa ontem à noite. Como é que se sente agora?

— Confusa.

— Mais alguma idéia sobre o que aconteceu com você? Caiu do céu? Escapuliu das garras de um grifo? — Ela estava rindo.

Eu não sabia o que era um grifo, mas parecia uma criatura inventada. A menos que fosse um habitante de carne e osso da Aldeia do Leste. Balancei a cabeça.

— Acho que não.

Eu só tinha aberto uma porta... mas isso não fazia sentido. Não podia ser isso que havia acontecido de verdade. Era preciso manter a racionalidade. Talvez Esmeralda tivesse me dado alguma coisa que eu não soubesse, justamente como Sarafina sempre me avisou, e tudo aquilo não passasse de uma alucinação.

— Pode tomar uma chuveirada se quiser. Se é que tomam chuveiradas no lugar de onde você vem. Tem algumas toalhas junto com as roupas. — Ela apontou para o monte de roupas em cima da cama.

— Obrigada. — Pensaria naquilo mais tarde. Quando minha cabeça não estivesse doendo.

— Não deixe de usar todas elas, sabe. Serão necessárias três camadas. E mais um cachecol, luvas e gorro.

Ela pegou uma coisa de lã, vermelha e verde. Achei que deveria ser o gorro. Era meio apatetado, comprido e mole, do tipo que um palhaço usaria. Tive esperança de que fosse gozação.

— Está fazendo muito frio. A sensação térmica está num nível nunca registrado antes. É preciso o cuidado especial de cobrir bem as orelhas. Elas podem cair.

Imaginei o que deveria ser a sensação térmica. Não parecia coisa boa. Era difícil me imaginar usando todas aquelas roupas de uma vez só, especialmente quando estava tão quentinho na cama.

— É inverno?

Ela olhou para mim como se eu estivesse maluca. A bem da verdade, olhava para mim daquele jeito praticamente o tempo todo. Cheguei a pensar que eu estivesse mesmo maluca.

— É, Razão. É inverno agora. As tempestades de neve e o frio de rachar costumam indicar justamente isso.

— Não no lugar de onde venho — falei baixinho para ela não ouvir, e em seguida mais alto: — Qual é a temperatura que está fazendo?

— Vinte e dois. Mas a sensação térmica faz com que pareça muito mais frio.

Fiquei olhando fixamente para ela. Como poderia estar fazendo 22 graus? Havia neve acumulada em todo canto, e não estava derretendo. Só podia estar abaixo de zero lá fora. Vinte e dois seria agradável, quase quente.

— Você está querendo dizer que é o vento que está deixando tudo assim tão frio?

— Ahn-ahn. Se não estivesse soprando esse vento gelado, não estaria, nem de longe, ruim desse jeito. Você pode continuar usando o mesmo casaco.

Jay-Tee olhou para o casaco no chão onde eu o deixara cair.

— As botas que você usou ontem à noite estão perto da lareira. Já estão secas agora. Parece que couberam direitinho em você, hein?

Concordei, embora não me lembrasse se couberam ou não

— Obrigada.

— Vamos tomar café? Você deve estar com fome.

Concordei novamente, embora não tivesse me dado conta disso até o momento em que ela perguntou. Fiquei pensando em quanto tempo fazia desde que comera pela última vez. A última refeição de que me lembrava fora em janeiro, que é seis meses depois do inverno.

Quando ela saiu, procurei à minha volta as roupas que tinha usado. Não estavam no quarto. Fui até a sala de estar. Jay-Tee não estava lá, mas as minhas roupas estavam penduradas para secar diante de um dos aquecedores.

Aproveitei a oportunidade para dar uma olhadinha pelos arredores. Duas saídas: a porta da frente e uma janelona na cozinha que dava para uma dessas estranhas escadas metálicas externas. A janela era coberta por uma tela de metal. Só de olhar, não deu para dizer se estava trancada ou não.

Voltei para a sala de estar e encontrei meu short e minha camiseta, as últimas roupas que me lembrava de ter usado. De alguma forma elas conseguiram ficar comigo do verão para o inverno, até chegarem aqui. Onde quer que fosse esse “aqui”.

— Você ainda não tomou banho? — perguntou Jay-Tee.

Dei um salto.

— Você me assustou.

— Desculpe — disse ela, embora não parecesse sincera. — Será que dá para você se apressar? Estou morrendo de fome. Quanto mais cedo você tomar banho, mais cedo nós comemos.

No banho, me esfreguei tanto que tirei várias camadas de pele. Os dedos das mãos e dos pés ainda estavam com a estranha sensação do frio de ontem à noite, latejando como se milhares de agulhinhas tivessem sido espetadas neles.

O apartamento de Jay-Tee tinha grade em todas as janelas, até mesmo na pequenininha do banheiro. Era como uma prisão. A porta da frente e a janela da cozinha eram as únicas saídas. Claro, conhecer as rotas de fuga era informação inútil até que houvesse um lugar para onde fugir.

Que lugar era este e como eu viera parar aqui?

O cardápio era quase tão grande quanto a mesa e cheio de coisas das quais eu nunca tinha ouvido falar: kielbasa, pierogies, kasba, macaroni. Minha cabeça ficou girando com tudo aquilo. Não consegui entender nada dali, ou do restaurante, ou da Aldeia do Leste. Coloquei o cardápio na mesa e agarrei a amonite no bolso, fechando os olhos e deixando que sua espiral áurea se desenrolasse na minha cabeça, Fibs em cascata, espalhando-se pelas mesas à nossa volta. Tentando em vão entender, tentando encontrar algo que eu reconhecesse.

— Razão? Já sabe o que vai pedir?

— Hein?

Abri os olhos, os Fibs desmoronaram na minha cabeça.

— Claro. O que é que você vai pedir?

Ela me disse. Eu falei que queria a mesma coisa, embora não fizesse a menor idéia do que fosse aquilo. Era como se estivesse dentro de uma bolha de vidro. Tudo me chegava corno que de longe, desprovido de substância, distorcido. Eu estava como Sarafina, vivendo num mundo em marcha lenta enquanto tudo à minha volta mantinha seu andamento normal, ou andava mais rápido, pelo que me parecia. Talvez alguém tivesse me dado alguma droga ou me raptado, me trazido para esta cidade estranha, fria.

Fiquei ali sentada, observando as pessoas que entravam e saíam a toda. Elas se sentavam, faziam seus pedidos e logo enfiavam a comida goela abaixo como se achassem que alguém pudesse vir tirar-lhes o alimento da boca. E depois saíam. Só faltava eu ver rastros de luz no esteio delas. Zum, zum, zum. Era assim que Sarafina via o mundo? Acaso isso seria de verdade?

— Você não está comendo.

Olhei para ela, confusa. Nem havia percebido a comida chegar.

— Sinto muito. Acho que me distraí. — Tomávamos o café-da-manhã, mas não parecia hora para isso. — Que horas são?

— Meio-dia e meia.

— Já é de tarde? — Não dava para entender.

Jay-Tee confirmou com um gesto da cabeça e me deu aquele olhar de *você está maluca?* novamente. Talvez estivesse. Nada fazia sentido desde que eu abrisse a porta dos fundos da casa de Esmeralda. Meu mundo havia se desfeito. Se não estava drogada, eu só poderia estar maluca. Será que alguém do mundo de verdade estava tentando falar comigo agora? Tom ou Esmeralda? Para eles, tudo que eu estava dizendo pareceria bobagem.

O calor dentro do restaurante deixava as janelas embaçadas, mas subitamente senti frio. Eu tinha enlouquecido igual à minha mãe.

— Você deveria comer pelo menos um pouco de salgadinhos *kasha*. O molho de cogumelo está ótimo.

Obedientemente, enfiei uma colherada do troço na boca. Que nome para uma comida — *kasha*! Tinha cara de mingau, gosto também, só que não era cremoso nem doce, e era mais cinza do que branco. Por que o meu cérebro iria criar uma coisa tão chata? Eu achava que tinha uma imaginação melhor.

Se, por outro lado, isso fosse real, eu ainda não fazia idéia de onde estava nem de como havia chegado aqui, mas não estava disposta a mais uma conversa em círculos com Jay-Tee para tentar ficar sabendo. Será que Esmeralda havia me drogado e enviado para a Antártica? Será que na Antártica haveria tanta gente assim? E, se fosse mesmo inverno, onde teriam ido parar os últimos seis meses?

Senti dor na cabeça. O nariz voltara a doer durante o breve deslocamento do apartamento de Jay-Tee para o restaurante. Lá fora, fazia um frio que nem sei dizer. Para falar a verdade, eu nem fazia idéia de que o frio podia ser tão frio assim. Era como estar do lado de dentro de um *freezer*. O passeio de cinco minutos foi quase insuportável. Ainda não dava para acreditar que estava fazendo 22 graus lá fora. Talvez eu tivesse ouvido errado. Talvez Jay-Tee tenha querido dizer *menos 22*.

Embora não estivesse mais nevando, havia neve por todo lado, mais alta do que os carros. Nos cantos da rua, ela começara a ficar suja, acinzentada. Havia manchas amarelas onde os cachorros faziam xixi.

Tínhamos vindo a pé, por uma trilha aberta no meio da neve, onde alguma coisa reluzente se esmigalhava sob os meus pés.

— Sal — disse Jay-Tee quando lhe perguntei. Ela não explicou por quê, mas, será que ajudava a dissolver a neve? Se fosse assim, seria talvez a primeira coisa que eu via fazer sentido.

Havia muita gente, todas agasalhadas em imensos casacos de inverno, como aquele pendurado atrás da porta dos fundos da casa de Esmeralda. Andavam o mais rápido que podiam, apesar do peso dos seus casacões. Dava para imaginar. Quem iria querer ficar do lado de fora um segundo que fosse a mais que o estritamente necessário? Os rostos que pude ver de relance estavam sóbrios e contraídos, cheios de manchas vermelhas, e os lábios, cinza.

Lá fora, naquele frio insuportável, meu nariz doía e os meus pulmões ardiam toda vez que eu respirava. Como é que alguém conseguia viver num lugar desses?

Fiquei satisfeita quando saímos da rua, e achei o restaurante tão quentinho quanto o apartamento de Jay-Tee. Em poucos minutos, estava suando e precisei tirar o casaco, as luvas, o gorro e, em seguida, o agasalho e a camiseta de manga comprida. Olhei à minha volta. Em cada mesa havia pelo menos uma cadeira praticamente escondida embaixo de um monte de roupas.

Que lugar seria este? Aldeia do Leste, rua 11. O céu era cinza, as pessoas, cinza, e a comida, cinza. A garçonete que pegou nossos pedidos não nos sorriu. Observei todas as demais pegando outros pedidos. Não sorriam para ninguém. Ninguém falava com um sotaque igual ao meu, embora todos falassem diferente uns dos outros.

— Não gostou?

Jay-Tee estava olhando para a minha comida.

— Não, está legal.

Enfieí mais uma colherada daquela gororoba cinza na boca e engoli, obedientemente. Tomei um golinho de suco de laranja depois um do café, feliz da vida por sentir sabores normais, embora o café fosse mais aguado do que aquele ao qual estava acostumada.

A última coisa de que me lembrava era de ter saído pela porta dos fundos da casa da minha avó; em seguida, minha memória pulava para o momento em que eu estava parada na neve, numa noite de inverno, neste mundo cinza com jeito de prisão.

O homem da mesa ao lado da nossa ajeitou o jornal ruidosamente e por pouco não derramou a sopa roxa esquisita que estava comendo.

— Você se lembra de alguma coisa da noite passada? — perguntou Jay-Tee.

Balancei a cabeça, embora me lembrasse. Só que não fazia sentido.

— Será que você está com amnésia? Não seria melhor irmos a um médico?

Amnésia, essa era a palavra usada para quando se perde um pedaço da memória. Mas, antes que eu pudesse concordar, pensei no que os médicos de Kalder Park haviam feito com Sarafina e balancei a cabeça.

— Não, obrigada. Tenho certeza de que não preciso de um médico.

— Você é quem sabe.

Jay-Tee pediu mais café. Eu passei geléia numa torrada e dei uma mordida, mastigando devagar. Lembro-me de andar cambaleando com os pés descalços estupidamente gelados. A sensação foi maravilhosa a princípio. Mas não durou muito. Tive uma sorte inacreditável por Jay-Tee ter me encontrado e estar disposta a ajudar.

Eu havia acordado no meio da noite (se aquilo pode ser chamado de *noite*) tremendo, convencida de que ainda estava naquele frio inacreditável sem ninguém para me salvar. Poderia até ter morrido. Caí no sono novamente, quase de imediato. Num minuto, acordada, no instante seguinte, pálpebras mais pesadas que Uluru. Nunca me senti tão estranha.

Alguma coisa me pinicou por dentro, chamando minha atenção, mas doeu só de pensar em chegar perto. Não quis pensar no menino que morrera. Drogas, disse a mim mesma. Ou loucura.

Uma gargalhada irrompeu como as badaladas de um sino dentro do restaurante. Virei-me e vi um homem com o casaco vestido pela metade. Duas mulheres da mesa olhavam para ele e riam escandalosamente.

— Tire o casaco todo.

— Ajeite a capa, Super-homem.

Ele estava vestido com uma roupa estranha. Vermelho com azul. Colada na pele. Dava para ver o formato exato da bunda — ainda bem que eu estava sentada atrás dele. O homem ainda trazia na cabeça o gorro e o cachecol. Parecia ridículo. Eu ri também.

— E você canta? — perguntou uma das mulheres entre espasmos de riso.

Ele confirmou e disse:

— Ah, pare com isso. Vinte pratas por hora. Embaixo da mesa.

Olhei para Jay-Tee com uma sobrancelha erguida. Que lugar era este? Jay-Tee deu de ombros como se aquilo tudo fosse perfeitamente normal, nem valesse a pena observar. O sotaque deles era mais parecido com o dela.

Tomei o meu suco. Percebi outras pessoas que, qual o Sr. Super-homem e suas amigas, não se moviam depressa, que não pareciam presidiários. Do outro lado do restaurante, perto da janela, um homem dava de comer à sua filhinha numa cadeira alta de madeira para crianças, fazendo ruídos de avião enquanto levava a colher à boca da menina. Ela soltou um gritinho de felicidade. Uma boa parte do mingau chegou a entrar na boca aberta.

Voltei-me para a minha própria gororoba, tomei umas duas colheradas, engoli. Jay-Tee já havia terminado de tomar café e olhava para mim como se quisesse dizer alguma coisa. Levantei as sobrancelhas. Ela afastou o olhar, respirou fundo e finalmente falou:

— Você... Eu estava querendo saber se você, talvez... Não fique zangada, está bem? Você diz que não tem amnésia, mas também diz que não se lembra de nada. Acho que você, sabe, talvez tenha fugido de casa. Se fugiu, não vou contar nada. Prometo.

Olhei-a com firmeza. Ela não disse aquilo que eu estava esperando que fosse dizer. Eu *iria* fugir de casa. Minha mochila estava preparada, pronta. Tinha até descido atrás de dinheiro. Mas então...

Olhei para Jay-Tee, atônita, sem saber o que dizer. Quem sabe eu não tinha fugido? Pelo menos, tinha vindo parar bem longe de Sidney, *de alguma forma*. Mas o resultado era o mesmo: eu não estava mais presa na casa de Esmeralda. Só esperava não estar presa na minha própria cabeça.

E sorri.

— Foi o que pensei — disse Jay-Tee, acenando com a cabeça. — Eu também.

Ela fez no ar um gesto de quem escreve alguma coisa, e uma das garçonetes veio com um pedaço de papel que dizia quanto tínhamos de pagar.

Jay-Tee colocou a mão em cima do papel durante um instante, concentrando-se. Fez-se um estalido no ar e eu senti o cheiro de algo que não era comida. De repente, havia dinheiro embaixo da mão dela. Eu tinha certeza de que aquilo não estava ali um segundo antes.

— O quê...? — comecei, mas abandonei a pergunta. A expressão no rosto de Jay-Tee me mandava ficar quieta.

Ela se levantou.

— Quer ir a um lugar divertido?

— Claro — falei. — Aonde?

— Ao topo do mundo. — Ela piscou para mim. *Somos amigas agora*, foi o que aquela piscadela pareceu dizer. Em seguida, Jay-Tee me conduziu de volta para o frio.

Topo do mundo

Não fazia muito tempo que estávamos na rua batalhando para andar pela calçada recoberta de neve enlameada, passando por gente que parecia astronauta de tão agasalhada com roupas de inverno, quando Jay-Tee me fez entrar num prédio. Achei que não fosse o dela, mas só tive cem por cento de certeza quando chegamos lá dentro. Por fora, todos os prédios eram quase iguais. Grandes tijolos marrons ou cinza ou vermelhos com escadas de ferro penduradas do lado de fora — escadas de incêndio, Jay-Tee me disse, fazendo-me pensar em quantos incêndios aconteciam nesta aldeia.

Quando chegamos ao interior do prédio, entretanto, este era diferente. Tinha um grande saguão com o assoalho espiralado em lajotas de mármore colorido e um teto de gesso decorado com pombas entrelaçadas carregando rosas no bico.

Havia um homem de terno preto e gravata vermelha sentado numa grande escrivaninha de madeira, cujo tampo era recoberto de couro verde fixado à madeira por 250 tachinhas de bronze. Ele estava hipnotizado por uma tela de computador, dando uns cliques no mouse de vez em quando.

— Jogando paciência — disse Jay-Tee, sem fazer esforço para falar baixo. O homem não tirou os olhos da tela quando passamos por ele. Jay-Tee soltou uma risadinha.

Havia quatro elevadores, todos com as portas abertas. Eu só andara de elevador uma vez na vida, no tribunal em Sidney. Três deles pareciam ter acabado de sair da linha de produção, como se nunca tivessem sido usados antes, com o interior todo envidraçado e dourado, brilhando, e uns tapetes vermelhos reluzindo no chão como aqueles que a gente desenrola para os nobres.

Jay-Tee me levou para o último deles. Não era como nenhum dos demais: tapete puído, e sem revestimento interno, o que deixava à mostra toda a maquinaria. Ela apertou o botão do último andar. As portas, pantográficas, se fecharam, estremecendo. Era possível ver através da grade. Os outros elevadores pareciam rir de nós por termos escolhido seu primo pobre.

O elevador rangeu e estremeceu, mas não se mexeu, como se estivesse pensando na solicitação de Jay-Tee mas não tivesse concordado em subir de jeito

nenhum. Poderia ficar onde estava, ou mesmo descer, ou ainda começar a girar no mesmo lugar.

Jay-Tee tornou a apertar o botão, com delicadeza desta vez, e sussurrou algo que soou como “Desculpe”.

O elevador subitamente resolveu que subir, de fato, era interessante, deu um tranco e começou a se mexer. Nós duas perdemos o equilíbrio, e eu dei um trambolhão em cima de Jay-Tee. Ela soltou outra risadinha.

Tirei o capuz da cabeça e fui tirando as luvas enquanto olhava os andares idênticos que passavam lentamente por nós. Todos tinham papel de parede bege salpicado de rosas, portas douradas com números pintados em preto e compridos tapetes vermelhos — mais velhos que os dos elevadores novíssimos, mas longe de estarem puídos — sobre as tábuas do soalho. Jay-Tee me observava, apertando os olhos, qual um gato espreitando um lagarto. Quando cruzei o olhar com o dela, ela piscou e disse:

— É um dos elevadores mais velhos da cidade. Meio temperamental. Não funciona para qualquer um. Mas é gentil com fujonas.

Jay-Tee abriu um sorriso largo.

— Sempre funciona para mim.

Concordei. Tudo fica mais encrencado à medida que vai envelhecendo. Especialmente as pessoas. Senti vontade de perguntar a Jay-Tee de quem ela havia fugido, e cheguei a abrir a boca para fazer a pergunta.

— Por que você fugiu? — perguntou ela, antes que eu perguntasse.

Fechei a boca, tornei a abri-la. Será que ela leu minha mente?

— Humm... — disse eu, sem saber até que ponto poderia falar. — Da minha avó. Fugi da minha avó. Nós não nos damos bem — encerrei pateticamente.

— Damos bem em quê? — Jay-Tee esticou a última vogal de um jeito que irritou os meus ouvidos. Suas mãos estavam ambas postas na cintura. Ela pareceu irritada.

— Ahn?

— Você e sua avó. Em que você não se dão bem?

— Em tudo. — Por que Jay-Tee estaria agindo daquela forma tão estranha? — Nós não gostamos uma da outra.

— Por que você não disse?

Eu *tinha* dito. De repente, senti-me incrivelmente cansada, com os olhos querendo se fechar. Precisei me recostar na parede do elevador. Se pudesse me deitar, dormiria durante um mês inteiro.

— E você? — forcei-me a perguntar.

— Fugi do meu pai.

Ele me batia.

— Que pena!

Ela deu de ombros.

— Eu o mataria se ele encostasse a mão em mim de novo. Melhor fugir.

Fiquei olhando fixamente para ela. Estaria falando sério?

— E sua mãe?

— Minha mãe está morta.

— Sinto muito.

Jay-Tee deu de ombros novamente.

— Morreu quando eu era pequena. Nem cheguei a conhecê-la. Não me lembro de como ela era. Só de fotos.

— Tem irmãos? — perguntei, de certa forma esperando que Jay-Tee me chamasse de enxerida e me mandasse parar de fazer perguntas.

Ela balançou a cabeça.

— Só eu.

— Eu também. Sarafina diz que ser filha única é a coisa mais fácil e mais difícil do mundo. Com toda a atenção!

— Quem é Sarafina?

— Minha mãe — falei, cuidando com o sotaque para que ela não se irritasse novamente. — Faz quanto tempo que você fugiu? — O cansaço se fora, tão subitamente quanto viera. Estranho!

— Muito tempo. Ninguém procura mais por mim. Estou livre. Fique comigo que você também vai estar.

O elevador parou com um tremelique que cortou o que eu ia dizer. Eu cambaleei, mas Jay-Tee, como já esperava, balançou nas pontas dos pés. Depois, silêncio. Vários segundos de silêncio. O elevador ficou ali parado, esperando. Procurei o botão de abrir as portas.

— Eu não faria isso, se fosse você — disse Jay-Tee. — Ela precisa pensar um pouco mais.

Ela?, quis perguntar, mas não perguntei. O elevador soltou um rangido chacoalhante; as portas se abriram lenta e, pelo barulho, dolorosamente.

Jay-Tee saiu e eu a segui. Estávamos num corredor de tapete vermelho e paredes em bege pontilhadas de cor-de-rosa, igual a todos os outros andares pelos quais havíamos passado. Percorremos portas douradas com números pretos: 10E, 10D, 10C. Tive curiosidade de saber qual estávamos procurando, mas Jay-Tee me fez passar por todas elas e depois subir dois lances de escada. Parou em frente a uma enorme porta vermelha.

— Coloque o capuz, e as luvas também.

Fiz o que ela mandou. Jay-Tee se inclinou para perto de mim e puxou o meu capuz mais para baixo e ajeitou o meu cachecol por cima da minha boca.

— Pronta?

Fiz que sim, mas sem saber para quê.

Jay-Tee abriu a porta. A neve nos envolveu num turbilhão, com um vento forte e frio. Jay-Tee me puxou para trás de si, batendo a porta ao passarmos.

— Topo do mundo — gritou, rindo.

Estávamos no telhado. Dava para ver a cidade inteira Como eu tinha pensado: uma cidade, sem dúvida. Por que será que Jay-Tee a chamara de aldeia? Vasta, alta, abarrotada de gente. Maior até do que Sidney. Até onde a vista alcançava: nada com menos de seis andares. A meia distância: prédios altíssimos, por todo canto, erguendo-se muito acima de nós com o topo enfiado no meio de pesadas nuvens cinza. Cidade, cidade, cidade. Era isso que eu havia imaginado ser o significado da palavra: concreto e vidro, cinza e marrom, arranha-céus, alguns dos quais com o topo dourado. As pessoas apequenadas como formigas. Nenhuma vida vegetal.

Abri caminho em meio à neve e ao vento — não havia sal por aqui, nem caminhos previamente abertos — até o gradil, firme e mais alto do que eu, cheio de estalagmites penduradas que reluziam como diamantes. A rua estava lá embaixo, mas não tanto ao ponto de fazer com que as pessoas parecessem formigas. Dava para distinguir a cor dos gorros e casacos daqui de cima.

Imaginei que, se não estivesse ventando tão forte, com tanto barulho, talvez desse para escutar as conversas em voz alta. Até onde o povo aguentaria o frio antes de ir embora das ruas? Aquele frio *já* parecia frio demais para a vida. Mas lá estavam as pessoas, enfiadas dentro de suas várias camadas de roupas. Cinquenta e três deste lado da rua e 36 do outro, todas ocupadíssimas. Como as pessoas no restaurante, todas aqui estavam doentamente apressadas.

A rua estava entupida de carros, na sua maioria amarelos. Andavam buzinando o tempo todo. Mesmo com todo o vento, eu ouvia o buzinaço, embora não conseguisse entender o que esperavam conseguir com isso. Os carros tinham de ficar parados porque o sinal estava fechado. Tocar a buzina não iria mudar nada. Talvez fosse uma forma de as pessoas encontrarem o que fazer enquanto esperavam.

Mas aquilo não era Sidney. Não havia pontes, nem imensos trechos de verde ininterrupto, não havia verde algum, nem raposas voadoras — elas morreriam nesse frio todo. O vento zumbia nos meus ouvidos. Meus olhos lacrimejavam sem parar. Pensei se eu não teria sido trazida por sequestradores para algum domínio ártico no fim do mundo. Será que encontraria pinguins ou ursos-polares se saísse da cidade? Será que isso tudo era real?

Alguma coisa esbarrou em mim.

— Ai! — me virei.

Jay-Tee estava ali parada, rindo para mim — pelo menos, foi o que imaginei que ela estivesse fazendo, com a boca escondida atrás do cachecol —, segurando

alguma coisa redonda e branca nas mãos. Ela jogou a coisa em cima de mim. Eu me abaixei. A coisa bateu no gradil atrás de mim e explodiu numa nuvem branca, fazendo estremecer as pequenas estalactites de gelo.

— Mas o que é isso?

Jay-Tee se abaixou, juntou um bocado de neve, formando uma bola nas mãos enluvadas. Eu me abaixei e imitei seus gestos. Ah, eu ia pegá-la.

Mas não foi tão fácil quanto parecia. Para começo de conversa, juntar a neve com as minhas luvas grossas e escorregadias foi complicado. E o vento soprava toda ela das minhas mãos antes que eu tivesse a oportunidade de compactá-la. Consegui comprimir um pouquinho só. Minha munição mais parecia um cubo de gelo do que uma bola. Peguei mais um bocado, sentindo o prazer de espremê-la nas mãos. Rolei aquela massa de neve na tentativa de transformá-la em algo mais esférico. Por trás do cachecol, abri um sorriso e ergui o rosto bem a tempo de ganhar uma bolada de neve de Jay-Tee no meio dos olhos. Um pouquinho mais para baixo e ela teria me acertado exatamente no nariz, que ainda estava sensível.

Soltei um grito, piscando para tirar a neve dos olhos, e atirei minha primeira bola de neve — pequena e rígida —, da qual Jay-Tee se esquivou, e o projétil foi se espatifar na porta lá atrás. Eu me abaixei e comecei a preparar a segunda, mais rapidamente agora, enfiando a mão inteira no chão e pegando um punhado grande de neve, mas de olho nos outros projéteis que Jay-Tee pudesse já ter prontos. Ela arremessou mais dois de uma vez, mas eu me esquivei e eles passaram por cima da minha cabeça. Fiz outras enquanto me abaixava e esquivava, fugindo dos esforços dela. Eram redondinhas e duras, mais ou menos do tamanho de uma bola de críquete.

Jay-Tee estava na diagonal do telhado, perto da porta. Tinha já uma pilha de bolas. Fingi que ainda estava trabalhando no meu arsenal, mas, assim que ela parou de olhar, atirei todas, seguidas, uma depois da outra. Errei três, mas as outras a acertaram na cabeça e no peito.

— Arrá! Acertei, acertei, acertei. — Encenei uma pequena dança da vitória, escapulindo de mais duas bolas que Jay-Tee ainda chegou a atirar.

Ela deu um pulo e gritou:

— Chega, me dê um tempo.

Arremessei minha última bola, a maior até agora. Grande demais: acabou caindo meio metro antes de chegar ao alvo, sem causar dano algum.

— Tudo bem — falei.

— Você ainda está sentindo o rosto, Razão?

— Vamos dar um tempo — respondi, abrindo caminho em meio àquela brancura fofa para chegar até ela. Meus pés esmigalhavam a neve. Tateei meu rosto; estava latejando.

— Você nunca tinha feito isso, não é? — Jay-Tee falou, puxando-me porta adentro.

— Não — gritei, mais alto que o vento. Mas a porta se fechou e meu grito ecoou pela escadaria, subitamente alto demais. — Não — repeti baixinho, ainda arfando um pouco. — Minhas primeiras bolas de neve.

— Deu para ver. — Jay-Tee sorriu. — Não se preocupe; você vai poder praticar bastante. É mais divertido num parque. Especialmente quando não está tão frio assim. O vento é sempre mais forte no alto. Embora num parque você precise prestar atenção para não pegar algo além de neve.

— Eca! — fiz eu, lembrando-me da neve amarela lá na rua.

— Exatamente. Se você jogar *aquilo* na cara de uma pessoa, ela *não* vai gostar.

Caímos as duas na gargalhada, e Jay-Tee ficou segurando a porta que dava no corredor para eu passar. Esfreguei o rosto, que ainda estava molhado e com comichões. Fazia um calor opressivo no corredor. Tirei as luvas molhadas e as esfreguei na superfície igualmente molhada do casaco. Meus dedos estavam róseos, pinicando, mas não davam a impressão de que iriam cair das minhas mãos.

— Como é que você se acostuma a esse tempo? Congelando lá fora, cozinhando aqui dentro.

— Ah, a gente se acostuma. A neve é ótima. Não só pela guerra com as bolas, mas pelos bonecos de neve, anjos e outras coisas. Vou lhe mostrar tudo. Você vai adorar.

Ela esticou a mão e tocou no botão. As portas do velho e recalcitrante elevador se abriram imediatamente e Jay-Tee abriu um grande sorriso.

— Ela gosta de você.

Ela entrou e tocou no botão, delicada e respeitosamente.

— E o que mais há para duas fujonas fazerem — falei e parei, para dar a Jay-Tee a noção de que estava brincando — na Aldeia do Leste, que fica a leste da Aldeia do Oeste mas a oeste do rio Leste?

— Você está brincando? Sem escola, sem pais, sem irmãos mandões, não há o que não possamos fazer.

O elevador voltou à vida com um solavanco, como concordando com Jay-Tee, disposto a nos levar para onde quiséssemos.

Soltei um suspiro de felicidade, subitamente tão exausta que precisei me encostar na parede para apoiar a cabeça. Deixei que todos os pensamentos de ansiedade e confusão se esvaíssem. Se isso tudo era loucura, ainda era muito melhor do que antes. A casa de Esmeralda parecia bem longe dali agora.

Meu olhar pousou num aviso pregado na parede do outro lado de onde eu estava: cidade de Nova York. Departamento de Edificações. Fiscalização de

elevadores. Em seguida, escrito em garranchos, uma lista de datas e prazos acompanhada de rubricas.

Eu estava na cidade de Nova York.

A magia era real.

Penas

A pele de Jay-Tee se eriçou toda. Ela sabia, antes de enfiar a chave na fechadura, que ele não estava em casa, mas havia estado. Abriu a porta do apartamento; sentia-se o cheiro dele por toda parte: o ar recendia a ele, tirava a aspereza, aparava todas as arestas e as substituía por tremeluzentes cantos suavizados. Jay-Tee detestava quando o apartamento estava assim.

Razão se apoiou pesadamente nela, qual uma boneca de pano que cai, sem perceber nada. Num momento, estava cheia de vida, falando a toda velocidade; e, no instante seguinte, encontrava-se praticamente em coma, movia-se em câmara lenta, de novo embrutecida. Mal conseguia manter os olhos abertos. Jay-Tee levou-a para o quarto, sem saber se precisaria de ajuda para colocar o pijama. Ele não lhe dissera que teria de servir de empregada para Razão.

— Sabe, você deveria tentar ficar acordada. São só três horas da tarde; vai perder as últimas horas de luz do dia.

Razão fez um barulho que poderia ser qualquer coisa e começou a se debater para tirar o casaco de pele. Deixou-se cair sentada no chão, puxando o casaco com a cabeça encostada na cama. Estava com os olhos meio fechados e a boca meio aberta. Não havia tirado as luvas antes. Parece que uma delas, ainda na mão, ficou presa na manga. Razão continuou puxando a manga, sem conseguir mexer, manga ou luva, um centímetro sequer. Pelo jeito não se lembrava de que as luvas se prendiam às mãos por botões.

Jay-Tee soltou um suspiro e abaixou-se para ajudá-la, tirando-lhe as luvas e o casaco, puxando-lhe o suéter e a camiseta de manga comprida pela cabeça antes que Razão conseguisse se emaranhar também neles. E, por fim, arrancou-lhe as botas dos pés.

Ela ainda não tinha descoberto onde se encontrava. Jay-Tee queria saber de quanto tempo ela precisaria. Ainda estava impressionada com o fato de a garota não reconhecer a cidade de Nova York. Era como se tivesse acabado de chegar de Marte, ou algo que o valha.

— Quantos anos você tem? — perguntou Razão. Sua voz pareceu vir de muito longe.

— Dezoito — mentiu Jay-Tee. Não queria que ela soubesse que as duas tinham a mesma idade.

— Eu tenho 15, só que... — E abandonou a frase. — Dezoito? Uau, tão velha! — E soltou uma risadinha. — Você já poderia estar morta.

Jay-Tee sentiu os punhos se cerrarem. Precisou conter a vontade de bater nela. O que essa menina sabia? Muito mais do que dava a entender. *Calma*, disse a si mesma. *Nunca perca a paciência, especialmente agora.*

Razão deu-lhe um sorriso de quem está dopada. Jay-Tee começou a relaxar. Essa boboca não sabia o que estava dizendo. Só estava exausta. Jay-Tee também. Fora longa, fria e amarga a espera até Razão aparecer e a vida de Jay-Tee parar de ser tão chata.

— Será que a gente poderia ir dançar? — perguntou ela. — Eu adoro dançar.

— Claro — disse Jay-Tee. — É o que há de melhor na cidade. Dança-se muito por aqui. — Isso não era mentira. Não havia do que Jay-Tee gostasse mais. — Que dia é hoje? Terça, certo? O Lantern é ótimo às terças. Podemos ir lá mais tarde, quem sabe, quando você acordar.

— Bom — falou Razão, de forma incerta. — Terça? Ainda? Ahn. Podemos tomar chocolate também? E pizza? Eu adoro pizza.

— Muita pizza. Sempre que você quiser.

Ele estivera aqui. Jay-Tee conseguia sentir. Pensou se Razão saberia o suficiente para se precaver. Se seria esperta ao menos o bastante para procurar embaixo do travesseiro. Mas teve lá suas dúvidas. Especialmente pelo jeito como a menina estava cansada agora.

Se Jay-Tee tivesse certeza de que ele sabia, teria esvaziado o quarto. Não parecia justo jogar com Razão desse jeito, já que a menina não sabia de nada. Como tirar o doce de uma criança! Mas, se aumentasse a segurança do quarto, mesmo que ele não viesse a saber disso, ajudar Razão desse jeito iria ajudar a ela mesma em quê? Em nada, ora. Era preciso se lembrar sempre disso. Ela estava fazendo o que estava fazendo por si própria, não por ele, Razão ou qualquer outra pessoa.

— Está tudo tão confuso — falou Razão com o mesmo distanciamento na voz. Parecia embriagada. Havia tirado a calça e colocado a do pijama, mas vestira a blusa do pijama por cima da camiseta e a fechara com os botões desencontrados das suas devidas casas. Estava meio na cama, meio fora parecendo uma menina de dez anos.

Ela era uma pateta e tanto.

— Está confuso na sua *cabeça*. — Jay-Tee empurrou a perna de Razão para cima da cama, pegou o edredom do chão e a cobriu.

Razão concordou.

— Mas está confuso fora da minha cabeça também. — Ela se ergueu devagar e ficou sentada na cama, pegou o travesseiro e soprou as penas que caíram em cascata no chão. — Agora está melhor — murmurou, deitando a cabeça no travesseiro e caindo repentinamente no sono.

— Ora essa! — Jay-Tee começou a catar o monte de penas pretas e roxas do chão. — Ele não vai gostar disso.

Busca

Tom não vinha à cidade de Nova York havia dois meses. No outono, outono *deles*. Adorava ver as folhas mudando de cor: vermelho, marrom, amarelo e laranja. Tão lindas que ele nem se importava com o frio que fazia.

A primeira vez que Esmeralda o levou para lá fora um ano antes, quando ele se mudou do condado para a Cidade Nova. Levara-o para ver uma nevasca e ele quase morreu. A neve era linda, mas nem de *longe* o suficiente para compensar todo aquele frio. Era de gelar os ossos. Os dentes chegavam a doer quando se respirava.

Ele disse a Esmeralda que não queria mais voltar lá no inverno. Ela riu. Disse-lhe que era possível se acostumar. Tom balançou a cabeça, sabendo que não havia como se acostumar àquilo e tampouco havia o que o convencesse a atravessar a porta para chegar àquele horror outra vez.

Nada não incluía Razão perdida no meio da neve e do frio. Por ela, Tom atravessara a porta, muito embora não tivesse a menor idéia de como iria encontrá-la por lá. Ventos uivantes que sopravam a neve para todo lado mesmo quando não nevava, todo mundo totalmente anônimo (inclusive ele) em diversas camadas: gorros, luvas, cachecóis, casacos, jaquetas. Encontrar Razão no meio daquilo tudo, quando havia milhões de pessoas à volta, beirava o impossível.

Mere acabara de lhe dizer que confiasse nos próprios sentidos, pois assim conseguiria percebê-la. Ele murmurou baixinho:

— Confie na força, Luke! — Teve quase certeza de que ela não o ouvira.

Mas ele confiava nos sentidos de Mere. Ela disse que Razão ainda estava viva, em Manhattan com certeza absoluta. Tom se esforçou por acreditar, mas saber que ela havia deixado a chave na fechadura, que não tinha como voltar para Sidney, certamente não o enchia de esperança.

Imaginou-a arranhando a porta, tentando entrar novamente, sucumbindo ao frio, morrendo congelada nos degraus antes que eles sequer soubessem do seu desaparecimento.

Piscou para afugentar a visão. Eles não haviam encontrado o corpo dela congelado quando vieram de volta e Mere disse que ela estava viva. Ele precisava acreditar nisso e, impossível ou não, faria tudo que pudesse para encontrá-la.

Cath *não* ficou satisfeita em vê-lo. Bem, ficou no início, durante vinte segundos inteiros. Tempo suficiente para um abraço e um beijo sem jeito na frente do esquisitão do seu namorado. Ela não o mencionara nos e-mails. Que coisa era aquela na cabeça dele? Como uma mistura de equidna — um tipo de ouriço — morto com feltro preto. Tom não conseguiu ver a costura. *Provavelmente colado*, pensou, desdenhando. Aquilo que ele estava usando era rímel? Os dois se olharam nos olhos e Tom pôde perceber que o namorado também não gostara dele. Paciência.

Depois dos primeiros vinte segundos, Cath se deu conta de que teria de alojar Tom, o que significava ele dormir no sofá, isso depois que seu último hóspede saíra havia apenas dois dias. As duas pessoas com quem ela dividia o apartamento já estavam começando a ficar chateadas por causa daquele fluxo constante de visitantes australianos.

Cath contou a Tom exatamente em que pé estavam as coisas.

— E também não estão satisfeitos com o Dillon aqui o tempo todo, droga, só tem um banheiro. Ei — disse ela subitamente —, eu não apresentei vocês dois! Tom, este é o meu namorado, Dillon. Dillon, meu irmão. Vocês dois vão se dar bem logo de cara. Dillon também costura toda a roupa que usa.

Dillon, pensou Tom, *que nome idiota*. Resistiu à tentação de perguntar sobre o chapéu e concordou com um aceno de cabeça. Dillon retornou o gesto, totalmente incrédulo de alguma possibilidade de eles se darem bem logo de cara.

— Eu trouxe biscoitos com cobertura de chocolate — disse Tom. Cath era viciada nesses biscoitos. — Se for muito incômodo, eu posso ficar com Mere no apartamento dela. Ela ofereceu. — O que seria muitíssimo mais confortável do que esta porcaria. Ele estava sentado no sofá em questão e tinha um troço duro machucando seu bumbum.

O sofá não tinha qualidade alguma que o redimisse. Feio à beça, era possível que tivesse sido um dia cor-de-laranja. Agora era cinza amarelado, talvez a cor menos atraente do mundo. As almofadas estavam esgarçadas em vários pontos e o cheiro que exalavam era indescritível, mas, justiça seja feita. Tom não tinha como saber ao certo se o cheiro vinha mesmo do sofá. Poderia vir mesmo de qualquer outra peça daquele mobiliário horroroso (quem teria achado que forrar uma poltrona de veludo cotelê marrom era uma boa idéia?) ou das paredes ou do chão (que pareciam não ver uma faxina nunca). Até o teto era um desastre.

Olhando à sua volta, Tom teve de admitir que o sofá se encaixava *perfeitamente* no resto da decoração do apartamento, combinando até com as paredes da cozinha. Argh! Se papai soubesse que Cath estava morando num chiqueiro desses, não iria gostar nem um pouquinho. Tom pensou até em tirar fotos.

Cath ficou escandalizada.

— Mere já fez tanto por nós. Não vou deixar você estragar o estilo dela de jeito algum. Quer saber de uma coisa, Tom? Você poderia ter me falado. Não acredito que papai não tenha ligado para me avisar.

Tom ensaiou sua expressão mais inocente.

— Tudo aconteceu tão depressa. Mere tinha uma passagem extra e, quando me dei conta, eu já estava em Nova York. — Pelo menos, a segunda metade não tinha sido uma mentira. Pela milionésima vez, ele sentiu vontade de contar a verdade para Cath. Mas sabia o que Mere diria: *Faz parte da magia. Às vezes, você precisa mentir.*

Tom deu uma olhada pelo apartamento com um ar que ele se esforçou por transparecer entusiasmo.

— Eu sempre quis conhecer Nova York. E agora estou aqui. Legal, hein?

— Tudo bem, pode ficar. Mas só uma semana. Quando é que Mere vai levar você de volta para casa?

— Sei lá.

— Humm! — murmurou Cath, com a expressão de desânimo que Tom conhecia tão bem. — E você vai ficar na sua, o máximo possível. — Ela lhe lançou um olhar de dúvida. — O que é que você vai fazer? Está um frio de rachar na rua. Não dá pra você ficar atrás de mim e dos meus amigos. Eu tenho aulas.

— E daí? — Os olhos de Tom giraram nas órbitas. Os amigos dela provavelmente eram tão chatos quanto o namorado. Ele nunca achou muito legais os amigos dela em Sidney. Só sabiam falar de livros e filmes, convencidíssimos! — O que você acha que eu vou fazer? Procurar tecidos. Dar uma boa olhada nas roupas. Issey Miyake, Comme des Garçons, Vivienne Westwood...

— Fechado — disse o esquisitão do namorado de Cath. O sotaque dele era o mais estranho que Tom já tinha ouvido; o sujeito parecia engolir as palavras quando falava. — Recesso! Acabou.

— Como você sabe? — perguntou Cath. — Eu achava que você era radicalmente contra estilistas de renome.

— A Deb trabalhava aqui.

Cath fez um aceno com a cabeça, como se aquilo explicasse tudo. Tom quis saber quem era Deb. Por acaso ela conhecia Westwood? A velha dama era conhecida por aparecer nas lojas. Será que essa Deb guardava catálogos das estações ou folhetos de amostras? Ficou curioso em saber se ela, de alguma forma, tinha algum convívio com eles, esquecendo-se por um instante de que provavelmente jamais viria a conhecer a figura.

Nesse momento, lembrou-se de que estava aqui para encontrar Razão. Sentiu-se subitamente exausto; a única coisa que queria agora era dormir, mesmo que fosse

naquele horrível sofá fedorento.

Era a coisa mais chata de atravessar a porta: o tal do *jet lag* era ainda pior quando não se viajava sem o jato. Dava impressão de que aquilo não era certo. Mas Mere dizia que o corpo ficava ainda mais confuso com relação ao tempo e a estação do ano quando passava, numa questão de segundos do meio do dia para o meio da noite, do verão para o inverno. Era de esperar que a gente pirasse. E mais até.

Em Nova York agora eram 14h de terça-feira, mas, quando ele atravessou a porta com Esmeralda quatro horas antes era quarta-feira. Neste momento, em Sidney, eram 6h. Dava um nó na cabeça sempre que ele tentava pensar nisso. No corpo também.

Tom fez um esforço para vencer a fadiga, para escutar Cath lhe contando quais coisas da geladeira ele podia pegar e quais não podia (nada além da gororoba vegetariana horrorosa que Cath comia), quais toalhas podia usar (só as do quarto dela) e quais produtos do banheiro.

— Não encoste em nada onde esteja escrito *Kiehl*. É tudo do Andrew, e ele tem um chique se outra pessoa usar.

— Não tocar em nada do *Kiehl*. Certo.

Tocou um telefone. Cath e o namorado saíram procurando, vasculhando os bolsos e verificando as bolsas antes que Tom se desse conta de que era o celular que Mere lhe dera e o tirasse do bolso do casaco, com um ar meio sem jeito estampado no rosto.

Não foi surpresa alguma ouvir a voz de Mere na linha. Ele se virou para Cath.

— Mere. Ela quer saber se você janta conosco hoje à noite.

Cath balançou a cabeça.

— Tenho aula até as dez. Talvez amanhã.

Tom combinou tudo com Mere e depois desligou.

Cath entregou um molho de chaves para Tom, mostrou-lhe como se trancava a porta. Duas vezes. Fez com que ele trancasse na sua frente para que ela pudesse ter certeza, o que o deixou desgostoso, sobretudo diante do olhar de soslaio que o namorado lançou em sua direção, e, em seguida, misericordiosamente, ela e seu namorado tipo anos 1980 mostraram a Tom o caminho para a loja de Issey Miyake, saindo em seguida para fazer seja lá o que os estudantes cheios de pose costumassem fazer. Tom ficou se perguntando quantos anos de vida iria perder se transformasse o namorado de Cath num sapo.

E ali estava Tom, quase morrendo por asfixia de tão encasacado, tentando encontrar Razão. Pegou a Segunda Avenida para o norte, decepcionado ante a falta

de lojas de roupas e o mau gosto dos sobretudos que as pessoas usavam. Um monte de casacos acolchoados, que pareciam superquentes mas tinham tanto estilo quanto o chapéu idiota do namorado de Cath. Tom seria capaz de jurar que dava para ver o enchimento de penas saindo por todos os cantos dos agasalhos.

Se quisesse encontrar roupas interessantes, teria rumado para o sul, na direção da loja de Issey Miyake — estava curioso se encontraria roupas dos novos estilistas belgas, holandeses e marroquinos sobre quem vinha lendo tanto ultimamente —, mas Mere lhe avisara que ficasse em East Village durante a primeira semana. Sua hipótese era a de que o frio horrendo seria motivo para Razão ficar pelas redondezas da porta.

Mas para onde ela *iria*? O que faria? Se estivesse viva — e Mere jurava que sim —, alguém devia tê-la encontrado. Ela não sobreviveria por muito tempo de short e camiseta, sem sapato, dinheiro ou comida. E se a pessoa que a encontrou a estivesse maltratando? Ou algo pior? Mere já telefonara para inúmeros hospitais. Nada.

Ou talvez Razão tivesse, afinal, se dado conta de como funcionava sua magia. Tom estremeceu, pensando nos anos que poderia queimar só para se manter aquecida. Eles *precisavam* encontrá-la.

Ela vinha pensando em fugir; eles sabiam disso. A mochila estava cheia de artigos de necessidade para a fuga: comida, dinheiro, água, roupas sobressalentes e o guia de ruas de seu pai.

Quando Mere lhe falou, Tom ficou com o rosto em brasa, chegou a sentir acidez no estômago. Ficou muito abalado. E sabia que era uma besteira se sentir assim. Razão não estava fugindo dele, mas, se gostasse dele ao menos a metade do que ele gostava dela, ainda estaria em Sidney.

Razão estava fugindo de Esmeralda.

Por quê? Tom perguntara a Esmeralda, pois isso não fazia sentido para ele. Razão parecia ser esperta; por que não se dera conta de que Mere a procuraria? Vinha procurando Tom e sua mãe havia mais de um ano, e eles nem sequer tinham parentesco. É certo que Razão não estava em melhores condições, perdida por aqui no meio desse frio todo.

Mere explicara que ela e sua filha, Sarafina, andavam afastadas havia anos. Sarafina ficara tão transtornada com a coisa da magia que fugiu quando tinha apenas 12 anos (Tom tentou imaginar-se fugindo com essa idade: não havia como — usava aparelho nos dentes e mal começara a ser capaz de atravessar a rua sozinho). Ela se convencera de que magia não existia e criou Razão de forma a acreditar que aquilo era uma besteira e que Esmeralda era a própria encarnação do diabo.

Esmeralda não falara delas para Tom, pois se envergonhava de ter conduzido essas coisas muito mal com a filha. A desavença entre as duas fora uma das razões

pelas quais ela tanto ajudara Tom e sua família. O que o deixava na esquisita posição de ficar feliz por Esmeralda ter passado um mau bocado naquela época.

Nova York não era nenhuma maravilha numa cinzenta e fria tarde de janeiro. Tom já aprendera que a primavera e o outono eram as melhores estações. Agora, as pessoas só passavam apressadas de um lado para outro, agasalhadas até o pescoço, de cabeça baixa. Tom não conseguia deixar de imaginar que uma delas poderia ser Razão. Por baixo de todas aquelas roupas de inverno, como ele iria saber?

Tom também estava de cabeça baixa. Caminhara quatro quarteirões até chegar a um ponto onde o vento batia de frente. Mesmo através de toda aquela roupa, o cordão de prata que Mere lhe dera ainda era frio contra o seu pescoço. A cabeça lhe doía e os olhos ardiam. Chegou a pensar se os olhos poderiam congelar. Havia muito líquido neles. O que aconteceria se congelassem? Será que parariam de enxergar? Ou apenas veriam aquilo que estavam enxergando no momento em que congelassem?

Era hora de sair da rua. Já estava com fome, afinal de contas, mais do que disposto a encarar ovos com *bacon*. (Era hora do café-da-manhã em Sidney, e o seu estômago ainda estava no fuso horário de lá.) Que burrice continuar procurando quando estava prestes a desmaiar por falta de comida!

Tom entrou no primeiro restaurante que encontrou, atravessou as portas duplas e, acatando a placa que o mandava sentar-se, sentou-se numa das mesas mais distantes das janelas e portas embaçadas. Chegou quase a soltar um suspiro, já sentindo o frio arrefecer. O restaurante estava bem aquecido acolhedor, maravilhoso. Ele se recostou na parede, tirando as luvas e o gorro, afrouxando o cachecol e repousando as mãos em cima da mesa.

Foi aí que percebeu.

Sentiu: Razão havia estado aqui. Nesta mesma mesa.

Pesadelo

O grito foi alto o suficiente para trazer qualquer defunto de volta à vida. E quase matou Jay-Tee de susto. Ela deixou cair o copo de leite, espalhando o líquido branco por cima do ladrilho preto e verde do chão da cozinha. Por sorte o copo não quebrou. Jay-Tee não parou para limpar nada; saiu correndo direto para o quarto de Razão.

Ela estava sentada ereta no meio da cama, gritando a plenos pulmões, com lágrimas escorrendo pelo rosto. Havia marcas do travesseiro ainda no seu rosto.

— Nããããoooo!

— Razão! — falou Jay-Tee, dando à fala o contorno adequado para conseguir alcançar a mente de Razão, puxando-lhe com delicadeza a manga do pijama. — Psiu, Razão! Não precisa gritar. Eu estou ouvindo.

A expressão aterrorizada foi se desfazendo no rosto de Razão, sendo substituída pelo abandono do sono profundo. O gritou se esvaiu; as lágrimas pararam.

— O que está acontecendo, Razão? O que você está vendo?

— Porta trancada — murmurou ela, quase sem conseguir abrir a boca para deixar as palavras saírem. — É uma porta grande. — Seus olhos não estavam totalmente fechados; aparecia ainda uma fresta branca. O que causou um arrepio em Jay-Tee.

— Abra, Razão. Encontre a chave e abra a porta.

Ela balançou a cabeça devagar; na frouxidão do sono, seus lábios balbuciaram:

— Esconderam a chave.

Garota esperta, pensou Jay-Tee.

— Onde está escondida, Razão? Está perto?

Ela mexeu a cabeça de um lado para o outro, de cima para baixo, como se estivesse procurando, mas o resto do corpo permaneceu imóvel. Seus olhos ainda estavam quase totalmente fechados, com uma rebarba de branco aparecendo. Como um zumbi.

— Perto. Não — murmurou, dando continuidade à procura cega. — Em algum lugar. Acho que está com o menino morto.

— Menino morto? — Jay-Tee se inclinou para chegar mais perto, como se isso fosse fazer com que ela falasse mais.

— Menino morto. — Razão desabafou aos soluços. — Não fiz de propósito. Não foi minha culpa. — Ela começou a chorar de novo, mas silenciosamente agora, como se não soubesse que as lágrimas estavam vertendo de seus olhos, escorrendo-lhe pelo rosto e pingando no pijama.

— Pense na chave, Razão. Você sabe onde ela está. *Pense.*

Ela se encolheu subitamente, quase jogando Jay-Tee para trás. Seus olhos se abriram plenamente. Ela olhou para Jay-Tee e piscou, meio dormindo.

— Ahn?

— Você está a salvo — falou Jay-Tee, porque era isso que eu pai dizia sempre que ela acordava de um pesadelo. Pelo menos era o que fazia antes de se tornar um perfeito idiota e ela ter passado a ficar a maior parte do tempo desejando que ele morresse. — Você está a salvo.

— Jay-Tee?

— Isso mesmo. Eu sou Jay-Tee. Você fugiu e agora estamos cuidando uma da outra. — *Pelo menos eu estou cuidando de mim*, ela pensou. *Você estaria* melhor se *continuasse fugindo*.

Razão concordou e se endireitou, esfregando os olhos.

— Meu rosto está molhado.

— Você estava chorando. Teve um pesadelo. Mas está bem agora. Foi só um sonho.

— Um sonho... — A testa de Razão se enrugou como se ela estivesse tentando se lembrar. — Que horas são?

Jay-Tee quase soltou uma gargalhada. Esperava que Razão tornasse a perguntar onde estava.

— Quase oito. Você passou quase cinco horas dormindo. — Jay-Tee não conseguira ir a lugar algum bancando a babá enquanto Razão dormia a sono solto.

— Cinco horas? — disse, quase sem acreditar.

— Isso mesmo. Já está escuro.

Razão limpou mais lágrimas do rosto e bocejou.

— Noite? — Ela falou de um jeito como se esperasse ser manhã.

— Noite.

Razão sorriu.

— Mas eu estou com vontade de tomar café.

— É hora do jantar. Mas não tem problema; existem lugares por aqui que servem café-da-manhã o dia inteiro. Se é isso que você quer.

Ela bocejou novamente.

— Você consegue se lembrar do sonho? — Jay-Tee queria saber se Razão se lembrava das penas embaixo do travesseiro, mas não conseguiu pensar numa forma de perguntar que parecesse inocente.

Ela balançou a cabeça devagar.

— Só sei que me deu medo.

— Talvez você se lembre mais tarde.

Ela estremeceu.

— Não sei se quero.

— Os sonhos contam coisas sobre a gente mesma — falou Jay-Tee, torcendo para não ter parecido ansiosa demais. — São legais. Pode até ser que a ajudem a se lembrar de como chegou aqui, sabe?

— É possível.

— Você está com fome?

Razão abriu um breve sorriso, despertando um pouco mais.

— Sempre.

— Quer comer uma pizza?

Razão rejeitou a idéia de uma única fatia comida na mão. Queria uma *pizza* grande inteira — que estava disposta a compartilhar com Jay-Tee — e queria que fosse com anchovas, abacaxi e beterraba.

Freddie arregalou os olhos para Razão quando ela lhe fez o pedido.

— Beterraba?

Razão abriu um sorriso.

— É, vem em latinhas...

— Beterraba, Freddie, ora essa! — falou Jay-Tee, consciente de que os clientes ao lado delas, um grupo de estudantes universitários, as estavam olhando.

Freddie ficou horrorizado.

— Em latinhas? — Ele balançou a cabeça. — Anchovas, tudo bem. Beterraba e abacaxi, não. Isso não se põe em pizza. *Principalmente* junto com anchovas. — Olhou novamente para Razão como se ela fosse demente. — Você quer pimentão?

Ela já ia perguntando o que era.

— Levemente adocicado. Você vai gostar. E que tal champignon? Sabe o que é isso, não sabe?

Ela riu.

— Claro. Tudo bem.

— Uma pizza grande: anchova, pimentão, champignon. Está certo? — perguntou Freddie.

Jay-Tee confirmou, colocou a mão sobre o balcão e olhou-o nos olhos. Como sempre, ela conectou.

— Fique com o troco, Freddie — disse. — Da próxima vez, trarei uma amiga que entenda de pizza.

— Pode crer, Jay-Tee — disse ele, olhando para o balcão e sorrindo.

Ela se virou e foi conduzindo Razão para uma das mesas de plástico brancas. As duas se sentaram, fazendo ranger as instáveis cadeiras de plástico.

— De onde veio o dinheiro?

— Do que você está falando? — perguntou Jay-Tee. — Estava na minha mão.

— Ahn!

Jay-Tee viu logo que Razão não tinha acreditado.

— Não se põe abacaxi ou beterraba numa pizza — disse ela, para mudar de assunto. — Fica esquisito.

— Lá em casa não é.

— Você não está em casa.

Razão soltou um suspiro.

— Não, não estou.

— Você vai gostar — Jay-Tee falou rapidinho. Não queria vê-la deprimida, resmungando ao seu lado. — Esta é a melhor pizzaria do mundo. E você está prestes a comer a melhor pizza do mundo. Vai ver só.

Quando a porta permanecia fechada durante algum tempo, o lugar ficava quentinho e úmido, com o cheiro de pizza permeando o ambiente, inclusive dentro da boca. Infelizmente, Jay-Tee não era a única que achava aquela a melhor pizza do mundo, e a cada minuto a porta se abria e se fechava deixando entrar também grandes lufadas de ar frio. Jay-Tee ajeitou o casaco para se agasalhar melhor.

— O cheiro aqui é uma delícia, não é?

— É, sim. — Razão sorriu. — E quentinho. Só que anchova cai muito bem com abacaxi e beterraba. Fica um gostinho salgado de peixe adocicado. Eu adoro.

— Não duvido. — Jay-Tee ficou querendo saber se isso era comida normal na Austrália. Talvez as pessoas também comessem sorvete de frango ou fígado com alcaçuz. Eca!

Quando a pizza chegou, Razão atacou, comendo duas fatias para cada uma que Jay-Tee comia.

— Seu apetite voltou, hein?

— A pizza está uma delícia — disse ela entre uma garfada e outra. — Eu ainda estava confusa em relação ao momento em que comemos... — Ela fez uma pausa.

— Acho que era de manhã, não era?

— Enfim, foi café-da-manhã. Eu disse que a pizza daqui era boa, não disse?

— É ótima. Um monte de anchovas. Mas a massa é um pouco fina demais.

Jay-Tee girou os olhos nas órbitas.

— Quer o último pedaço?

— Valeu.

Razão pegou a fatia e deu uma mordida.

— Mesmo fria é boa.

— Resto de pizza é tudo de bom — disse Jay-Tee. Parece que ela havia se recuperado do pesadelo. Estava muito mais alerta, olhando curiosa para todo canto da pizzeria, observando duas pessoas discutindo por causa de um recado não atendido. — Você consegue se lembrar de mais alguma coisa do seu sonho? O que a fez gritar?

— Eu gritei?

— Ahn-ahn! Gritou e chorou. Parece que estava morta de medo. Você se lembra do que foi? Quero dizer, eu sei que você disse que não tem amnésia, mas estava meio... confusa. Talvez o seu sonho estivesse tentando lhe dizer alguma coisa.

Razão comeu o último pedaço de pizza e limpou as mãos num guardanapo. Depois balançou a cabeça:

— Só me lembro de que a sensação foi horrível. Eu falei alguma coisa?

— Acho que você disse “não”, mas a maior parte foram gritos, só. Acho que palavras você não falou nenhuma mesmo não. Não se lembra de nada?

— Lembro-me de ter sentido medo. Mais nada. — Ela fez uma careta.

Jay-Tee ficou querendo saber mais uma vez quem seria o garoto morto. O que Razão teria feito? E o que isso tinha a ver com a chave?

— Como foi que você fugiu? — perguntou Razão.

Ela falou num raro momento de silêncio: a porta estava fechada, uma música acabava de terminar e a outra ainda não havia começado, os fregueses da casa estavam ocupados comendo cada qual em sua mesa, e os que se encontravam no balcão já haviam feito seus pedidos. A pergunta de Razão ficou parada no ar. Jay-Tee deu uma olhada em volta e captou o olhar de Freddie. Todos olhavam para elas.

— Vai querer sobremesa? — perguntou ela baixinho depois que a porta se abriu, deixando entrar o frio e o barulho da rua, e quando a música e a conversa já haviam retornado ao ambiente.

— Claro.

— Tem uma lojinha ali na esquina.

Jay-Tee fez o pedido e se encaminhou junto com Razão para os fundos da casa, passando por balcões de vidro repletos de todo tipo de doces e quitutes, escolhendo uma mesa bem longe de todo mundo. O lugar não estava como a pizzeria, mas, para assegurar a privacidade, ela ficou numa mesa bem embaixo de um alto-falante que reproduzia Frank Sinatra a todo volume.

— De quem são todas essas fotos?

— Astros da Broadway que comeram aqui. Gente famosa.

Razão não se mostrou muito impressionada. Talvez não soubesse o que era Broadway.

— Esta casa era um dos lugares que o pessoal da máfia costumava frequentar.

— Verdade? — Agora os olhos de Razão estavam arregalados. Pelo menos ouvira falar da máfia. Ela olhou para o chão como se ainda fosse encontrar manchas de sangue espalhadas por todo canto.

— Faz um tempão. Agora só dá turista e gente daqui da cidade mesmo.

— Jay-Tee... que dia é hoje?

— Terça.

— Ainda?

— Ahn, é, ainda. Você apareceu ontem à noite. Segunda à noite. Por quê? Que dia pensou que fosse?

— Quarta-feira. Deveria ser quarta-feira. — Razão soltou um suspiro. — Claro, deveria ser verão.

Jay-Tee sorriu. Era verão, lá no lugar de onde Razão tinha vindo.

A garçonete colocou um prato de canudinhos doces recheados na mesa e disse:

— Bom apetite.

— Obrigada — respondeu Razão, pegando um e dando uma mordida. — Que delícia! Cremoso! Eu adoro doce.

A garçonete abriu um sorriso condescendente, como se elas ainda fossem crianças.

— Todo mundo gosta — disse, e voltou para trás do balcão comprido. Andar com ela estava fazendo Jay-Tee voltar a ser criança, por associação. Razão era a mais novinha das meninas de 15 anos que Jay-Tee já havia conhecido. Precisaria fazê-la crescer. Pelo menos, era o que faria se as duas continuassem vivendo juntas durante mais do que apenas alguns dias. Não que isso fosse acontecer. Não se as coisas prosseguissem do jeito que ele queria, o que seria o caso. Sempre era assim. Jay-Tee não tinha como impedi-lo.

— Então — disse Razão depois de ter devorado o canudinho —, como foi que você fugiu?

— Fui embora, só isso.

— Eu também. — ela soltou uma risadinha. — Não foi tão dramático quanto eu havia planejado. Simplesmente abri a porta... — Ela parou de falar. Jay-Tee não precisou adivinhar por quê.

— Para mim também não — disse Jay-Tee. — Foi muito mais fácil do que eu tinha imaginado.

Razão raspou o prato com o garfo atrás de alguma sobrinha de creme, dando a impressão de que queria mais. Que comilona!

— Parece que você está se dando muito bem — disse, lambendo o garfo. — Já tem casa e tudo o mais.

Jay-Tee respirou fundo e aproveitou a oportunidade que lhe fora dada:

— Bem, o apartamento não é exatamente *meu*. Tem um sujeito...

Razão arregalou os olhos.

— Não, não é o que você está pensando. Ele é um... — Jay-Tee fez uma pausa no que estava dizendo, sem querer abrir toda a história assim de uma vez só, e cruzou os dedos por baixo da mesa. — É um cara legal. Cuida de mim, não deixa que eu me meta em encrenca, me deixa morar no apartamento dele. Eu só tenho de fazer alguns favores de vez em quando Nada terrível. Umas tarefas aqui e ali. É fácil.

— Tipo o quê? — Razão não parecia estar suspeitando de nada, só curiosa. Era a pessoa mais fácil de engabelar que Jay-Tee já conhecera na vida.

— Fazer compras. Esse tipo de coisa. Nada de mais. Ele me resgatou, mais ou menos do jeito que eu resgatei você, me salvou de ir morar na rua. Isso eu devo a ele, e muito. E ele não vive dando as caras. Eu só o vejo uma vez por semana. Às vezes, nem isso. Enfim, achei que seria bom contar isso a você. Porque você vai vê-lo e é bom ser simpática com ele. É ele quem está deixando você ficar comigo.

— Ele já sabe de mim? — perguntou Razão, surpresa.

— Claro. Eu precisava perguntar se não teria problema. Se não teria problema você ficar. — Jay-Tee achou que seu nariz iria crescer com essa. Chegou a quase precisar se conter, na verdade. Não se importava de mentir, em geral, mas isso era diferente. Embora fosse em parte contra seus próprios interesses, havia nela uma parte que queria alertar Razão. Poderia falar despreziosamente da cor roxa e de penas. Razão sabia o suficiente para procurar tirá-las de debaixo do travesseiro. Ora, sabia o suficiente para esconder a chave. Talvez nem precisasse ser alertada.

Jay-Tee olhou-a fixamente. Estava mais alerta depois que despertara do pesadelo. Não perguntou onde estava nem uma vez. Talvez tivesse se dado conta, afinal.

Razão sorriu, e a esperteza no seu olhar desapareceu. Tudo o que Jay-Tee conseguia ver eram seus olhos grandes arregalados e uma expressão de confiança no rosto. *Diabos*, pensou. Por que Razão não era como Jay-Tee? Por que ela não era capaz de simplesmente saber quando as pessoas estavam mentindo?

As duas voltaram tarde para o apartamento. Ele estava lá dessa vez, como ela sabia que aconteceria. Ninguém iria sair para dançar hoje.

Depois dos canudinhos recheados, ficaram vagando um pouco sem destino. O vento cessara e não estava mais tão frio quanto antes. Jay-Tee estava dando um tempo. Vê-lo não era sua atividade favorita, mas, em especial, não queria vê-lo tendo Razão ao seu lado. Resolveu então dar um passeio com ela, mostrar-lhe alguns dos lugares onde mais gostava de comer, descrever-lhe como era a vida pelas ruas quando não estava fazendo um frio de rachar.

Passaram por lojas, restaurantes, casas de chá. Razão estava mais calada do que o usual, praticamente não fez pergunta alguma, mas parecia absorver tudo o que via. Jay-Tee ficou curiosa para saber se ela agora tinha noção de onde estava.

Elas passaram por um homem de idade que vendia castanhas tostadas quentinhas e pararam para esquentar as mãos na brasa. O velho se deleitou, impressionado ao saber que Razão nunca tinha ouvido falar de castanhas. Insistiu em que elas levassem de graça um punhado enrolado em jornal, contanto que Razão comesse uma na sua frente e lhe contasse o que achou.

— Não vá queimar os lábios, menina! — alertou-a. Não foi surpresa alguma quando ela disse que tinha adorado. Razão era uma menina muito bem-educada que, Jay-Tee começava a perceber, só pensava em comer.

Jay-Tee lhe contou histórias da cidade na época do calor, da música que aparecia por todo canto, de gente dançando nas calçadas, de verões tão quentes que o asfalto derretia, mas Razão obviamente achava difícil acreditar nessas histórias quando só encontrava pingentes de gelo pendurados nos galhos desfolhados das árvores, e todo mundo passava por ela com o rosto cinzento e a expressão sombria, andando praticamente sem ritmo.

Jay-Tee mudou sua conduta e passou a encher os ouvidos de Razão com todas as maravilhas do inverno. Não só as castanhas. Disse-lhe que iriam à cidade alta patinar no Rockefeller Center ou ao parque, assistir a um jogo de basquete no Garden, e que poderiam sair para dançar todas as noites. Encheu-lhe a cabeça com todas as coisas legais da cidade, com todas as coisas que alguém poderia fazer mesmo quando estava fazendo mais frio do que o hálito de um morto.

Ele estava sentado diante da lareira, sem sapatos, com um sorriso satisfeito estampado no rosto. Parecia dono do lugar. O que, de fato, era. Sua presença, como sempre, dava a impressão de que o apartamento era pequenininho. As paredes pareciam apertar as pessoas no seu interior, sem deixar praticamente espaço algum para se mexer, roubando o ar dos pulmões de Jay-Tee.

Depois que elas tiraram os casacos e todos os demais apetrechos de inverno, ele se levantou e abriu um sorriso que lhes mostrou quase todos os dentes. Seus lábios estavam mais vermelhos que o normal. *Igual a um lobo*, pensou Jay-Tee.

Ele estendeu a mão e Razão a apertou, sorrindo.

— Eu sou Jason Blake — disse ele. Jay-Tee vinha pensando em qual nome ele usaria.

— Razão Cansino. Embora eu ache que você já sabe. — A idiota se virou para Jay-Tee, sorrindo, como se conhecê-lo fosse uma coisa boa. — Jay-Tee disse que falou a você sobre mim.

Ele confirmou.

— Só coisa boa. Disse que você precisa de um lugar para ficar. Eu me sinto melhor sabendo que ela agora tem por perto alguém da sua própria idade.

— Não *exatamente* a mesma idade — disse Razão e Jay-Tee teve vontade de dar-lhe um beliscão.

— Ora, acho que, mesmo quando se tem 15 anos de idade, alguns meses não fazem tanta diferença assim.

Razão olhou para Jay-Tee, que não disse nada, xingando-o em silêncio. Ele estava sorrindo. Ela teve a certeza de que ele sabia que ela havia feito Fibs com a idade.

— Na verdade, Razão, ao ficar aqui você está fazendo um favor a nós dois. Fico preocupado por ela morar aqui sozinha.

Jay-Tee sentiu vontade de vomitar. Ele estava falando como se fosse seu avô querido e atencioso. Nem Razão seria capaz de acreditar naquela baboseira. Jay-Tee olhou para ele com o canto do olho — mais parecia uma cobra que um lobo. Embora não duvidasse nem um pouquinho de que ele seria capaz, como já fora, de destroçar gente em pedacinhos sempre que precisasse. Uma cobra e um lobo.

— Meninas, vocês já comeram? — perguntou, exibindo os alvos dentes brancos outra vez. Era bastante comedido com sua magia.

As duas confirmaram.

— Eu gostaria de levá-las para jantar. Algum lugar especial. Você gosta de restaurantes sofisticados, Razão?

— Não sei. Nunca fui. — Ela pareceu favorável à idéia. Pensando na comida, Jay-Tee não teve dúvida.

Ele bateu palmas, com um sorriso estampado no rosto.

— Excelente! Vocês vão adorar. Vou reservar uma mesa para o jantar de amanhã. Um lugar bastante especial. Oito da noite. Pego vocês vinte minutos antes.

Ótimo, pensou Jay-Tee, estremecendo diante da perspectiva de tornar a vê-lo em menos de 24 horas.

— Obrigada — disse Razão. — Acho que vai ser legal. — Ela parecia estar sendo sincera. Embora Jay-Tee não conseguisse fazer uma leitura correta dela enquanto a magia dele pairava com tanta presença dentro do apartamento. Bem, se Razão gostava tanto dele assim, Jay-Tee a passaria às suas mãos com todo o prazer. *Qualquer coisa para mantê-lo o mais longe possível.*

Ele se levantou.

— Vou embora agora. Está tarde e tenho certeza de que ambas já estão querendo dormir.

Enfiou os sapatos e pegou o casaco.

— Foi um prazer imenso conhecê-la, Razão.

— Obrigada, Sr. Blake.

— Jason.

Ela baixou a cabeça.

— Desculpe. Jason.

— Boa noite, Jay-Tee.

Jay-Tee fez-lhe um aceno com a cabeça, sem dizer nada, tomada de alívio ante a rápida partida.

Ele colocou a mão na maçaneta e começou a girar.

— Razão — disse, como se algo trivial lhe houvesse ocorrido mas que ele fizesse questão de compartilhar —, eu gostaria de saber se você me faria um favor.

— Um favor? — perguntou Razão, sorrindo com simpatia.

— Isso. Será que você conseguiria me ajudar?

— Bem, acho que sim, mas vai depender do favor.

— Não é nada difícil. É só uma coisinha.

— Que tipo de coisinha?

Ele sorriu, com mais jeito de lobo do que nunca.

— Talvez em outra ocasião. O que aconteceu com o seu rosto, Razão?

A mão dela foi direto para o nariz.

— Nada. Escorreguei.

— Foi mesmo? — O sorriso dele se abriu ainda mais. — Boa noite, Razão.

Por dentro da magia

Quando acordei, ainda estava em Nova York.

A cidade de Nova York. Foi o que descobri ontem à noite, e assim que fiquei sabendo disso, passei a encontrar essas palavras — cidade de Nova York — em todo lugar, não só na placa do elevador, como nos bonés das pessoas, nos cartazes das vitrines, nas laterais dos caminhões, no jornal que embrulhava as castanhas que eu comi ontem à noite — o *New York Times* —, o mesmo que formava uma pilha na cama de Esmeralda. Vistas e compreendidas, essas palavrinhas se multiplicaram até se tornar praticamente tudo que eu conseguia ver.

Ainda deitada, fiquei pensando em outra coisa que me dava dor na cabeça. Algo em que vinha tentando não pensar desde que atravesssei a porta. Eu não estava maluca, afinal de contas, e não havia perdido minha memória. Uma parte de mim sabia disso o tempo todo. Sentei-me na cama, reconhecendo imediatamente o quarto despojado. Nem maluca, nem desorientada. Eu sabia onde estava e como viera parar aqui.

A magia existe.

Era esse o pensamento... me fazia doer a cabeça.

A magia existe. Estou na cidade de Nova York e é quarta-feira, quando deveria ser quinta, manhã quando deveria ser noite, congelante quando deveria estar escaldante, e a magia é real.

Abri a porta em Sidney no verão, saí do outro lado em Nova York no inverno, a estação oposta no lado oposto do mundo. Um só momento, e tudo mudou.

Se existia magia, Esmeralda era mesmo uma bruxa. Bruxa no sentido da magia, não no sentido da rabugice. Igual àquele Jason Blake ontem à noite. Na verdade, ele tinha o *cheiro* igual ao de Esmeralda.

Se existia magia, Sarafina era uma mentirosa.

Se existia magia, tudo que eu tinha aprendido estava errado. O mundo não era explicável. Não era racional. Não era nenhuma das coisas que Sarafina dizia que era. Fumaça e espelhos não me faziam viajar dez mil quilômetros num passo só. Isso não era alucinação.

Sarafina tinha mentido para mim. E não foi só uma vez, mas sim todos os dias da minha vida.

Era *por isso* que Sarafina tinha enlouquecido. Ela não havia somente mentido para mim, havia mentido para si mesma. Fugido da casa da magia e passado anos se convencendo de que aquilo tudo não passava de truques. *Minha mãe não é mágica*, Sarafina dissera a si mesma, *ela é o mal*.

Então, de alguma forma, a coisa toda desandou. Era *por isso* que ela estava em Kalder Park. Porque vinha contando mentiras para si mesma durante anos a fio, começara a acreditar nelas e, afinal, sua cabeça explodiu.

Ficar aqui deitada pensando nisso tudo também estava fazendo a minha cabeça explodir. Se Sarafina mentia, será que isso fazia de Esmeralda uma boa pessoa, afinal de contas? Pensei nos 33 dentes, no gato ressecado. Estremeci. As histórias que Sarafina havia me contado — essas eram verdadeiras, eu tinha certeza. Só que a magia de Esmeralda fazia as coisas acontecerem; portas iam dar em lugares onde não deveriam. De Sidney para Nova York num passo.

Será que Sarafina havia contado todas aquelas mentiras para me proteger? Do quê? Seria a *magia* a razão para todos os meus parentes morrerem tão cedo?

Ou a intenção das mentiras de Sarafina teria sido me proteger de mim mesma? Porque, se a magia existia mesmo, então eu era uma assassina. Eu tinha desejado que aquele menino morresse e menos de um segundo depois ele estava morto. Fui eu que fiz aquilo. E uma parte de mim *sabia* disso o tempo todo.

Minha cabeça estava repleta de pensamentos que eu não queria pensar; mas precisava, não é? Estar tão amedrontada para pensar (magia existe) me fizera torcer para que estivesse maluca, me impedira de encarar o que estivera tão claro como a neve que já não estava tão clara assim lá fora.

A magia existe. *Sempre* existiu.

Depois do café-da-manhã, pedi a Jay-Tee que me levasse para a rua onde ela havia me encontrado. Ela ficou me olhando de um jeito estranho durante mais de um segundo.

— Tenho a esperança de que isso venha reavivar a minha memória. Sarafina diz que refazer os próprios passos nos ajuda a encontrar coisas. Achei que poderia ajudar.

— Claro — disse ela. — Não tem problema. — Fiquei cismando se teria sido eu que imaginei aquela expressão no rosto dela.

O vento soprava forte novamente, o que tornava difícil andar. Fiquei vendo a minha respiração se transformar em névoa, mas, quando os lábios começaram a pinicar, levantei o cachecol. Estava frio demais para falar, embora minha cabeça borbulhasse de perguntas.

Tive vontade de saber algumas coisas sobre Jason Blake. Pelo jeito como falou logo antes de ir embora... ora, ele *não* era um homem bom. Tinha olhos de tubarão e, quando sorriu, os pêlos dos meus braços ficaram todos eriçados. Era parecidíssimo com Esmeralda. O que estaria fazendo com Jay-Tee?

Queria que eu dissesse sim, isso eu sabia. Sarafina sempre me ensinou a responder sim com muita parcimônia, pois *nunca se sabe ao certo qual é a pergunta*.

Pensei em algumas de suas outras lições, na meditação, em virar penas de cabeça para baixo. Ela vinha me ensinando a me proteger. Negara a existência da magia e, em seguida, me ensinara a me proteger dela. Fiquei morrendo de vontade de conversar com ela, de perguntar por quê.

Fazia tanto frio que mal dava para respirar.

Quando Jay-Tee finalmente falou que havíamos chegado à rua, perdi até o ânimo. Parecia com todas as outras do bairro pelas quais havíamos passado. Todas tinham prédios com escadas do lado de fora — escadas de incêndio. Toda casa na cidade de Nova York, pelo que parecia, era alta, e ficavam todas grudadinhas umas nas outras, sem espaço algum entre si. Vivia-se como sardinha por ali, sem nenhum verde à vista. Deprimente!

Mas não era tão terrível assim. Lembrei-me de ver Jay-Tee ontem à noite se gabando das maravilhas do inverno, das esculturas de gelo e das lareiras crepitantes. Ver as árvores reluzindo de gelo *foi* incrível. Especialmente agora, quando eu podia admitir que era de verdade. E as castanhas, quentinhas e docinhas! Foi tão legal poder comprá-las simplesmente ali na rua. Adorei, mesmo. Toda comida que eu tinha comido nesta cidade: a pizza (mesmo sem a beterraba ou o abacaxi), aquela sobremesa de canudinhos doces — até a *kasha* tinha me encantado. Resolvi que valia a pena passar uma noite com Jason Blake, por mais arrepiante que pudesse ser, para ver como seria a comida sofisticada de Nova York.

Novou outra vez durante a madrugada. Quarenta e cinco centímetros, Jay-Tee falou; ela esticou a mão para mostrar a altura, quase meio metro. A neve se acumulava nos cantos da rua, nos minúsculos jardins com cerca diante dos prédios. Puxei o cachecol para cima do nariz. Estava morno e úmido da minha respiração, mas em segundos ficou frio e molhado.

— Reconhece alguma coisa? — perguntou Jay-Tee, se aproximando. Esfregou as mãos enluvadas uma na outra. — Foi exatamente aqui neste lugar que eu encontrei você.

— Não sei direito. Acho que tenho de olhar todas as portas. Talvez consiga saber onde foi que vim parar na rua.

— Parece familiar? — perguntou Jay-Tee.

— Não sei — disse eu, porque realmente não sabia.

— Vamos começar pelo começo do quarteirão — sugeriu Jay-Tee, batendo os dentes. — Assim você não deixa escapar nenhuma.

Concordei, embora de uma coisa eu me lembrasse: saí de um prédio bem no meio da rua. Todas as portas eram de madeira, grandes. Em todas havia umas mãos ou rostos de bronze que as pessoas usavam para bater, substituindo campainhas; uma delas era um crânio com os olhos pintados de vermelho. Não reconheci nenhuma. Muitas tinham fechaduras grandes o suficiente para a chave do infinito. Toquei em todas, mas nenhuma me deu a sensação correta.

Não deixei de olhar os espaços em cima de cada porta. Era ali que eu tinha certeza de ter visto pintado o homem de bigode, acima do vão da porta, como um anjo da guarda. Muitas das casas tinham anjos normais pintados ou esculpidos bem nesse lugarzinho. Gatos também e vitrais. Eu sabia que a minha porta não tinha vitral. Pelo menos, achava que não. Nem sabia direito se o homem de bigode estava em cima da minha porta. Talvez eu o tivesse visto mais tarde quando saí correndo pela rua.

O que Sarafina iria pensar de mim? A vida inteira me falando para procurar as rotas de fuga e eu fiquei ali pegando flocos de neve com a boca!

Todas as construções pareciam praticamente iguais, com minúsculas variações, como as roupas no armário de Esmeralda. Desejei ter ainda a chave do infinito para que pudesse experimentá-la em cada uma daquelas portas. Mas tinha a impressão de que, de alguma forma, eu saberia quando chegasse à porta certa.

Nenhuma dessas era ela.

No fim do quarteirão, Jay-Tee sugeriu que experimentássemos o outro lado. Só porque ela havia me encontrado deste lado da rua não significava que eu não tivesse mudado de direção- No momento em que ela surgiu, Jay-Tee me lembrava agora, eu já estava com tanto frio que não conseguia nem pensar direito. Concordei.

Examinei cada porta com bastante atenção. Nenhum homem de bigode, nenhuma fechadura que parecesse a certa. Jay-Tee não dizia nada, só me seguia de perto, tentando se manter aquecida. Eu não sabia ao certo quanto tempo seria capaz de aguentar do lado de fora. Meu nariz estava começando a latejar novamente.

O que faria se não conseguisse encontrar o caminho de volta? Estava muito longe de Esmeralda. Que era o que eu queria. Mas agora gostaria de saber quem eu era, o que eu era, o que tinha feito.

Além disso, estaria mesmo muito longe dela? Afinal de contas, a porta era da Esmeralda. Ela já tinha vindo aqui; eu sabia pelo casaco de inverno pendurado, pelas

moedas dos Estados Unidos da América nos bolsos, pelos exemplares do *New York Times*. Estaria mais a salvo agora do que estivera quando dentro da casa dela?

Quis saber se haveria alguma forma de falar com ela sem me deixar aprisionar por ela. Queria perguntar uma série de coisas. Queria ler aquelas cartas. Queria saber o que era a magia. Pensei outra vez nos dentes, no gato morto. Talvez devesse conversar com Sarafina, não com Esmeralda. A bruxa, com certeza, me comeria viva. A verdadeira Esmeralda, oculta, era igual a Jason Blake. Eles tinham até o mesmo cheiro.

Como eu poderia chegar em casa? Se encontrasse a porta, ela não se abriria sem a chave. E como eu voltaria por ela? Esperaria até que Esmeralda aparecesse e me deixasse entrar? Morri de medo só de pensar. Pegar um avião? Eu não tinha passaporte e, se tentasse tirar um, eles avisariam Esmeralda com certeza.

Dei um passo atrás diante da última casa, sentindo no bolso a amonite, nem quente, nem reconfortante. Olhei para cima, para o céu cinzento. Não consegui encontrar o sol. Era impossível dizer a hora do dia. Sempre que Jay-Tee dizia que era noite, eu achava que deveria ser dia; quando ela dizia que era hora do jantar, eu estava pronta para tomar o café-da-manhã.

Estremeci. Jay-Tee parecia estar sentindo o mesmo frio que eu.

Com bolhas

Naquela noite — noite de quarta, esforcei-me para lembrar, não de quinta —, Jason Blake veio nos pegar numa limusine comprida, toda preta. Quando entramos, ele estava sentado de costas para o motorista, de terno preto como se estivéssemos indo a um enterro. Fez um gesto para que nos sentássemos em frente a ele e nos entregou taças de champanhe.

Tomei um gole e as bolhas subiram pelo meu nariz, me fazendo rir, tal qual eu lera nos livros. Nunca tinha tomado champanhe antes. Tinha um gosto que lembrava o do limão, leve, que se dissolvia na boca como sorvete de fruta. Foi a primeira bebida alcoólica da qual gostei, para não falar da primeira coisa fria da qual gostei desde que atravessara aquela porta.

Havia uma tela separando a parte da frente da limusine — nós não podíamos ver o motorista, nem ele a nós. Tive a impressão de estar num carro *high tech* que andava sozinho. Era imenso. A traseira mais parecia uma sala de estar do que um carro. Os bancos eram feitos de couro macio, havia almofadas e descansos para os pés. Havia até um aparelho de televisão.

A limusine parecia ter sido projetada para se beber champanhe, com suportes especiais onde se encaixavam perfeitamente as taças finas e, por trás de um painel, urna geladeirinha para manter a temperatura da garrafa. Achei até que talvez tivesse um banheiro escondido, o que me deixou imediatamente com vontade de fazer xixi.

Jay-Tee havia me emprestado um vestido preto que mantinha minhas pernas tão apertadas uma contra a outra que dava a impressão de estarem coladas. Falou que não havia como usar jeans para ir a esse tipo de restaurante. Os sapatos tinham saltos altos, e eu andava neles cambaleando. Apertavam meus dedos. Jay-Tee falou para eu não me preocupar, pois passaríamos a maior parte do tempo sentadas.

O vestido dela também era preto, com a bainha vermelha. A bem da verdade, eu não tinha visto um vestido sequer no seu armário que não fosse preto. Os sapatos eram ainda mais altos que os meus, e de metal. Faziam um estalido alto a cada passo que ela dava. Jay-Tee havia se maquiado toda, e depois veio me maquiar. Diante do meu protesto, falou que era para disfarçar o meu olho preto. Aquilo me deu uma sensação esquisita na pele, como se estivesse presa, coçando. Quando me

olhei no espelho, vi um rosto de boneca: lábios e maçãs do rosto vermelho vivo. Nem me reconheci. Jay-Tee disse que eu estava ótima.

— Será que isso vai ser divertido? — perguntei.

Ela apertou minha mão.

— Depois nós vamos dançar.

— Com isso? — falei, apontando para os nossos calçados com um gesto de desprezo.

Jay-Tee riu.

Não falamos de Jason Blake o dia inteiro. Sempre que eu começava a perguntar, Jay-Tee mudava de assunto. Fiquei um pouco aliviada. Chegava a ter um certo receio do que ela poderia dizer, de onde eu havia me metido.

Jay-Tee mentira para mim sobre sua idade e sobre Jason Blake ser um homem legal. Que outras mentiras teria me contado? Eu não sabia bem por quê, mas alguma coisa me fazia ter confiança nela, apesar das mentiras. Tinha uma sensação de que me contaria o que estava acontecendo, mesmo que não por completo.

— Às novas amizades! — Jason Blake ergueu sua taça, todos fizemos tim-tim e tomamos nosso champanhe. Minha cabeça girava, quase fora de controle, perdida qual uma pena num redemoinho. — Não se esqueça de olhar pela janela, Razão. Estamos quase em Midtown; você *tem* de ver a Times Square ao vivo.

Jay-Tee soltou uma bufada de ar e disse:

— Aposto que ela nunca *ouviu falar* em Times Square.

E não tinha mesmo. Mas eu não ia admitir. Cheguei mais para perto da janela, que emanava frio como um cubo de gelo, limpei o embaçado que a minha respiração estava criando e espiei a barafunda de luzes: vermelhas, verdes, azuis e amarelas. Passamos por uma tela de televisão gigantesca que tomava toda a lateral de um imenso prédio envidraçado, mostrando uma praia de areias brancas com palmeiras por onde passeava um carro vermelho sem capota. Flocos de neve caíam lentamente diante do telão e, por um momento, a areia parecia neve.

Centenas de pessoas andavam apressadamente pelas calçadas, atravessando as ruas como se quem mandasse ali fossem elas, não os carros. Gente demais. Um aglomerado tamanho que não dava para contar. Jamais imaginei que pudesse haver tanta gente assim num lugar só. Como aquela gente conseguia andar numa multidão tão grande? Fiquei com a sensação de que a minha pele era ainda mais apertada. E satisfeita por estar a salvo atrás do vidro da janela do carro. E se alguém tropeçasse e caísse? A pessoa seria pisoteada? Pelo menos, as várias camadas de roupas de inverno lhes dariam alguma proteção.

No alto, os prédios cintilavam de eletricidade, cores, palavras e rostos, os maiores cartazes que eu já tinha visto. Uma terra de contos de fadas eletrônica. Havia uma faixa de palavras vermelhas estendida na fachada de um prédio. Captei uma sequência de números, mas não consegui perceber um padrão, depois nomes que não reconheci, algo a respeito de soldados em algum lugar. Para onde eu olhasse, havia luzes se acendendo e apagando, despejando-se em cascatas pelas laterais dos prédios, refletindo-se nas vidraças que se erguiam de ambos os lados das ruas.

— Seu queixo vai cair, Razão! — disse rindo Jay-Tee.

Fechei a boca.

— Incrível, não é mesmo? — falou Jason. Confirmei.

— Nunca vi nada assim antes.

Jay-Tee riu mais alto. Já estava tomando a segunda ou terceira taça de champanhe. Eu me esquecera de beber a minha.

— Ela vive dizendo isso. Tudo é a primeira vez para Razão.

— Sorte dela! — Jason falou olhando para mim. Pude jurar que seus dentes estavam cintilando. Ainda bem que havia bastante espaço entre nós. Se ele se inclinasse mais para perto, eu não conseguiria deixar de me encolher. Não era um homem bom. Lancei um olhar de relance para Jay-Tee. Tive certeza de que ela também não achava.

Todas as mesas estavam postas com impecáveis toalhas brancas, reluzentes talheres de prata e pratos tão brancos que cintilavam mais que os dentes de Jason Blake. Passavam pelas mesas garçons vestidos de preto e branco, carregando jarras de água e bandejas de comida. O salão era amplo e as mesas ficavam longe umas das outras. Em todas pelas quais passamos, havia homens de terno e mulheres de longo, cujos pescoços e orelhas reluziam de tantas jóias. Jay-Tee estava certa: de jeans e camiseta eu sobressairia como um pinheiro no meio do deserto.

Incluindo nós três, havia 57 pessoas jantando. Fib (10). Bom sinal, pensei comigo mesma.

No centro do salão, havia uma grande escultura, em preto e prateado, de um homem e uma mulher nus se abraçando. A seus pés passava um fio d'água que gotejava em cima de pedras pretas e brancas. Uma das paredes do restaurante era uma janela gigantesca, que dava vista para a cidade elétrica de cores reluzentes.

Uma mulher nos conduziu até nossa mesa, fazendo farfalhar entre os tornozelos o seu longo vestido vermelho, e ali apareceu um garçom para segurar nossas cadeiras enquanto nos sentávamos. Ele sacudiu os guardanapos de pano para esticá-

los e os colocou em nossos colos como se fosse nossa mãe. Senti-me aliviada ao ver que ele não os encaixou nos nossos pescoços como babadores.

Nossa mesa ficava ao lado da janela gigante, de onde se descortinavam, como um tapete à minha frente, todas as cores e luzes que eu tinha visto do carro. Estávamos no quadragésimo sétimo andar, mas a rua e as pessoas lá embaixo estariam tão distantes que pareciam invisíveis.

A suave queda dos flocos de neve turvava as cores, tornando-as ainda mais estonteantes. Eu tremia, mas não era de frio. O restaurante estava tão perfeitamente aquecido que eu podia ficar ali sentada com meu vestidinho sem mangas e não precisar de um pulôver.

— A senhorita gostaria de beber alguma coisa?

— Champanhe, por favor — disse eu, e Jay-Tee soltou uma risadinha. Jason mandou vir uma garrafa para nós três. O nome soou como “Crude”. O que não parecia correto. Nome de champanhe deveria ser algo que borbulhasse ou cintilasse. Um nome com todas aquelas bolhinhas.

Fiquei olhando pela janela, tentando ler os letreiros reluzentes em meio à neve. Mas tudo estava tão turvo que parecia tinta fresca com água derramada por cima. As cores sangravam umas por dentro das outras. As primárias viravam secundárias, viravam terciárias. De repente, havia roxos, rosa e marrons. Algumas das luzes estavam circundadas de pequenos arco-íris. Nevava um pouco mais forte agora, turvando tudo ainda mais. Lá fora, congelado; aqui dentro, perfeito. Eu queria saber por que a janela não estava toda embaçada.

— Se continuar nevando desse jeito — disse Blake acompanhando meu olhar voltado para o lado de fora —, vai fechar a cidade.

O garçom voltou com a garrafa de champanhe e um balde de prata cheio de gelo. Mostrou-a para Jason, que espiou o rótulo e consentiu. Dessa vez, o champanhe tinha gosto de creme e as bolhinhas eram ainda menores que a cabeça de um alfinete, subindo pelo líquido em filetes, chegando à superfície e explodindo acima da taça para em seguida penetrar no meu nariz. A sensação estranha de respirar aquelas minúsculas borbulhas era quase melhor que a cremosidade que recobria minha língua.

Desde que passara pela porta, vinha me sentindo como se estivesse vivendo numa bolha. Uma camada espessa de material transparente entre mim e o mundo. Vinha me sentindo grudada, retardada em relação à minha bolha enquanto todas as pessoas à minha volta seguiam em disparada. Tomar essa bebida resplandecente fez jorrar as borbulhas no meu interior, destruindo de alguma forma aquela que me mantinha presa. Elas fizeram com que eu me sentisse parte do mundo novamente. Tornaram-no lindo.

— Outro brinde — disse Jason. O champanhe o amaciara, tornando-o menos predador. Agora ele estava bastante parecido com Esmeralda: delicadeza e sorrisos por fora, dentes afiados e cintilantes por dentro. — À ajuda que prestamos uns aos outros.

Ergui minha taça, mas não repeti as palavras dele, e não deixei que ela batesse na dele, só na de Jay-Tee. Jason olhou diretamente para mim, meio sorrindo. Eu me virei para a neve e as luzes.

O garçom voltou com três copos minúsculos em pratos minúsculos com colheres minúsculas. Estavam cheios de uma substância cremosa espumante salpicada com bolhas cor de laranja por cima. Será que tudo que iríamos comer e beber hoje à noite seria minúsculo e teria bolhas?

— Porção de salmão com ova — disse ele. — Bom apetite.

— Mas nós não pedimos nada — falei, depois que o garçom foi embora. Eu já sabia que não deveria me deixar constranger na frente de *todo mundo*.

Jay-Tee exibiu um largo sorriso e eu fiquei desejando não ter aberto a boca, mas é que eu queria saber.

— Aqui nós não fazemos pedidos — explicou Jason. — Chama-se menu-degustação. Eles vão trazendo uma pequena quantidade de tudo que é bom. Assim, você prova dez pratos em vez de três.

— Dez? — Parecia muito, mas olhei para o meu minúsculo copo. Dez porções daquelas não seriam muito. Resolvi não repassar a informação de que eu nunca tinha ido a um restaurante que servisse *três* pratos. Eu nem sabia direito a que cada um desses pratos se referia, mas fiquei achando que seriam as porções de comida. Só tinha ido a cafés, a casas que vendiam peixe com batata frita e, uma vez ou outra, a um restaurante chinês.

Saraфина não se interessava por comida. Nem se referia à comida desse jeito; ela chamava de “combustível”. Se fosse por ela, só comeríamos frutas e nozes o tempo todo. Quanto a mim, eu adorava comida.

— E se a gente não gostar de alguma coisa que eles trouxerem? — perguntei.

— Diga a eles — falou Jason. — Eles vão trazer outra coisa.

Acaso estaria brincando comigo? Ele e Jay-Tee pegaram suas colherinhas e enfiaram no copinho. Eu fiz o mesmo. Era sopa de peixe. Coloquei algumas das bolhas cor de laranja na boca. Elas estouraram quando as mastiguei, e um sabor intenso de peixe invadiu minha boca. Muito delicioso, diferente de tudo que eu já tinha provado na vida. Achei que tinha gostado, mas sem muita certeza.

Jason pegou seu copinho e bebeu o resto da sopa de peixe. Jay-Tee e eu fizemos o mesmo. Tinham sobrado duas bolhas cor de laranja. Coloquei-as entre a língua e os dentes. Sabor de peixe forte e salgado. Acabei achando bom.

— Gostou? — perguntou Jason.

Eu não disse que sim, só para me prevenir.

— Achei delicioso.

— É — Jay-Tee falou. — A ova tem gosto — daquelas bolhinhas que estouram na boca da gente.

Ele riu:

— Bárbaro!

Jay-Tee deu de ombros:

— Tem gosto disso mesmo.

Jason tornou a encher nossas taças e, quando o garçom chegou para trocar os pratos, pediu outra garrafa. Eu já tinha perdido a conta de quantos copos havia bebido. Dava até para sentir as bolhinhas andando pelas minhas veias. Eu estava borbulhante.

— Que tipo de comida é esta? — perguntei depois que o garçom tinha colocado um prato de uma coisa composta por uma camada branca, outra marrom e depois outra verde, tudo dentro de um molho cremoso com umas rodelinhas vermelhas e verdes. Estava atenta à nevasca lá fora e perdi a descrição do garçom; não que pudesse ter ajudado. Eu não estava acostumada a comida com cara de arte.

— Americana contemporânea — disse Jason —, embora o *chef* tenha formação na França e na Itália; por causa disso aí tem muitas influências.

— Ahn — foi o que eu falei, porque a resposta dele não explicava coisa alguma. “Americana contemporânea” não era um nome assim tão charmoso para essa comida de contos de fadas. É claro que eu tampouco tinha comido comida da França ou da Itália. Nunca sequer tinha me ocorrido que cada país do mundo tivesse uma comida própria.

— Eu falei sério, Razão, quando me referi à ajuda que prestamos uns aos outros — falou Jason, depois de ter provado aquela coisa em camadas e soltado um *hummm*. — Eu venho ajudando bastante Jay-Tee, e gostaria de fazer o mesmo por você.

Lançou um olhar rápido para Jay-Tee e ela confirmou. Jay-Tee manteve a cabeça abaixada, sem deixar que eu captasse seu olhar. Era verdade isso? E, se fosse, *como* ele a ajudava?

Ele continuou:

— Pelo que me parece, tem muitas coisas que você não sabe — dando ênfase especial às palavras *muitas coisas*. Não tive como discordar. — Posso ajudá-la com essas coisas. Posso explicar-lhe muitas coisas, pois suponho que nem sua mãe nem sua avó lhe tenham explicado.

Conhecimento

Era um dos truques dele, claro: quando menos se espera, contar a verdade. O queixo de Razão caiu, tanto que dava para ver as amígdalas. De novo. *Sorte dela que não é verão e nós não estamos a céu aberto, pois, se estivéssemos, sua boca se encheria de moscas*, pensou Jay-Tee.

Desde que chegara, Razão andava confusa. Não fora preparada para nada do que estava lhe acontecendo. Não sabia dizer quando alguém lhe contava uma mentira. Não fazia idéia de que Jay-Tee a levara para a rua errada naquela manhã. Ficou olhando para todas as casas, esmiuçando cada porta da rua 13 entre as avenidas A e B, torcendo para que fosse aquela. Como a porta de Esmeralda ficava na rua 7 entre a B e a C, não foi surpresa alguma o fato de não ter conseguido encontrá-la.

Agora estava de queixo ainda mais caído e olhar ainda mais atônito, dessa vez porque ele tinha dito a verdade. Interrompeu seu ritmo intenso de ingestão de alimentos e champanhe de forma que pudesse olhar direito para ele, ainda que boquiaberta. Quase deu a impressão de que estava passando mal.

— Posso lhe contar o que você quer saber, Razão. Mas quero algo seu em troca. E preciso que seja recíproco. Você faz algo por mim, eu lhe falo de você. Sua avó, ela pegaria tudo e não lhe dana nada.

Não era diferente dele, pensou Jay-Tee. *Que escolha!*

Razão tomou o último gole de champanhe que havia na taça. Serviu-se de mais um pouco. Tomou esse pouco também de uma golada só. O garçom retirou os pratos sujos da mesa e, numa questão de segundos, substituiu-os por outros contendo montículos de arroz e verduras e sabe-se lá o que mais. Nenhum dos três prestou atenção ao que ele explicou.

— Você atravessou uma porta em Sidney — começou ele, depois que o garçom já estava fora do raio de alcance de suas palavras. — E, quando deu por si, estava em Nova York. Não esperava que isso fosse acontecer, não é?

Ela balançou a cabeça, fechando a boca finalmente:

— Não.

— Mas sabe *por quê*. Sabe que é magia. Resguardaram-na disso a sua vida inteira, contudo você já descobriu muita coisa.

Os olhos dela finalmente baixaram na direção do prato.

— Existe magia — disse ela, meio para si mesma. Jay-Tee ficou achando que Razão iria começar a chorar. O rosto dela exibia aquela expressão contraída de quem está contendo as lágrimas.

— É, sim. Mas você não sabe muito mais do que isso, não é?

— Não, não sei — disse ela, com a voz ainda fraca.

— Eu posso lhe contar. — Ele se inclinou mais para perto, direcionando toda sua energia para ela. — Posso lhe contar quem você é. Posso lhe falar o que é a magia. O que você pode fazer com ela. Posso ensiná-la e ajudá-la. Da mesma forma que venho fazendo com Jay-Tee.

Que sortuda eu sou, pensou Jay-Tee, tomando um gole de sua taça. Razão nem olhou para ela.

— Você precisa de um professor. Sem a minha ajuda, pode se machucar, ou até pior. — Ele estava conseguindo parecer solidário, preocupado até. Razão imaginou que ele o fosse e assim estivesse. Morta, ela não lhe servia de nada.

Ela empalideceu.

— Como você sabe? — perguntou, retornando finalmente à sua voz normal. — Como sabe quem eu sou? Quem minha mãe é? Minha avó?

— Eu sou seu avô.

Jay-Tee sentiu o próprio queixo cair. As duas estavam olhando fixamente para ele agora. Jason Blake jamais lhe contara esse detalhezinho. Ele e a bruxa Esmeralda haviam feito aquilo? Ou seria mentira?

Jay-Tee olhou-o mais de perto, tentando sentir se era verdade ou não. Ele levantou uma sobrancelha e ela recuou. Já estava cansada de saber que não deveria nem tentar. Razão dava a impressão de que iria sofrer um colapso a qualquer instante. Alguém por acaso falou em sobrecarga de informação?

— Minha... — Jay-Tee deu um jeito de interromper o que ia dizer. Não conseguia imaginar como se sentiria se de repente ele também fosse seu avô. Argh!

— Seu avô — disse ele, fitando Razão nos olhos. — Pai da sua mãe.

— E você também é mago? — perguntou ela, com a voz tímida. — Igual a Esmeralda?

Ele confirmou.

— Igual a sua mãe também.

— Ela nunca falou em você. — A voz soou um tanto mais alta agora, porém ainda um pouco fina.

— Interessante. — Ele sorriu. — Mas há muitas coisas que ela nunca mencionou, não é?

Razão balançou a cabeça, mas não o suficiente para dizer não; foi mais de confusão.

— Você ao menos conhece Sarafina? — perguntou tenho um pai. Nunca o vi.

— Eu e Sarafina nos conhecemos. — Ele abriu um largo sorriso e Jay-Tee sentiu náuseas. Ele estava gostando muito disso tudo. Não era como se fosse contar a Razão algo que realmente a ajudasse. Era, na verdade, uma questão de ajudar a si mesmo.

— Por que... — Razão se interrompeu e acabou dizendo: — Você sabe por que todas morrem? Por que as mulheres da minha família morrem cedo?

— Sei, sim. Também sei por que sua mãe está doente.

Ela arregalou os olhos.

— Então me diga.

Jay-Tee poderia ter-lhe dito *isso*. Ela só precisava saber fazer as perguntas certas.

— Diga que sim, Razão. Aí eu lhe direi tudo o que você quer saber. Dê-me o que eu quero.

— O que você quer?

Ele pegou sua taça, girou-a nos dedos, observando o turbilhão das bolhas. Levou-a lentamente à boca e, em vez de tomar um golinho, foi virando o copo lenta e gradativamente até acabar de tomar todo o conteúdo de uma só vez.

É isso que ele quer, pensou Jay-Tee. *Quer bebê-la até você secar.*

— Quero pegar um pouco do que você tem. Um pouco sua magia.

— Minha magia?

— Sim, você pode dá-la para mim. Um pouco de cada vez. Não vai sentir praticamente nada. Vai, Jay-Tee?

Razão dirigiu um olhar firme para Jay-Tee, que se forçou a olhá-la nos olhos e a dizer “não” embora fosse uma mentira. Jay-Tee sentia o que ele fazia com ela. Sentia falta do que ele tomava. Fazia o que podia para conseguir de volta. Por isso queria que ele tomasse de Razão: para que parasse de tomar dela própria. A idéia parecia boa, antes de ter a oportunidade de conhecer Razão.

— Como é que isso funciona?

— Conte-lhe, Jay-Tee.

Jay-Tee engoliu em seco, tomou mais um gole de champanhe. Sua cabeça girava a mais de cem quilômetros por hora. Ela se deu conta de que estava bêbada.

— Preciso ir ao banheiro — disse, sabendo que ele ficaria zangado com ela. Quando ele pedia alguma coisa, era para atender. Ela chegou a sentir o ácido se acumulando na boca dele.

Quando se levantou, não cambaleou, o que foi uma conquista e tanto considerando-se os saltos que estava usando. Caminhou no que seria uma razoável aproximação de linha reta em direção ao que torcia para ser o banheiro. O estalido

barulhento dos seus saltos metálicos batendo contra o soalho fez com que vários outros fregueses do restaurante se voltassem para vê-la passar.

Alguém estava andando logo atrás dela. Jay-Tee virou a cabeça discretamente. Razão vinha cambaleando no seu encalço. *Caraca*, pensou Jay-Tee, *agora que ele vai ficar zangado mesmo*.

O banheiro era todo de mármore e ouro. Cheio de classe. Havia um cômodo separado, com cadeiras e espelhos para ajeitar a maquiagem. Depois de fazer xixi e lavar as mãos, Jay-Tee foi lá e se sentou, para esperar até Razão terminar.

Retocou o batom. Levou um certo tempo, pois as mãos tremiam. O rosto estava ruborizado e os olhos brilhando, mas não injetados. Jay-Tee se deu conta de que estaria amanhecendo. Era muito provável que sua cabeça também estivesse doendo. Sobretudo se ele resolvesse tirar a forra nela.

Razão não estava com pressa. Jay-Tee começou a sentir o suor aflorando. Talvez fosse melhor voltar à mesa, enfrentá-lo sem falar com Razão antes, mas Jay-Tee achou que lhe devia explicações. O que era uma loucura. Razão não conseguiria machucá-la da maneira como ele conseguiria.

Uma mulher alta, com trancinhas rastafári até a nuca, entrou e se sentou, cumprimentando Jay-Tee com um aceno de cabeça e pondo-se logo a refazer a maquiagem, começando por ocultar melhor as olheiras. Já entrara com uma aparência ótima e Jay-Tee não conseguiu imaginar que poderia estar notadamente diferente ao sair.

Razão se sentou do outro lado de Jay-Tee. Não estava nem um pouco ruborizada. As cores tinham se esvaído de seu rosto, deixando em destaque o olho roxo que Jay-Tee cuidadosamente maquiara. Sua pele estava lívida, sem viço, parecendo uma folha de papel. O choque consumira todo o champanhe.

Aumentou a necessidade de Jay-Tee ajudá-la, o que era uma loucura. Quanto mais tempo elas demorassem aqui, mais zangado ele ficaria — com *ambas*. De que forma isso ajudaria Razão?

— Você está bem? — perguntou ela, mas Razão não disse nada. — Quer que eu dê um jeito nos seus lábios? Coloque um pouco mais de *blush*?

Ela concordou.

— Mas não devemos demorar muito. Ele não vai gostar. — Jay-Tee olhou de relance para a mulher, que agora acentuava a curva dos cílios, e pensou no tempo que ainda levaria para ir embora.

Tirou da bolsa o *blush* e o batom, virou de lado na cadeira e se inclinou para a frente, começando a aplicar o batom, mas suas mãos tremiam. Errou várias vezes a

linha dos lábios de Razão.

— Desculpe — murmurou, pegando um pedaço de papel higiênico e limpando o erro.

— Deixe comigo — disse Razão, pegando o batom das mãos de Jay-Tee. — Acho que eu consigo.

Ela retocou as maçãs do rosto e em seguida os lábios, com muito mais apuro do que teria sido capaz Jay-Tee, que chegou a pensar até em pedir para Razão retocar a sua maquiagem. Mas isso levaria muito mais tempo. Só de pensar nele ali sentado, com o olhar cada vez mais frio e os lábios mais finos!

A mulher das trancinhas no cabelo terminou de retocar a maquiagem, cumprimentou as duas com um aceno de cabeça e finalmente se foi.

— Como é que ele toma a sua magia? — perguntou Razão de uma vez só.

Jay-Tee colocou a maquiagem de volta dentro da bolsa. Bem, ele disse que queria que ela contasse para Razão; então tanto fazia se fosse aqui mesmo.

— Ele me pergunta se pode, e quando eu digo que sim ele coloca a mão em mim. Assim.

Jay-Tee se inclinou para perto dela e tocou de leve nas costas da mão dela.

— Aí, me dá uma sensação estranha de calor, como se estivesse queimando, mas não é tão ruim assim, e, quando eu quero que pare, é só eu dizer. E pára logo.

— É você quem manda? Manda começar e manda parar?

— É.

— E dói? — Razão se inclinou um pouco mais para perto de Jay-Tee, como se estivesse tentando enxergar a verdade nos olhos da outra.

— Não. — Não *exatamente*.

— Como é que você se sente depois? Como se alguma coisa tivesse ido embora?

Jay-Tee hesitou um pouco, mas resolveu contar a verdade.

— É. Eu fico cansada. Quanto mais ele pega, pior é.

— Isso significa que você não pode fazer mágica? Porque ele tirou de você?

— Posso, sim. Você até já viu. — Jay-Tee sorriu, pensando em todas as coisas que fizera bem debaixo do nariz de Razão. — Ele não tirou tudo. Eu não deixaria — ela falou com mais confiança do que estava sentindo. — Não é tão ruim assim. Verdade.

Razão franziu o nariz. Jay-Tee se deu conta de que a palavra *verdade* não tinha lá muito peso saindo de sua boca.

— Será que você pode responder às minhas perguntas? Existe alguma coisa que Blake sabe que você não sabe?

— Um monte. Eu nem sabia que ele era o seu avô.

— E você acha mesmo que é? Acha que isso é verdade? — A voz de Razão saiu carregada de impaciência.

Jay-Tee compreendeu o motivo. E não conseguiu evitar a sensação de alívio novamente pelo fato de ele não ser aparentado com ela. Seu pai não era flor que se cheirasse, mas nem de longe se comparava a *ele*.

— Sei lá, Razão. Não sei nada da sua família. Só que a sua avó é de dar medo, sinistra. Acho que isso significa que os dois são um par perfeito. — Jay-Tee sorriu, mas sua piada era verídica demais para ser engraçada.

Razão não falou nada, pois estava repensando tudo aquilo. Sua curva de aprendizagem estava íngreme hoje. Mas elas não poderiam simplesmente ficar ali sentadas. Ele se zangaria mais a cada segundo que passasse.

— É melhor voltarmos.

— Você tem medo dele?

Jay-Tee baixou o olhar.

— Às vezes. — *A maior parte das vezes.*

— O que ele fez por você? Por que você o deixa tirar a sua magia?

Entrou uma mulher loura com um vestido marrom e verde muito feio.

— Depois eu conto — falou Jay-Tee, embora não soubesse ao certo se podia. Levantou-se e, baixando a voz, disse: — Não é tão ruim assim, juro. Eu teria fugido dele se fosse. Ele me deixa em paz a maior parte do tempo.

Razão não respondeu.

Ele não falou nada quando elas pegaram seus guardanapos no encosto das cadeiras e retomaram seus lugares. Jay-Tee começou a levar o champanhe à boca, mas estava tão nervosa que desistiu e pousou a taça na mesa novamente enquanto se escorava até que o ácido começasse a escorrer pelos lábios dele.

— Sim — Razão falou antes que ele pudesse abrir a boca olhando direto nos olhos dele, colocando a palma da mão sobre a mesa conforme Jay-Tee lhe havia mostrado. — Sim, pode pegar um pouco agora.

Ele esticou a mão e a colocou sobre a dela. Jay-Tee se sentiu mal de olhar, mas também aliviada por não ser ela própria. Mesmo assim, fortaleceu-se nela a sensação de pele contraída, de calor crescente lhe subindo gradativamente pelo braço. Qual formigas, diabólicas formigas venenosas.

Será que aquilo faria Razão ter vontade de arremeter? Faria sua cabeça começar a doer subitamente bem no ponto onde a espinha se junta ao crânio? Será que o corpo de Razão lhe gritaria para dizer que isso não estava certo? Bem em cima das maçãs do rosto dela, apareceu uma cor, um ponto do tamanho de uma moeda,

contrastando com o blush. Jay-Tee agradeceu a Deus por não ser ela, e logo se sentiu uma pessoa muito ruim, porque era Razão e porque aquilo era culpa dela.

— Não — falou Razão. — Pare.

Ele tirou a mão. Não estava zunindo como quando era com ela, e Razão não estava tremendo. Mas Jay-Tee sabia que mesmo pouco tempo era suficiente para que ele sentisse um gostinho e para que Razão tivesse uma noção de como era ser drenada. Ela foi esperta de mandá-lo parar logo.

O garçom trouxe outro prato. Uma sobremesa dessa vez, pra o alívio de Jay-Tee. Tudo isso iria acabar em breve. Ela conseguiria se afastar dele. Teve curiosidade em saber como os três eram vistos pelos garçons: um coroa branco e rico com suas duas garotas chicanas, uma com a suspeita de um olho roxo. Nenhum deles saberia que Razão era uma... seja lá o que ela tenha dito que era. Mas as aparências não diziam tudo, pensou. A coisa aqui era muito, muito mais arrepiante do que parecia.

— Agora me fale sobre magia — disse Razão.

Jay-Tee se recostou na cadeira, girando a taça de champanhe, pronta para ouvir que jeito ele daria para escapulir da obrigação de contar a Razão qualquer coisa.

— Depois de meros dez segundos? Não chega a ser justo. Eu deveria manter minha explicação tão abreviada quanto a sua parca oferta. — Ele comeu um pouco da sobremesa. — Está muito boa, meninas. Vocês deveriam pelo menos experimentar.

Jay-Tee perdera o apetite ao vê-lo tomar de Razão, mas ela deveria estar morrendo de fome.

— Você deveria comer — Jay-Tee falou para Razão. — A comida ajuda. Você vai se sentir melhor.

Razão deu-lhe um sorriso meio desanimado, levou uma primeira colherada daquela coisa cremosa e balançante para a boca e logo deu cabo da porção inteira. Jay-Tee trocou os pratos, sentindo-se um pouco melhor por ter feito *alguma* coisa para ajudá-la.

— Pegue a minha.

— Obrigada. — Ela acabou com a sobremesa de Jay-Tee tão rápido quanto acabara com a sua própria.

— Exatamente o que você quer saber, Razão? — perguntou ele. O sorriso em seu rosto era genuíno. Ele estava gostando.

— O que eu *não* quero saber! — ela falou, chateada, quase zangada. Foi a primeira vez que Jay-Tee a ouviu usar um tom de voz tão contundente. À medida que foi falando, sua voz foi ficando cada vez mais contundente, e uma névoa avermelhada se formou em torno de seus olhos. Jay-Tee sentiu os pêlos se eriçando no braço. Razão estava perdendo a paciência. As perguntas borbulhavam do seu

interior como lava. — O que é? Como funciona? Como é que eu uso? Por que eu tenho essa magia? Por que você a quer?

Enquanto Razão continuava bombardeando-o com suas perguntas, Jay-Tee se inclinou para perto de forma a colocar a mão em cima do braço dela.

— *¡Tranquila!* — sussurrou baixinho, da mesma forma como seu pai fazia quando ela era pequena e perdia a calma. — *¡Cálmate!* — Ela percebeu que Razão estava se acalmando, retomando o controle. Apertou-lhe a mão durante um breve segundo, satisfeita por tê-la ajudado mas triste por se lembrar de como seu pai era antes de se tornar um monstro que ela queria ver morto.

— Por que você quer tomar de mim? — perguntou Razão numa voz menos agitada. — Ou de Jay-Tee, nesse caso? Como é que funciona a porta? Isso tem a ver com as matemáticas?

Matemática, Jay-Tee corrigiu-a mentalmente. A menos que houvesse mais de uma matemática. Que pensamento horrível!

— Por que todos morrem cedo? Será que eu...

Ele levantou a mão.

— Chega. Não posso responder a todas essas perguntas. Você tem a magia, Razão, porque está nos seus genes. É hereditário; é mais forte em algumas famílias do que em outras. Você é de uma longa linhagem. Jay-Tee é produto de duas pessoas que manejavam a magia e eram, pelo que ambos sabiam, os únicos em suas famílias. Muitos surgem do nada, sem parentes parecidos e sem a menor idéia do que são.

Jay-Tee teve, de repente, um quadro claro de seus pais juntos, flores flutuando no ar, ensinando-lhe sobre a magia, sobre como se proteger. Mas a mãe morreu antes que ela tivesse idade para falar. Ela tocou na pulseira de couro que trazia ao pulso.

— São pouquíssimas as famílias como a sua, Razão. Eu venho de outra. Você não pode esquecer que isso é genético. Da mesma forma que ser alto. Não é uma coisa que se possa escolher. Está nos genes. As mulheres expressam mais que os homens. É como homens canhotos. Só que muito, muito mais raro. — Ele tomou mais um gole. — E, sim, tem a ver com a matemática.

Jay-Tee sorriu, querendo dizer para Razão: *Está vendo? Matemática, não matemáticas.*

— Muitos de nós temos o dom dos números assim como temos o dom da magia. Jay-Tee soltou uma bufada de ar e disse:

— Nem *todos* nós.

— Não, nem todos. É um talento especialmente forte na sua família, Razão. Cada mago tem o seu talento. A magia vem das pessoas. É gerada pelas pessoas. Em cidades grandes é mais forte e mais abundante que em cidades pequenas.

— Ou no meio do mato — falou Razão, mais pensando alto que fazendo uma pergunta.

Ele confirmou.

— É por isso que você foi criada no interior. Muito mais difícil ser encontrada por lá.

— E muito mais fácil ser encontrada por aqui? Numa cidade? Especialmente numa grande assim? — Ela olhou para o Times Square pela janela do restaurante.

Ele tornou a confirmar.

— Então, ela consegue me encontrar aqui? — Havia medo em sua voz.

— Mas há magia que ajuda a esconder. Eu venho usando um pouco. E, enquanto você está junto de Jay-Tee, a magia dela esconde a sua. É a sua magia que Esmeralda está rastreando.

— Ela está me rastreando? — Razão estava com os olhos arregalados. Jay-Tee não conseguia acreditar que ela não tivesse pensado nisso antes.

— Claro.

— E...

Ele ergueu a mão.

— Acredito que isso tenha sido um pagamento mais do que suficiente, Razão, por uma quantia tão parca. Provavelmente, Jay-Tee irá lhe contar mais — encerrou ele, com o ácido afinal evidente em sua voz.

Turbilhão

O passeio de limusine na volta do restaurante para casa foi silencioso e tenso. Sem champanhe, sem borbulhas, nem brindes idiotas. Razão agora sabia de algumas coisas. Jay-Tee ainda não sabia o que pensar disso tudo. Ele não lhe dera aviso algum antes da pequena performance dessa noite. Ela não fazia idéia de que ele seria *sincero*.

Mas o que teria contado a Razão que não o tenha ajudado mais do que a ela? Nisso Jay-Tee poderia dar um jeito. Poderia pensar em coisas que ele não gostaria que ela soubesse.

Ela soltou um suspiro. Ele ficaria sabendo. Ele a questionaria e ficaria sabendo, e tudo pioraria para o seu lado novamente. Devia haver um jeito de alertar Razão e evitar que ele a machucasse por causa disso. Jay-Tee poderia deixar-se ficar com raiva como Razão quase ficou no jantar. Deixar que explodisse na cara dele. Jay-Tee achava mesmo que não teria mais de cinco anos pela frente, de qualquer jeito. Por que não acabar com ele de uma vez agora?

Olhou para ele do outro lado e em seguida para Razão, sentada ao seu lado, com os olhos fixos lá fora, sem dizer nada. Não via semelhança alguma entre eles. Seria verdade? Será que ele era realmente avô dela?

Ele mandou que o motorista os deixasse em frente ao prédio.

— Vejo vocês duas daqui a alguns dias — disse. Nenhuma das duas respondeu. Jay-Tee ficou desejando que alguns quisesse dizer muitos ou, melhor ainda, nunca mais.

— Não vou conseguir ficar parada no apartamento — disse Razão para Jay-Tee ainda no elevador. — Estou com vontade de gritar. — A pele dela estava toda enrugada, aumentando a intensidade de seu olho roxo, mesmo por baixo da maquiagem. Sua aparência agora estava pior do que quando ela passou pela porta e quase morreu congelada.

— Vamos para um lugar onde você possa gritar o quanto quiser. Dançar. Lembra? Eu prometi. Vamos só mudar de roupa, vestir algo mais confortável, tirar esses sapatos que desequilibram a gente. — Razão não sorriu.

Nenhuma das duas falou muito enquanto se vestiam, até chegarem à rua. Jay-Tee ficou querendo pedir desculpas, mas não sabia como. De qualquer forma, não

era sua culpa. Ele teria chegado a Razão sem ela. Mas Jay-Tee fez um esforço e lembrou que ajudara. E bastante.

Ela parou um táxi e as duas entraram. Jay-Tee disse o endereço ao motorista, e Razão ficou olhando pela janela, com o capuz enfiado na cabeça.

— Como é que você está se sentindo? — perguntou Jay-Tee.

— Digamos que não estou me sentindo a maior.

Em quaisquer outras circunstâncias, Jay-Tee teria implicado com as palavras estranhas que ela usava. Mas agora não.

— Está cansada?

— Estou. Como se ele tivesse tirado energia e não magia.

— Estão conectadas — falou Jay-Tee. — Mas nós vamos conseguir de volta para você. Ele não tirou muita. A magia entra assim como sai.

Razão olhou para Jay-Tee com uma expressão que a fez pensar se ela a odiava agora.

O motorista tinha ligado o aquecedor no máximo e suava em bicas. O táxi tinha o seu cheiro somado ao de queimado que vinha do aquecedor. O verão era bem melhor: a gente podia ir a pé para todo lado, sem pensar em táxis.

As duas saltaram no bairro da badalação, o Meatpacking District. O paralelepípedo estava escorregadio por causa do gelo.

— Cuidado! — Jay-Tee advertiu Razão, segurando-a pela mão enluvada e puxando-a para a entrada de um lugar chamado Inferno. Razão quase caiu duas vezes. A outra não fazia idéia de como se anda em cima do gelo, e aquele não era exatamente o momento para começar a ensiná-la.

Jay-Tee abriu a porta, ainda arrastando Razão pela mão. As paredes tremiam com a música e o baixo vibrava sob os pés. Jay-Tee sorriu para Peter, o leão-de-chácara.

— E aí, Jay-Tee — falou ele —, vai arrasar hoje?

— Depende do que você está querendo dizer.

Peter riu.

— Seu santo está forte hoje? Eu já lhe disse que não vou perder o emprego por sua causa.

Jay-Tee girou os olhos nas órbitas.

— Pare com isso, Peter. Está cansado de saber que você é praticamente a única pessoa em quem isso *não* funciona.

Peter soltou uma bufada de descrédito.

— Tome muito cuidado com essa aí — disse para Razão. — É encrenca na certa.

Elas entraram, tirando os casacos, pulôveres, cachecóis luvas, gorros, suéteres, fazendo submergir embaixo daquilo tudo a encarregada do guarda-roupa. Ela entregou o tíquete para Jay-Tee com um sorriso automático. As duas vestiam agora somente calça jeans e camiseta. Quente ainda não estava, mas iria ficar.

Ao passar pela porta e entrar no ambiente da discoteca, elas foram atingidas em cheio por uma onda de calor e pela música ritmada. Jay-Tee começou logo a dançar. E foi arrastando Razão atrás de si pelo caminho que conseguia sentir entre os corpos, porque Jay-Tee conhecia multidões, sabia quando as pessoas iam se mexer e quando iam ficar paradas, quando iriam se balançar. Essa multidão dançava, pulava para cima e para baixo, para um lado e para o outro, formando vários refluxos, como um rio. Ela passou dançando pelo meio daquilo tudo, levando Razão para o miolo da pista de dança, que era de fato a discoteca inteira. Até os garçons meio que dançavam. Centenas de corpos ao redor delas. As paredes recendiam a suor.

Jay-Tee fechou os olhos e se soltou, caindo no turbilhão da dança. Um segundo antes de se soltar de vez, deu uma espiada em Razão com o canto dos olhos. Ela já se encontrava lá, a pequena Razão, tão entregue quanto Jay-Tee estava prestes a ficar. Jay-Tee sorriu. Essa era sua verdadeira magia. Isso era o que ela mais adorava.

Jay-Tee voltou com duas garrafas de água grandes e entregou uma para Razão, sorrindo.

— Aposto que você nunca pensou que iria sentir calor novamente, ficar pingando de suor — disse Jay-Tee no ouvido de Razão.

Razão sorriu para ela também.

— Não. Você tinha razão. Minha energia voltou. Isso significa que minha magia voltou também?

Jay-Tee começou a fazer que sim com a cabeça, mas parou.

— Na verdade, não sei. Não exatamente. O que sei é que, quando danço no meio da multidão, sinto que ela flui de volta para mim. Ela é criada por toda essa gente. Consigo me identificar com ela e termino maior do que sou. Você também sentiu isso, não é? — Jay-Tee nunca tinha conversado sobre isso com ninguém antes. Achou estranhas aquelas palavras saindo de sua boca.

— Senti. — As duas se debruçaram no parapeito da varanda para olhar a multidão em êxtase lá embaixo. Jay-Tee mal podia esperar para entrar ali de novo. Daqui de cima, parecia o oceano no meio de uma tempestade, tudo em movimento,

ondas de corpos se agitando, girando e se revolvendo na tormenta. As paredes tremiam.

Razão tirou a tampinha de sua garrafa e tomou um golão.

— Você pagou por essa água? Ou pela nossa entrada?

Jay-Tee riu.

— Você nunca paga por nada. Basta sacudir a mão que eles vêm dinheiro.

— Não funciona com todo mundo. O Pete, sabe quem é, o leão-de-chácara lá na entrada.

Razão compreendeu.

— Ele só me deixa entrar porque gosta de mim. Eu tentei com ele e ele caiu na gargalhada. — Jay-Tee balançou a cabeça, só de lembrar.

— É de verdade? O dinheiro?

— É. Passa a ser.

— Como?

— A minha magia tem a ver com as conexões entre as pessoas. — Jay-Tee jamais explicara isso a outra pessoa. Não tinha bem certeza de como era a coisa. — É isso que é uma multidão. Não é só um bando de pessoas juntas, mas as conexões entre elas. E eu uso isso, a energia disso; tiro o dinheiro disso.

Razão confirmou com a cabeça, mas Jay-Tee não teve muita certeza de que ela havia entendido.

— É assim que a minha magia funciona?

— A sua tem mais a ver com números, não com gente.

— E o que é que eu posso fazer com ela?

Jay-Tee deu de ombros.

— Sei lá. Você é quem tem de saber. Quero dizer... — Ela interrompeu o que ia dizendo. — É uma coisa que você vai acabar descobrindo. A magia de cada um é diferente.

Razão ficou ponderando sobre isso.

— O cartão de crédito de Blake — acabou falando — era de verdade?

— Ah, claro, *ele é* rico. Sempre usa dinheiro de verdade. — Ela passou a falar com os mesmos tons precisos e comedidos que ele usava: — Ele jamais desperdiçaria magia com algo tão *trivial*. — E voltou ao seu tom normal. — Só pensa em acumular a dele.

— E tirar a de outras pessoas?

— É, é verdade. Vamos voltar lá para o meio. Pegar um pouco da nossa de volta.

Razão concordou.

— Nós poderíamos fugir dele, sabia? — Elas estavam no alto da escada que descia da varanda prestes a descer para a pista de dança.

— E para onde iríamos? — perguntou Jay-Tee, tentando tirar a esperança do tom de voz.

— Austrália. Pela porta. — Razão não sabia ao certo como conseguiriam sem a chave. — Lá por casa, eu sei bem onde me esconder. No meio do mato. Ficaríamos seguras.

— Sua avó conseguiu pegá-la antes.

— Só porque Sarafina ficou maluca. Se fôssemos só eu e você, daria tudo certo.

— Vamos dançar agora — disse Jay-Tee, sentindo a pulsação chamar, imaginando uma vida pelo interior da Austrália: cangurus e crocodilos. Ficou imaginando se os cangurus dançariam. — Mais tarde você pensa em fugir.

As duas desceram a escada e se meteram no meio da multidão, girando e balançando-se entre os refluxos e as ondulações de magia, de energia e de gente.

Mais perto

Tom ficou constrangido ao conversar com Mere pelo celular no meio do restaurante. Falou baixinho, apesar do sinal fraco.

— Ela esteve aqui — disse ele, um pouco mais alto. — Esteve, sim. — E deu o endereço a Mere. — A gente se vê. Tchau.

Ele estava com frio, cansado e com fome. Passara as duas últimas horas perambulando pelos arredores, entrando em restaurantes e lojas, tocando nas coisas, sentando-se na maioria das mesas que conseguia e recebendo olhares estranhos das pessoas por não pedir nem comprar nada nesses lugares todos. Antes estava frio, mas agora estava frio e escuro. Não havia um vestígio sequer de Razão em lugar algum, exceto aqui, exatamente nesta mesa. Fraco, mas aqui.

Uma garçonete loura e alta, com expressão taciturna, chegou e colocou pesadamente um copo de água com gelo em cima da mesa à sua frente e entregou-lhe um cardápio exageradamente grande. Um pouco da água chegou a espirrar para fora do copo, derramando-se pela mesa.

Tom pegou o cardápio e se assustou com a sensação forte de Razão. Quase o largou. Ela havia segurado aquele menu com as próprias mãos. *Estava viva*. Tom ainda não se dera conta de que alguma parte sua acreditava nas visões que Vinha tendo dela morta congelada no meio da neve. Parece que as palavras de conforto de Mere não foram suficientes.

— Quer café? — perguntou a garçonete num tom de total desinteresse. Tinha um sotaque que ele não reconheceu. Certamente não americano. Alemão, talvez? De imediato ele abandonou a idéia de bancar o detetive e perguntar-lhe se ela teria visto Razão. Não só a garçonete pouco se importava se ele iria tomar café ou não, como também dava a impressão de ser uma pessoa para quem a vida não significava absolutamente nada. Tom ficou achando que seria a garçonete mais triste do mundo.

— Não, obrigado. Só ovos com bacon. — Na mesa ao lado, um homem tomava goles de café enquanto olhava para Tom por cima do jornal. Estava usando um terno listrado, mas as listras eram finas, em tom arroxeadado sobre um fundo grafite, e as lapelas eram um pouquinho mais largas que o normal. Tom não conseguiu deixar de admirar a gravata, roxa com minúsculos respingos dourados, que seria um desastre

com qualquer outro terno. Ele não podia ter certeza sem tocar, mas o terno parecia ser feito de lã muito refinada. Merino, talvez.

— Como vai querer os ovos? — perguntou a garçonete, olhando para o bloquinho que tinha nas mãos, não para Tom.

— Fritos, por favor.

— Fritos como?

— Ahn — disse Tom, tentando pensar no sentido exato da pergunta. — Na manteiga?

Errou. A garçonete parou de olhar para o bloquinho e dirigiu-lhe um olhar pesaroso, como se a estupidez dele apenas viesse a comprovar que o mundo realmente não valia nada.

— Mal passado? Lado da gema para cima?

— Lado da gema para cima — disse Tom, pois pareceu-lhe simpático e dava a impressão de calor.

— Que torrada vai querer? De pão trançado, de pão integral, branco, de centeio, sete grãos ou alemão? — perguntou ela. As palavras saíam todas juntas. Ela tinha feito esta pergunta antes várias vezes.

— Pão trançado — disse Tom, sem nunca ter ouvido falar naquilo, mas só porque foi o que ela falou primeiro.

— Vai querer batatas douradas, batata frita ou salgadinhos *kasha*?

— Batatas douradas — disse ele, só para se ater ao princípio de pedir apenas aquilo que fosse dito primeiro.

— Quer alguma coisa para beber?

— Suco de laranja — disse Tom, antes que ela pudesse começar com mais uma lista.

— Pequeno, médio ou grande?

Tom soltou um suspiro, percebendo que não poderia pedir coisa alguma que não desse início a mais uma série de opções.

— Grande, por favor.

A garçonete pegou das mãos dele o cardápio impregnado de Razão, antes que ele sequer pudesse pensar em perguntar se poderia ficar com ele ali, e foi embora. As palmas das mãos de Tom estavam suadas. Ele tomou um golinho da água, depois tirou o casaco, aliviado por ter conseguido sair relativamente ileso da provação de pedir a comida. Se os americanos conseguiam dificultar tanto um simples pedido de ovos com bacon, ele ficou intrigado só de pensar como seria fazer um pedido de comida num restaurante sofisticado.

— Opções demais, não é mesmo? — perguntou a mulher sentada do outro lado, embora não tenha sequer olhado para ele nem parecesse esperar de fato alguma resposta. Havia um caderno grande aberto na sua frente, no qual ela parou de

escrever durante um momento. Suas roupas eram pretas, do mesmo tom. Um preto forte, como se ela as tivesse acabado de tingir no mesmo tonel ainda hoje de manhã. Aquele negrume todo que sugava a luz o impedia de perceber onde acabava o paletó e onde começava a calça. — Eles tentam nos distrair com todas essas opções para que não consigamos perceber que, quando chegam as coisas realmente importantes, não há opção. Nem uma sequer. Hummm. — Ela pegou a caneta e retomou a redação que interrompera segundos atrás, num ritmo agora ainda mais frenético que antes.

Muito bem, pensou Tom, *como quiser*. Olhou para o homem do outro lado e pensou se não haveria problema em perguntar quem desenhara seu terno e sua gravata. Parece que, como na sua terra, não havia problema em desconhecidos começarem a conversar sem mais nem menos. E se não houvesse problema apenas para os malucos?

Voltou a pôr as mãos em cima da mesa e ficou torcendo para que Mere chegasse logo. Razão, fraca e esmorecida! Ele fazia uma imagem dela no alto da Filomena, olhando para a vista de Sidney, soltando exclamações sobre o cheiro das raposas voadoras. Seus olhos se encheram de lágrimas. Tom piscou para evitá-las. Iria vê-la novamente, em breve.

Talvez devesse começar logo a fazer a calça cargo para ela, para se adiantar. Assim, poderia dar-lhe como presente de boas-vindas de volta ao lar. É claro que ela não se importaria se ele escolhesse o tecido. Um algodão resistente. Marrom ou verde-oliva seriam as melhores cores, preto de jeito algum. Tom teve uma visão da calça pronta, volumosa com tantos bolsos, à espera dela em cima da cama.

Se ao menos a garçonete não tivesse levado o cardápio! Quais seriam as probabilidades de o mesmo cardápio que ela tocara ser entregue para ele, aqui sentado na mesa dela? Ele ficou cismando se seria possível dizer há quanto tempo Razão estivera aqui. Torceu para que Mere soubesse.

Uma garçonete diferente colocou o suco de laranja em cima da mesa. Essa também não sorriu. Ele olhou à volta. Nem um sorriso, em lugar algum. Bem, não no rosto das garçonetes. Cada uma era a mulher mais triste do mundo. Tom imaginou um patrão com cara de ogro bravo e um olhar maligno, rosnando para todas elas.

Mere entrou, com seu jeito charmoso de sempre, de quem acaba de sair do salão de beleza. O tecido de jérsei do seu tailleur cinza-grafite com rolotês pretos se mexia levado pelos seus movimentos, mesclando suas formas às dela, de forma que tanto Mere quanto o tecido apareciam da melhor maneira possível.

Tom fizera aquele tailleur. Passara uma semana dormindo em cima do jérsei e do rolotê antes de cortá-lo. Quanto mais tempo passava em contato com o tecido, mais imbuído dele ficava. Quando fazia roupas para gente como Jéssica Chan, a magia gradativamente se esvaía. Mas a magia de Mere reforçava a sua. Ele

duvidava que aquele tailleur um dia viesse a cair mal, por mais que o corpo de Mere mudasse.

Mas o tailleur não conseguia disfarçar o cansaço em seu rosto. Ele nunca a vira tão cansada assim antes. Pensou se as olheiras dele estariam mais escuras que as dela. Provavelmente. Ambos arrasados pelo desgaste da longa viagem... através da *porta*.

Ela lhe deu um beijo no rosto e sentou-se do outro lado da mesa no momento em que os ovos chegavam. O cheiro encheu-lhe as narinas. Tom estava morrendo de fome.

O homem da mesa ao lado se levantou segundos depois de Mere ter sentado, dobrando o jornal e colocando o sobretudo: comprido até os tornozelos, de tecido angorá. Maravilhoso! Ele acenou com a cabeça para Tom, que acenou de volta e desejou ter a coragem para perguntar sobre suas roupas. O sobretudo era incrível. Corte perfeito.

Mere tirou as luvas e tocou na mesa.

— Certo — disse ela, sorrindo, aparentando alívio. Talvez ela também não tivesse acreditado plenamente nas suas próprias considerações a respeito de Razão. — Você está certíssimo. — Esticou a mão para apertar a dele. — Bom trabalho, Tom. É o primeiro vestígio que sinto desde que passamos pela porta.

Tom não conseguiu deixar de se sentir orgulhoso, absorvendo o elogio dela como se fossem raios de sol.

— Dá a impressão de ter sido recente também. Talvez hoje. O que você acha? Sente a mesma coisa?

— Não estou bem certo — disse Tom, gostando do fato de Mere o estar consultando como se ele soubesse tanto a respeito dessas coisas quanto ela. — O cardápio dava uma sensação mais forte. — Ele balançou a cabeça. — Não sei dizer.

— Não se preocupe. Vamos encontrá-la. Tenho certeza. Agora coma os seus ovos antes que eles endureçam.

Tom pôs-se a comer. Estavam tão gostosos quanto o cheiro fazia supor. O pão trançado era, na verdade, um estranho pão doce que derretia na boca, e as batatas douradas estavam cortadas em tiras, comprimidas em feixes e depois fritas. Os ovos com o lado da gema para cima eram ovos fritos normalmente, nada mais. Ele devorou tudo, feliz por não ter feito nenhuma escolha errada.

Mere pediu café, que veio quase instantaneamente. Ela tomou um gole e fez uma careta.

— Ora, essa! Como estão os seus ovos?

Tom fez-lhe um sinal com o polegar para cima. A mulher da mesa ao lado falou, novamente sem levantar a cabeça.

— Ovos são produzidos por prisioneiros emaciados, doentes. Comem suas próprias fezes, seus próprios filhotes. Tudo *isso* está nos ovos. É melhor... Isso. — Ela pegou a caneta, voltou a escrever seus últimos pensamentos profundos.

Tom e Mere trocaram um olhar. Mere fez nova careta, dessa vez sorridente. A expressão só enfatizou seu cansaço.

— Como tem sido a estada na casa da sua irmã? — perguntou.

Tom de certa forma esperava uma diatribe da maluca na mesa ao lado sobre irmãs envenenando a sociedade, mas ela estava ocupada demais escrevendo. Ele fez um aceno com a cabeça para Mere sem parar de comer. Adoraria poder contar a Cath o que estava acontecendo de verdade, mas tanto seu pai quanto Mere não acharam boa a idéia.

— Tem um jeito — disse Mere, olhando de relance para a senhora maluca e mantendo a voz em tom baixo —, uma coisa que eu ainda não mostrei a você. Pode nos ajudar a ficar sabendo, a dar uma idéia de onde ela foi parar.

Tom arregalou os olhos. Engoliu depressa.

— Tem? E podemos fazer aqui mesmo? O que precisaremos usar? Será que vai dar certo? Eu já fiz magia esta semana.

— Não se preocupe, vai dar tudo certo. Podemos fazer agora mesmo. Existem algumas mágicas que podemos fazer sem objetos. É uma coisa mais avançada.

— Sério? — perguntou Tom. Até agora, Mere lhe havia ensinado que as únicas mágicas seguras eram as realizadas através de alguma coisa inanimada, preferivelmente um objeto já carregado. Como a porta ou o cordão de prata que ela lhe dera. Ainda havia muita coisa para ele aprender sobre magia.

— Coloque a mão em cima da mesa.

— Qual delas?

— Qualquer uma. Não faz diferença.

Tom olhou à volta, nervoso. O restaurante não estava totalmente cheio, mas havia movimento. Garçonetes indo de um lado para o outro e alguns sujeitos de branco cuja única função parecia ser limpar as mesas e completar o nível da água nos copos das pessoas. Parecia um lugar público demais para se praticar magia.

— Tudo bem, Tom. Ninguém vai ver. Não há o que ver.

— Tudo bem. — Ele pôs a mão direita em cima da mesa.

— Você a está sentindo?

Ele confirmou. O vestígio era mais forte com a presença de Mere aqui.

Mere olhou diretamente nos olhos de Tom, prendendo-lhe o olhar.

— Vou colocar minha mão em cima da sua. Tudo bem?

— Tudo — disse Tom. — Claro.

Mere prosseguiu.

— Você está disposto a compartilhar sua magia comigo?

— Estou. — Tom sabia que duas pessoas com a capacidade da magia podiam trabalhar juntas, mas isso era algo que raramente faziam. Para fazer mágica com outra pessoa, era preciso ter muita confiança. Ele estremeceu. Não se dera conta de que Mere confiava *tanto* assim nele.

Mere tocou na mão de Tom. Ele sentiu uma leve ardência. Seu estômago se contraiu e, por um instante, pensou que iria vomitar. Concentrou-se em enxergar as verdadeiras formas do ambiente e das pessoas à sua volta. Sua visão flutuava com triângulos, círculos, quadrados, mas nenhuma dessas figuras era realmente de verdade. Ele sentiu calor se irradiando pelo braço, passando pelos ombros. Parecia haver algo de errado. As pequenas mágicas que havia realizado até o momento nunca tinham dado a sensação de algo errado. Tom olhou para Mere, buscando assegurar-se do que estava acontecendo, e os olhos dela estavam mais brilhantes porém distantes. Começaram a aparecer pontinhos diante dos seus.

Ela retirou a mão de cima da dele. Tom não fazia idéia do tempo decorrido. Estava tonto, subitamente exausto, querendo cair no sono ali mesmo naquele momento. Ótimo, a magia havia detonado a exaustão da viagem novamente.

— Coma — ordenou-lhe Mere. Ela se recostou mais para trás na cadeira, com a expressão ainda distante. Mais abalada que ele. Ele não tinha se dado conta de que compartilhar magia poderia ser tão incômodo.

Tom tirou uma mordida da torrada. Ainda não havia estriado. Mastigou e os pontos diante dos seus olhos diminuíram. Continuou comendo até não haver nem mais uma migalha de comida no prato. E ainda estava com muita fome. Chamou uma garçonne.

— O mesmo, outra vez, por favor. E um muffin. Com geléia de amora — disse, rapidamente, antes que ela pudesse lhe oferecer opções.

— Torrado?

— Sim.

— Manteiga?

— Sim — disse ele, totalmente derrotado.

Ela confirmou com um movimento da cabeça enquanto retirava o prato dele.

O muffin chegou logo e Tom o devorou de uma vez só, praticamente sem saboreá-lo. Mere parecia estar voltando de onde quer que tenha ido. Ele imaginou que a realização daquela mágica tinha sido muito mais árdua para ela do que foi para ele.

— Funcionou?

Mere confirmou.

— Você se saiu bem, Tom.

Ele sentiu o rosto se ruborizando.

— Razão esteve aqui hoje, sem dúvida. Estamos perto. Não saiu de East Village. — Mere sorriu, com os olhos se reacendendo, e por um instante desapareceram de seu rosto todos os vestígios de cansaço.

Tom correspondeu ao sorriso, embora cansado.

— Nós vamos encontrá-la. — Ela lhe fez um aceno com a cabeça como se estivesse dizendo que aquilo era uma promessa. — Como está se sentindo? — perguntou, com a voz baixa, preocupada.

Na Inferno

Se fosse por Jay-Tee, só pararíamos de dançar quando calculassem pi até o último dígito. Minhas pernas tremiam, eu estava pingando de suor, minha garrafa d'água, vazia e, se eu não me sentasse, iria morrer.

Jay-Tee estava entregue à dança. No êxtase de um transe, como os dervixes dos quais Sarafina havia me falado. Seus olhos se fixavam em algo que somente ela conseguia enxergar, com o corpo se mexendo tão rápido que parecia perder a nitidez. Rápido demais para mim.

Tentei sinalizar que ia me sentar, mas ela estava arrebatada demais. Abri caminho no meio da multidão. Quando Jay-Tee me puxou ali para dentro, a sensação foi de estar deslizando em seda. Sem ela, foi um mar de cotovelos e pés e pedidos mútuos de desculpas que ninguém conseguia ouvir. Foi um alívio chegar ao banheiro e conseguir reencher minha garrafa.

Coberta de suor, subi a escada metálica até a varanda onde ficavam as mesas que davam para a pista de dança, sentei-me na única vazia com minha garrafa d'água e enchi os pulmões de ar — quente, úmido e pegajoso.

Eu nunca havia dançado de forma tão louca durante tanto tempo. Estava arrasada, mas vibrando, com ondas de energia percorrendo o meu corpo mais depressa e com mais força que o sangue nas minhas veias. Quando fechava os olhos, via emaranhados de Fibs e as espirais que eles criavam. Eles pulsavam e acabavam se desintegrando com as batidas da música. Se me deitasse na minha cama, teria sido impossível dormir.

Apoiei os antebraços no corrimão do gradil, mas eles escorregaram. O corrimão inteiro também escorria de suor. Sequei-o com a camiseta e tornei a me debruçar, olhando para a mão direita onde ele me tocara. Fiquei surpresa de não ver sinal algum do que acontecera. Deveria haver alguma coisa. Ainda formigava como se tivesse sido espetada por um monte de alfinetes e agulhas. Fiquei feliz por nunca ter dito sim para Esmeralda, nunca ter deixado que ela me tocasse daquele jeito. Eu nunca deixaria, e faria tudo para que Jason Blake jamais tornasse a me tocar novamente.

Fiquei ali, bebericando minha água e olhando para a multidão, mais de 780 pessoas (783 neste preciso instante, mas em menos de um segundo o número

mudava, gente chegando, saindo, comprando bebida, entrando e saindo do banheiro), se agitando e ondulando como uma cobra. Como várias cobras. Rastreei os padrões, mudando e se revertendo tão rápido quanto areia ao vento. Qual era a conexão entre números, gente e magia?

Consegui avistar Jay-Tee no miolo da pista, com um leve brilho ao seu redor. Um grupo de dançarinos admiradores a cercou, tentando imitar seus movimentos, mas ela era rápida demais, ágil demais, demasiadamente envolvida na dança para eles. Tive curiosidade em saber se ela estaria ciente da presença deles ao seu redor. Teria sido a magia de Jay-Tee o que havia me dado energia e força lá na pista? Ou teria sido a minha?

O que eu podia fazer com a minha magia? Fácil para Jay-Tee dizer que eu iria descobrir; ela já sabia tudo a respeito da dela. Tínhamos a mesma idade, mas eu não sabia nada.

Quase nada, pensei, me lembrando. O que eu poderia fazer além de matar gente?

Não tive a intenção de matá-lo, mas as minhas intenções não faziam diferença, não é? Ele ainda estava morto. Um menino chato e nojento que talvez crescesse e se tornasse um homem chato e nojento, mas talvez não. Que estava morto porque eu tinha magia e não sabia e tinha perdido a paciência. *Nunca* perca a paciência, Sarafina sempre dizia. Gostaria que ela tivesse me contado por quê.

Balancei a cabeça, tentando afastar esses pensamentos. A magia não apenas matava. Jay-Tee a usava para fazer dinheiro. Será que eu conseguiria fazer isso? Por que Jason Blake não queria gastar a dele? Por que queria sugar a de outras pessoas? Se a magia era infinita, aquilo não fazia sentido. Por que...

— Impressionante, não é mesmo? — disse um sujeito, sentando-se ao meu lado e gritando ao meu ouvido.

Confirmei com a cabeça, virando-me para olhar na direção dele. Era maravilhoso. O rapaz mais lindo que eu já tinha visto. Imensos olhos castanhos. Cabelo encaracoladinho cortado rente ao couro cabeludo. Pele um pouco mais escura que a de Jay-Tee, brilhando de suor. Ele também tinha estado na pista dançando. Por um instante, tive curiosidade em saber se era um mago também. Seria um feitiço de amor? Bastou olhar para ele uma vez que senti desejo, e eu nunca tinha sentido *desejo* por alguém antes. Só podia ser algum tipo de magia.

Ele sorriu, um sorriso largo e bonito. Tão largo que chegava até os olhos, e revelou seus dentes brancos e alinhados. Todos menos um da frente na arcada de cima, que era torto. Resolvi imediatamente que era o meu preferido. Fiquei torcendo para que ele chegasse perto de mim de novo.

— Você gosta de dançar? — perguntou ele, com a boca pertinho da minha orelha. A intimidade deixou minha pele mais quente do que já estava.

Fiz que sim com a cabeça novamente. Os músculos do meu rosto estavam doloridos. Tentei diminuir a intensidade do meu sorriso, mas quando olhei para ele o sorriso voltou a se abrir como propelido por uma mola. Não consegui pensar em nada para dizer.

— Mas é bom descansar também, certo?

Confirmei. Em pouco tempo ele acharia que eu era muda.

— Não faz sentido se arrebentar lá embaixo.

Dessa vez eu balancei a cabeça. Que variedade!

— Você vem sempre aqui? — perguntou ele, e depois fez uma careta. — Que besteira que eu disse! Eu não estou paquerando você. Eu a vi dançar lá embaixo com a Julieta.

— Julieta? — perguntei.

— Jay-Tee. Minha irmã. Eu sou Danny.

Olhei fixamente para ele e, de repente, vi. Ele era muito mais alto, tinha o rosto mais anguloso, os olhos maiores, com cílios mais compridos (seria capaz de apostar que isso matava Jay-Tee), mas era irmão dela, sim. A mesma boca, mesmo formato de olhos, algumas das mesmas expressões. Eu deveria ter percebido logo de início. Igual a Jay-Tee.

Congelei. Então ele também poderia ser um mago, como ela. Ele esticou a mão, mas eu hesitei. E se estivesse querendo a minha magia? Seu sorriso era aberto, nada parecido com o de Jason Blake. Arrisquei, repetindo *não* diversas vezes na cabeça enquanto apertávamos as mãos.

— Ela não me disse que tinha um irmão. — Ele não me ouviu. Eu me aproximei um pouco mais e falei: — Ela não mencionou que tinha um irmão. — Na verdade, ela me disse que não tinha nem irmão nem irmã. Mais uma mentira.

— Não é surpresa alguma. Ela fugiu de casa.

— Você sabe por que ela fugiu? — Pronto, consegui dizer mais uma frase inteira.

Ele confirmou.

— Acho que sim. Teve a ver com o papai. O que ela contou a você?

Ceguei a abrir a boca, mas em seguida fechei.

— Tudo bem — falou ele. — Não estou pedindo que você a traia ou algo parecido. Basta dizer a ela que eu quero vê-la, quero falar com ela. — Ele olhou lá para baixo, para onde Jay-Tee ainda se encontrava entregue à dança. — Ela sempre gostou, sempre gostou muito de dançar. Este tipo de lugar é a cara dela. BPMs na estratosfera e gente demais.

Fiquei curiosa para saber o que eram BPMs.

— Desde pequena — continuou Danny —, ela sempre adorou multidões. Achei que acabaria encontrando-a num lugar como este. — Ele se virou novamente para

mim. Fiquei achando que iria derreter sob o seu olhar. — Se eu lhe desse meu telefone, você entregaria a ela?

— Claro — disse eu, sem pensar. Em seguida me lembrei da magia e dos números. Será que repassar aquele número faria alguma coisa com ela? Será que isso a machucaria? Ou levaria Danny até ela?

— Você tem uma caneta?

Eu balancei a cabeça.

— Você me espera aqui? Posso conseguir uma no bar. Um amigo meu trabalha aqui.

— Tudo bem — falei. O olhar dele estava voltado novamente para a pista de dança, acompanhando Jay-Tee. — Pode dizer que eu me lembro.

Seus olhos se estreitaram um pouco, mas continuaram maravilhosos. Será que eu estava perdendo a minha capacidade de raciocínio porque ele era lindo demais? Será que ele havia me feito alguma *mágica*? Cheguei a sentir um vazio no estômago.

— Tem certeza de que consegue se lembrar?

— Sou boa com números.

— Com dez dígitos?

Confirmei e ele me falou:

— Tudo bem?

— Ah! Se você deixar de fora o 917, sobra o Fib (33). — Mas isso seria bom ou ruim? A matemática de Fibonacci sempre me pareceu *mágica*; agora eu tinha certeza de que era.

Será que Danny estava tentando jogar um feitiço para cima da irmã? Pelo menos eu poderia falar com Jay-Tee e descobrir o que ela pensava antes de lhe contar qual era o número. Um número falado seria mais ou menos poderoso que um número escrito num pedaço de papel? Poderia me afetar pelo simples fato de eu o haver memorizado? Eu não estava me sentindo diferente, não estava me sentindo *mais* diferente.

— Hein? — disse Danny. — Fib (33)?

— É o trigésimo terceiro número da série Fibonacci. — Repeti o número ao seu ouvido para confirmar que o havia compreendido corretamente.

Ele confirmou.

— Você tem uma excelente memória, menina. Qual é o seu nome?

— Razão.

— Ahn?

Aproximei minha boca da orelha dele, sentindo formigamentos pelo corpo inteiro.

— Razão — falei, devagar.

— O seu nome é Razão, de razoável?

Eu confirmei.

— Isso mesmo.

— Nome estranho para uma menina tão bonita. — Mas ele não estava olhando para mim, estava com o olhar fixo na pista de dança, na irmã.

— Todo mundo diz isso.

— Que você é bonita? — Ele olhou para mim e sorriu. — Aposto que dizem. Mas não deixe isso lhe subir à cabeça.

Fiquei totalmente ruborizada, como se fosse o Tom.

— Eu disse que as pessoas falam que o meu nome é estranho. — Aí eu me senti ainda mais desajeitada. Ele percebeu; estava só de gozação.

— Ela está bem? — perguntou. — Julieta? Tem onde morar direitinho? Não lhe falta comida?

Confirmei tudo, querendo lhe contar sobre Jason Blake, mas sem querer entregar nada a respeito de Jay-Tee. Ela havia mentido para mim — bastante —, mas ainda era como uma amiga. E eu não tinha muitos amigos. Só ela e Tom.

— Você vai contar para ela que a estou procurando? Que estou preocupado? Que as coisas não são mais como eram antes? Que ela vai estar em segurança em casa agora?

Tornei a confirmar. Ele esticou a mão e apertou a minha da mesma forma que Jay-Tee fizera, porém rápido demais. Olhou para ela no meio da multidão. Ela estava saindo por entre o turbilhão de pessoas, dançando, devagarinho. Sem uma cotovelada no rosto, sem pisões nos pés.

Danny se levantou e se inclinou para perto do meu ouvido.

— Vou falar com ela, mas, se ela fugir novamente, você vai contar para ela o que eu disse? Vai dar o meu telefone para ela?

— Prometo que vou. — Minha mão estava dentro do meu bolso e eu peguei na amonite, com força; ela estava quentinha. Todas as vezes que a perdi, consegui achá-la de novo. Não, achar não, *saber* onde ela estava. As amonites se enroscavam de dentro para fora em espirais áureas, mais Fibonaccis. Minha pedra era mágica, de repente fiquei sabendo.

— Espere — falei. — Tome. — Entreguei-a para Danny e ele olhou para a amonite e depois para mim como se eu fosse louca. — Vai lhe dar sorte — falei. Que desculpa esfarrapada, mas não consegui pensar em outra coisa. Ele ainda estava olhando estranho para mim, mas a pôs no bolso. Senti-a lá, quente e forte. Assim eu saberia onde ele estava. Se ele tentasse raptar Jay-Tee ou machucá-la, eu teria como encontrá-lo.

Não cheguei a pensar que ele seria capaz de uma coisa dessas. Danny pareceu ser sério. Só falou comigo para fazer chegar um recado a Jay-Tee. É claro que isso

também poderia ser uma coisa ruim. Mas a sensação não foi essa, não foi igual a Jason Blake.

Fiquei vendo-o descer à pista de dança, em direção a Jay-Te, com a amonite brilhando no bolso. Jay-Tee estava a caminho do banheiro, Danny não estava longe. Como conseguia segui-la com tanta facilidade pelo meio da multidão? Ele era alto, mas ela era baixinha e desaparecia facilmente na massa de gente dançando.

Magia, provavelmente. *Droga!* Eu me levantei. Mas, mesmo que ele fosse um mago, isso não significava ser necessariamente mau, certo? Eu era uma maga e Jay-Tee também. Segui adiante ao longo do gradil, abrindo caminho entre as pessoas com a máxima educação possível, mantendo os olhos grudados nos dois lá embaixo atravessando a multidão. Eles passaram para baixo da varanda e eu os perdi de vista, mas não perdi contato com a minha amonite. Conseguia senti-la, no bolso de Danny, em frente à porta do banheiro das mulheres.

Cheguei à escada e parei, sem saber se descia ou ficava observando-os daqui de cima. Foi quando vi Jay-Tee acenando para mim da entrada. Como foi que ela chegou lá? Magia da multidão, supus.

Danny ainda esperava em frente ao banheiro. Desci a escada e fui em direção a ela, passando pelas bordas da pista de dança o mais rápido que pude, sendo pisoteada e acotovelada pelo caminho. Definitivamente, eu não tinha o mesmo tipo de magia de Jay-Tee.

Ela agarrou meu braço, cravando as unhas, e disse entre os dentes que precisávamos ir, já me arrastando pela porta afora. Pegamos nossos casacos com a menina da chapelaria, Vestimos tudo o mais depressa possível. Meus dedos se atrapalharam com os botões. Jay-Tee tirou minhas mãos do caminho e os abotoou por mim. Danny e minha pedra ainda estavam lá dentro, esperando que Jay-Tee reaparecesse.

E logo estávamos na rua, piscando à luz do dia. Meus olhos arderam com o choque. Manhã. Quanto tempo passáramos dançando? Ainda fazia um frio de rachar, mas o céu estava limpo e azul, e o sol finalmente tinha saído. Tentei me lembrar da última vez que tinha visto o sol. Sidney. Três dias atrás? Quatro? Perdera a conta, ou melhor, perdera a noção de dia e noite.

Em todo canto havia homens descarregando caminhões imensos, sem dificuldade alguma para se deslocar sobre a superfície enregelada do pavimento irregular. Quanto a mim, a cada passo ficava prestes a cair de cabeça para baixo. Começara mais um dia de trabalho e lá estava eu, pronta para cair na cama e dormir uma eternidade. Sem saber se algum dia voltaria a ter noção de que horas eram.

Jay-Tee me levou para um dos táxis enfileirados à porta da Inferno, deu ao motorista um endereço, deixou-se afundar no banco de trás e fechou os olhos.

— O que... — comecei a dizer.

— Vamos tomar o café-da-manhã — falou Jay-Tee, me cortando com os olhos fechados, apertados. Pareceu-me furiosa, como se fosse me bater se eu fizesse alguma pergunta. — Estou com fome. Vamos comer.

O táxi foi embora, e a amonite foi ficando mais fraca, até que deixei de senti-la.

Amigas

Elas já estavam na metade do café quando Jay-Tee conseguiu voltar a respirar normalmente outra vez. Razão estava se enchendo de comer pasteizinhos *pierogies*, salsichas e salgadinhos *kasha*, sem dizer uma palavra sequer, mas Jay-Tee chegava quase a ouvir as perguntas que ela queria fazer. Estava cheia de responder às perguntas de Razão.

Teve vontade de ficar longe dela. Esquecer Razão e ele e todo o resto e ir para um lugar distante. Mas nunca havia saído da cidade de Nova York. Droga, não havia nem ido a todos os cinco distritos. Para ela, Staten Island era um mistério tão grande quanto Sidney. Razão dissera que as duas poderiam fugir pela porta e se esconder no interior da Austrália. Ora, como se ele fosse deixar, como se elas conseguissem passar pela bruxa!

Jay-Tee levou um pedaço de bacon à boca, mas a meio caminho sentiu o ácido da raiva no estômago e o largou. Já estragara o café-da-manhã todo, rompera as gemas dos ovos, que escorreram por cima de tudo o mais. Agora elas estavam virando uma lama amarela fria a recobrir todo o resto. Ela estava com fome, mas agora não sabia mais se iria conseguir comer alguma coisa novamente na vida. Desejou pela centésima vez que seu pai fosse parar no inferno.

Razão havia quase terminado de comer e estava olhando para ela, com os olhos arregalados e curiosos. Jay-Tee não imaginava que ela fosse conseguir ficar calada muito mais tempo. Solto um suspiro, tentando dissipar a raiva. Mas não iria perder a paciência. Jamais.

— Na discoteca... — começou Jay-Tee, pois não havia como escapar; teria de contar alguma coisa a ela. — Tinha um sujeito lá. Meu pai o mandou.

— Seu irmão Danny — falou Razão, continuando a comer como se não tivesse dito nada fora do comum.

Jay-Tee fulminou-a com o olhar. Como é que ela sabia a respeito de Danny? E o que mais sabia?

— Ele falou comigo — disse Razão, rindo, obviamente satisfeita por estar um passo à frente — antes de ir atrás de você. O que são BPMs?

— Batidas por minuto — respondeu Jay-Tee, por reflexo. — Ele o quê? — falou, como cuspiendo as palavras. Precisava dar um jeito naquilo. Aquele babaca!

Que ousadia! Estava tentando colocar Razão contra ela. — Não acredito. O que foi que você disse a ele? Não contou onde moramos, não é? — Só de pensar, ficou aterrorizada.

— Não. O que é que você está pensando? Que eu iria alcaguetá-la à primeira pessoa que perguntasse? Não falei nada pra ele.

— Desculpe — falou Jay-Tee, pensando no que significaria *alcagetar*. Seria tão bom se Razão aprendesse a falar normalmente.

— Não se preocupe. Ele é mago?

— O quê? — Que pergunta idiota! Claro que não era mago. Será que Razão não sabia de nada? Será que não dava para ver? Mas logo Jay-Tee se deu conta de que ela não conseguia reparar essas coisas. — Não, não. Claro que não — disse. — Por que você acha isso?

— Ah — disse Razão, parecendo aliviada. — Eu só pensei... — E deixou a frase morrer no ar, sorrindo. — Esqueça.

— O que ele disse para você? — perguntou Jay-Tee. Seu estômago dera um nó outra vez. — Não acredito que ele tenha falado com você. Ande e me conte logo o que ele disse. O que ele falou de mim?

— Ele disse que as coisas tinham mudado na sua casa, que era seguro para você agora. Que ele a ama e sente sua falta. Quis saber se você estava bem, conseguindo comer direito, morando em algum lugar decente. Estava preocupado. E me deu o telefone dele.

— Droga! — Jay-Tee deixou o garfo cair dentro do prato e levou as mãos ao cabelo.

— Ele não é mago, mesmo? — perguntou Razão.

— O quê? Não. Por que você não pára de pensar nisso? Ele não é mago, certo? Ficou com os genes de jogar basquete. E eu com os da magia.

— Ah — disse ela —, não é o gene canhoto.

Jay-Tee não conseguiu deixar de rir.

— Na verdade, ele é canhoto.

Razão sorriu. Esticou o braço e apertou a mão de Jay-Tee, que se lembrou imediatamente de ter feito o mesmo por Razão quando ela estava fervendo de raiva. *Somos amigas*, pensou, surpreendendo-se. Ela e Razão haviam, de alguma forma, se tornado amigas.

— Danny me pareceu ser legal.

— E é — falou Jay-Tee, sentindo-se um pouco mais calma. O nó em seu estômago estava começando a se desfazer. — Mas não sabe do papai...

— Ele me disse que achava que você tinha fugido *por* causa do seu pai. Alguma coisa deve saber.

— Ele disse isso? — Ela olhou fixamente para Razão.

Ela confirmou, olhando para o prato completamente vazio. Seu estômago roncou, ridiculamente alto, considerando-se a quantidade de comida que ela acabara de devorar. Mas Razão fora drenada e passara a noite inteira dançando. Só podia estar esfomeada.

— Droga! — falou Jay-Tee. Sua fome começava a voltar. Enfiou uma garfada de bacon melado de ovo frio na boca. — O que mais ele disse?

— Não muita coisa. Que achava que você iria aparecer na Inferno mais cedo ou mais tarde porque é o tipo de lugar que você gosta. Que tem procurado você por toda parte. Pareceu ser um sujeito muito legal.

— E é legal. Só que ficou de fora quando as coisas deram uma guinada para pior. Ele não faz idéia.

— De fora?

— Internato. Ganhou uma bolsa por causa dos genes do basquete.

— Por que você não contou para ele?

Como poderia ter contado? E por que ele iria acreditar nela? O pai deles sempre tinha sido tão tranquilo. Jay-Tee balançou a cabeça.

— Danny falou *alguma coisa* sobre o papai?

— Só que achava ter sido por isso que você fugiu. — Razão sorriu para ela novamente. Jay-Tee supôs que deveria ser em apoio. — Ele parecia estar do *seu* lado. Não do lado do seu pai. Você deveria ligar para ele.

Jay-Tee arregalou os olhos para ela, precisou conter a ânsia de sair correndo do restaurante.

— Tudo bem. E fazer com que ele traga aquele canalha direto a mim? Acho que não.

— Danny não faria isso. Ele disse que as coisas haviam mudado.

— Muito bem, mas eu duvido que tenham mudado o suficiente.

— Se ligar para ele — disse Razão —, vai ficar sabendo, não é? Não pode ser tão ruim assim.

— Como é que você sabe? — cobrou Jay-Tee, voltando a sentir raiva, direcionada agora toda para Razão. — Você não sabe nada da minha família.

— Não, de fato não sei — retrucou ela. — Embora você pareça saber de montão sobre a minha.

Jay-Tee calou a boca, sentindo-se uma besta. Nada disso era culpa de Razão.

Razão fez sinal para uma garçonete, pediu batata rosti e molho de carne e ainda macarrão e queijo.

— Vai querer mais alguma coisa?

Jay-Tee fez que sim.

— O mesmo que o dela — disse para a garçonete. — Desculpe! — falou depois que a garçonete havia se afastado.

— Tudo bem. Você tem razão, eu não sei nada da sua situação.

— Não é isso. Quero pedir desculpas por tudo. Por ajudá-lo, sabe? Eu só queria que ele parasse de fazer isso comigo. — Ela olhou para um ponto abaixo do queixo de Razão.

— Não se preocupe. Eu teria feito a mesma coisa se fosse você.

Jay-Tee teve dúvidas.

— A gente só precisa cair fora disso tudo — continuou Razão. — Ir para longe de Blake, do seu pai e da minha avó também.

Jay-Tee olhou para ela.

— Claro, é fácil à beça!

— Fácil não é, mas nós somos duas. E somos *duas* magas. Tem de haver alguma coisa que possamos fazer. Vamos começar ligando para o seu irmão.

Jay-Tee abriu a boca para falar. Razão não tinha entendido: ela *não podia* ligar para o irmão.

Razão ergueu a mão.

— Sabe por que você e Blake conseguiram me pegar tão facilmente? Porque eu não sabia *de nada*. Porque eu era uma garota inocente que acabava de chegar do meio do mato.

Jay-Tee se sentiu ainda mais envergonhada. Ela estava certa. Poderia ter-lhe contado o que estava acontecendo, mas em vez disso o que fez? Disse-lhe que a Aldeia do Leste ficava a leste da Aldeia do Oeste.

— Precisamos descobrir tudo o que conseguirmos. Descobrir o que mudou na sua família. Talvez o seu irmão nos conte algo que ajude. Talvez conheça algum lugar para onde possamos ir. É só um telefonema. Ele não é mago, certo? Como é que um telefonema pode nos afetar?

Jay-Tee levantou o olhar.

— Eu sinto muito. — Que idiotice dizer que “sente muito”! Isso não dava a idéia, nem de longe, do que era se sentir cheia de culpa e vergonha como ela estava se sentindo. Poderia ter ajudado Razão, poderia tê-la alertado. Mas não...

— Eu sei que você está sentida. Vai ligar para ele?

Ela foi fazendo que sim com a cabeça bem devagarinho.

— Mas vamos ligar de um telefone público, está bem? E longe daqui.

— Claro — falou Razão. O resto da comida chegou e elas devoraram tudo.

Enquanto comiam, Jay-Tee ficou a observando. Nunca a vira desse jeito antes. Não estava confusa, não estava atrapalhada, mas sim certa, determinada. Como se realmente pudesse fazer alguma coisa para tirá-las da enrascada em que estavam metidas, para afastá-las dele, da avó de Razão, do seu pai. Naquele momento, Jay-Tee também acreditou nisso tudo.

As duas pegaram um táxi para a parte alta da cidade, foram para Washington Heights, até que Jay-Tee encontrou um conjunto de telefones públicos que lhe pareceu distante o suficiente. Tinha pensado na Austrália, mas a rua 188 já daria.

Ela passou a mão por cima da mão do taxista, deixando a magia fluir através do bracelete de couro de sua mãe e vendo o dinheiro surgir. As duas saíram correndo e foram se ajeitar dentro do inadequado abrigo em torno do telefone. Fazia ainda mais frio por essas bandas; Jay-Tee poderia jurar que o vento estava mil vezes mais forte.

Ela pegou o fone e limpou o bocal no casaco.

— Isso não faz diferença alguma — disse Razão. — Qualquer bactéria que possa haver aí vai continuar aí. — Jay-Tee seria capaz de apostar que isso foi alguma coisa que a mãe dela teria dito.

— É, mas a saliva nojenta, não.

— Está na sua manga agora.

— Melhor do que na minha boca. Qual é o número? — Estava um frio de rachar. Jay-Tee só queria fazer o que tinham de fazer e ir embora. Só Deus sabia como iriam encontrar outro táxi por aqui. Não havia exatamente aquele mar de carros amarelos nesse canto da cidade. Em comparação com o centro, praticamente nem havia carro. Ela deveria ter pensado nisso. Talvez Tribeca já fosse longe o bastante.

— É 917...

— Hein? — falou Jay-Tee. — Parece um telefone celular. Por que você não disse? — Um celular significava que era o número de Danny, menor chance de seu pai atender.

— Porque eu não sabia que era um telefone celular. — Razão girou os olhos dentro das órbitas.

Jay-Tee havia se esquecido, no meio dessa virada em que Razão estava assumindo o comando, de que a outra não sabia de nada. Ficara, sem dúvida, mais arisca desde que Jason lhe contara tudo hoje à noite, ou melhor, *ontem* à noite.

Quanto tempo já fazia desde que tinham dormido? Jay-Tee precisava dormir. Logo. E muito.

— Tudo bem, diga o resto.

Eu destrinchei o número.

— Está vendo? Fib (33).

— O quê? Você está contando?

Razão ficou intrigada.

— Eu estou sempre contando.

Jay-Tee discou e depois segurou o aparelho no ar entre elas. As duas ficaram escutando tocar. Ela torceu para que simplesmente continuasse tocando, ou que entrasse na caixa de mensagens, ou algo do estilo. Uma voz grossa de homem atendeu, parecida com a de seu pai. Ela bateu com o telefone no gancho.

— O que está fazendo? — perguntou Razão. — Por que fez isso? Era o Danny.

— Sério? Parecia o meu pai. Ele só tem 17 anos. Dezoito. — Ela se corrigiu, dando-se conta de que o aniversário dele acabara de passar. — Desde quando a voz dele ficou parecida com a do papai?

— Ligue de novo. Eu estou congelando aqui — disse Razão, quicando para a frente e para trás na ponta dos pés. — Juro que o meu nariz vai cair. Quanto mais cedo você ligar, mais cedo a gente acaba com isso.

— Parece a minha avó falando.

— Quer ligar para ele, *Julieta*?

Jay-Tee arregalou os olhos para Razão, mas concluiu que estava frio demais para chamar-lhe a atenção por usar seu nome de verdade, e colocou mais moedas no aparelho, digitando os números que Razão foi falando.

— Alô! — disse Danny. Jay-Tee ficou estática ao ouvir a voz dele, mas não desligou desta vez. — Alô? — disse ele de novo.

— Oi, Danny — falou Razão, intrometendo-se. Jay-Tee sentiu vontade de lhe dar uns tapas. — Somos nós, Razão e Jay-Tee.

— É, sou eu — disse Jay-Tee. E imaginou que sua voz tenha soado tão hesitante quanto ela estava se sentindo.

— Julieta? Razão?

— É, sou eu. Razão só está escutando.

— Que bom! — A voz dele soou embargada, como se fosse chorar. Jay-Tee também sentiu a garganta apertar. Forçou a respiração. — É você mesmo?

— Sou eu.

— Quer se encontrar comigo? Eu tenho que ver você. As coisas mudaram...

— Como? — disse ela, arrastando a voz na garganta. Mudaram como?

— Eu queria contar para você na...

— Então conte. Agora. Não vou me encontrar com você a menos que você me conte. Eu não posso ver o papai de novo. Entende? Simplesmente, não posso.

— Não precisa ver o papai.

— Como é que você pode prometer isso? E se ele o seguir?

Fez-se silêncio do outro lado da linha, depois ela ouviu o irmão respirando fundo.

— Ele não tem como me seguir, Julieta. Ele morreu.

Jay-Tee desligou o telefone. Sentiu-se mal. Seu estômago começou a dar voltas.

— Vamos embora — disse, impressionada de ver as palavras saírem de sua boca. — Estou com frio. Preciso dormir. Razão ameaçou dizer alguma coisa, mas o olhar de Jay-Tee a calou.

Jay-Tee saiu pela rua, quase sem enxergar nada. Sentia calor e frio e suas extremidades nervosas ardiam como se a pele tivesse sido reduzida a uma única camada. Não havia nada para protegê-la. Um táxi apareceu de repente. Bem, *isso* foi magia.

Jay-Tee tornou a ligar do apartamento para o irmão, fazendo o máximo que pôde no meio do cansaço todo para esconder a conversa *dele*, mas não teve lá muita confiança no sucesso da empreitada. As armadilhas dele estavam espalhadas por todo o apartamento.

Combinaram encontrar-se à uma da tarde para almoçar bem ali na esquina. Razão insistiu que o encontro deveria ser em algum lugar das proximidades. Eram 9h30 e ela percebeu que Jay-Tee estava caindo de sono, tanto quanto ela. Esperava que quatro horas fossem o suficiente para elas poderem continuar.

Assim que a cabeça de Jay-Tee encostou no travesseiro, ela fechou os olhos e se entregou, sem pensar no pai morto, sem sonhar com nada.

Meleca

— **Vinte e quatro horas?** — Tom não conseguiu esconder o espanto na voz. — Que horas são?

— Mais para 26 — disse o companheiro que dividia o apartamento com Cath, aquele que se preocupava com os produtos de banheiro. Com base nisso, Tom esperava roupas interessantes, mas ele usava uma camiseta amarela com as costuras em desalinho e uma calça jeans mal cortada. Tom achava estranho se preocupar com a pele, mas não com o que se coloca em cima dela.

— Sabe — continuou o sujeito das calças desajeitadas —, esta cadeira é uma porcaria para assistir televisão. Isso onde você está dormindo há 26 horas é um *sofá*, não uma cama.

— Sabe — disse Cath, imitando o tom do vizinho de quarto —, meu irmão estava doente, realmente precisando dormir.

— Ah, ora, você e os seus amigos, namorados e parentes não são as únicas pessoas que moram aqui. — Os olhos do sujeito estavam esbugalhados e uma das veias do pescoço dele de repente saltou. — O seu irmão vai pagar o aluguel? Dividir as contas?

— Que saco, Andrew! Sem essa. Ele acabou de acordar. Vamos falar disso mais tarde.

O rapaz se levantou, lançou um olhar peçonhento para Cath, não se deu o trabalho de olhar para Tom e saiu, batendo a porta de seu quarto, que mais rangeu do que fez estrondo. Tom imaginou que a falta de um estrondo satisfatoriamente alto o deixaria ainda mais ensandecido.

— Que horas são?

Cath olhou para o relógio.

— Oito da noite?

— Nossa, 26 horas! Desculpe — disse ele, sentando-se no sofá e esfregando os olhos. — Eu não queria dormir tanto assim.

— Não foi culpa sua. Estava precisando. Você estava com uma aparência horrível quando chegou. Ainda bem que acordou. Mere falou para eu não me preocupar, mas, para ser sincera, você parecia que estava *morto*. — Ela estremeceu.

— Desculpe.

— Pare de dizer isso. Enfim, serve para me lembrar de que preciso encontrar outro lugar para morar. Esse Andrew é um saco. — Ela soltou um suspiro. — Você está muito melhor agora. Como está se sentindo?

— Não estou mais tão ruim. Até bem, eu diria. Mas com fome, muita fome.

— Vou trazer uns bolinhos para comer agora, e depois que você tomar banho nós poderemos ir atrás de alguma coisa mais substancial. Se você estiver com vontade!

Tom fez que sim com a cabeça, vigorosamente, para indicar que a vontade era enorme.

Cath foi até a cozinha e voltou com dois espetaculares muffins esbanjando saúde. De trigo integral, imaginou ele, estremecendo por dentro. Pegou um. Pesava mais do que uma bola de críquete. Ora essa! Afinal, disse a si mesmo, comida é comida.

— O que é que está acontecendo de verdade? — perguntou Cath. Ela havia feito uma concessão ao desejo que Tom tinha de comer comida normal e o levou a uma pizzeria. Enquanto ele se refestelava com uma pizza *imensa* contendo tudo a que tinha direito, ela comia uma salada sem molho, a única coisa que considerava segura num lugar desses.

— Por que foi que você veio aqui, de verdade? — continuou ela. — Falei com o papai ao telefone e ele pareceu esquisitíssimo. Está tudo bem com a mamãe?

— Não está lá muito bem. Mas, cá entre nós, ela não está bem desde que éramos crianças.

— Alguma novidade?

Tom balançou a cabeça, querendo poder contar-lhe a verdade. Papai sabia e não era mago; por que Cath não podia saber? Tom detestava guardar segredos, especialmente de Cath. A não ser pelas coisas que tinham a ver com a magia, ele contava *tudo* a ela. Sempre contou.

— Não, nada. Papai fica triste, mas acho que está melhor do que nunca. Finalmente se deu conta de que ela nunca mais vai voltar para casa.

— Então, o que está acontecendo? — Cath se inclinou para a frente, lançando-lhe o seu olhar inquisitivo de alta voltagem. Provavelmente a razão principal para que ele sempre lhe contasse tudo. Não conseguia mentir quando ela o atingia com esse olhar. — Mere falou que você andou doente. Quando? Por que não me contaram? E por que diabos ela o traria para Nova York no meio do inverno se você estava doente? Caramba, Tom! Não faz sentido algum. E como é que você, no seu único dia livre por aqui, não voltou para casa carregado de amostras de tecidos e

cortes de roupas ou de qualquer uma das coisas que o Tom Yarbro que eu conheço traria? E por que anda com a cara tão preocupada?

— Estive doente, sabe...

— Doente de quê?

— Gripe — disse Tom, pois foi a única coisa em que conseguiu pensar. Ele não costumava ficar doente; para ser sincero, nem conseguia se lembrar de quando fora a última vez.

— Papai falou que foi febre glandular.

— A mesma coisa — disse Tom, torcendo para que fosse. Nunca ouvira falar de febre glandular. — A gente sente as mesmas coisas.

— Tom, você é uma droga de um mentiroso. E o papai não fica atrás. Vai me contar o que está acontecendo. Não me venha com essa. Quando foi que eu guardei algum segredo de você?

— Que tal esse seu namoradinho metido? — perguntou ele, aliviado por ter uma resposta para dar.

— Quem?

— Qual é o nome dele? Dillon?

— Ah!

— Como é que você não o mencionou em nenhum dos seus e-mails, hein? — Tom tentou reverter o olhar inquisitivo para ela, mas ela nem ligou. Cath tinha sobrancelhas de verdade, enquanto as dele eram da cor da pele e, embora grossas, praticamente invisíveis. Tom acreditava que o sucesso do olhar de Cath estava nas sobrancelhas. Ele até conseguia mexer com uma sem mexer com a outra, mas, como ninguém as enxergava mesmo, isso não tinha lá muito efeito. Um dia iria tingi-las, e ao cabelo também, para acabar com isso de ser uma mancha indistinta de branco e rosa. Mas só depois de entrar para a faculdade.

— Acabei de conhecê-lo — disse Cath, sem fitá-lo nos olhos. Sinal claro de que não estava falando a verdade. — Ainda não sei se é sério, sabe? E acho que não devo chamá-lo de namorado.

— Mas foi o que fez quando nos apresentou! Há quanto tempo vocês estão saindo juntos?

— Ora, acho que faz uns três meses.

— Três meses! E você diz que eu guardo segredo? É o seu relacionamento que mais durou.

— Não, Steve durou mais. Nós namoramos durante quase cinco meses.

— Argh! Steve, a maravilha tatuada! — Tom retorceu o rosto inteiro. — Aquele sujeito asqueroso!

— Não era *tão* mau assim.

— Ah, era, sim. Eu o peguei tirando meleca do nariz e colocando embaixo da nossa mesa de jantar.

— Eca! É mentira.

— Verdade — disse Tom, sem titubear diante do olhar dela, pois se tratava da mais absoluta verdade. A memória lhe ficara gravada no cérebro para toda a eternidade, embora ele fosse ficar maravilhado se conseguisse esquecer. Foi uma meleca *e tanto*, de várias cores. De dar medo!

— Tudo bem — falou Cath —, ele era meio asqueroso, mas eu só tinha 15 anos.

— E eu tenho 15 agora — disse Tom, com toda a dignidade que conseguiu juntar naquele momento — e não fico botando meleca nos móveis dos outros por aí, e não saio com ninguém que faça isso.

— Ah, claro, Mister Sofisticadinho! E quando foi que você saiu com alguém?

— Bem, tecnicamente falando, não saí ainda, mas já beijei uma menina.

— Uau, meu irmãozinho beijou uma garota! — Ela falou tão alto que as pessoas da mesa ao lado se viraram para eles. Uma das meninas sorriu.

Tom sentiu seu rosto ficar quente; deu um soco de brincadeira no ombro de Cath, nem de longe com a força que gostaria de ter usado. Às vezes ele detestava a pele que tinha. Cath jamais ficava ruborizada. Por que ele foi ficar com todos os genes mal-acabados?

— As garotas terão seu momento mais adiante, quando eu for um estilista de renome internacional.

— Tempo meio longo para esperar por um segundo beijo, não acha? — Tom deu-lhe mais um soquinho. — Sai dessa — disse ela, dando-lhe um soquinho também. — Mas, me conte, quem foi a sortuda?

— Vou contar se acontecer outra vez. Juro.

— Não. Vai ter de contar agora. — O olhar de raio laser retomou a intensidade.

— Jéssica Chan. Ela me beijou porque adorou o vestido que eu fiz para ela.

— De língua?

A pele de Tom esquentou outra vez. Ele sabia que estava escarlate: da cor que queria que fosse o vestido de Jéssica. Cath deu uma risadinha.

— Tudo bem, Tommy, não pergunto mais. Quer me dizer o que mais está acontecendo?

Tom balançou a cabeça devagar.

— Não posso. Não tenho permissão. — Cath se inclinou para perto dele. — Cath, não posso. Se eu pudesse, contaria, claro. Você sabe que eu contaria, não é?

— É, eu sei. Mas me promete que vai tentar convencer o papai e Mere a me incluir nesse grande segredo?

Tom concordou.

— Prometo.

— Obrigada. Sabe, eu sei que tem a ver com a mamãe e a razão pela qual Mere tem sido impressionante, ajudando tanto a gente, e sei...

— Cath, será que a gente não pode conversar sobre outra coisa?

Ela soltou um suspiro.

— Quer ir ver um filme?

— Adoraria. É exatamente o que estou com vontade de fazer agora. — Cath seguia religiosamente a determinação de não conversar durante o filme. Ele estaria seguro durante algum tempo. — Um que tenha roupas bonitas.

— Claro.

Tom assistiu sentadinho ao filme inteiro, um daqueles antigos da década de 1950. Estava se sentindo muito esquisito para acompanhar a história, mas apareceram várias roupas de estilo New Look, vários longos entrando e saindo dos lugares. Teria sido capaz de apostar que eram de Bill Thomas e não de Edith Head.

Ele queria poder falar com Cath sobre Razão, sobre o medo que tinha de eles não a encontrarem. Queria muito poder lhe falar da magia, de como era aterrorizante.

Olhou para a irmã, que estava com a boca entreaberta e grudada na tela, de onde as imagens em movimento se refletiam em seus olhos. Que sorte a dela não ter herdado a maldição! Tom não queria morrer cedo. Não queria enlouquecer. Toda vez que visitava a mãe, via aquilo que poderia acontecer com ele. Tom estremeceu.

Cath soltou uma risadinha e chocou Tom ao falar:

— O vestido dela não é tão ruim assim, é?

— Marrom arroxeadado, querida — disse ele em seus tons mais oxfordianos —, com babados e arremate dourado, eu vou lhe contar! — A única outra pessoa no cinema fez *psiu* para eles se calarem. Os dois riram baixinho e se calaram.

Depois da meia-noite, Tom entrou no saco de dormir em cima do sofá e sonhou que precisava fazer um *tailleur* para Mere com um linho italiano que não podia ser cortado nem costurado.

Pela porta

Mesmo antes de abrir os olhos, percebi Jason Blake me olhando. Meu estômago gelou. Será que ele pôs as mãos em mim enquanto eu dormia? Será que eu disse sim enquanto sonhava? Ainda estava morta de cansaço, mas não tanto quanto antes de dormir. Achei que ele não teria tirado mais. Esperava que não.

— Sei que está acordada — disse ele.

Abri os olhos, me sentei e olhei-o como se ele não estivesse me deixando apavorada. Seria mesmo o meu avô?

— Não se bate à porta aqui em Nova York? O que você está fazendo no meu quarto?

— Na verdade — disse Blake —, dado que sou o proprietário deste apartamento, eu diria que este quarto é meu.

Não consegui pensar numa resposta. Fiquei ali sentada com um sorriso estampado no rosto, não mais convincente que o dele, desejando que ele fosse embora. Pensei em quanto tempo fazia que Jay-Tee estava com ele. Como é que aguentava isso? O pai dela só podia ser um monstro.

— Pensei em levá-las para almoçar. Parece-me que precisamos discutir o nosso novo acerto mais detalhadamente. As coisas ficaram meio por se resolverem ontem à noite. — Ele se virou para a porta. — Vou dar meia hora para vocês se vestirem. Não vão precisar de roupas formais.

E me lançou um último olhar; seu sorriso parecia querer dizer que estava me fazendo um favor, que eu deveria ficar feliz diante da possibilidade de mais uma refeição na companhia de Jason Blake; em seguida, saiu e fechou a porta.

Fechei os olhos de novo. Senti, distante mas senti, minha amonite no bolso de Danny. Embora fosse apenas meio-dia e meia, ele já estava no restaurante esperando por nós. Bom. Meu impulso foi o de simplesmente ir. Mas a janela era gradeada e Jay-Tee dormia no outro quarto.

Não iria entrar em pânico. Já estivera numa situação como esta antes. Já fora presa e sempre conseguira escapar. Ah, sim, com Sarafina, e estávamos fugindo da polícia e de investigadores que, pelo que eu soubesse, não eram magos. Mas essa situação não era totalmente nova; eu conseguiria.

E, dessa vez, sabia que *eu* era maga; isso só poderia ajudar, certo? Só que não fazia a menor idéia de como usar essa magia para passar pela grade ou para chamar Jay-Tee sem que Blake soubesse. O que eu sabia *ainda* era pouco mais que nada. Por que ele teria resolvido de repente nos levar para almoçar? Dissera que nos veria em alguns dias. Obviamente, sabia que *alguma coisa* estava acontecendo. Que outra razão o traria aqui agora? Torci para que não soubesse *exatamente* o que era.

Vesti-me depressa, sem nem sequer me dar o trabalho de um banho, colocando cachecol, gorro e luvas nos bolsos enormes do casaco. Pensei que ainda ontem à noite deveríamos ter conversado mais detalhadamente sobre fugir, discutido o que fazer se Blake voltasse a aparecer, mas já estávamos cansadíssimas mesmo antes de Jay-Tee ficar sabendo do pai.

Vi a planta do apartamento na cabeça. Duas saídas: porta da frente na sala de estar, escada de incêndio na cozinha, que ficava do lado de fora de uma janela grande com grade metálica no vão inteiro. Ambas precisavam ser destravadas e abertas, em seguida eu e Jay-Tee teríamos de passar por ela para chegar à escada de incêndio, que provavelmente estaria escorregadia por causa do gelo. Como fazer tudo isso sem atrair a atenção de Blake? Não era possível.

A porta da frente, com todas as trancas e correntes, não seria muito melhor. Qual era a probabilidade de Blake querer ir ao banheiro? Quase zero.

Talvez fosse melhor irmos com Blake até a rua e aí empreendermos nossa fuga. Tentei imaginar a possibilidade de darmos um empurrão nele nas ruas cheias de gelo, mas não consegui. Não sabia se Jay-Tee conseguiria correr rápido, mas eu não, principalmente em cima de gelo e neve. Mal dava para *andar* em cima daquilo.

Eu não tinha o que usar como arma. Além disso, ele tinha pelo menos trinta centímetros de altura a mais que eu, para não falar no dobro do meu peso, e ainda por cima era muito mais forte.

Eles estavam sentados na sala de estar. O casaco de Jay-Tee se encontrava esticado sobre seus joelhos. Quando entrei, ela olhava para o chão e Blake a fitava com grande intensidade. Ela ergueu os olhos e me deu um sorriso triste. O silêncio pesava como se todos os sons tivessem sido sugados dali. Dava até para pensar que ninguém nunca tinha falado nada antes.

Blake não sorriu. Levantou-se e fez sinal para que me aproximasse, como se eu fosse o seu cachorro.

— Não — quando dei por mim, já estava dizendo. — Jay-Tee e eu não queremos almoçar com você hoje. — Não sei de onde saíram essas palavras. Pareciam ser ditas por alguém de um passado longínquo.

As sobrelhas de Jason Blake se ergueram. Ele pareceu ter ficado genuinamente surpreso.

— Acho que não fui claro o suficiente. O almoço não é opcional. Se ambas quiserem ficar neste apartamento sob minha proteção, virão almoçar comigo.

— Não queremos. — Foi notável a força com que minha voz soou. A pele de Jay-Tee tornou-se amarela; seus olhos se arregalaram, fitando-me. — Não queremos seu apartamento, ou sua proteção ou seu almoço. Jay-Tee? — Sorri para ela, estiquei minha mão. — Vamos.

Blake estava parado diante da porta. Não se mexeu quando Jay-Tee e eu nos encaminhamos para lá. Precisei lembrar a mim mesma de respirar. *O que ele faria conosco?*, me perguntei. *Muitas coisas. Coisas ruins.*

— Se vocês saírem — disse ele, ainda bloqueando a passagem —, ela as encontrará. Uma vez do outro lado daquela porta, não há o que a possa segurar. Ela as encontrará imediatamente. Eu posso senti-la. Não está longe.

Eu parei. Mal havia dez centímetros entre nós. A mão de Jay-Tee tremia na minha.

— Vou arriscar — disse eu, com a voz ainda firme apesar do jato frio de terror que percorreu meu corpo inteiro ao pensar em Esmeralda. — Saia do meu caminho.

— Vocês não vão sair — falou Blake, no mesmo tom de voz que usaria talvez para dizer que ainda estava fazendo frio lá fora. Mas a expressão de seu rosto mudou. — Não é seguro para nenhuma das duas. Sua avó é uma mulher malévola.

— Não se trata de uma escolha entre você e Esmeralda. Eu não estou escolhendo *nenhum* dos dois.

— Parece que você não entendeu, Razão. Não é uma opção. Você é jovem, ignorante e desprotegida. Alguém vai subjugar-la. Sua única opção é encontrar alguém que lhe dê algo em troca. Como eu tenho feito. Esmeralda não lhe dará nada. Eu não a estou deixando fazer a opção errada. Preocupo-me com o que acontece com você e com Jay-Tee.

Não consegui evitar a risada.

— Ah, por favor. — Já ouvira policiais dizerem a mesma coisa. Nenhum deles me conhecia nem queria me conhecer. Encontrar-me era o seu trabalho, a maneira de receberem seu salário para poderem comer, Blake se importava conosco da mesma forma, pois éramos uma fonte de magia. Ele era um lobo, e nós, seu alimento; foi isso que vi em seus olhos, era por isso que ele não nos deixaria partir.

Tentei forçar minha passagem e ele me agarrou, com um braço me apertando de forma a espremer meus braços contra o meu próprio corpo e com o outro a minha garganta. Fiquei sem ar e imediatamente desferi violentos pontapés, acertando-o na canela. Ele não reagiu, só me apertou ainda mais a garganta. Fiquei furiosa e senti

muito medo. Ele não *precisava* usar magia contra nós; bastava a força bruta. Chutei com mais força.

Jay-Tee berrou e correu para cima dele. Ele me jogou para o lado de forma a poder acertá-la com força, e ela caiu no chão, direto e pesado, e lá ficou.

— Seu canalha! — berrei. Se ela estivesse machucada, eu o mataria.

Algo estava crescendo em mim, algo quente e líquido, sob a minha pele, lá no fundo; algo se desenrolou devagar, irrompendo logo em seguida qual bolhas no champanhe, explodindo da superfície da minha pele para fora.

Blake me deixou cair como se eu estivesse pegando fogo. E estava.

— Não — disse ele.

Eu estava olhando fixamente para ele, mas não o via; via, sim, as veias dentro de seu corpo, o pulsar ritmado de seu coração empurrando o líquido vermelho por aquelas veias. Pensei naquilo tudo indo mais devagar, como fizera com o garoto em Coonabarabran aos dez anos de idade, que me xingara por ser aborígene, que tentara tocar em mim.

Naquele dia, minha raiva foi crescendo, crescendo. Um grito surgiu dentro de mim. A ira foi como uma onda, um tsunami. Meus olhos explodiram em luz vermelha; foi tudo que consegui ver. Quando tornei a abri-los, o menino estava no chão, morto. Mais tarde me disseram que ele teve um coágulo sanguíneo, mas de alguma forma eu sempre soube que a culpa foi minha. A sensação foi a mesma de agora. E foi bom.

— Não — Blake falou mais de longe ainda. Será que eu também conseguiria matá-lo?

Cheguei quase a ter a sensação de que estava voando. Pensei no coração dele encolhendo, as veias se contraindo, o coração parando.

O rosto dele estava roxo.

— Não — falou alguém que não era Jason Blake. Era Jay-Tee. Tive uma vaga noção disso. — Pare, Razão. Não faça isso.

Estava me sentindo incrível; não me sentira tão maravilhosamente e bem assim havia muito, muito tempo. Uma coisa afiada esbarrou no meu rosto. O impacto me fez balançar.

— O quê? — A sensação gloriosa começou a retroceder.

— Não, Razão. Você não pode fazer isso. — Jay-Tee estava gritando agora. — Assim você morre.

Já havia parado; a maravilha se esvaía. Comecei a ficar instável, cansada demais. Jay-Tee pegou minha mão e me arrastou porta afora, batendo-a assim que passamos para o outro lado.

Eau de Razão

— **Você nunca pode** perder a paciência — falou Jay-Tee, arrastando-a para o elevador. Ela não sabia ao certo o quanto Razão estava conseguindo entender. — Simplesmente, não pode. Sua mãe *nunca* lhe disse isso? Razão?

Ela fez que sim com a cabeça, mas seus olhos ainda não estavam totalmente no foco. Jay-Tee começou a pensar em quem seria o menino morto no pesadelo de Razão. Alguém a quem ela teria matado? Com o temperamento de Razão e sem alguém para lhe dizer que não perdesse a calma, era de impressionar que ela não tivesse acabado com metade da Austrália.

— Razão? Fale comigo. Diga alguma coisa. — Jay-Tee a agarrou pelos ombros, sacudiu-a com força e deu-lhe um tapa, horrorizada de a estar perdendo.

— Pare com isso. Eu estou ouvindo. Estou aqui. — Ela esfregou o ombro esquerdo. — Blake está nos seguindo?

Jay-Tee fez que sim.

— Provavelmente. Ele estava dando a volta quando eu puxei você lá de dentro. Sabe de uma coisa? Você só o pegou porque ele não estava esperando que ninguém fizesse o que você fez. O que foi uma besteira, considerando-se que você quase o enganou no restaurante.

Razão estava apagando novamente. Jay-Tee deu-lhe outro tapa.

— Aaaii! — Ela levou a mão ao rosto e arregalou os olhos para Jay-Tee.

— Você *precisa* prestar atenção. Ele está vindo atrás de nós. Está furioso. Você está exausta por causa daquela cena realmente idiota lá em cima. Ele disse que Esmeralda está nas redondezas, o que pode ser mentira, mas também pode ser verdade, e...

O elevador chegou no nível da rua. As duas saíram. Jay-Tee olhou através das portas de vidro. Fazia frio e tudo lá fora estava cinzento. Todo mundo na rua passava apressado e muito bem agasalhado.

— Ei, me dê suas luvas — falou Jay-Tee, empurrando as portas e saindo.

Razão olhou para ela.

— Onde está seu casaco?

— Lá no apartamento.

— Ai, droga! — Razão passou o gorro, as luvas e o cachecol para Jay-Tee. — Este casaco é imenso. Cabemos nós duas aqui dentro. — Ela escorregou numa placa de gelo. Jay-Tee a firmou.

— Vamos andar só um quarteirão — falou Jay-Tee. — Vamos comprar um casaco depois do restaurante. Você aguenta? Ainda está tonta.

Razão confirmou que aguentava, mas sua pele estava mais amarela que marrom. Jay-Tee não se convenceu. Torceu para que Danny soubesse de algum lugar para escondê-las, mas não conseguiu imaginar um lugar onde pudessem estar a salvo *dele*.

Desde que pusera os pés no restaurante, Tom estava com a sensação da presença de Razão tão forte que era como se estivesse respirando sua essência. Resolvera tomar o café-da-manhã — um café tardio: ainda sentia que precisava dormir um milhão de horas — no mesmo restaurante onde sentira a presença de Razão, na esperança de encontrar mais algum vestígio.

Olhou todas as mesas. Ela não estava em nenhuma delas. No banheiro, talvez? Ou teria acabado de sair? Mal se virara para verificar lá fora quando se deu conta de que a *eau de Razão* vinha do canto mais ao longe. Quanto mais perto Tom foi chegando, mais intensa a sensação foi ficando.

Ele chegou o mais perto que pôde, fingindo que observava o mural em preto-e-branco da parede. Vinha de um sujeito que estava tomando café, olhando nervosamente para a porta de tantos em tantos segundos. O sujeito praticamente brilhava. Estivera com Razão, não havia dúvida, e durante um bom tempo também. Os dois só podiam estar juntos.

Tom se sentou na mesa vazia mais próxima. Não estava tão perto assim, mas dava para observar o sujeito. Uma garçonete de rosto triste lhe trouxe água e o cardápio. Tom olhou por cima do cardápio. O sujeito estava tamborilando com os dedos na mesa, tomando o café em goladas grandes e continuava olhando cheio de esperança para as portas de entrada.

Tom tirou o celular do bolso e ligou para Mere. Ela disse que estava por perto e viria encontrá-lo. Ele guardou o telefone e se sentiu aliviado. Sem Mere, não fazia idéia de como abordar o sujeito, do que dizer.

A mesa ocultava sua calça, ou jeans, mas a camiseta não merecia nem uma segunda olhada, o que era uma pena, pois o sujeito ficaria ótimo se usasse umas roupas bem-cortadas. O casaco amarfanhado ao seu lado era um daqueles horrorosos feitos com tecido tipo edredom, completamente destituído de charme.

Tom ficou intrigado quanto à possível conexão que ele teria com Razão, e um pensamento horrível lhe passou subitamente pela cabeça. O sujeito não era hediondamente velho ou algo que o valha. Na verdade, era até bonito. E Razão era maravilhosa. E a sensação dela o *tomava por inteiro*. Tom pegou o copo e tomou um gole, na esperança de que a água pudesse livrá-lo daquele pensamento.

Uma garçonete se aproximou da mesa, alta, loura e intimidante, olhando-o com uma tristeza infinita. Tom se voltou para o cardápio, em pânico, procurando alguma coisa direta e objetiva que não suscitasse inúmeras perguntas subsequentes de esclarecimento. Enquanto a garçonete ficava ali parada olhando-o como se fosse ainda mais uma cruz que tivesse de carregar, ele procurava freneticamente.

— O que vai querer?

— Ah, sanduíche de peru — falou Tom meio que desabafando.

— Que pão vai querer? Pão trançado, integral, centeio...

— *Trançado* — Tom falou rapidamente.

— Vai querer salada ou sopa de acompanhamento?

Tom soltou um suspiro.

— Sopa.

— Sopa de galinha, de beterraba, lentilha, legumes...

— Sopa de galinha — falou Tom. Pelo menos, descobriu o truque de cortá-la logo no início. A garçonete se foi, com o cardápio na mão.

Tom abriu um sorriso, sentindo-se satisfeito consigo mesmo.

— Tom? — disse uma voz assustada. Ele ergueu os olhos. Era Razão.

Para longe da Bruxa

Quando passei pelo segundo conjunto de portas, a primeira pessoa que avistei foi Tom. Parei imediatamente. Jay-Tee esbarrou em mim por trás.

— Tom? — falei em voz alta. Como era possível que Tom estivesse aqui?

— Continue, Razão. Estou congelando.

Tom se levantou.

— Razão?

— O que está fazendo aqui? — perguntei.

— Procurando você.

— Mas como? — perguntei, ciente de que Jay-Tee estava ao meu lado. — Essa é Jay-Tee. Tom é um amigo, lá de Sidney.

Em seguida vi Danny, mais atrás, sorrindo, acenando para nós. Jay-Tee acenou-lhe de volta. Eu também, sorrindo feito uma idiota. Ele era ainda mais bonito à luz do dia.

— E Mere está aqui também — disse Tom, com a voz alegre.

— O quê? — virei-me para a outra porta, sem acreditar que o tinha escutado direito, mas lá estava ela, andando em nossa direção. Tom me traíra. Jay-Tee se virou para olhar também.

— A bruxa — disse ela. — Temos de correr. — Jay-Tee agarrou minha mão e me arrastou para a rua. Tom saiu correndo atrás de nós, gritando. Eu estava tão cansada que meus ossos doíam. Não sabia se conseguiria correr.

— Correr para onde? — perguntei, enquanto saía tropeçando no seu encalço. Jay-Tee abria caminho com agilidade e passo certo pelo meio dos pedestres. — Sabe de algum lugar quentinho onde possamos nos esconder?

Jay-Tee confirmou apenas com um aceno da cabeça e andando rápido. Largou minha mão.

— Siga-me — gritou, e em seguida saiu em disparada rua abaixo.

Corri atrás dela o mais rápido que pude, escorregando e patinando, quase caindo de cabeça para baixo, esbarrando nas pessoas, pedindo desculpas, tentando não perder o passo. Era uma tortura levantar as minhas pernas pesadas. Numa questão de segundos, Jay-Tee estava meio quarteirão à frente, correndo pelo meio da rua. Eu estava aterrorizada porque ela ia me deixar para trás.

— Merda! — ouvi a voz de Danny de repente bem atrás de mim. Mãos fortes me fizeram parar. — Que diabo está acontecendo? Por que Jay-Tee está fugindo de mim? Achei que ela quisesse me ver.

— E quer. Não estamos fugindo de você. Estamos fugindo da minha avó. Danny me largou, olhando-me como se eu estivesse louca.

— Sua avó? Quer saber de uma coisa? Eu acho que consigo dar conta de uma avó.

— Você não está entendendo. Eu não sei para onde Jay-Tee está correndo. Não podemos nos perder dela.

Ambos olhamos lá para a frente, para onde Jay-Tee estava desaparecendo.

— Precisamos alcançá-la. — O ar estava frio e feria meus pulmões. Eu só queria me deitar e dormir.

— Razão! — alguém gritou atrás de mim. Tom.

— Droga! — Comecei a correr de novo, escorregando e caindo quase imediatamente. Danny me levantou como se eu pesasse o mesmo que pesa um gatinho.

— Merda! — disse ele, olhando lá para a frente e depois de volta para mim. — Quase a perdemos de vista. — Ele me colocou no ombro como fazem os bombeiros antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, e depois partiu a toda atrás de Jay-Tee.

— De jeito algum! — gritei, mas para as pessoas atrás de mim. Danny não respondeu.

Eu não estava conseguindo ver ou ouvir quase nada. Meu estômago parecia que estava sendo serrado ao meio pelo ombro de Danny. Doía ainda mais quando eu tentava levantar a cabeça para enxergar alguma coisa. Queria saber para onde estávamos indo. De um lado via vitrines de loja passando e pernas de gente e sapatos voando. Do outro, montes de neve suja e carros estacionados.

Sabia que estávamos atravessando a rua mais pelo barulho das buzinas do que por qualquer coisa que conseguisse enxergar. Mesmo que estivesse com a cabeça para cima, não teria a menor idéia de onde me encontrava. Não conseguira me orientar direito nos poucos dias que passara nesta cidade.

Minha visão se turvava, minhas pálpebras tremelicavam em luta para se manter abertas. Eu estava exausta, mais do que exausta. Era como se alguma coisa tivesse sido sugada de mim, a coisa que mantinha meu sangue bombeando, meus neurônios se conectando. Minha magia se fora.

Era difícil ficar acordada mesmo sacolejando do jeito que eu estava, com o ombro de Danny me partindo ao meio. Precisava me forçar a pensar. Eu vira Tom. O que isso significava? O que Tom estava fazendo aqui? Ele estava esperando por Esmeralda? Será que *sabia* que eu viria para o restaurante? Como?

Minha cabeça estava estourando. O ar frio me feria os olhos, fazendo jorrar fios de lágrimas pelas minhas bochechas. O sal ardia. Mas, quando eu os fechava, sentia-me cair no sono. Ficar acordada me parecia importante.

Entreguei-me aos Fibonacci. Percebi minha amonite no bolso de Danny. No fundo das minhas pálpebras, via-o com clareza: uma espiral bem justa, as marcas de uma concha do mar, há muito desfeita em areia. Percorri as espirais crescentes, sendo a área do corte de cada uma delas igual à do corte das duas anteriores. A espiral cresceu, mais que a minha amonite, mais que eu, do tamanho de um carro, do tamanho do quarteirão pelo qual estávamos correndo. Uma espiral que se desenrolava com perfeição. Pulei dentro dela como se mergulhasse num redemoinho. Girando e flutuando.

Abaixo de mim, Danny corria cada vez mais rápido e mais firme.

Coisas piores

Jay-Tee estava correndo em vez de pensar. Na escola, sempre fora a mais veloz. E também conseguiu continuar correndo a vida inteira. Ela gostava de correr, mas não tanto quanto de dançar. Quando corria na escola, havia professores de educação física gritando-lhe: levante o joelho, cotovelos para dentro. Correndo agora, ela ainda ouvia as instruções que eles lhe gritavam. Quando dançava, simplesmente dançava. Ninguém lhe dizia como fazer melhor, mais rápido, durante mais tempo. Ela simplesmente sabia.

Enquanto corria, sua mente estava na multidão, vendo as lacunas, os caminhos mais vazios, como se esquivar e costurar entre as pessoas, tecendo seu próprio caminho, evitando o gelo escorregadio, os pés das pessoas, lixo caído no chão. Corria satisfeita por não estar tão frio assim, sem neve, e com o vento soprando às suas costas, facilitando sua corrida, impulsionando-a para ir ainda mais rápido.

Permaneceria aquecida enquanto estivesse correndo. Lançou um olhar para trás. Danny corria com Razão jogada sobre o ombro. Jay-Tee sentiu uma onda de saudades do irmão e do pai, do jeito como ele era antes de se tornar um monstro. Uma parte sua estava morrendo de vontade de parar e abraçar Danny, mas como conseguiria explicar tudo que estava acontecendo?

Rua 7. Dobrou à esquerda. Jay-Tee sabia para onde estava indo agora. A porta. Se Razão tivesse a chave... escondida, ela dissera isso no sonho. Se a tivesse escondido no próprio corpo ou, com maior esperteza, perto da porta, elas poderiam passar, pegar as coisas de Razão e continuar.

Talvez até conseguissem dar um jeito de fechar a porta contra Esmeralda. Razão sabia se esconder na Austrália, no interior com os cangurus. Jay-Tee gostou da idéia de morar com cangurus.

Tom terminou de vestir seu aparato de inverno no meio da rua, correndo logo atrás de Esmeralda, ainda dando suas explicações aos tropeços.

— Corra, Tom — disse Esmeralda. — Ela não está muito longe.

— Tudo bem — disse ele, enfiando aluva e logo a tirando ao perceber que era da mão errada. Conseguiu ver Razão lá na frente, escorregando e deslizando. E partiu. Em segundos, o homem do restaurante passara à sua frente. — Droga!

Tom se esforçou ainda mais, determinado a impedi-lo de fazer qualquer coisa contra Razão. Tinha visto o medo estampado no rosto dela. Mas continuava escorregando. Lá na frente, Razão tinha dificuldades ainda maiores com o sal e o gelo. O sujeito a alcançou, agarrou-a e inclinou-se para perto dela, gritando em seu rosto. Deu a impressão de a estar sacudindo.

— Razão! — gritou Tom. O homem a jogou por cima do ombro e pôs-se a correr novamente. Tom fez um esforço ainda maior para correr mais rápido. Não iria deixar aquele vagabundo escapar.

Ele estava sentado nos degraus da frente da casa. Com as pernas despretensiosamente cruzadas como se aguardasse a chegada de bons amigos sem se importar com o tempo de espera. Sorria até, com os dentes brancos reluzindo.

Jay-Tee só o avistou quando já era tarde demais. Parou, derrapando, e lá estava ele, com um sorriso maior ainda. O carro dele estava parado em fila dupla no meio da rua, pronto. Jay-Tee percebeu que estava com medo demais para se mover. Sem pensar, fez o sinal-da-cruz.

— Você não está a caminho de nenhum lugar, não é, Jay-Tee? — falou ele como se conseguisse perceber a paralisia dela.

Eu não tenho medo de você, falou ela para si mesma. Mas tinha. Ela não era como Razão. Ele a aterrorizava. Ela não queria que ele tirasse sua magia à força, nunca mais. Só de lembrar, encolheu-se toda por dentro.

Jay-Tee ouviu um carro e virou a cabeça. Um táxi parou atrás da limusine dele. A porta de trás se abriu, Esmeralda saiu e andou na direção dele. Ele não estava mais olhando para Jay-Tee. Estava parado, de pé, com os olhos grudados nos de Esmeralda, como alces entrelaçando as galhadas. Jay-Tee chegou quase a enxergar um talho no ar entre os dois. Os pêlos nos seus braços se arrepiaram todos. Tudo começou a estalar; a impressão era de que o ar estava derretendo.

Nenhum dos dois se mexia, nem ao menos o menor dos músculos do rosto. Jay-Tee não parava de olhar. Eles nem sequer piscavam. Eram estátuas. Jay-Tee começou a torcer, com todo o fervor, para que continuassem daquele jeito.

Ouviu passos se aproximando, correndo pela calçada. Danny, com Razão sacolejando ao ombro. *Isso deve doer*, pensou Jay-Tee. Danny sorriu para ela, ou mais ou menos isso, algo a meio caminho entre um sorriso e uma careta.

— Você ainda é rápida demais para mim — disse ele.

Pôs Razão no chão e ela mal conseguiu se sustentar nas próprias pernas, olhando em seguida para cima e enxergando Esmeralda e Jason.

— Droga! — falou.

No ar

Eu senti alguma coisa no ar. Minha pele se encrespou toda, os pêlos do meu corpo inteiro se arrepiaram. Um zumbido forte me atravessou a cabeça. Eu estava completamente desperta agora.

— Minha nossa! — falei.

Esmeralda e Jason Blake estavam ali parados em pé, olhando fixamente um para o outro. Pareciam mortos, mas o ar à sua volta estava quase pegando fogo. O chão embaixo deles parecia se mexer, tremelicando como o ar à distância num dia quente de verão.

— É isso aí — concordou Jay-Tee.

— O que... — Danny começou a falar.

— Psiu — nós duas dissemos ao mesmo tempo. Trocamos um daqueles olhares do tipo “Droga!”. Eu quis sair dali, mas não consegui. Era impossível olhar para outra coisa que não fosse Blake e Esmeralda.

— Vamos sair correndo. Vamos? — disse Jay-Tee.

— Você consegue? Porque eu não consigo. — Minhas pernas pareciam chumbo. Ela sacudiu a cabeça e, em seguida, se virou para o irmão.

— Mais tarde a gente explica. Prometo.

— Não, vão explicar agora. Por que estava fugindo de mim?

— Eu não. Nós estávamos fugindo deles.

Ele olhou para Esmeralda e Jason Blake.

— Quem são? — Tive vontade de saber o que ele viu, se Danny conseguia ver a eletricidade, ouvir o zumbido se irradiando a partir deles. — Quem diabo eles estão...

— Sei lá. — Jay-Tee balançou a cabeça.

— Ela é minha avó — falei baixinho.

— Vamos embora daqui — falou Danny, olhando com certo desgosto para Jay-Tee. — Você está fugindo deles, certo? Então vamos embora e aí você vai poder me explicar o que está acontecendo. A razão de estar se escondendo de mim.

Danny esticou a mão para pegar a de Jay-Tee. Puxou-a para perto de si e deu-lhe um abraço imenso. Jay-Tee estava chorando.

— Razão? — perguntou ela. — O que vamos fazer?

Não respondi. Estava ocupada demais em reconhecer onde estávamos.

Blake e Esmeralda estavam diante da porta que havia me trazido para cá. Um homem esculpido em pedra acima, o bigode, as sobrancelhas e os olhos grosseiramente pintados por cima. O bigode era maior do que eu recordava, ocultando todo e qualquer traço da boca. Ele estava mais triste também, dando a impressão de que iria chorar a qualquer instante. Ou talvez o que o entristecesse fossem o barulho horrível que emanava das duas estátuas ali embaixo e o calor cada vez maior. Eu sei que aquilo tudo estava me entristecendo.

A porta era de madeira pesada; acima dela, um vitral em forma de meia-lua mostrava um sol nascente. Eu não tinha reparado nisso antes, mas sabia que era essa a porta.

Passei os olhos pela rua inteira e reconheci as casas, as escadas de incêndio, os gradis. Reconheci a rua imediatamente. Jay-Tee me levava ao lugar errado ontem. Mais uma mentira.

— Você tem a chave? Ela está escondida por aqui? — Jay-Tee falou baixinho, ainda abraçada ao irmão. — Será que a gente consegue passar?

— Que chave? — perguntou Danny.

Eu balancei a cabeça.

— Perdi. Devo tê-la deixado cair assim que passei para cá.

— Droga! — disse ela, afastando-se de Danny.

— E se eu tivesse? Como é que você estava pensando em passar por aqueles dois?

Nem Jason nem Esmeralda havia se mexido, com os olhares ainda travados um pelo outro. Começara a nevar, fraquinho, flocos flutuantes como da primeira vez em que eu vi neve, bem aqui, poucos dias antes. A neve caía em cima da cabeça deles, do nariz. E eles nem sequer piscavam.

Passou uma mulher empurrando um carrinho com uma criança embrulhada em pele de carneiro, olhando ansiosamente para todos nós. Jay-Tee sorriu, mas a mulher se apressou e foi embora. Deve ter pensado que éramos todos malucos.

Danny andava de um lado para o outro, prestes a explodir. Sem dúvida, nós lhe devíamos uma explicação comprida e detalhada. Eu queria que a minha cabeça parasse de bater; o barulho das duas estátuas, a pressão da batalha me dava a sensação de que meu crânio estava encolhendo, pressionando o meu cérebro, que poderia começar a jorrar pelos meus ouvidos e nariz a qualquer instante. Será que Jay-Tee também sentia isso? Ela ainda estava chorando, tentando explicar coisas para o irmão, mas só conseguia confundi-lo ainda mais.

Será que só eu os estava ouvindo? Se não saísse dali ou acabasse com aquilo, iria começar a gritar. Tentei dar um passo, mas meus pés não se mexeram. Agora eu não conseguia nem andar

Alguém corria em nossa direção. Tom. Abri-lhe o maior sorriso que consegui (nem tanto) e logo em seguida me lembrei de que ele ficou feliz ao ver Esmeralda. Isso complicava as coisas. Minha cabeça doía. Seria fabuloso poder dormir um pouco, sem precisar pensar.

— Tom — falei para Danny —, ele é amigo. — Pensei se de fato seria. — Danny. — Eles se cumprimentaram com um aceno de cabeça, o que pareceu estranho, como se estivéssemos numa festinha e não congelando numa rua de Nova York meio paralisados por dois bruxos trocando silenciosas saraivadas de seus poderes. Torci para que eles torrassem o cérebro um do outro antes de queimar o meu.

Danny se virou para Jay-Tee.

— Olhe aqui, isso é ridículo. Eu tenho um lugar onde você pode morar agora. Papai nos deixou um dinheirão. É seu também.

— Você quer calar a boca um segundo, Danny? — berrou Jay-Tee, contendo as lágrimas. Ela também estava ouvindo a batalha.

Tom se inclinou, arfando.

— Você está bem? — perguntou, enquanto Danny continuava insistindo com Jay-Tee. Ele me olhou e franziu o cenho. — Você está horrível.

— Obrigada, amigo. — Ele não parecia afetado pelas duas estátuas. Ou talvez não fosse logo atingido de cara. — Você estava procurando por mim com Esmeralda? — perguntei. — É dela que estou fugindo. Ela é uma bruxa.

Ele concordou.

— Eu sei, mas ela não é o que... — Ele foi baixando a voz deixou a frase por terminar, tendo avistado Esmeralda e Jason Blake. — Quem é ele? O que está acontecendo? Que barulho é este? Ele é...

— Mau — falei eu. — Muito mau.

Danny também estava prestando atenção em mim agora.

— Aquele homem fez alguma coisa a você? — perguntou a Jay-Tee.

Ela abriu a boca para falar, mas em seguida fechou.

Jason e Esmeralda pareciam emanar luz. Dava para sentir o calor. Cheguei a pensar se aquilo era verdade ou não. Até a calçada embaixo dos meus pés estava mais quente. Embaixo dos pés deles, o chão se ondulava, como se os elementos que o compunham estivessem se desfazendo. As ondas se espalhavam para a calçada, chegando até nós.

O zumbido se tornou algo mais parecido com um chiado. Foi ficando mais alto, mais insistente. Tive de me concentrar mais para não gritar.

— Se ele é tão mau assim, não deveríamos estar ajudando Mere? — falou Tom, como se isso fosse o óbvio.

Jay-Tee começara a tremer. Danny tirou um braço da manga e puxou-a para dentro do seu casaco. Minhas orelhas estavam tão frias que eu esperava vê-las caindo no chão a qualquer instante; contudo havia um calor constante irradiando de Esmeralda e Jason Blake — e o barulho que eles estavam fazendo se tornava cada vez mais alto. Eu não conseguia pensar; precisava parar aquilo.

— Você está sentindo? — falou Danny. — A calçada?

Se até Danny conseguia sentir, o calor deveria ser de verdade. Todos voltamos nossos olhos para Esmeralda e Blake

— Vocês estão vendo? — perguntei a Jay-Tee e Tom.

— Estou — disse Tom. — Todas essas formas.

— Hein? Eu me referi ao que está acontecendo embaixo dos pés deles. Vocês estão vendo brilhar? — Não era essa a palavra certa.

— Não — disse Tom.

Jay-Tee balançou a cabeça.

— Mas eu estou sentindo. E ouvindo também. Espero que os dois peguem fogo. E morram.

— Mere, não — protestou Tom, horrorizado. — Ela é minha amiga. Ela é boa.

— Você gosta quando ela te suga? — perguntou Jay-Tee. Seu lábio superior se encrespou.

— Ahn? O que você quer dizer com isso? — perguntou Tom.

Danny ficou tão atônito quanto ele.

— Suga? Alguém tem sugado você?

— Ela nunca fez nada disso — protestou Tom. — Me sugar?

Jay-Tee confirmou, apontando para Jason Blake.

— Aquele ali é um vampiro contumaz.

Danny olhava para Jay-Tee e em seguida para mim.

— Vampiros?

— O que Esmeralda faz com você, Tom? — perguntei eu, impressionada por conseguir proferir a frase inteira. O barulho estava mais alto, mais agudo, e meu cérebro derretendo. O chão parecia estar se dissolvendo, a crosta, se esmigalhando, revelando o subsolo, ondulando, reluzindo uma vermelhidão de calor. Os prédios à nossa volta deveriam estar desmoronando; nós deveríamos ter derretido. Ninguém via isso além de mim. Será que isso estava ligado à minha magia? Aos números? Fibs?

— Ela não *faz* nada comigo. Ela me ensina sobre... — Ele olhou de relance para Danny. — Sobre, vocês sabem. Como me manter em segurança, só usar as quantidades mais ínfimas. Viver mais tempo. Não perder a cabeça. Não beber nunca; ela nem me deixa tomar uma taça de vinho no jantar.

— Ela nunca tentou drenar de você? Nem uma vez? — perguntou Jay-Tee.

Tom balançou a cabeça.

— Drenar o quê? Não estou entendendo.

— E se ela só o estiver engordando? — falei, fazendo um esforço para me concentrar nos meus amigos, não nas estranhas ilusões ao meu redor. — Igual à bruxa da história. — Pensei em João e Maria. A casa de Esmeralda não era feita de doces e balas, mas havia outras tentações ali.

O chão estava ficando cada vez mais quente.

— Jay-Tee — falou Danny —, vamos embora.

— Não posso, Danny. Tenho de ficar com Razão.

Respirei fundo.

— Danny, você ainda está com a amonite? — Nem precisaria ter perguntado. Eu podia senti-lo. — A pedra que lhe dei?

— Claro. — Ele a tirou do bolso. — Ai! — disse.

Peguei a pedra quente e dela saíram espirais girando na minha, enquanto o som que vinha de Esmeralda e Jason Blake ficava ainda mais alto. Eu me retraí. Meus pés se mexeram, repentinamente soltos.

— Você está bem?

Confirmei, embora não estivesse.

— Você está de fato seguro em relação a ela, Tom? — forcei-me a perguntar.

— Sem dúvida — disse ele, acompanhando a fala com um aceno vigoroso da cabeça. — Confio plenamente nela.

— Tom acredita que está falando a verdade — disse Jay-Tee. — Você se lembra do que *ele* nos disse? Disse que tínhamos de fazer uma escolha. E se a sua avó realmente puder nos ensinar. Corretamente?

— Ela pode — disse Tom. — Ela me salvou. E quer salvá-la também, Razão. Precisamos ajudá-la.

Nós quatro fitamos as duas pessoas já recobertas por uma fina camada de neve. Eu conseguia ver as células que formavam a pele e o cabelo delas, o turbilhão do sangue percorrendo as suas veias, a movimentação dos seus órgãos. Tudo se movia em ondas qual o chão rodopiante sob seus pés; contudo eles não se mexiam; estáticos, nem sequer piscavam. O barulho estava prestes a explodir minha cabeça, o ar estalava, a calçada sob nossos pés ficava cada vez mais quente.

Eu não queria salvar Esmeralda. E os dentes que encontrei? O gato? E tudo que Sarafina me falou a vida inteira? Roubar as energias vitais dos homens, sacrificar animais, comer bebês? Tudo que ela me ensinou para me proteger da magia, tudo aquilo era verdade. Pelo que eu soubesse, a única mentira de Sarafina foi que não existia magia.

— Podemos simplesmente ir com Danny.

Ele confirmou.

— Claro. As duas.

— E se houver outros como *ele* por aí? — perguntou-me Jay-Tee. — Como vamos nos proteger sem saber nada? Você mesma disse, Razão, nós precisamos saber. Se ela acabar se mostrando igual a ele, fugiremos outra vez. Isso nós sabemos fazer.

Danny começou a falar, e Tom também. O barulho estava tão enlouquecedor que minha cabeça começava a ceder. Eu não aguentava mais. Concentrei-me, pensei nas estrelas, conforme Sarafina havia me ensinado. Dei um passo na direção das duas estátuas, depois mais um. A calçada me aguentou. Não caí em direção ao centro da Terra. Os outros três me seguiram, só Danny com facilidade.

— Tudo bem — falei, estendendo a mão, sem a certeza exata do que estava fazendo. Tom a pegou e Jay-Tee se agarrou ao outro punho dele. Danny pegou o punho dela. Por um instante, pensei no que ele estaria pensando daquilo tudo.

Sentindo um enjôo muito grande, estiquei-me e peguei a mão de Esmeralda com a minha amonite entre as palmas. Calor brando. Cores. O chiado estava nas minhas profundezas, pulsou nas minhas veias, atravessou o meu coração, jorrou com o meu sangue pelo meu braço até chegar à amonite. Não doía mais. Eu tinha feito parar a dor. A sensação foi boa.

Vi espirais, mas não Fibonaccis. Estas eram diferentes. Mais erráticas, lentas. Giraram à minha volta. Para dentro e para fora, qual as pétalas de uma flor. Procurei o padrão, mas toda vez que achava tê-lo descoberto, as espirais mudavam, mais justas, mais compridas, mais agudas, mais largas.

Os padrões tanto de Esmeralda quanto de Blake estavam bastante claros para mim. Senti na língua o sabor da magia neles, metálico, até um pouco ferruginoso. Tinha cheiro de tabaco antes de ser aceso. Um cheiro de terra, não de metal. Dava para ver, também, tanto nítido quanto nevoento, entranhado na pele e no cabelo deles, nos músculos, no sangue, parte de cada célula.

E mais alguma coisa, algo familiar. Qualquer coisa da minha mãe. Em ambos. De repente, tive a certeza de que ele realmente era o meu avô. Reconheci seu padrão.

Essa era a minha magia.

Alguém gritou. Um grito de homem.

Minha cabeça se inclinou um pouco para cima, encontrei os olhos de Blake: vi sua confusão, sua dor. Não havia espirais ali, nenhum padrão, só o caos. Todos cambaleamos. Blake desmoronara, segurava a cabeça agora.

— Você! — ele disse sem olhar. — Você!

Esmeralda foi a primeira a se recuperar.

— Obrigada — disse ela, passando por ele e abrindo a porta. Tom, Jay-Tee, Danny e eu fomos atrás. Mas Danny não estava conosco quando adentramos a

cozinha da minha avó.

Eu estava de volta a Sidney. Dei alguns passos cambaleantes para a frente até chegar à pia da cozinha e vomitei.

De volta a casa

Estávamos sentados ao redor da mesa da cozinha, tomando chá, água, suco de laranja. Só que dessa vez era noite e não havia guloseimas, nenhum bolinho de canela para me tentar. Esmeralda estava pálida, mas não tão horrível quanto eu achava que iria ficar. Dos quatro, eu era a única prestes a desabar.

Esmeralda insistiu para eu colocar gelo envolvido num pano de prato sobre a testa e o nariz. O gelo diminuiu a quentura e fez o machucado latejar menos, mas não cuidou da minha exaustão. E logo começou a derreter, escorrendo pelo meu rosto. Essa sensação também foi boa.

Eu não conseguia tirar os olhos da porta, da mesma madeira e tão grande quanto a outra mas sem vitral de sol nascente em cima e, claro, sem homem bigodudo de cara triste e sombria. Em vez de apenas o casaco de Esmeralda, estavam pendurados na porta agora todos os nossos casacos, luvas, cachecóis e gorros — e no chão uma toalha absorvendo a neve que derretia de todos eles. Era o único sinal de Nova York e do inverno que jaziam do outro lado. Eu esperava nunca mais ter de voltar... mas de repente pensei em Danny!

— Será que Danny está bem? — fiz força para perguntar. Mesmo depois de cessado o terrível chiado, minha cabeça ainda latejava. Ele não passara pela porta. Onde estaria? Enfieei a mão no bolso, buscando o conforto da amonite. Não estava lá. Tampouco no bolso esquerdo.

— Eu imaginava isso — disse Esmeralda, com a mesma voz afetadamente reconfortante que usara quando me pegou no aeroporto. Uma semana atrás? — Ele não é como nós — continuou. — Não pôde passar pela porta. Para ele, estava trancada. Ele ainda está lá.

— Mas *ele* também — disse Jay-Tee. — E se ele machucar Danny?

— E então? — perguntei.

— O seu avô não está em condições de fazer nada a ninguém — disse Esmeralda. Seu sorriso cansado dizia que ela já sabia que eu já sabia quem ele era, e eu fiquei querendo saber como.

O queixo de Tom caiu.

Quase todas as janelas estavam abertas. O ar cálido tinha um leve aroma de raposas voadoras e jasmim. Achei ter ouvido alguns guinchos vindos da árvore, mas

meus ouvidos ainda zuniam. Eu bem que poderia ter ouvido simplesmente aquilo que tinha vontade de ouvir. Lá fora, o dia começava a clarear devagarinho. Rompia a alvorada, embora minutos atrás fosse de tardinha na cidade de Nova York. *Que dia é hoje?*, pensei.

— Tom diz que você pode ajudar — falei, pois eles pareciam estar esperando que eu tornasse a falar. Tudo que eu queria era dormir. — Pode nos ensinar sobre magia. Mas não vai tirá-la de nós, como Jason Blake fazia.

Esmeralda tomou um gole do seu chá e olhou para nós três.

— Quem é você? — perguntou para Jay-Tee.

— Jay-Tee — disse ela. — Amiga de Razão. — Ela me olhou e eu ergui os cantos da boca. Doeu. — Eu também quero aprender mais sobre magia.

Esmeralda concordou.

— Claro.

— Você não vai tirar da gente, vai? — perguntou Jay-Tee.

— Vou responder a essa pergunta — disse ela, olhando para Jay-Tee e depois para mim —, mas primeiro preciso saber o que vocês sabem.

— Sobre magia?

Esmeralda confirmou. Tom estava nos observando, com os olhos arregalados mas sem dizer uma palavra. Jay-Tee olhava para a cozinha toda e agora tinha parado numa cesta de frutas. Vi seu olhar intrigado fitando as estranhas frutas peludas. Eu ainda não fazia idéia. De manhã, resolvi, iria provar uma delas. Que mal faria? Esmeralda já me tinha agora, era melhor eu comer a comida dela. Também havia três mangas enormes, cheirando a maduras.

Jay-Tee olhou pela janela, para Filomena, com suas folhas reluzindo ao lusco-fusco. Pensei se haveria figueiras como aquela em Nova York. Todas as árvores que vi se pareciam mais com esqueletos.

— Que é uma coisa perigosa — falei afinal, surpresa por ter ainda a energia para coordenar a língua com os lábios. — Que todo mundo parece querer mais do que tem. Que é genética, igual a ser canhoto. Que quando eu perco a paciência... — aí eu parei. — Que é perigoso.

Jay-Tee confirmou.

— Que é uma maldição.

Esmeralda exibiu um sorriso triste.

— Vou contar a vocês duas o que já contei a Tom. O que minha mãe me contou quando eu era pequena. A magia está em todo mundo. Quando alguém ouve um telefone tocar e sabe quem está ligando antes de atender, isso é um tipo de magia. Quando as pessoas sabem que tem alguém olhando para elas, mesmo que quem olha esteja por trás, fora do alcance da visão do outro, isso também é magia. Do tipo

reduzido: é a magia que todo mundo é capaz de fazer. Nas cidades, o ar está cheio dela. Certos objetos, como esta porta, ficam imbuídos dela.

Pensei na minha amonite, torcendo para que ele tivesse caído do outro lado e que Danny a tivesse pegado. Não podia senti-la agora, a milhares de quilômetros e um dia de distância, mas conseguia me lembrar da sensação durante aqueles poucos minutos na minha mão, queimando de magia. E, ao mesmo tempo, a sensação dela estava misturada à sensação do Danny.

— Não existem coincidências — continuou Esmeralda —, somente um bocado de magia. Nem toda ela é de nível reduzido. Alguns de nós têm tanto talento com ela quanto um atleta de ponta com a sua especialidade ou um bom músico com o seu instrumento escolhido. É possível ser bom sem prática, mas nunca tão bom quanto a gente consegue ser quando tem o controle da disciplina e do conhecimento.

“Mas a magia não é como o atletismo ou a música; a magia é finita. Existe um fim nela e, ao mesmo tempo, ela tira de você tanto quanto você tira dela. A magia pode sugar a pessoa até secá-la totalmente. Quanto mais magia uma pessoa fizer, e quanto mais forte a fizer, menos viverá. Você viu as lápides da nossa família, Razão.

Ela olhou para mim, mas eu estava exausta demais para falar ou mesmo acenar com a cabeça.

— Muitos de nós nem sequer passamos dos 25. Para nós, viver até os *quarenta* é extraordinário. Eu estou com quarenta e cinco, Razão; a cada dia que continuo viva, sinto-me gratificada. Se chegar aos cinquenta, será um milagre.

— Por que não estamos exaustas? — atalhou Jay-Tee. — Quero dizer, exceto Razão. Foi uma luta de magia terrível entre você e ele. Por que não estamos todos em frangalhos agora?

— Boa pergunta — disse Esmeralda. — Porque nem ele nem eu usamos mais magia do que precisamos. A batalha foi nivelada por baixo. Leva tempo, mas você acaba sabendo quem é mais forte, quem venceu. Vocês três perderam o equilíbrio mas praticamente não perderam magia alguma ali. Como estão se sentindo?

— Nada mal — respondeu Tom. — Nem de longe como eu fiquei quando nós fizemos aquele esforço conjunto para encontrar Razão.

— Cansada, mas não exaurida pela magia — disse Jay-Tee. Aquelas últimas palavras descreviam exatamente como eu estava me sentindo: exaurida pela magia. Muito pior do que quando ele tirou aquele pouquinho de mim no restaurante do champanhe. Ali, eu senti um sono que me deu vontade de ficar dormindo pelo resto da eternidade. Precisei forçar meus olhos a ficarem abertos e meu cérebro a funcionar.

— Por que Razão está tão exausta? — perguntou Tom.

— Ela tentou matar alguém com magia — falou Jay-Tee. — Tem sorte de estar viva.

Tom abriu a boca para falar, depois fechou.

— Seu avô? — perguntou Esmeralda.

Jay-Tee confirmou por mim.

Eu não queria falar sobre o que havia acontecido. Ainda não.

— Se você não quer morrer, para que usar a magia? — acabei perguntando, mas já sabia qual seria a resposta antes mesmo de as palavras terminarem de sair da minha boca.

— Como a sua mãe? Como a mãe de Tom? Se você nasce com o talento para a magia e não usa, você enlouquece.

Eu sabia. Sarafina havia me ensinado pequenas magias, truques, como brincar com as espirais dos Fibs, mas nada de novo fazia anos. Ela havia parado de usar a dela e agora estava louca, drogada até o fim de seus dias no tal do Kalder Park. Senti saudades dela, mas tive medo também. Por não usar a magia, ela se transformara em alguém que eu não reconhecia.

Eu queria já estar dormindo. Não queria mais escutar nada. Já matara um menino, tentara matar Jason Blake. Quanto tempo ainda viveria? Quanto tempo mais Jay-Tee viveria, criando dinheiro do nada todos os dias?

— É por isso que Blake sugava de vocês. Para sugar de alguém que dá o consentimento é preciso pouca magia. Você não enlouquece, pois está usando um pouquinho da sua para ativar o processo, e vive mais, pois ganha mais. Nenhum de nós quer morrer. A maioria não quer enlouquecer.

Ela tomou mais um gole do chá e trocou olhares com nós três ao mesmo tempo.

— É por isso que não posso prometer que não vou tentar sugar de vocês. — Ela olhou para mim, com os olhos castanhos iguais aos da minha mãe. — Essa é uma das razões pelas quais Sarafina fugiu. Eu nunca menti para ela. Disse-lhe como poderia ser. Afinal, minha própria mãe tentou tirar um pouco de mim.

“Sarafina não aceitava a idéia, de jeito algum. Foi por isso que a criou do jeito que criou. Ela queria que não existisse magia, para que não houvesse a possibilidade de eu sugar dela ou de ela sugar de você.”

Tom engoliu em seco, mas a expressão de Jay-Tee não se alterou.

— Eu também não quero morrer — continuou Esmeralda. — Detesto o seu avô pelo que ele se tornou, mas entendo. Farei o que for preciso para municiá-los, aos três, contra ele ou qualquer outro igual a ele. Mas posso estar também ensinando a se protegerem de mim. Vocês não podem se esquecer disso.

Tom balançou a cabeça, mas Jay-Tee e eu acreditamos nela. Minha cabeça era um mar de perguntas, mas não consegui fazer minha boca funcionar, ou manter meus olhos abertos.

Esmeralda olhou para mim e sorriu; não consegui ler nada no seu olhar.

A primeira coisa que vi quando acordei foi Jay-Tee sentada de pernas cruzadas na ponta da minha cama. Tom estava na cadeira da escrivaninha. Os dois olhavam para mim, sorrindo. Durante um meio segundo, ainda grogue, pensei que Jay-Tee fosse Sarafina.

Quase cheguei a lhe fazer as perguntas que estava morrendo de vontade de fazer. Estava tão zangada com minha mãe mas também morrendo de saudades. Depois que a visse novamente, lhe dissesse que agora eu sabia sobre a magia, será que ela iria se arrepender do nome que me deu?

— Quarenta e duas horas — disse Tom, batendo palmas. — Bateu o meu recorde.

— Ela bate o recorde de qualquer um. Ninguém consegue dormir tanto tempo assim, a menos que esteja em coma. É melhor dar de comer a esta menina.

Tom pegou um prato cheio de salgadinhos que estava em cima da mesa e me trouxe.

— Rosquinhas de canela. Está pronta para se arriscar a comer a comida da bruxa má dessa vez?

Abri um largo sorriso, não porque estivesse convencida de que ela não era uma bruxa má — não tinha certeza de algum dia vir a estar convencida *disso* —, mas porque adorava rosquinhas de canela e, fosse ela má ou não, eu as comeria. Sentei-me na cama, dei uma mordida imensa e fiquei sentindo o gosto do açúcar, da canela e da manteiga. Paraíso!

Em seguida, um gosto de metal, cheiro de tabaco. O mesmo de Esmeralda e Jason Blake, só que eram Tom e Jay-Tee. Pude ver seus padrões. Vi a magia neles. Igual à que vi em Esmeralda, só que a de Tom era mais nova, mais limpa. Jay-Tee tinha gosto de ferrugem.

— O quê? — perguntou Jay-Tee.

— Nada. — Fechei os olhos e Jay-Tee era apenas Jay-Tee, sem cheiros ou gostos estranhos. — Que dia é hoje? — perguntei.

— Domingo de manhã — disse Tom.

Jay-Tee e ele riram.

— Mas era *quinta-feira* quando saímos... — Eu me calei, tentando calcular. Domingo da semana passada, eu cheguei aqui, de Dubbo. Só uma semana. Minha cabeça estava enevoada.

— Pois é — disse Jay-Tee, soltando uma pequena gargalhada. — Nós saímos de Nova York numa quinta-feira, mas quando passamos pela porta era sexta-feira de manhã em Sidney, mas você dormiu a sexta inteira mais o sábado inteiro e agora é domingo de manhã. Simples, Dona Matemática!

— Eu estou no quarto ao lado — continuou Jay-Tee. — É tão grande quanto este. Também tenho meu próprio banheiro... imenso! E a varanda é comum para nós duas.

Eu nunca tinha visto Jay-Tee desse jeito. Ela estava brilhando.

— Estamos no verão aqui — continuou. — Olhe só para mim. — Jay-Tee usava um top simples e um short. De pés descalços. As portas da varanda estavam abertas, as cortinas brancas balançando com a brisa. A luz que entrava era tão forte que me fazia piscar. Mesmo quando saiu o sol em Nova York, não foi tão intenso quanto aqui.

— Tom anda me mostrando os arredores, ou seja, quando não está ocupado... — Tom lançou-lhe um certo olhar e ela mudou de assunto. — Aqui tem morcego à noite e um monte de pássaros de cores estranhas durante o dia. E todo mundo fala errado igual a você...

— É passeio, não calçada — Tom a interrompeu. Senti uma pontada de ciúme: enquanto eu jazia dormindo, eles se tornaram amigos. Não precisavam mais de mim tanto quanto antes.

— E está fazendo calor, tem sol. Oh! — disse ela, lembrando-se subitamente de alguma coisa. — Você precisa me dar o número do telefone do Danny. Mere disse que a porta está fora de operação por ora. Não consegui me lembrar e ele deve estar enlouquecido Com o que aconteceu. Mere disse que posso telefonar a hora que quiser.

Revelei o número do Fib (33) automaticamente. Danny! Eu também precisava ligar para ele. Tinha de explicar. Comi outro pedaço da rosquinha, o que abriu meu apetite ainda mais, e acabei logo com ela; peguei outra.

— O que você vai dizer para ele?

— A verdade — falou Jay-Tee. — Ele já viu o suficiente só por ter sido criado com os meus pais. Acho que não vai ficar tão chocado assim. Especialmente depois que nós desaparecemos dali sem mais nem menos. Qual é o número novamente? — Falei e ela o repetiu.

— E aí, vocês já começaram as aulas de bruxaria? — perguntei, com mais ciúmes ainda.

Eles balançaram as cabeças.

— As aulas só vão começar quando você estiver acordada e pronta.

Jay-Tee olhou para mim, sorrindo.

— Mere não é *nada* igual a ele. Não estou dizendo que confie nela cem por cento, sabe, nem mesmo cinquenta, mas ela tem sido correta em tudo até agora. Caso se vire contra nós, bem, nós somos três. Em conjunto, podemos com ela.

Tom ficou pouco à vontade, mas concordou.

— Vai ser legal, Razão.

Comi a última rosquinha, lambi os dedos e saí da cama, sem cambalear, embora minhas pernas estivessem fracas.

— Vou tomar um banho. Será que tem um baita café-da-manhã esperando por mim na cozinha?

— Tem, sim — disse Tom.

— Comida de montão — disse Jay-Tee ao mesmo tempo.

— A gente se vê lá embaixo daqui a pouco.

Eles saíram e eu dei uma espiada pelo quarto. Flores frescas: acácias e brotos de eucalipto no vaso onde havia lavanda poucos dias antes. Esses cheiros não amedrontavam ninguém.

No encosto da cadeira onde Tom se sentara estava pendurado algo verde que eu não reconheci. Fui lá e peguei. Uma calça com muitos, muitíssimos bolsos. O tecido era impressionante; dava a sensação de delicadeza e ao mesmo tempo de resistência. Tom tinha dito que me faria uma calça assim. Enquanto eu dormia, ele fez. Abracei a calça, sentindo carinho e felicidade, e em seguida a vesti. Coube direitinho, quase como se o tecido tomasse as minhas formas por si só.

Fora a calça e as flores, o quarto estava exatamente como eu o havia deixado. Claro e arejado. Lindo. O roupão azul e branco estava dobrado na extremidade da cama, e os chinelos que combinavam com ele, no chão.

Até minha mochila estava onde eu a havia deixado, com o saco de dormir ainda amarrado a ela. Abri-a e verifiquei meus suprimentos para fuga: o *Gregory*, garrafas d'água, frutas secas e nozes, tudo ainda ali. Abri o fecho do bolso da frente, enfiei a mão dentro para pegar as cartas de Esmeralda. Estava pronta para lê-las agora. Imaginei se diriam as mesmas coisas que ela nos disse quando estávamos sentados à mesa da cozinha. Que ela talvez tentasse roubar de nós um pouco da nossa magia.

Elas não estavam mais lá. Senti um arrepio percorrer meu corpo inteiro. Então, o que ela dizia ali que não queria que eu soubesse *agora*?

Tive vontade de pegar minha mochila e sair pela porta da frente no mesmo instante. Sabia exatamente como sair deste quarto, como chegar à Central, aos ônibus interestaduais, como fugir, rápido e fácil. Só que eu não podia. E o Tom e a Jay-Tee?

Entendi pela primeira vez por que Sarafina tinha sido categórica quanto a não fazer amizades. Cheguei a sentir Tom e Jay-Tee lá embaixo, imaginar o que eles estavam pensando. Os amigos me prendiam. Eu não estava mais cuidando só de mim e Sarafina agora; precisava tomar conta deles também. Será que iria conseguir escapar arrastando tanta gente a reboque?

Não que fizesse muita diferença, considerando que eu não tinha mais muito tempo de vida pela frente. Quanta magia eu já tinha gastado? Quantos anos a gente

perdia por matar alguém? E por tentar matar alguém? Quarenta? Cinquenta? Sessenta anos? Será que eu também estava enferrujada?

Senti medo. Como Esmeralda e Jason Blake, eu também não queria morrer. Será que acabaria tirando a magia de outras pessoas para poder viver mais um pouco? Eu já tinha usado a magia para matar. Decerto isso tiraria algumas décadas de mim. Esmeralda já chegara aos 45 e matara um gato. Mas com uma faca, eu percebi, não com magia. Senti uma tonteira só de pensar nessas coisas e me sentei na cama, à espera de que a tonteira passasse.

Que opção ridícula: magia e morte precoce ou loucura. Recusei-me a aceitar que as coisas fossem assim, que não houvesse uma terceira, uma quarta, uma quinta opção.

Tinha de haver uma outra maneira, algo em que ninguém tivesse pensado: um padrão invisível aos olhos da maioria das pessoas, mas não aos meus. Será que os outros podiam ver o que eu podia? Jay-Tee não sabia que Blake era meu avô. Ela não podia ver isso do jeito que eu pude. Eu era boa com padrões, números, e esse tipo de coisa estava muito intimamente ligado à magia. À *minha* magia.

Tinha de haver um jeito de usar um para destravar o outro. Se eu conseguisse isso, então todos poderíamos usar a magia sem precisarmos morrer estupidamente jovens. Eu salvaria a mim, a Jay-Tee e ao Tom de morrermos precocemente. Impediria que Jason Blake e Esmeralda sugassem as pessoas até elas secarem. Seria capaz de trazer Sarafina de volta de seu mundo solitário em marcha lenta.

Peguei o travesseiro e o aconcheguei ao peito.

Embaixo dele havia cinco penas nas cores preto e roxo.

Fim

Agradecimentos

Um mar de agradecimentos a Scott Westerfeld, minha primeira caixa de ressonância, público, leitor, editor e crítico.

Obrigado a Eloise Flood e Liesa Abrams, editoras extraordinárias, por todo o seu empenho e por continuarem a me dar aquele empurrãozinho a mais. E a Andy Ball, Chris Grassi (adorei aqueles flocos de neve), Polly Watson e Margaret Wright.

Obrigado a vocês, Pamela Freeman, Jan Larbalestier, Jeannie Messer, Sally O'Brien, Kim Selling, Ron Sterdiuk Wendy Waring por terem lido e comentado as primeiras versões do original.

Ann Bayly, por seu conhecimento científico (todos os erros são, obviamente, meus).

Silvia Maria Palácios e Luz Barron por fazerem tudo funcionar com perfeição enquanto eu escrevia o primeiro esboço em San Minguei de Allende, no México. E a Kate Crawford e Bo Daley por me deixarem usar sua casa em Annandale (Sidney) durante a minha penúltima rodada passando a limpo.

Agradeço também a Hopscotch (Sidney), Fifi's (Sidney), Counter (Nova York), La Palapa (Nova York) e La Brasserie (San Miguel de Allende) pela comida que me deixou de pé enquanto escrevia esse livro. Se você não comer, morre.

Por fim, a John Bern, Niki Bern, Jan Larbalestier e Scott Westerfeld: sem seu apoio, amor e estímulo não teria escrito uma palavra.